



**CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
NÍVEL DE MESTRADO E DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E SOCIEDADE**

SÔNIA CRISTINA POLTRONIERI MENDONÇA

**CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS: ESTUDO NA ALDEIA GUARANI
TEKOHA AÑETETE EM DIAMANTE D'OESTE/PR**

CASCADEL – PR
2020

SÔNIA CRISTINA POLTRONIERI MENDONÇA

**CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS: ESTUDO NA ALDEIA GUARANI
TEKOHA AÑETETE EM DIAMANTE D'OESTE/PR**

Tese apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – para obtenção de título de Doutora em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – Nível de Mestrado e Doutorado – área de concentração em Linguagem e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Descrição dos Fenômenos Linguísticos, Culturais, Discursivos e de Diversidade.

Orientadora: Profa. Dra. Aparecida Feola Sella

CASCADEL – PR
2020

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Mendonça, Sônia Cristina Poltronieri
Crenças e Atitudes Linguísticas : Estudo na aldeia
Guarani Tekoha Añetete em Diamante d'Oeste/PR / Sônia
Cristina Poltronieri Mendonça; orientador(a), Aparecida
Feola Sella, 2020.
207 f.

Tese (doutorado), Universidade Estadual do Oeste do
Paraná, Campus de Cascavel, Centro de Educação, Comunicação
e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2020.

1. Crenças e atitudes linguísticas. 2. Línguas em contato.
3. Língua Portuguesa. 4. Língua Guarani. I. Sella, Aparecida
Feola. II. Título.

SÔNIA CRISTINA POLTRONIERI MENDONÇA

**CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS: ESTUDO NA ALDEIA GUARANI
TEKOHA AÑETETE EM DIAMANTE D'OESTE/PR**

Esta tese foi julgada adequada para a obtenção do título de Doutora em Letras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – Nível de Mestrado e Doutorado, área de concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Aparecida Feola Sella
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
Orientadora

Profa. Dra. Clarice Cristina Corbari
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
Membro Efetivo (da Instituição)

Profa. Dra. Regina Coeli Machado e Silva
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
Membro Efetivo (da Instituição)

Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera
Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Membro Efetivo (Convidado)

Profa. Dra. Ismara Eliane Vidal de Souza Tasso
Universidade Estadual de Maringá (UEM)
Membro Efetivo (Convidado)

Cascavel, 06 de julho de 2019.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que iluminou o meu caminho com sabedoria, com quase 25 mil quilômetros percorridos para participação nas aulas, palestras, congressos, bibliotecas e visitas à aldeia indígena *Tekoha Añetete*, município de Diamante d'Oeste, no Oeste do Estado do Paraná.

À minha família, pelo apoio incondicional, por crer que a educação tem o poder de mudar, não apenas quem se dedica a ela, mas todos os que tiverem acesso ao saber.

A todos os indígenas da aldeia *Tekoha Añetete* pela receptividade e gentileza com que sempre me receberam, e de modo especial aos doze Informantes, sujeitos importantíssimos deste processo de investigação, por me aceitarem e permitirem a geração dos dados.

Ao diretor do Colégio Estadual Indígena Kuaa Mbo'e, Jairo César Bortolini, por mediar o diálogo com as lideranças da aldeia em estudo e compartilhar informações relevantes para o desenvolvimento da pesquisa.

Aos professores, professoras, equipe pedagógica e administrativa do Colégio Estadual Indígena Kuaa Mbo'e, por compartilhar informações relevantes para o desenvolvimento da pesquisa de campo.

À Capes/CNPq, pela concessão da bolsa a partir de abril de 2016, contribuindo significativamente com a qualidade da pesquisa no Brasil e no estágio doutoral no Programa “Comunidad Indígena y educación intercultural bilingüe” (CIEIB) e na Cátedra UNESCO “Políticas del multilingüismo”, instituições do Departamento de Antropología da Universidad Autónoma Metropolitana – Iztalapatla (UAM-I), do México.

À Profa. Dra. Aparecida Feola Sella, orientadora desta pesquisa, pela paciência, pelos exemplos de dedicação, de responsabilidade e pelos saberes compartilhados para o meu amadurecimento teórico em uma área apaixonante.

Ao Prof. Dr. Rainer Enrique Hamel, coorientador do estágio doutoral no México, e à Profa. Dra. Maria Teresa Sierra, pelo cuidado, amizade e orientações compartilhados durante todo o processo de setembro de 2018 a fevereiro de 2019.

Às Profas. Dras. Clarice Cristina Corbari (UNIOESTE), Ismara Eliane Vidal de Souza Tasso (UEM), Regina Coeli Machado e Silva (UNIOESTE) e Vanderci de Andrade Aguilera (UEL) pela dedicação à leitura atenta e com comentários que enriqueceram tanto a finalização desta versão como minha formação enquanto pesquisadora.

Aos professores e colegas dos Programas de Pós-graduação em Letras da Unioeste, UFSC, UEM e UNILA, pela troca de saberes que contribuíram para a minha formação acadêmica.

Aos professores e professores das Escolas Primárias de San Isidro e Uringuirito pelo apoio durante o estágio doutoral na localidade San Isidro para a a investigação sobre a língua p'urepecha em contato com o espanhol, além de compartilhar uma amizade e respeito mútuo para toda a vida.

À equipe do Grupo de Pesquisas do Programa Comunidad Indígena y Educación Intercultural Bilíngue (CIEB), da UAM-I, Ana Arape, Betzabé Marquéz, Diana Gutierrez, Leonora Gómez, Nahid López e ao Prof. Dr. Rainer Enrique Hamel, pela troca de saberes na construção de novos conhecimentos.

Às famílias p'urepecha da localidade de San Isidro, município de Los Reys, estado de Michoacán Ocampo, no México, que permitiram conhecer a língua p'urepecha e lançar novos olhares na reflexão sobre a língua guarani na localidade em estudo *Tekoha Añetete*, no Brasil.

À Dra. Vanessa Santana, pela paciência e apoio na formatação final desta Tese.

Dedico este trabalho ao meu esposo, Leonardo, e ao meu filho, Lucas, que compreendem os meus momentos de ausência, pelo carinho e apoio, fundamentais nesta caminhada.

Aos meus pais, Eugenio e Francisca, pelo incentivo e valorização da educação em todas as fases de minha vida. E também aos meus irmãos, Edivaldo, Everaldo e Sandra.

“Nós não podemos deixar morrer a nossa língua, porque se um tempo morrer nossa língua, não vai ter mais direito, não vai ter mais, assim, de ter a terra, de ter a aldeia, porque, na verdade, hoje em dia a valorização da nossa língua é muito forte, por isso que nós consegue ter terra, demarcações”

(Inf. 4H2, julho de 2018)

MENDONÇA, Sônia Cristina Poltronieri. **Crenças e Atitudes Linguísticas**: Estudo na aldeia Guarani *Tekoha Añetete* em Diamante d'Oeste/PR. 2020. 207 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2019.

Orientadora: Profa. Dra. Aparecida Feola Sella
Defesa: 06 de agosto de 2019

RESUMO

Esta Tese se insere no conjunto de pesquisas de cunho sociolinguístico sobre crenças e atitudes linguísticas, com enfoque em falas de indígenas da aldeia *Tekoha Añetete*, município de Diamante d'Oeste, região Oeste do Paraná. A escolha da localidade se deu pela complexidade sociolinguística marcada pelo espaço multiétnico da Tríplice Fronteira e com presença significativa de indígenas Guarani. A pesquisa teve por objetivo identificar as questões relativas às crenças e atitudes linguísticas em relação ao guarani e ao português brasileiro (PB) por parte de falantes bilíngues, para os quais esta é a língua mãe e o PB, na grande maioria, constitui a segunda língua na comunidade indígena *Tekoha Añetete*. A hipótese levantada inicialmente foi a de desprestígio do guarani e valorização do PB. Outra hipótese se refere à existência de diferença na atitude linguística de acordo com o sexo do falante e os papéis que homens e mulheres desempenham na família, na comunidade indígena e em outros ambientes internos ou externos da comunidade indígena. Essas hipóteses foram estabelecidas porque o cenário na fronteira do Brasil com o Paraguai e a Argentina favorece tanto manifestações positivas de prestígio linguístico quanto de desprestígio dos falantes diante dos falares locais. Para a composição do *corpus*, foram entrevistados doze informantes bilíngues, selecionados por sexo (homem e mulher) e faixa etária (de 20 a 35 anos, de 36 a 55 anos e mais de 55 anos). Recorreu-se a um questionário semiestruturado, baseado nos componentes cognoscitivo, conativo e afetivo, que revelam, nas atitudes linguísticas, formas de conceber o outro, sua cultura, seu falar. A organização das perguntas em blocos buscou suscitar *índices* dos componentes, com o objetivo de que as respostas fossem reveladoras das atitudes. Consideraram-se pressupostos presentes no Projeto *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas em contato* e ainda pesquisas da área da Sociolinguística voltadas para a língua falada em contexto que reflete as particularidades sociais, regionais, culturais e históricas de cada localidade, em especial de contexto indígena. A partir dos princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística, bem como de pesquisas focadas em crenças e atitudes linguísticas (AGUILERA, 1998; MORENO FERNÁNDEZ, 1998; LABOV, 2008; CORBARI, 2013), analisou-se o posicionamento dos doze informantes com relação às respostas do questionário semiestruturado. Verificou-se que a língua, dentro e fora da aldeia, acena para o prestígio da língua e da cultura Guarani. O PB é visto como uma espécie de passaporte para facilitar a vida cotidiana na escola e no posto de saúde da aldeia e o contato com falantes do português e de outra etnia indígena. Os Informantes, tanto mulheres como homens, expressaram a vontade de que sua família continue falando o guarani, que a escola ensine em duas línguas (guarani e PB) e manifestaram o prestígio do guarani para a valorização da língua, da cultura e identidade étnica.

PALAVRAS-CHAVE: Crenças e atitudes linguísticas; Línguas em contato; Língua Portuguesa; Língua Guarani.

MENDONÇA, Sônia Cristina Poltronieri. **Creencias y actitudes lingüísticas**: estudio en la aldea Guaraní *Tekoha Añetete* en Diamante d'Oeste/PR. 2020. 207 f. Tesis (Doctorado en Letras) – Programa de Posgrado en Letras, Universidad Estatal del Oeste del Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2019.

Asesor: Profa. Dra. Aparecida Feola Sella
Defensa: 6 de agosto de 2019

RESUMEN

Esta tesis es parte de un conjunto de investigaciones sociolingüísticas sobre creencias y actitudes lingüísticas, que se centran en las palabras indígenas de la aldea de *Tekoha Añetete*, municipio de Diamante d'Oeste, región occidental de Paraná. La elección de la localidad se debió a la complejidad sociolingüística marcada por el área multiétnica de la Triple Frontera y con una importante presencia de indígenas Guaraní. La investigación tuvo como objetivo identificar los problemas relacionados con las creencias y actitudes lingüísticas hacia el guaraní y el portugués brasileño (PB) por parte de hablantes bilingües, para quienes esta es la lengua materna y la gran mayoría, constituye el segundo idioma en la comunidad indígena Tekoha Añetete. La hipótesis planteada inicialmente fue que el guaraní fue desacreditado y que el PB fue valorado. Otra hipótesis se refiere a la existencia de una diferencia en la actitud lingüística según el sexo del hablante y los roles que juegan los hombres y las mujeres en la familia, en la comunidad indígena y en otros entornos internos o externos de la comunidad indígena. Estas hipótesis se establecieron porque el escenario en la frontera de Brasil con Paraguay y Argentina favorece tanto las expresiones positivas de prestigio lingüístico como el descrédito de los hablantes en relación con el habla local. Para la composición del *corpus*, se entrevistó a doce informantes bilingües, seleccionado por sexo (hombre y mujer) y grupo de edad (20 a 35 años, 36 a 55 años y mayores de 55 años). Se utilizó un cuestionario semiestructurado, basado en los componentes cognitivos, conativos y afectivos, que revelan, en actitudes lingüísticas, formas de concebir al otro, su cultura, su forma de hablar. La organización de las preguntas en bloques buscaba elevar los índices de los componentes, con el objetivo de que las respuestas revelaran las actitudes. Fueran considerados presuposiciones presentes en el *Proyecto Creencias y actitudes lingüísticas: un estudio de la relación del portugués con las lenguas en contacto* y la investigación en el área de Sociolingüística centrada en la lengua hablada en el contexto que refleja las particularidades sociales, regionales, culturales e históricas de cada localidad, especialmente en un contexto indígena. Basado en los principios teórico-metodológicos de la Sociolingüística, así como en la investigación centrada en las creencias y actitudes lingüísticas (AGUILERA, 1998; MORENO FERNÁNDEZ, 1998; LABOV, 2008; CORBARI, 2013), el análisis verificó la posición de los doce informantes en relación con las respuestas. cuestionario semiestructurado. Se notó que el idioma, dentro y fuera del pueblo, hace señas al prestigio del idioma y la cultura guaraní. PB es visto como una especie de pasaporte para facilitar la vida cotidiana a vida cotidiana en la escuela y en el puesto de salud del pueblo y el contacto con hablantes de portugués y otras etnias indígenas. Los informantes, tanto mujeres como hombres, expresaron el deseo de que su familia continúe hablando guaraní, que la escuela enseñe en dos idiomas (guaraní y PB) y expresó el prestigio del idioma guaraní para valorización del idioma, la cultura y la identidad étnica.

PALABRAS-CLAVE: Creencias y actitudes lingüísticas; Lenguas en contacto; Lengua Portuguesa; Lengua Guaraní.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CONEP	Comitê Nacional de Ética em Pesquisa
CTI	Centro de Trabalho Indigenista
EMGC	Equipe Mapa Guarani Continental
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPHAN	Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
ONGs	Organizações não-governamentais
SESAI	Secretaria Especial de Saúde Indígena
SPI	Serviço de Proteção aos Índios
UAM-I	Universidad Autónoma Metropolitana, unidad Iztapalapa, México
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UEM	Universidade Estadual de Maringá
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNILA	Universidade Federal da Integração Latino-Americana
UNIOESTE	Universidade Estadual do Oeste do Paraná

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa Etno-Histórico do Brasil e Regiões Adjacentes	28
Figura 2 – Localização Espacial dos Nhandeva e Mbya no Paraná	29
Figura 3 – Distribuição populacional dos povos Guarani nas fronteiras entre Brasil, Paraguai e Argentina	30
Figura 4 – Terras Indígenas no Paraná	35
Figura 5 – Aldeias indígenas no Oeste do Paraná	39
Figura 6 – Localização do município de Diamante d'Oeste	41
Figura 7 – Deslocamento de Foz do Iguaçu até a Aldeia <i>Tekoha Añetete</i>	42
Figura 8 – Portal de entrada da aldeia indígena <i>Tekoha Añetete</i>	43
Figura 9 – Portal do Colégio Estadual Indígena Kuaa Mbo'e	44
Figura 10 – Posto de saúde da aldeia	45
Figura 11 – Modelo de valoração do estilo de fala, segundo Street e Hooper (1982)	55
Figura 12 – Relação entre Crenças e Atitudes	60
Figura 13 – Famílias do Tronco Tupi	69

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Terras Indígenas no Paraná.....	32
Quadro 2 – Dissertações e teses de 2010-2016 Projeto CAL.....	62
Quadro 3 – Total de dissertações e teses de 2015-2018.....	70
Quadro 4 – Total de dissertações e teses de 2015 a 2018 sobre a língua guarani.....	71
Quadro 5 – Cronograma das atividades de pesquisa.....	78
Quadro 6 – Matriz dos Informantes do <i>Tekoha Añetete</i>	83
Quadro 7 – Organização dos blocos de perguntas para análise.....	87
Quadro 8 – Total de ocorrências dos componentes nas respostas do Bloco 1.....	177
Quadro 9 – Total de ocorrências dos componentes nas respostas do Bloco 2.....	180
Quadro 10 – Total de ocorrências dos componentes nas respostas do Bloco 3.....	182
Quadro 11 – Total de ocorrências dos componentes nas respostas do Bloco 4.....	185
Quadro 12 – Total de ocorrências dos componentes nas respostas do Bloco 5.....	190

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 O TERRITÓRIO GUARANI E A LOCALIDADE DA PESQUISA	21
1.1 TERRITÓRIO GUARANI: PASSADO E PRESENTE	22
1.2 MAPA DOS INDÍGENAS GUARANI: BRASIL, PARAGUAI E ARGENTINA.....	27
1.3 A DESTERRITORIALIZAÇÃO GUARANI NO OESTE DO PARANÁ.....	35
1.4 DADOS DA ALDEIA <i>TEKOKHA AÑETETE</i> , LOCALIDADE DA PESQUISA.....	40
2 APONTAMENTOS TEÓRICOS E O PLURILINGUISMO NA REGIÃO OESTE DO PARANÁ	47
2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DOS ESTUDOS SOCIOLINGUÍSTICOS	47
2.2 CRENÇA, ATITUDE, IDENTIDADE E CONSCIÊNCIA LINGUÍSTICA.....	52
2.3 O PROJETO CAL E O PLURILINGUISMO NA REGIÃO OESTE DO PARANÁ	61
2.4 AS LÍNGUAS INDÍGENAS E O GUARANI NO BRASIL	66
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	77
3.1 PREPARAÇÃO DOS DOCUMENTOS, CONTATOS INICIAIS COM A LOCALIDADE DA PESQUISA E CRONOGRAMA	77
3.2 PREPARAÇÃO DO QUESTIONÁRIO E METODOLOGIA DA PESQUISA	78
3.3 OS INFORMANTES.....	81
3.4 INSTRUMENTOS DE GERAÇÃO DE DADOS E TRATAMENTO PARA ANÁLISE	84
4 ORGANIZAÇÃO DO <i>CORPUS</i> E ANÁLISE: COMPONENTES E RELAÇÕES DE PRESTÍGIO E DESPRESTÍGIO	87
4.1 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS DAS MULHERES.....	90
4.1.1 Bloco 1: Identificação da(s) língua(s) de aquisição e de uso da Informante	91
4.1.2 Bloco 2: Consciência da diversidade e nível de conhecimento das línguas faladas na localidade.....	101
4.1.3 Bloco 3 - Percepção sobre o comportamento social e linguístico dos falantes	107
4.1.4 Bloco 4 - Avaliação das línguas e dos falantes pela Informante	115
4.1.5 Bloco 5 - Identificação das tendências à reação	131
4.2 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS DOS HOMENS	138
4.2.1 Bloco 1: Identificação da(s) língua(s) de aquisição e de uso do Informante.....	138
4.2.2 Bloco 2: Consciência da diversidade e nível de conhecimento das línguas faladas na localidade.....	144
4.2.3 Bloco 3 - Percepção sobre o comportamento social e linguístico dos falantes	149

4.2.4 Bloco 4 - Avaliação das línguas e dos falantes pelo Informante.....	156
4.2.5 Bloco 5 - Identificação das tendências à reação	173
4.3 ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE MULHERES E HOMENS	177
4.3.1 Bloco 1: Identificação da(s) língua(s) de aquisição e de uso do Informante.....	177
4.3.2 Bloco 2: Consciência da diversidade e nível de conhecimento das línguas faladas na localidade.....	180
4.3.3 Bloco 3 - Percepção sobre o comportamento social e linguístico dos falantes	182
4.3.4 Bloco 4 - Avaliação das línguas e dos falantes pelo Informante.....	185
4.3.5 Bloco 5 - Identificação das tendências à reação	190
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	192
REFERÊNCIAS	199
ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO COM OS INFORMANTES	205

INTRODUÇÃO

Inicialmente gostaríamos de esclarecer sobre a opção de investigar crenças e atitudes linguísticas de indígenas Guarani da aldeia *Tekoha Añetete*, reserva indígena em Diamante d'Oeste, localizada na região Oeste do Paraná, a cerca de 120 quilômetros de Foz do Iguaçu e da fronteira do Brasil com Argentina e Paraguai. A investigação de doutorado foi fruto das inquietudes motivadas a partir do olhar de observadora do cotidiano de algumas famílias de indígenas Guarani que circulavam próximas à minha residência. Em alguns bairros de Foz do Iguaçu, mais próximos da fronteira com a Argentina, é frequente ver mulheres Guarani junto com crianças pedindo roupas ou alimentos de porta em porta. Além disso, é possível ver os Guarani em alguns atrativos turísticos disponíveis na cidade, seja vendendo seus artesanatos ou em apresentações culturais exclusivas para um público reservado de visitantes.

No contato com as mulheres indígenas, pude perceber que poucas falavam português ou espanhol. Isso me motivou a buscar informações históricas e linguísticas sobre a presença Guarani na fronteira e distribuídos na Argentina, Brasil e Paraguai. Na cidade de Foz do Iguaçu, por exemplo, não há registros de aldeias Guarani atualmente estabelecidas, porém, até o final da década de 1960, uma quantidade considerável de famílias Guarani morava em aproximadamente quatro aldeias no território da cidade: *Guarani*, *São João Velho*, *Colônia Guarani* e *Ocoy Jacutinga*. Constatamos que havia vários trabalhos sobre questões indígenas nas áreas de Antropologia e História, principalmente. Especificamente sobre a etnia Guarani no estado do Paraná, são relevantes os estudos de Silva (2010) sobre a micromobilidade de grupos Mbya e Nhandeva (Guarani) na tríplice fronteira e de Carvalho (2013) sobre a luta das famílias indígenas Guarani atingidas pela construção da Usina Hidrelétrica Itaipu Binacional e pelo direito legal à terra.

A partir das informações iniciais sobre os Guarani, pude verificar que os estudos na área linguística eram escassos e uma citação de Carvalho (2013) chamou minha atenção:

Em inúmeras aldeias desse agrupamento étnico (Guarani), as mulheres e crianças intencionalmente não falam o português ou falam muito superficialmente. Em geral, entre eles é somente os homens que dialogam com o “outro”, o não índio. Nesse caso, a sociedade Guarani reagindo ao outro, ao elemento de fora, vem se utilizando dessa estratégia através de gerações, objetivando manter entre seus pares, de forma mais ampla possível, os próprios moldes socioculturais, visando minimizar interferências, o que de certa forma conseguem, já que o “ethos” Guarani é bastante claro e presente (CARVALHO, 2013, p. 40).

Considerando a complexidade e as singularidades de uma comunidade de fala Guarani, a afirmativa de Carvalho (2013) me motivou a escrever um projeto de pesquisa para participar do processo seletivo para ingresso no Doutorado em Letras da Unioeste. Depois de vencer as etapas de seleção, em 2015 tive o privilégio de iniciar a caminhada da investigação sob orientação da professora Dra. Aparecida Feola Sella e conhecer os resultados das pesquisas derivadas principalmente do Projeto Crenças e Atitudes Linguísticas (CAL), coordenado por Aguilera (2009), com a colaboração de Sella (2009). Cheguei à Sociolinguística procurando me completar teoricamente como linguista, e descobri que a “inquietação” da observadora que *a priori* buscava a compreensão sobre a mobilidade Guarani em Foz do Iguaçu, o que me permitiu conhecer a importância social da língua como identidade étnica, direito à terra e preservação da cultura para as futuras gerações Guarani. Tudo isso me motivou como pesquisadora e o contato com as famílias do *Tekoha Añetete* me transformou como pessoa.

O Estado de Arte possibilitou a constatação de que existem poucos pesquisadores da área de conhecimento Letras/Linguística com estudos sobre Crenças e Atitudes Linguísticas em línguas indígenas e/ou língua guarani. A pesquisa na Plataforma Sucupira, do banco de teses e dissertações da CAPES, revelou que a maioria dos trabalhos no campo da Sociolinguística Variacionista referem-se ao estudo do Português Brasileiro (doravante PB) em contato com línguas de imigrantes, tais como o italiano, o alemão, o ucraniano, entre outras, ou com línguas de fronteira, como o espanhol do Uruguai, da Argentina e da Bolívia.

Os princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística, de Crenças e Atitudes, da Etnografia, da Psicologia Social e dos Estudos da Linguagem são utilizados para fundamentar o estudo desta pesquisa, partindo do pressuposto de que a atitude linguística de um indivíduo é o resultado da soma de suas crenças, conhecimentos, afetos e tendências a comportar-se de forma determinada diante de uma língua ou de uma situação sociolinguística. Os estudos sobre atitudes constituem importante contribuição para a reflexão sobre o ambiente sociolinguístico de uma sociedade, principalmente em contextos de diversidade linguística, como o existente na região do extremo Oeste do Paraná. Esta pesquisa em localidade indígena nessa região, fronteira do Brasil com o Paraguai e a Argentina, revelou que há muito a ser explorado, conforme será apresentado nesta tese.

Segundo Fishman (1999), o uso da língua e as atitudes linguísticas variam de acordo com os contextos sociais em que ocorrem. Portanto, não se pode pensar na língua desvinculada de seu contexto social, principalmente na sua condição de aspecto constituidor da identidade de determinado grupo étnico. Desse modo, destaca-se, como objetivo geral desta Tese, analisar atitudes linguísticas relativas à língua Guarani de falantes indígenas, bilíngues, da reserva

indígena Guarani *Tekoha Añetete*. Esse objetivo proporcionou a adoção dos seguintes objetivos específicos: i) descrever de que modo se manifestam as atitudes linguísticas nas falas de indígenas bilíngues; ii) identificar quais componentes (cognoscitivo, afetivo e conativo) ocorrem com mais frequência nas respostas dos Informantes mulheres e homens, com relação principalmente aos falares guarani e PB; iii) comparar as manifestações linguísticas desses componentes em termos de sexo e faixa etária; e iv) refletir sobre os resultados decorrentes da comparação.

A pesquisa se justifica pela importância de compreender e detectar, entre outros aspectos, as atitudes linguísticas em relação à língua guarani, por parte de falantes indígenas bilíngues. Na comunidade sob estudo, o guarani é a língua materna e o PB é a segunda língua. Para fins de delimitação da pesquisa, foram selecionados doze Informantes bilíngues, seis mulheres e seis homens, selecionados por sexo (homem e mulher) e faixa etária (de 20 a 35 anos, de 36 a 55 anos e mais de 55 anos). Recorreu-se a um questionário semiestruturado, baseado nos componentes cognoscitivo, conativo e afetivo, que revelam, nas atitudes linguísticas, formas de conceber o outro, sua cultura, seu falar. A organização das perguntas em blocos buscou suscitar *índices* dos componentes, com o objetivo de que as respostas fossem reveladoras das atitudes.

A problematização que decorre da opção por esse contexto de contato linguístico gerou duas perguntas instigadoras: 1) Atitudes linguísticas de falantes indígenas bilíngues revelam prestígio ou desprestígio com relação ao próprio falar guarani? 2) De que modo essas atitudes linguísticas se manifestam nos falantes?

Para o estudo, lançaram-se as seguintes hipóteses iniciais: a) Ocorre desprestígio com relação ao uso do guarani devido à interferência das relações sociais externas à aldeia e também internas, devido à presença das instituições da administração pública (municipal, estadual e federal), instaladas na aldeia, a exemplo do posto de saúde e da escola; b) Ocorre o prestígio com relação ao PB, uma vez que as ações de regulação e recebimento de proventos, principalmente a compra de alimentos, ocorrem em PB.

A população indígena no Brasil atualmente soma cerca de 817 mil indígenas, dos quais 502.783 estão distribuídos entre 688 terras indígenas e 315.180 habitam algumas áreas urbanas. Esse número perfaz quase 0,5% da população brasileira, de acordo com os dados do Censo 2010 do IBGE; e são praticamente 305 etnias diferentes (IBGE, 2010).

De acordo com D'Angelis (2015), a população Guarani¹ no Brasil é de aproximadamente 52 mil indígenas, que vivem em centenas de aldeias espalhadas por mais de 100 municípios brasileiros, localizados em sete Estados: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Mato Grosso do Sul. Na Argentina, os dados do Caderno Mapa Guarani Continental (2016) apresentam uma população de mais de 55 mil pessoas. A atual população Guarani na Argentina, que habita as províncias de Salta e Jujuy, soma cerca de 45 mil habitantes, descendentes de migrantes da região andina da Bolívia oriental vizinha, que buscaram refúgio nas terras do norte argentino devido à derrota dos Guarani na batalha de Kuruyuki, em 1892. Segundo o EGMC (2016), o Paraguai tem uma população Guarani constituída por 62 mil pessoas. O número de aldeias ou comunidades na região oriental do Paraguai é muito alto: 124 pertencem ao grupo Avá-Guarani; 170 aos Mbya e 62 aos Paĩ-Tavyterã. A maior concentração está entre os Guarani Ocidentais do Chaco, com apenas seis grandes unidades, na forma de bairros de pequenas cidades, e os Guarani Nhandeva, com quatro comunidades semelhantes. Os Aché foram reduzidos a seis comunidades, conforme apontam os dados do EGMC (2016).

D'Angelis (2015) afirma que o guarani é uma língua escrita desde o século XVI e que o guarani “jesuítico” operou como língua geral em uma significativa parcela dos domínios espanhóis até o século XVIII, incluindo parte do Sul do Brasil. Para D'Angelis (2015), o fim das reduções jesuíticas, a partir da metade do século XVIII, gerou diversos movimentos migratórios, e contribuiu para “as diferenças linguísticas e culturais [que] permitem distinguir, entre os Guarani atuais, pelo menos quatro grandes grupos e dialetos: os Nhandeva, os Mbyá e os Kaiowá, presentes no território brasileiro, e os Chiriguano, presentes na Bolívia” (D'ANGELIS, 2015, p. 01).

Segundo Horii (2014), o antigo território Guarani encontra-se presente em 887,85 km dos 1.365,4 km de linha-limite existente entre o Brasil e o Paraguai; na linha-limite entre o Brasil e a Argentina, são 1.261,3 km, ou seja, a totalidade da fronteira; e, entre a Argentina e o Paraguai, somam-se mais 580 km de território indígena. A região fronteira de Brasil, Paraguai e Argentina, denominada região trinacional do Iguaçu², em sua origem histórica, era habitada por índios Kaingang e Guarani, antes da expansão colonialista iniciada a partir de 1452, época em que se deu a descoberta das Cataratas do Iguaçu, com a passagem do espanhol Álvaro Núñez Cabeza de Vaca rumo a Assunção, no Paraguai. Mais tarde, a colonização local ganhou

¹ Para esta Tese, adotou-se a grafia em letra maiúscula e sem flexão de plural para fazer referência à etnia indígena Guarani ou de outra tribo e em letra minúscula para se referir à língua guarani ou outra língua.

² A região trinacional do Iguaçu compreende três cidades-polo: Ciudad Del Este (Paraguai), Foz do Iguaçu (Brasil) e Puerto Iguazú (Argentina).

impulso, influenciada pelas Missões Jesuíticas, extração da erva-mate e madeira, e a presença militar com a função de assegurar os limites territoriais. Nessa época, além de indígenas, brasileiros, argentinos e paraguaios, alguns grupos espanhóis, franceses e ingleses se aventuravam pela região (MENDONÇA, 2006). Os povos Guarani e seus diversos subgrupos encontram-se distribuídos, hoje, em territórios da Bolívia, Paraguai, Uruguai, Brasil e Argentina, nas bacias subtropicais dos rios Paraná e Uruguai, na América do Sul.

De acordo com Bortolini (2014), a presença dos falantes Guarani no Oeste paranaense remonta a longo período histórico de significativas alterações em relação à ocupação do espaço, principalmente no século passado, devido ao processo migratório de ocupação agrícola e formação de novas cidades. Bortolini (2014) explica que a construção da Usina Hidrelétrica Itaipu Binacional resultou na formação do Lago de Itaipu e “o alagamento de grandes porções do território tradicional dos Guarani, atingindo os *Tekoha Guassu(çu)* Jacutinga e promovendo a dispersão de muitos grupos para outras regiões” (BORTOLINI, 2014, p. 15). Ainda segundo o autor, o *Tekoha Guassu(çu)* compreendia uma área de 1.500 hectares, sendo a última área indígena dos grupos que constituem hoje o *Tekoha Añetete* e o *Tekoha Itamarã*, no município de Diamante d’Oeste. Esse movimento migratório das famílias que viviam na aldeia *Tekoha Guassu(çu)* Jacutinga será descrito na Seção 1 sobre o Território Guarani e a localidade desta pesquisa de Tese.

Esta tese está organizada em quatro seções, assim dispostas: a Seção 1 contempla os aspectos históricos do território Guarani e a localidade da pesquisa; a Seção 2 abarca os pressupostos teóricos que orientaram o desenvolvimento da tese; a Seção 3 são descritos os procedimentos metodológicos da pesquisa; e a Seção 4 expõe a organização, a descrição e a análise dos componentes (cognoscitivo, afetivo e conativo) no *corpus*.

Nas Considerações Finais, apresentam-se comentários relativos à pesquisa de uma forma geral, com o intuito de refletir sobre a problematização e hipóteses levantadas inicialmente, sobre os objetivos, se alcançados ou não, e ainda sobre os resultados obtidos por meio da análise.

1 O TERRITÓRIO GUARANI E A LOCALIDADE DA PESQUISA

A região fronteiriça entre Brasil, Paraguai e Argentina, denominada de região trinacional do Iguaçu, compreende três cidades polo: Ciudad Del Este (Paraguai), Foz do Iguaçu (Brasil) e Puerto Iguazú (Argentina). O rio Iguaçu separa o Brasil da Argentina e se encontra com o rio Paraná, que separa o Brasil do Paraguai e a Argentina do Paraguai. Em sua origem histórica, a região era habitada por indígenas Caingangue e Guarani, antes da expansão colonialista iniciada a partir de 1542, época em que se deu a descoberta das Cataratas do Iguaçu, com a passagem do espanhol Álvaro Núñez Cabeza de Vaca rumo a Assunção/Paraguai (MENDONÇA, 2006). Mais tarde, a colonização local ganhou impulso, influenciada pelas Missões Jesuíticas, pela extração da erva-mate e da madeira e pela presença militar com a função de assegurar os limites territoriais dos Estados nacionais. Além de indígenas, brasileiros, argentinos, paraguaios, alguns grupos de espanhóis, franceses e ingleses já se aventuravam pela região por volta dos anos de 1780.

Diante desse contexto específico, esta seção tem como objetivo expor um breve histórico sobre o território Guarani na região Oeste paranaense e refletir sobre os principais fatos históricos que impactaram na desterritorialização das famílias que viviam na aldeia *Tekoha Guassu Jacutinga*, e que hoje vivem nas aldeias *Tekoha Ocoy* e *Tekoha Añetete*, a menos de 150 quilômetros da região fronteiriça do Brasil com o Paraguai e a Argentina. Considera-se que, para estudar tanto um indivíduo, uma comunidade ou um espaço geográfico, é fundamental contemplar aspectos do cenário conjuntural que estão ligados ao processo histórico. Dessa maneira, ao discorrer sobre o território Guarani, é necessário compreender as transformações ocorridas no tempo histórico. Considerando esse pressuposto, a apresentação desta seção está organizada em três partes. Na primeira, descreve-se a historização do território Guarani no passado e no presente, com considerações feitas por Almeida (2006), Carvalho (2013), Ribeiro (2007), Schallenberger e Santos (2014), Silva (2010), Tommasino (2010), e também com amparo nos dados do IBGE e dos Estudos do Mapa Guarani Continental – EMGC (2016). Na segunda parte, apresentam-se apontamentos sobre o processo de desterritorialização dos Guarani atingidos com a formação do reservatório da Usina Hidrelétrica Itaipu Binacional e a reterritorialização no *Tekoha Ocoy* e no *Tekoha Añetete*, com contribuições de Almeida (2006), de Carvalho (2013), de Horii (2014), do Centro de Trabalho Indigenista (2015), do IBGE (2010) e da Funai (2013). Na terceira parte, descreve-se o *Tekoha Añetete*, localidade em que foi realizado o estudo de tese com os Informantes bilíngues.

1.1 TERRITÓRIO GUARANI: PASSADO E PRESENTE

As palavras território, territorialidade e territorialização têm sufixos semelhantes, mas os seus significados são diferentes. As concepções de território podem ser consideradas em quatro vertentes básicas: jurídico-política, cultural, econômica e humana ou natural(ista). A concepção política se refere às relações espaço-poder em geral ou institucionalizadas, sobre a qual Haesbaert (2010, p. 40) destaca se tratar de uma dimensão: “onde o território é visto como um espaço delimitado e controlado, através do qual se exerce um determinado poder, na maioria das vezes, relacionado ao poder político do Estado”. Já a vertente cultural prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva, em que o território é visto, sobretudo, como um produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido. De acordo com Haesbaert (2010, p. 40), a vertente econômica é a menos difundida e enfatiza a dimensão espacial das relações econômicas, sendo o território “fonte de recursos e/ou incorporado no embate entre as classes sociais e na relação capital-trabalho, como produto da divisão ‘territorial’ do trabalho”. Haesbaert (2010) acrescenta a quarta concepção, denominada territorialidade humana ou natural(ista), com base nas relações entre sociedade e natureza, ou seja, “especialmente no que se refere ao comportamento natural dos homens em relação ao seu ambiente físico” (HAESBAERT, 2010, p. 40).

De um modo geral, o território não se refere somente a relações sociais; significa também a materialidade das formas espaciais dos processos sociais de dominação, controle e enraizamento das relações de poder. Esse acontecer de todas as atividades cotidianas é denominado, por Saquet (2004), de territorialidade, que se dá no espaço do trabalho, do lazer, na Igreja, na família, na escola etc. Para o autor, a territorialidade é o resultado e a condição do processo de produção de cada território, de cada lugar. Isso acontece porque, no território, articulam-se as relações sociais, de poder e dominação, que, segundo Saquet (2004, p. 128), “a perda e a constituição de um novo território nasce no seio da própria territorialização e do próprio território. Contraditoriamente, a des-re-territorialização é composta por processos socioespaciais concomitantes e complementares”.

O processo de territorialização é um movimento historicamente determinado pela expansão do capitalismo e seus aspectos culturais. Esse movimento determina as diferentes territorialidades, no tempo e no espaço, as próprias territorialidades e as re-territorialidades. Haesbaert (2010, p. 312-313) reconhece que “todo processo de desterritorialização está associado a um processo de reterritorialização” e que, apesar de territorializado no sentido funcional, é possível estar desterritorializado no sentido simbólico-cultural. Haesbaert (2010,

p. 315) também aborda a desterritorialização “como exclusão, privação e/ou prevaricação do território enquanto recurso ou apropriação (material ou simbólica) indispensável à nossa participação efetiva como membros de uma sociedade”.

Os povos Guarani e seus diversos subgrupos encontram-se distribuídos, hoje, em territórios pela Bolívia, Paraguai, Uruguai, Brasil e Argentina, nas bacias subtropicais dos rios Paraná e Uruguai, na América do Sul. Segundo Almeida (2006), pesquisas arqueológicas apontam que os povos Guarani têm uma tradição de conhecimento construída no decorrer dos últimos 3000 anos, e com intensos movimentos migratórios no Brasil, na Argentina e no Paraguai. Para o autor,

Estudos arqueológicos informam que nos anos 1.000/1.200 a.C., expandindo-se rumo sul e a partir das cabeceiras dos rios Araguaia, Xingu, Arinos e Paraguai, ocuparam extensos territórios nas atuais regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste brasileiro, do norte da Argentina e da Região Oriental do Paraguai (ALMEIDA, 2006, p. 8).

As primeiras informações relativas aos indígenas Guarani procedem dos diários das viagens realizadas em 1752 pelos colonizadores, para a redefinição dos limites territoriais entre as duas metrópoles (Espanha e Portugal), decorrentes do Tratado de Madrid (1750). A cultura e o território Guarani atraíram os interesses das frentes de expansão do colonialismo espanhol na região do Guairá³, na fronteira do Brasil com o Paraguai, no final do século XVI e na primeira metade do século XVII, quando se fixou a colonização, o estabelecimento do sistema de “encomiendas”⁴, a fundação de vilas e a redução dos indígenas dispersos em povoados com a presença dos jesuítas e bandeirantes (ALMEIDA, 2006).

Almeida (2006) explica que os indígenas que viviam na região eram objeto de interesse para os jesuítas, “encomenderos” espanhóis e bandeirantes portugueses. Para o pesquisador,

Nos três séculos seguintes à chegada do europeu a história desse povo foi marcada por uma forte presença cristianizadora missionária jesuítica, pelo assédio de “encomenderos” espanhóis e por ataques de bandeirantes portugueses. Para jesuítas os índios eram objeto de catequese, almas a serem salvas para Cristo; para “encomenderos” vindos de Assunção, e bandeirantes, vindos de São Paulo, os índios – em especial os Guarani – representavam força de trabalho escravo (ALMEIDA, 2006, p. 10).

³ “A ‘Província del Guairá’ era considerada parte do território paraguaio e estava situada entre os rios Paranapanema, Paraná, Iguaçú e a indeterminada linha demarcatória que dividia as terras portuguesas e espanholas, imposta pelo Tratado de Tordesilhas” (ALMEIDA, 2006, p. 11).

⁴ “Sistema econômico colonial de ‘encomiendas’ promovido pelos espanhóis, com permissão Real de usufruto da mão-de-obra autóctone” (ALMEIDA, 2006, p. 11).

De acordo com Azevedo (1959), os aldeamentos de indígenas, de origem religiosa ou leiga, é uma expressão que serve para distinguir os aglomerados indígenas criados por missionários religiosos no Brasil colonial e pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI), desde 1910, daqueles outros, tipicamente espontâneos.

No período colonial, os aldeamentos de índios distinguiam-se em três tipos: 1. as Aldeias do Colégio; 2. as Aldeias de El-Rei; 3. as Aldeias propriamente ditas ou Missões. Os dois primeiros tipos instalavam-se nas vizinhanças das cidades e das vilas, congregando os índios livres, uma vez que os índios escravizados ou “resgatados” ficavam a serviço de quem os comprava. Já as Missões encontravam-se afastadas dos aglomerados urbanos, isoladas em pleno sertão [...], ficando sua administração exclusivamente entregue aos religiosos (AZEVEDO, 1959, p. 27).

A projeção do bandeirantismo para o recrutamento de mão de obra no Guairá acabou destruindo a experiência de assentamento estável dos espanhóis e, assim como os empreendimentos espanhóis, o território Guarani. A Guerra do Paraguai (1870) também impactou e gerou transformações nos territórios em que os indígenas Guarani viviam. A partir da definição dos limites geográficos entre Brasil, Paraguai e Argentina, iniciaram-se os projetos estatais de ocupação nacional das três fronteiras. Nesse contexto, os Guarani serviram como mão de obra para as indústrias extrativas das frentes colonizadoras que vinham tanto do lado brasileiro quanto do argentino e com impactos negativos em seus territórios (SCHALLENBERGER; SANTOS, 2014).

Para Schallenger e Santos (2014, p. 52),

A presença dessas frentes colonizadoras já interferiu na organização do espaço Guarani, e fez com que boa parte dessa população “nativa” viesse habitar cada vez mais próxima da margem brasileira do Rio Paraná, nas extensões ainda não afetadas pelos brancos. Data desse período (fins do século XIX e início do XX) a formação de um território mais compacto para os indígenas, denominado Vila Guarani, situado no atual bairro Três Lagoas, município de Foz do Iguaçu.

Na década de 1930, com a crise no ciclo da erva-mate, os impactos passaram a ser ainda mais fortes sobre esses indígenas da Vila Guarani⁵, em Foz do Iguaçu, e de outros aldeamentos, uma vez que os vários grupos de colonos, oriundos dos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, passaram a ocupar a região Oeste do Paraná. Schallenger e Santos (2014, p. 53) explicam que, “logo no início da chegada dos colonizadores, a Vila Guarani foi disponibilizada

⁵ A Vila Guarani era um aldeamento indígena localizado na região norte de Foz do Iguaçu, onde atualmente é a região do bairro Três Lagoas.

para o assentamento e trabalho dos mesmos, de modo que desfez-se a aldeia”. Com isso, os indígenas do Oeste passaram a morar, a partir dos anos 1950, cada vez mais próximos da margem brasileira do Rio Paraná e dispersos ao longo dela, de Foz do Iguaçu até Guaíra.

No início da década de 1960, a situação é tensionada pela presença do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (doravante INCRA), o qual objetivava retirar os Guarani dessa região para, definitivamente, abrir espaço ao advento da modernização da fronteira e a novos colonos que chegavam para ocupar as terras adquiridas por meio de programas das companhias colonizadoras que contavam com o apoio do Estado. Conforme atestam Schallenberger e Santos (2014), as informações são de que o INCRA pressionou as famílias indígenas, expulsando-as para outras áreas, sobretudo para o Paraguai, visto que, na opinião do Estado brasileiro, esses sujeitos eram paraguaios:

As aldeias do Oeste foram, em suma, varridas pela colonização, o que não significa que o espaço colonizado ficasse livre da presença indígena. Vários desses indígenas que foram levados para Rio das Cobras, por exemplo, retornaram à região, adentrando em lugares ainda não ocupados pela frente de expansão, a saber, a aldeia Jacutinga e as margens do Rio Paraná (SCHALLENBERGER; SANTOS, 2014, p. 53).

Especificamente na tríplice fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina, Silva (2010), por meio de relatos orais obtidos durante a pesquisa desenvolvida, constatou que as famílias indígenas vão ao Paraguai ou à Argentina para visitar parentes, em busca de trabalho, tratamentos de saúde ou outros benefícios. Isso também ocorre no sentido inverso: há famílias que se deslocam do Paraguai ou da Argentina em direção ao Brasil pelos mesmos motivos. O autor aponta que os indígenas já realizavam essas mobilidades e falavam sua língua materna antes de se estabelecerem as fronteiras dos Estados Nações. Essa situação de mobilidade espacial dos grupos Mbya e Nhandeva foi objeto de estudo de Silva (2010) nessa região trinacional, o que possibilitou ao autor chegar à conclusão de que:

Existe uma tendência a se interpretar os deslocamentos como uma “busca por” espaços concretos que ofereçam condições ideais (ou quase ideais) de realização do seu “modo de ser” ou de “duração de vida”. É como se nestes deslocamentos houvesse uma razão de ordem maior, consciente ou inconsciente, impulsionando as pessoas (SILVA, 2010, p. 172).

Na pesquisa de Silva (2010) ficou evidente que o deslocamento se efetiva pela procura por lugares com condições ambientais e agrícolas apropriadas ou por lugares nos quais é possível viver com harmonia e saúde. Para o autor, essa busca é uma consequência do processo

de capitalismo e da pressão de grupos privilegiados pela ocupação de territórios indígenas. Silva (2010) explica que, “à medida em que se deslocam de um ponto para outro, eles estabelecem relações de diferentes níveis, visto que o deslocamento espacial, ou que dele decorre, está associado a construção de uma alteridade e da sua identidade” (SILVA, 2010, p. 23).

Tais aspectos da mobilidade dos Guarani na fronteira revelam que o território em que eles vivem não se refere somente a determinado espaço ocupado jurídico e politicamente, mas também a outros espaços, de acordo com as relações sociais, culturais e econômicas que estabelecem. A partir do que define Silva (2010), pode-se afirmar que os Guarani da região da fronteira do Brasil, Paraguai e Argentina vivenciam e convivem múltiplas territorialidades.

Segundo Tommasino (2010), Curt Nimuendajú foi o primeiro etnólogo que conseguiu trazer a público o sentido dessas migrações depois de ter conhecido vários grupos Guarani, Mbya e Chiripá/Nhandeva, que estavam em pleno processo de traslado do oeste (Mato Grosso do Sul, sudoeste do Paraguai e noroeste da Argentina) para o leste do Brasil. Na convivência com os indígenas, Curt Nimuendajú coletou informações etnográficas sobre os diversos aspectos da religião Guarani. Tommasino (2010) faz a seguinte observação com relação a Curt Nimuendajú:

Este autor considerava que os deslocamentos massivos que ocorriam tinham como móvel apenas a crença na Terra-sem-Mal, mas atualmente considera-se que razões conjunturais – pressões sociais e ecológicas, guerras com outras etnias, perseguições dos conquistadores – contribuíram para que saíssem em busca de lugares mais adequados para viverem (TOMMASINO, 2010, p. 300).

Com relação às características dos deslocamentos indígenas, Ribeiro (2007) conclui que os pesquisadores que estudam os indígenas Guarani na atualidade são unânimes em adotar essa perspectiva multidimensional dos deslocamentos dessa etnia, delimitados por aspectos culturais, econômicos e sociais. Ribeiro (2007) explica que a mobilidade Guarani está circunscrita por uma configuração territorial específica, concebida como um movimento cíclico que tem como fundamento elementos culturais, sociais e econômicos. Para o autor,

[...] perambular pelo interior de um espaço determinado, ou seja, a circularidade peculiar ao seu movimento, consiste na mobilidade exercida pelo grupo no interior de um setor conhecido e delimitado culturalmente, entendido como território. Neste sentido, pondera-se que as sociedades em geral necessitam de referentes espaciais de maneira a viabilizar o próprio significado da sua existência, ou seja: vivenciando o espaço, as sociedades constituem seus territórios (RIBEIRO, 2007, p. 183).

Ribeiro (2007) destaca que a arte de transformar lugares, a partir de práticas microbianas⁶ e singulares, possibilita a consolidação da espacialidade dos Guarani em manter vivas as memórias dos antepassados e a sua identidade. Segundo Ribeiro (2007),

Nos relatos dos Guarani a respeito de sua vivência no Oeste, transparece a idealização de um passado sonhado. Delineia-se um lugar em que há uma ordem definida, com regras claras atinentes às relações de coexistência entre os componentes dos grupos presentes, excluída qualquer probabilidade de que elementos internos ou alógenos interfiram nas maneiras de viver e organização de cada coletivo (RIBEIRO, 2007, p. 184).

Considerando o exposto anteriormente, constata-se que a consolidação da espacialidade e da cultura dos Guarani não está delimitada apenas ao espaço jurídico-político de um Município ou Estado nacional. É preciso entender que a concepção dos povos indígenas sobre territórios tem significado de direitos coletivos e representam categorias antagônicas da propriedade privada na sociedade ocidental. As relações que os grupos nativos estabelecem com os segmentos diversos dos Estados nacionais lhes impõem limitações geográficas e dividem seus territórios tradicionais no Paraguai, Brasil, Argentina e Bolívia.

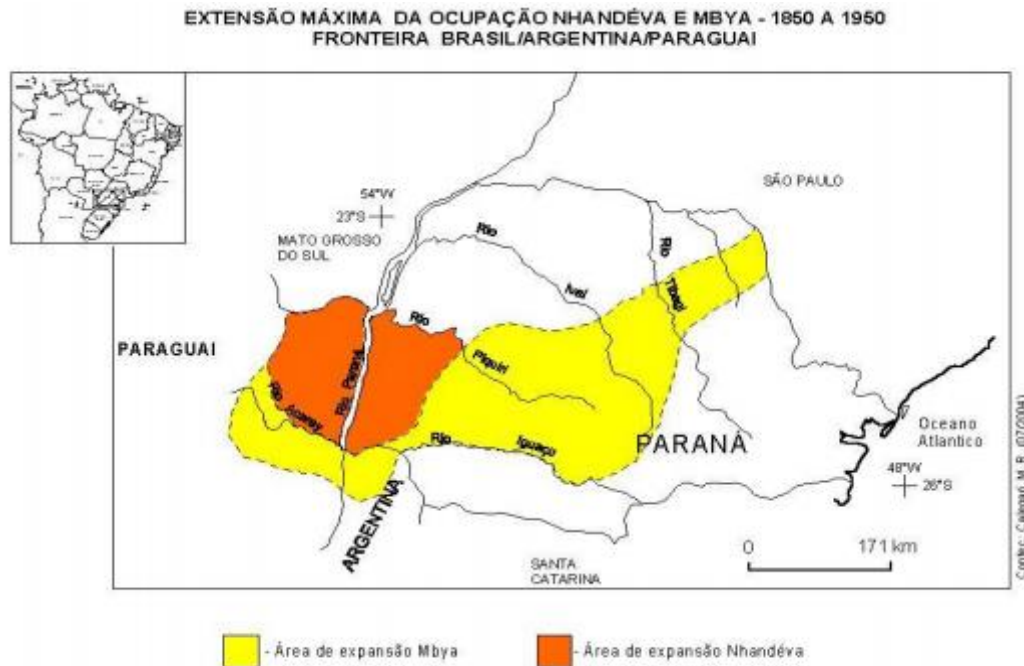
1.2 MAPA DOS INDÍGENAS GUARANI: BRASIL, PARAGUAI E ARGENTINA

O Mapa Etno-histórico⁷ dos indígenas do Brasil e das regiões adjacentes, elaborado pelo etnógrafo Curt Nimuendajú, em 1944, tornou-se referência no estudo das etnias indígenas no Brasil. Segundo Horii (2014), o antigo território Guarani encontra-se presente em 887,85 km dos 1.365,4 km de linha-limite existente entre o Brasil e o Paraguai; na linha-limite entre o Brasil e a Argentina são 1.261,3 km, ou seja, a totalidade da fronteira; e entre a Argentina e o Paraguai somam-se mais 580 km de território indígena. Ainda de acordo com Horii (2014), a contextualização histórica comprova que esse espaço pertencia ao povo Guarani, compreendendo um vasto território de ampla mobilidade espacial, que, aos poucos, foi sendo dividido e retalhado, conforme pode ser observado no Mapa Etno-histórico de Curt Nimuendajú, ilustrado na Figura 1.

⁶ As práticas microbianas servem como substrato aos micro-organismos que aumentam liberação de CO₂ para a fertilidade do solo (RIBEIRO, 2007).

⁷ “O Mapa Etno-histórico é um dos mais importantes documentos etnográficos produzidos no Brasil e elaborado por Curt Nimuendajú, há mais de 70 anos” (IPHAN, 2017, p. 7).

Figura 2 – Localização Espacial dos Nhandeva e Mbya no Paraná



Fonte: SILVA (2010)

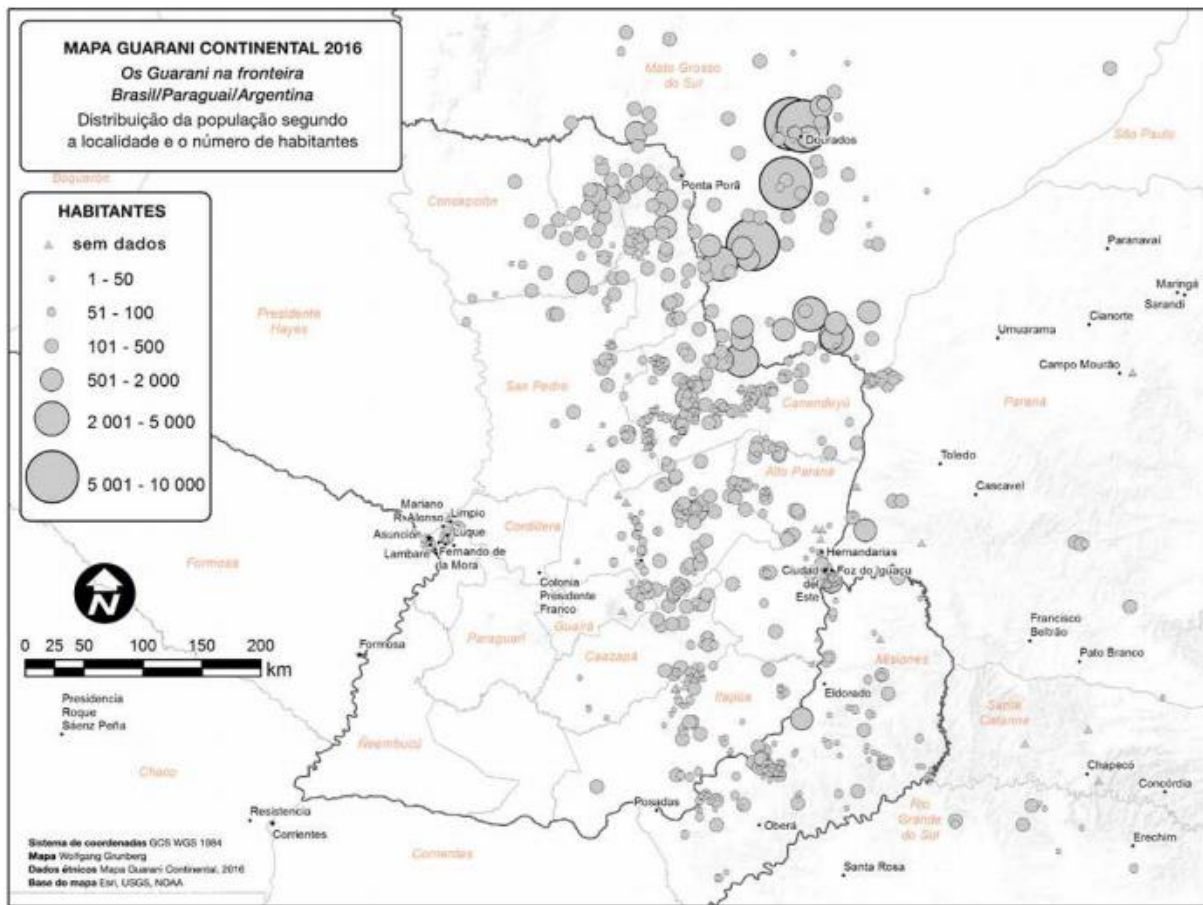
Silva (2010) afirma que as rotas de deslocamento antigas, se comparadas às áreas de ocupação das aldeias Guarani atuais, demonstram que os contornos são muito semelhantes. Para o autor, o território ilustrado na Figura 2

Representa a ampla área entre a Bacia do Paraná e o oceano Atlântico, espaço através do qual os Guarani teriam se movimentado entre o final do século XIX e meados do XX. Conforme as descrições de Nimuendaju, na medida em que os grupos se movimentavam este espaço foi aos poucos pontilhado de aldeamentos, formando uma extensa rede de aldeias e caminhos (SILVA, 2010, p. 58).

Um estudo recente do Mapa Guarani Continental (EMGC, 2016) destaca que os Guarani constituem um dos povos indígenas de maior presença territorial no continente americano. São mais de 280 mil pessoas, unidas por uma língua e uma cultura comuns, distribuídas em 1.416 comunidades, aldeias, bairros urbanos ou núcleos familiares, desde o litoral do Atlântico até a região andina. De acordo com o EMGC (2016), a população indígena Guarani que vive na Argentina, no Brasil e no Paraguai soma mais de 182 mil pessoas.

Observa-se, na Figura 3, o mapa com a distribuição populacional, segundo a localidade e o número de habitantes, dos povos Guarani nas fronteiras entre Brasil, Paraguai e Argentina. Verifica-se que a maior população indígena Guarani se concentra no Brasil.

Figura 3 – Distribuição populacional dos povos Guarani nas fronteiras entre Brasil, Paraguai e Argentina



Fonte: EMGC (2016)

Na Argentina, os dados do Mapa Guarani Continental (2016) apresentam uma população de mais de 55 mil pessoas. A atual população Guarani, que habita as províncias de Salta e Jujuy, soma cerca de 45 mil habitantes, descendentes de migrantes da região andina da Bolívia oriental vizinha, que buscaram refúgio nas terras do norte argentino devido à derrota dos Guarani na batalha de Kuruyuki, em 1892.

Segundo o EMGC (2016), o Paraguai tem uma população Guarani constituída por 62 mil pessoas. O número de aldeias ou comunidades na região oriental do Paraguai é muito alto: 124 pertencem ao grupo Avá-Guarani; 170 aos Mbya e 62 aos Paĩ-Tavyterã. A maior concentração está entre os Guarani Ocidentais do Chaco, com apenas seis grandes unidades, na forma de bairros de pequenas cidades, e os Guarani Nhandeva, com quatro comunidades semelhantes. Os Aché foram reduzidos a seis comunidades, conforme apontam os dados do EMGC (2016).

Os estudos sobre os Guarani mostram que, especialmente após o Tratado de Itaipu e a construção da Usina Hidrelétrica Itaipu Binacional, entre os anos de 1970 e 1990, os indígenas tiveram os seus *Tekoha* profundamente transformados. A partir de Tommasino, é possível elencar as características materiais e simbólicas de *Tekoha* para os Guarani:

Tekoha é a terra tradicional de um determinado grupo social ou família extensa/Te^ˆyi que constituem unidades de produção e consumo. Ao Tekoha está associada a casa, as relações com seus parentes; é onde enterram seus mortos, onde rezam, onde radica a possibilidade de exercer o direito divino de fazer suas roças, onde caçam e pescam. Cada família extensa pode formar uma aldeia/Tatay Rupa de modo que cada Tekoha pode ter uma ou mais aldeias. O conjunto das famílias das aldeias forma uma unidade maior que é identificada como uma unidade religiosa e seu nhanderu. Explicando melhor, cada grupo local forma uma parentela que constitui unidade econômica (de produção e consumo) e o Tekoha pode ser formado por mais uma família-extensa que se organiza em aldeias/unidades econômicas que no seu conjunto formam o Tekoha/unidade religiosa (TOMMASINO, 2010, p. 298).

Portanto, a palavra Tekoha se refere à terra tradicional. Mais que um pedaço de terra, neste local se produz a cultura Guarani. Um Tekoha é o território onde vivem as famílias da comunidade indígena, ou seja, um grupo de pessoas relacionadas entre si por laços de parentesco consanguíneo. Na região oeste do Paraná, todo território Guarani sofre pressões contra o seu sistema de vida cultural, religioso e econômico, situação que é explicada por Haesbaert (2010), devido aos aspectos jurídico-políticos, culturais, econômicos e sociais que estão interligados e representam relações de poder que são ou foram institucionalizadas ao longo das transformações do processo histórico.

De acordo com o EMGC (2016), essas transformações no Paraguai têm sido causadas, principalmente, pelos seguintes fatores: a entrada de um novo contingente populacional brasileiro – os chamados brasiguaios, que ocupam grande parte dos territórios tradicionais Guarani – e de outros proprietários de terras que se dedicam ao agronegócio, com o cultivo de soja mecanizada e fazendas de gado, que atingem dezenas de milhares de hectares e expulsam seus habitantes. O estudo do EMGC (2016) observa que:

A expulsão e o abandono dos tekoha, pela destruição de suas florestas, pelos agrotóxicos que envenenam as águas e o ar e pelo não reconhecimento de suas terras por parte do Estado são os principais ataques e a maior injustiça que os povos Guarani sofrem na região leste do país, fronteira com o Brasil, atualmente. A permissão, o incentivo e a proteção dos contratos de arrendamento de terras indígenas por parte do Estado, com a conivência de alguns caciques, marcam a atual política contra os Guarani (EMGC, 2016, p. 43).

O Mapa Guarani Continental EMGC (2016) mostra que os indígenas Avá-Guarani são os mais afetados pela pressão dos colonos do agronegócio, com a inatividade de lideranças comunitárias: “dos 34.320 hectares que os Guarani possuem nos departamentos de Canindeyú, Alto Paraná, Caaguazú e Caazapá, 16.479 são alugados” (EMGC, 2016, p. 43). Esse território equivale a 343,20 quilômetros quadrados. Vale lembrar que, de acordo com as informações que constam no site da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), o estado do Paraná conta com uma área indígena de 1.253 quilômetros quadrados, equivalente a 0,63% da área total do estado. No Brasil, as terras indígenas somam 723 áreas, ocupando uma superfície de 117.427.323 hectares (1.174.273 quilômetros quadrados) equivalente a 13,8% da extensão territorial do Brasil (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2018).

No Brasil, a população Guarani, entre os anos de 2012 e 2015, foi estimada, segundo dados oficiais do IBGE e do Mapa Guarani Continental (2016), em 85.255 pessoas, espalhadas por onze Estados nas cinco regiões brasileiras, assim distribuída: 64.455 na região Centro-Oeste, Estado de Mato Grosso do Sul (MS), Mato Grosso (MT), Tocantins (TO); 300 nas regiões Norte e Nordeste, respectivamente nos Estados do Pará (PA) e Maranhão (MA); 20.500 nas regiões Sul e Sudeste, Estados do Rio Grande do Sul (RS), Santa Catarina (SC), Paraná (PR), São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ) e Espírito Santo (ES). Essa população indígena Guarani no Brasil representa pouco menos de dez por cento do total de 869 mil indígenas, conforme dados fornecidos pelo censo demográfico do IBGE de 2010.

Segundo Silvestrin (2019), o estado do Paraná tem 26.559 indígenas, equivalente a 0,25% da população e “apenas 11.934 indígenas (44,9% do total) vivem nas aldeias oficialmente reconhecidas”. De acordo com a FUNAI, nos termos da legislação vigente (CF/88, Lei 6001/73 – Estatuto do Índio, Decreto n.º1775/96), as terras indígenas podem ser classificadas nas seguintes modalidades: Terras Indígenas Tradicionalmente Ocupadas, Reservas Indígenas, Terras Dominais e Interditadas. As fases do procedimento demarcatório das terras tradicionalmente ocupadas atualmente consistem em: em estudo, delimitadas, declaradas, homologadas, regularizadas e interditadas (com restrição de uso e acesso de terceiros, para proteção de povos indígenas isolados). De acordo com Silvestrin (2019), as vinte e sete terras indígenas reconhecidas no Paraná ocupam apenas 0,63% do estado, e estão listadas no Quadro 1:

Quadro 1 – Terras Indígenas no Paraná

Terra indígena	Etnia	Município	Área/ha	Situação	Modalidade
Apucarana	Kaingang	Londrina	5.574,9450	Regularizada	Tradicionalmente Ocupada

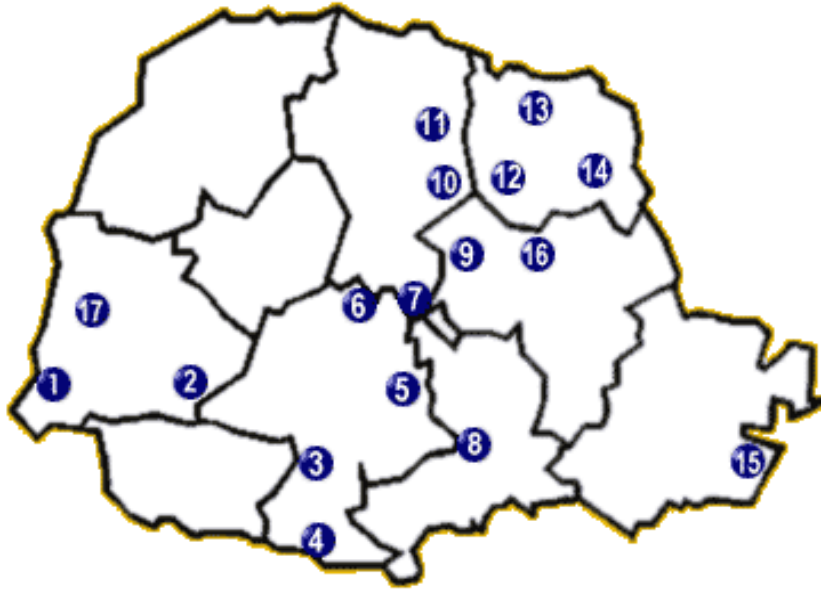
Apucarana Reestudo	Kaingang	Londrina	0,000	Em estudo	Tradicionalmente Ocupada
Araçaí (Karuguá)	Guarani	Piraquara	0,000	Em estudo	Tradicionalmente Ocupada
Avá-Guarani do Ocoí	Guarani Kaiowá	São Miguel do Iguaçu	231,8870	Regularizada	Reserva Indígena
Barão de Antonina	Kaingang	São Jerônimo da Serra	3.370,7220	Regularizada	Tradicionalmente Ocupada
Boa Vista-PR	Kaingang	Laranjeiras do Sul	7.336,3308	Declarada	Tradicionalmente Ocupada
Cerco Grande	Guarani	Guaraqueçaba	1.390,0000	Delimitada	Tradicionalmente Ocupada
Faxinal	Kaingang	Cândido de Abreu	2.043,8948	Regularizada	Dominal Indígena
Herarekã Xetá	Xetá	Ivaté	2.686,0000	Delimitada	Tradicionalmente Ocupada
Ilha da Cotinga	Guarani	Paranaguá	1.701,2020	Regularizada	Tradicionalmente Ocupada
Ivaí	Kaingang	Pitanga, Manoel Ribas	7.306,3478	Regularizada	Tradicionalmente Ocupada
Kaaguy Guaxy-Palmital	Guarani	União da Vitória	0,000	Regularizada	Tradicionalmente Ocupada
Laranjinha	Guarani, Kaingang	Santa Amélia, Abatiá	284,2412	Regularizada	Tradicionalmente Ocupada
Mangueirinha	Guarani, Kaingang	Mangueirinha, Coronel Vivida, Chopinzinho	16.375,5694	Regularizada	Tradicionalmente Ocupada
Marrecas	Kaingang	Turvo, Guarapuava	16.838,5694	Regularizada	Dominal Indígena
Palmas	Kaingang	Palmas/PR, Abelardo Luz/SC		Regularizada	Tradicionalmente Ocupada
Pinhalzinho	Guarani	Tomazina	593,3720	Regularizada	Reserva Indígena
Queimadas	Kaingang	Ortigueira	3.077,7602	Regularizada	Tradicionalmente Ocupada
Rio Areia	Guarani	Inácio Martins	1.352,3784	Regularizada	Tradicionalmente Ocupada
Rio das Cobras	Guarani, Kaingang	Nova Laranjeiras, Espigão	18.681,9806	Regularizada	Tradicionalmente Ocupada

		Alto do Iguçu			
Sambaqui	Guarani	Pontal do Paraná	2.795,0000	Delimitada	Tradicionalmente Ocupada
São Jerônimo	Xetá, Guarani, Kaingang	São Jerônimo da Serra	1.339,3364	Regularizada	Tradicionalmente Ocupada
Tekoha Añetete	Guarani	Diamante d'Oeste	1.774,7063	Regularizada	Tradicionalmente Ocupada
Tekoha Guasú Guavirá	Guarani Nhandeva	Guairaçá	24.028,0000	Regularizada	Tradicionalmente Ocupada
Tekoha Itamarã	Guarani Nhandeva, Guarani Mbya	Diamante d'Oeste	242,0000	Regularizada	Reserva Indígena
Tibagy/Mococa	Kaingang	Ortigueira	859,9098	Regularizada	Tradicionalmente Ocupada
Yvyoporã Laranjinha	Guarani Nhandeva	Cornélio Procópio, Ribeirão do Pinhal, Abatiá	1.238,0000	Declarada	Tradicionalmente Ocupada

Fonte: Silvestrin (2019)

A Figura 4 ilustra a localização de dezessete terras indígenas das etnias Guarani, Kaingang e Xetá. Observa-se que os indígenas Guarani estão localizadas nas seguintes áreas: (1) Avá-Guarani do Ocoí; (2) Rio das Cobras (Kaingang e Guarani); (3) Mangueirinha (Kaingang e Guarani); (8) Rio Areia; (12) São Jerônimo (Kaingang, Guarani e Xetá; (13) Laranjinha (Kaingang e Guarani); (14) Pinhalzinho; (15) Ilha da Cotinha (Guarani) e (17) *Tekoha Añetete* e Tekoha Tamarã:

Figura 4 – Terras Indígenas no Paraná



Fonte: Dia a Dia Educação (2018)

Além das terras indígenas listadas no Quadro 1, Silvestrin (2019, p. 13) informa que o estado do Paraná possui ainda “mais **19 reivindicações territoriais**, cujos dados -por serem sensíveis e fazerem parte de processos em andamento” não podem ser divulgados. Em áreas reivindicadas na região Oeste, as lideranças da Reserva Indígena Tekoha Añetete afirmam que há grupos de famílias Guarani em Terra Roxa e Guaíra, além de ocupações em Santa Helena e Itaipulândia.

1.3 A DESTERRITORIALIZAÇÃO GUARANI NO OESTE DO PARANÁ

Haesbaert (2010, p. 312-313) afirma que “todo processo de desterritorialização está associado a um processo de re-territorialização”, uma vez que não é possível, nem individual, nem socialmente, ter-se a ausência de alguma forma de territorialidade. O autor descreve desterritorialização “como exclusão, privação e/ou prevaricação do território enquanto recurso ou apropriação (material ou simbólica) indispensável à nossa participação efetiva como membros de uma sociedade” (HAESBAERT, 2010, p. 315). Além disso, o pesquisador entende que as desigualdades e diferenças são sociais e, simultaneamente, territoriais, efetivando-se e manifestando-se histórica e geograficamente. Para ele, a desterritorialização é um mito, ou seja,

[...] não passa de um rearranjo territorial sob condições de grande compressão do espaço-tempo, em que as transformações das relações ligadas à distância e à presença-ausência tornam ainda mais intensas as dinâmicas de

desigualdades e de diferenciação do espaço planetário (HAESBAERT, 2010, p. 367).

A partir dessa abordagem teórica, apresentam-se, nesta segunda parte, alguns apontamentos sobre o processo de transformação do(s) território(s) das famílias indígenas Guarani que vivem hoje nas aldeias *Tekoha Ocoy* e *Tekoha Añetete*, respectivamente nos municípios de São Miguel do Iguazu e Diamante d'Oeste, na região Oeste paranaense. Conforme disposto anteriormente, os Guarani estão no Oeste do Paraná desde muito antes da conquista colonial da América, lugar que “constitui o berço da cultura Guarani, a partir das subdivisões que conhecemos como Kaiowá, Nhandeva e Mbya” (CARVALHO, 2013, p. 115).

Por volta dos anos 1940, existiam no Oeste do Paraná cerca de 32 aldeias em um grande território Guarani (*Tekoa Guassu*). Todavia, na década de 1980, ocorreu seu quase desaparecimento. Segundo Carvalho (2013), dois grandes projetos estatais (Parque Nacional do Iguazu e Usina Hidrelétrica Itaipu Binacional) foram responsáveis pela desterritorialização indígena:

Decorrente da instalação desses dois grandes projetos estatais, a população indígena passou a viver um processo de encurralamento sobre o território, sendo transferidas das aldeias em que viviam para outras aldeias, que cada vez em menor número, já se encontravam habitadas por outras populações indígenas. [...] No processo de transferências dessas populações, nota-se por outro lado, o superpovoamento, em algumas poucas aldeias do interior do país e, por outro lado, grande parte dessa população Guarani foi expulsa para fora do país, tornando-se assim o Leste paraguaio densamente ocupado (CARVALHO, 2013, p. 71).

O autor ilustra tais fatos com a expulsão da população indígena de quatro aldeias existentes no *Tekoa Guassu*: Guarani e São João Velho, localizadas na atual Unidade de Conservação do Parque Nacional do Iguazu, administradas pelo Instituto Brasileiro de Defesa Ambiental – IBDF (antecessor do IBAMA); Colônia Guarani, localizada na antiga região de Três Lagoas em Foz do Iguazu, hoje município de Santa Terezinha de Itaipu, denominada pelos Guarani de “Vila Guarani”; e a Aldeia Jacutinga. De acordo com Almeida (2006), as famílias Nhandeva e Mbya, que moravam às margens do Rio Paraná, viviam em um território “que vai, a leste, a uma linha imaginária no triângulo formado pelas cidades de Guaíra, Toledo e Foz do Iguazu (incluindo-se a foz do Rio Iguazu) e que se estende, a Oeste e Noroeste do Okoy, ao interior do Paraguai Oriental e Sul do Mato Grosso do Sul” (ALMEIDA, 2006, p. 27).

Um laudo antropológico realizado a pedido da Usina Hidrelétrica Itaipu Binacional, em todas as fronteiras do Brasil, comprova que os grupos Guarani Mbya e os Nhandeva estavam

presentes no espaço transfronteiriço desde a chegada dos primeiros colonizadores europeus. Segundo Horii (2014, p. 100),

Os Mbya encontravam-se assentados em campos nos estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, bem como nas províncias de Misiones e Entre Rios, na Argentina e leste paraguaio. As comunidades Nhandeva abrangiam as terras próximas ao rio Iguatemi no Mato Grosso do Sul, na serra de Maracaju e no rio Acaray no sudeste paraguaio. Eles também ocupavam as margens dos rios Paraná e Iguaçu, alcançando as cabeceiras dos rios Piquiri, Ivaí, Tibagi e Paranapanema, e também foram encontrados alguns assentamentos no litoral e no interior do Estado de São Paulo.

A partir de 1960 até 1990, praticamente toda a região Oeste do Paraná foi desmatada e essa destruição massiva se expandiu pelo Paraguai, onde toda a faixa do rio Paraná se tornou um grande campo de soja e outras monoculturas. Para os Guarani, isso significou a destruição do seu modo de vida e de sua sobrevivência da floresta. Na década de 1980, começou o trabalho de desocupação das terras às margens do então curso do rio Paraná para a formação do reservatório da Usina Hidrelétrica Itaipu Binacional. Ao mesmo tempo, os Guarani resistem em permanecer na região e mostram disposição para lutar e garantir terras para sua sobrevivência física e cultural. Para Almeida (2006, p. 27),

Isso se manifesta não só quando relutam em abandonar seus lugares de ocupação permanente, como também em mobilizações políticas a partir dos locais aonde foram compulsoriamente alocados. É o caso dos índios do Jakutinga/Okoy e de Guaíra que até os dias de hoje não deixaram, dentro de suas especificidades, de reclamar por terras que foram obrigados a abandonar.

Naquela época, o *Tekoha Guassu(çu) Jacutinga* era a última parcela de terra dos indígenas Guarani do lado brasileiro do Rio Paraná, e começava a figurar como uma pequena ilha em meio às propriedades rurais dos colonos assentados pelo INCRA para implantação do modelo de modernização da agricultura. Schallenberger e Santos (2014, p. 54) afirmam que o “INCRA continuava usando de violência para intimidar e expulsar os Guarani de Jacutinga. Amedrontados, boa parte deles fugiu em direção ao Paraguai, mas outra parcela continuou do lado brasileiro, resistindo e afrontando as pretensões do Estado Nacional”.

A construção da Usina Hidrelétrica Itaipu Binacional resultou na formação do Lago de Itaipu, a partir de 1982, e no alagamento de grandes porções do território tradicional dos Guarani, atingindo o *Tekoha Guassu(çu) Jacutinga* e promovendo a dispersão de muitos grupos para outras regiões. Segundo Bortoloni (2014), o *Tekoha Guassu(çu) Jacutinga* compreendia uma área de 1.500 hectares, sendo o último lugar entendido como área indígena no Brasil em

que esses Guarani habitaram antes da desterritorialização das famílias atingidas. Pesquisas de campo realizadas no *Tekoha Añetete*, em 2004, forneceram dados que permitem recompor a situação do *Jacutinga* a partir dos anos 1960. Segundo Almeida (2006), os depoimentos de homens e mulheres indígenas mais idosos,

[...] todos entre 73 e 80 anos, contam que havia entre 100 e 130 famílias (500/650 pessoas), no *Tekoha Guassu(çu) Jacutinga* pelos anos 1960/1970, e que a presença maciça de brancos se deu a partir de 1960, provocando uma intensa perambulação dos índios pela região – o “tempo do sarambi” (ALMEIDA, 2006, p. 35).

Almeida (2006) revela ainda que o “contingente aproximado de pessoas estaria entre 505 e 909 vivendo em torno da liderança de Ramón Eteche e Cola Eteche no *Tekoha Guassu(çu) de Jacutinga* entre 1960-70” (ALMEIDA, 2006, p. 36).

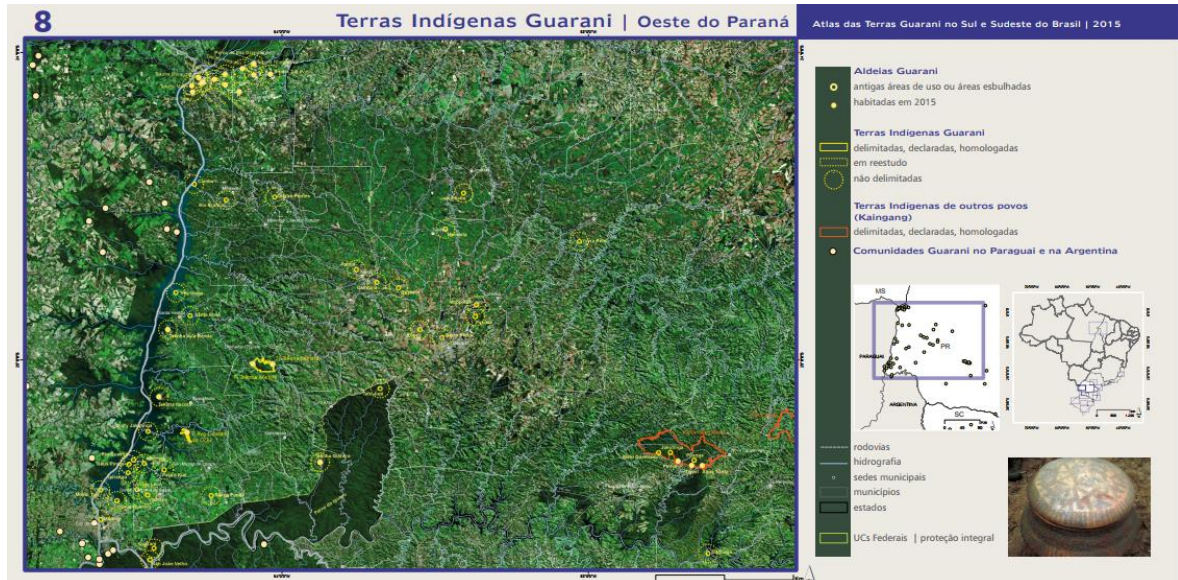
Conforme apontado anteriormente, o movimento por terras Guarani se manifestou no Oeste paranaense a partir dos anos 1940, e se intensificou com as primeiras iniciativas para a formação do Lago de Itaipu no início dos anos 1970. Do início da implantação da Usina Hidrelétrica Itaipu Binacional nos anos 1970 até 1985, com a definição dos 231 hectares do *Tekoha Ocoy*, as famílias não deixaram de manifestar seu descontentamento e de reivindicar terras, conforme explica Almeida (2006, p. 38):

Nunca aceitaram a pouca área do Ocoy para onde foram por falta de alternativa e em meio a circunstâncias preempitoriamente definidoras da situação, isto é, a inexorabilidade das águas da represa que inundariam suas terras de ocupação permanente. Naquele momento era necessário um lugar para se instalar. Ocoy já então foi considerada alternativa provisória; a expectativa de espaços mais adequados estava, já nesse momento, no horizonte de reivindicação das famílias indígenas envolvidas.

A situação das famílias indígenas atingidas com a formação do Lago de Itaipu gerou uma repercussão internacional, e fez com que representantes do Banco Mundial se fizessem presentes na região para averiguar “o caso do Ocoy/Itaipu Binacional”, bem como o apoio de instituições às questões indígenas. De acordo com o cacique João Alves, do *Tekoha Añetete*, foi graças às mobilizações da comunidade indígena que a Itaipu se viu obrigada a oferecer a área de 231 hectares, localizada na faixa de proteção ambiental do reservatório de Itaipu, para a constituição da aldeia *Tekoha Ocoy*, no município de São Miguel do Iguçu, e mais tarde, em 1997, a área de 1.744 hectares em Diamante d’Oeste, denominada Aldeia *Tekoha Añetete*. Dez anos depois, em 2007, uma área de 242 hectares, vizinha ao *Tekoha Añetete*, foi adquirida pela

Funai para a implantação da aldeia *Tekoha Itamarã* (palavra que significa “diamante”). O mapa da Figura 5 apresenta a localização das aldeias no Oeste do Paraná, de acordo com o Atlas das Terras Indígenas Guarani no Sul e Sudeste do Brasil (2015).

Figura 5 – Aldeias indígenas no Oeste do Paraná



Fonte: CTI (2015)

Segundo Schallenberger e Santos (2014), embora a área do *Tekoha Añetete* seja aparentemente expressiva em termos de extensão territorial, não é suficiente para acomodar toda a população descendente dos que já habitavam a região antes da chegada das frentes de colonização e, muito menos, para dar condições futuras de vida a esses sujeitos, considerando de modo especial os elementos de sua cultura e o seu modo de viver. Por conta disso, os indígenas continuaram reivindicando a demarcação de novas terras, mesmo diante da conquista, em 2002, da área do *Tekoha Itamarã*, vizinha ao *Tekoha Añetete*, com uma área de 242 hectares. Ambas as reservas indígenas foram homologadas por decreto da Presidência da República e regularizadas com registro em cartório em nome da União e na Secretaria do Patrimônio da União, que se destinam à posse permanente para que seja garantido às famílias um meio de sobrevivência.

A área de 231 hectares da aldeia *Tekoha Ocoy*, em São Miguel do Iguazu, é uma estreita faixa de terra localizada entre as margens de um dos braços do lago da Usina Hidrelétrica Itaipu Binacional – formado pela construção desta hidroelétrica em 1982 – e o limite colocado pelas fazendas do entorno, onde se pratica a agricultura de grande escala e alta tecnologia para produção de grãos, vizinha de comunidade rural com predominância de famílias descendentes

de alemães. De acordo com Edson Antonio Bortoluzi⁸, responsável pela assistência técnica na comunidade indígena, as margens do lago estão divididas em lotes numa extensão de seis quilômetros, com menos de mil metros quadrados cada lote, sendo que 70 hectares são destinados ao plantio de milho, mandioca, batata doce, amendoim e feijão, tudo para consumo das famílias indígenas, e o excedente pode ser vendido por 15 famílias que estão cadastradas no programa do pequeno produtor para atendimento às escolas públicas do município.

Segundo o IBGE (2010), a população de São Miguel do Iguazu é de 25.575 pessoas e 630 indígenas residentes na terra indígena *Tekoha Ocoy*, sendo que 408 destes indígenas são alfabetizados. Cerca de 30% dos indígenas moram em casas e 69,9% em ocas ou malocas. Apenas 26,8% das casas têm energia elétrica. Além das moradias, a aldeia *Tekoha Ocoy* conta com escola, posto de saúde, casa de reza, espaço comunitário para atividades de lazer, cultura e artesanato. De acordo com Edson Antonio Bortoluzzi, a aldeia era composta, em maio de 2018, por cerca de 160 famílias e aproximadamente 700 pessoas.

Os Guarani prosseguem com as reivindicações de novos territórios no Oeste paranaense e estão mobilizados na condição de aldeia em acampamento. São aproximadamente dez aldeias em Guaíra, uma em Santa Helena, uma em Itaipulândia, uma em Matelândia e quatro em Terra Roxa. Vale destacar que essas aldeias não são estáveis e podem ser deslocadas para outras áreas ou podem surgir outras, de acordo com as necessidades políticas, visto que o objetivo das famílias que vivem nas aldeias em condição provisória é a demarcação territorial. Observa-se que esse movimento migratório com a criação de novas aldeias é uma forma de pressionar o Estado para a demarcação e homologação de novos territórios indígenas em respeito às formas habituais de territorialidade dos indígenas Guarani, que atendam aos requisitos do Artigo nº 231 da Constituição Federal.

1.4 DADOS DA ALDEIA *TEKOHA AÑETETE*, LOCALIDADE DA PESQUISA

A aldeia *Tekoha Añetete*, nome que significa “Aldeia Verdadeiramente Guarani”, situa-se na Linha Ponte Nova do município de Diamante d’Oeste. O município está situado no extremo Oeste paranaense, a 595 km da capital do Estado, Curitiba. De acordo com o IBGE (2010), o município tem 5.027 habitantes, 2.561 na área urbana e 2.466 na área rural. Segundo o IBGE (2018), a população estimada foi de 5.239 habitantes. A Lei Estadual número 8.674 criou o município de Diamante d’Oeste em 21 de dezembro de 1987, desmembrando-o do

⁸ Funcionário da Prefeitura Municipal de São Miguel do Iguazu. Entrevista concedida em maio de 2018.

município de Matelândia. Vizinho dos municípios de São José das Palmeiras, Ramilândia, Missal e Santa Helena, Diamante d'Oeste está situado a 514 metros de altitude e nas seguintes coordenadas geográficas: Latitude 24° 56' 46" Sul e Longitude 54° 6' 13" Oeste. A Figura 6 ilustra a localização de Diamante d'Oeste no mapa paranaense.

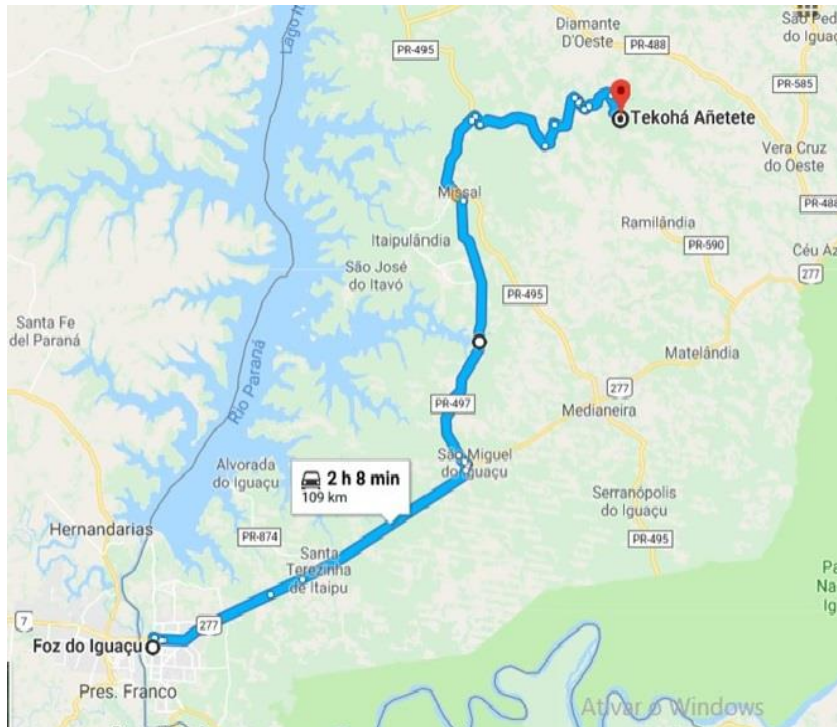
Figura 6 – Localização do município de Diamante d'Oeste



Fonte: Elaborado por Abreu (2006)

A aldeia *Tekoha Añetete* ocupa um território de 1.744 hectares e está localizada a cerca de 20 quilômetros do centro urbano de Diamante d'Oeste e aproximadamente 110 quilômetros de Foz do Iguaçu, conforme ilustra a Figura 7. A aldeia é uma reserva indígena legal, homologada (Decreto s/n 28/7/2000) e conquistada pelas famílias que ali se estabeleceram desde 19 de abril de 1997.

Figura 7 – Deslocamento de Foz do Iguaçu até a Aldeia *Tekoha Añetete*



Fonte: Google Maps (2018)

De acordo com o cacique João Alves⁹, a aldeia *Tekoha Añetete* é composta por aproximadamente 420 pessoas, entre adultos e crianças, que vivem basicamente da venda de artesanato e da agricultura de subsistência desenvolvida pelas famílias que vivem na aldeia. Essa população pertence ao subgrupo Nhandeva, uma das três divisões dos povos Guarani; falam a língua Guarani, com predominância do dialeto Nhandeva, traço de extrema importância na manutenção da cultura étnica. A língua guarani é aprendida pela criança junto à família e a aquisição do PB como segunda língua ocorre a partir de 4 e 5 anos de idade, quando começam a frequentar o Colégio Estadual Indígena Kuaa Mbo'e, situado na própria aldeia.

⁹ Entrevista realizada em abril de 2018.

Figura 8 – Portal de entrada da aldeia indígena *Tekoha Añetete*



Fonte: Arquivo da autora (2017)

O guarani no Brasil é uma língua do tronco linguístico Tupi e da família Tupi-Guarani, sendo falado em três variedades principais: Mbya, Kaiowá e Nhandeva, conforme apresentado na Seção 2. Segundo o professor Mário Ramão Villalva Filho¹⁰ (UNILA), o Nhandeva também é conhecido como Avá-Guarani entre os indígenas que vivem no Oeste paranaense, e no Paraguai é denominado Avanheém ou Chiripá/Xiripá, sendo que os falantes podem utilizar outras formas para nomeá-las.

O Colégio inserido na aldeia *Tekoha Añetete* tem contribuído com o letramento da população residente. O censo demográfico do IBGE (2010) revelou que 286 indígenas são alfabetizados, representando aproximadamente 70% dos indígenas da aldeia. De acordo com o diretor da escola, Jairo Bortolini¹¹, as crianças aprendem a língua portuguesa na escola e a partir do que ouvem no rádio ou na televisão. “O costume nas famílias é falar somente na língua guarani e a maioria das crianças chegam ao pré e no primeiro ano sem compreender o português” (BORTOLINI, 2014). A grade curricular da escola segue a Base Nacional Curricular Comum. Do 1º ao 5º ano, há professor regente de turma, sendo que no 1º ano é um professor indígena e acadêmico da Unioeste e, do 2º ao 5º ano, o professor regente é não-

¹⁰ Entrevista realizada em 22 de maio de 2018.

¹¹ Entrevista realizada em 9 de março de 2018.

indígena. Nessas turmas, há quatro aulas semanais de língua guarani com um professor indígena, com formação no Curso de Magistério Indígena. Para os anos finais, trabalha-se a Base Nacional Comum com professores não-indígenas nas diferentes disciplinas e três aulas semanais de língua guarani com professor indígena. O ensino médio é trabalhado em turmas de EJA de acordo com a Base Curricular Comum.

Figura 9 – Portal do Colégio Estadual Indígena Kuaa Mbo'e



Fonte: Arquivo da autora (2017)

Com relação ao tipo de moradia, conforme dados do IBGE (2010), predominam as casas, das quais 87,9% têm energia elétrica e saneamento básico com água potável, que foram construídas pela Usina Hidrelétrica Itaipu Binacional no início do assentamento das famílias na aldeia. A maioria das casas tem antena parabólica de televisão e uma torre de telefonia celular está instalada na escola.

A população residente no *Tekoha Añetete* e *Tekoha Tamarã* conta com atendimento de saúde no posto de saúde da aldeia, de segunda a sexta-feira, que oferece serviço básico, com um médico, uma enfermeira e um dentista, e dois agentes de saúde Guarani. A unidade de saúde conta ainda com dois carros de apoio para transporte de emergência até a unidade médica mais próxima, inclusive aos sábados, domingos e feriados.

Figura 10 – Posto de saúde da aldeia



Fonte: Arquivo da autora (2017)

As famílias contam com transporte gratuito para atendimento na área de saúde, transporte escolar duas vezes ao dia, e uma vez por semana, na quarta-feira, da aldeia até o centro urbano de Diamante d'Oeste. A aldeia *Tekoha Añetete* possui, ainda, três casas de reza, campo de futebol e um espaço comunitário para atividades de lazer, cultura e artesanato. As mulheres lavam roupas em áreas próximas ao rio e, na maioria das casas, encontram-se varais coloridos com roupas de crianças. No meio da tarde, as mulheres se reúnem no quintal sob as árvores e as crianças menores ficam no colo das mães ou brincando por perto. É comum ver as crianças e os jovens jogando futebol no campo da aldeia ou nos quintais das casas, principalmente no fim da tarde.

No que se refere à organização das moradias, há dois tipos de construções fechadas em que a maioria das famílias reside. A uma delas é reservado o espaço dos dormitórios e em algumas casas há um espaço na entrada com cadeiras, poltronas e televisão, onde raras vezes um não indígena é convidado a entrar. A outra construção é destinada para o armazenamento de utensílios, ferramentas, produtos colhidos na roça, o fogão para o preparo dos alimentos e reunião da família para o consumo de alimentos. O banheiro é localizado em um espaço fora da casa e na maioria das casas tem fossa sanitária. O pátio próximo da casa tem árvores, plantas, bancos de madeira e é o local onde os moradores passam a maior parte do dia quando estão em casa.

Boa parte da economia das famílias do *Tekoha Añetete* provém das roças de milho, mandioca, batata doce, abóbora e criação de pequenos animais, como galinhas, patos e suínos que as famílias possuem. Parte da produção complementar é proveniente de roças comunitárias, dispostas em quatro áreas diferentes. Na produção agrícola, as famílias contam com assistência técnica por meio de convênio entre a Prefeitura Municipal e a Usina Hidrelétrica Itaipu Binacional. O trabalho assalariado é outra fonte de renda de algumas famílias. De acordo com levantamento de dados realizado junto à direção da escola e no posto de saúde da aldeia, vinte e dois indígenas, com mais de dezoito anos, estavam trabalhando no ano de 2018 em agroindústrias da região do setor de aves e suínos. Outra alternativa de trabalho assalariado é dentro da própria aldeia. Segundo informações da escola e do posto de saúde, doze indígenas ocupavam as seguintes funções em 2018: na escola, três como agente educacional e quatro professores; dois como agente de saúde no posto de saúde; dois como auxiliares no projeto de produção agropecuária do convênio Usina Hidrelétrica Itaipu Binacional e Prefeitura Municipal de Diamante d'Oeste; um como auxiliar do Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) do Ministério da Saúde na gestão hídrica e de saneamento da localidade. A fonte de renda das famílias é complementada ainda com o Programa Bolsa Família, com a aposentadoria dos mais idosos e projetos assistenciais da Prefeitura Municipal, por meio de programas estaduais e federais.

2 APONTAMENTOS TEÓRICOS E O PLURILINGUISTO NA REGIÃO OESTE DO PARANÁ

Esta seção está organizada em quatro partes: a contextualização histórica dos primeiros estudos sobre crenças e atitudes linguísticas; a discussão teórica sobre crenças e atitudes; as pesquisas derivadas principalmente do Projeto Crenças e Atitudes Linguísticas (CAL), coordenado por Aguilera (2009), com a colaboração de Sella (2009) e o plurilinguismo na região Oeste do Paraná; e as línguas indígenas e o estado da arte das pesquisas sobre crenças e atitudes em línguas indígenas. A escrita foi construída com o objetivo de contribuir para a reflexão e a interpretação dos dados gerados pela pesquisa com os doze Informantes bilíngues da aldeia indígena *Tekoha Añetete*.

Os princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística, de Crenças e Atitudes, da Etnografia, da Psicologia Social e dos Estudos da Linguagem são utilizados para fundamentar o estudo desta pesquisa, partindo do pressuposto de que a atitude linguística de um indivíduo é o resultado da soma de suas crenças, conhecimentos, afetos e tendências a comportar-se de forma determinada diante de uma língua ou de uma situação sociolinguística. Os estudos sobre atitudes constituem importante contribuição para a reflexão sobre o ambiente sociolinguístico de uma sociedade, principalmente em contextos de diversidade linguística, como o existente na região do extremo Oeste do Paraná. Esta pesquisa em localidade indígena nesta região, fronteira do Brasil com o Paraguai e a Argentina, revelou que há muito a ser explorado, conforme será apresentado nesta seção.

2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DOS ESTUDOS SOCIOLINGÜÍSTICOS

O ano de 1964 marcou o nascimento da Sociolinguística, em um congresso na Universidade da Califórnia, por iniciativa de William Bright, do qual fizeram parte 25 estudiosos, entre os quais estavam William Labov, John Gumperz e Charles Ferguson. Segundo Calvet (2002, p. 20), “os temas abordados eram variados: a etnologia da variação linguística (Gumperz), o planejamento linguístico (Haugen), a hipercorreção como fator da variação (Labov)”, entre outros. Na síntese feita por Bright, consta que a sociolinguística refletiria um campo de estudos sobre relações entre linguagem e sociedade. Nessa vertente, a língua não é vista como desvinculada da parte social, porquanto haja interação em função do contexto sócio-histórico. Bright destaca, ainda, que as pesquisas sociolinguísticas apresentam papel importante ao demonstrar que a variação linguística não é livre, e sim relacionada a diferenças sociais

sistemáticas (CALVET, 2002). Embora essas afirmações brevemente ilustradas já tenham sido divulgadas há muito tempo, principalmente por meio de trabalhos acadêmicos, pode-se dizer que se trata de uma diretriz que nem sempre é seguida nas disposições metodológicas relativas a línguas em contato.

Uma pesquisa de base sociolinguística deve considerar também a importância do pensamento do linguista francês Antonie Meillet, que, a partir da vertente de estudos antissaussurianos, leva em conta a função social da língua em oposição à forma. De acordo com Calvet (2002, p. 16), Meillet apresenta uma “posição muito próxima da que se encontrará mais tarde na obra de William Labov”, quando busca explicar a irregularidade das variações linguísticas, em 1966, ao publicar sua dissertação de mestrado sobre o estudo da centralização de /ay/ e /aw/ na ilha Martha’s Vineyard, comparado com registros fonéticos do Atlas Linguístico de trinta anos antes, e mais tarde o estudo sociolinguístico sobre a cidade de Nova Iorque, com orientação de Uriel Weinreich.

Esses estudos de Labov comprovaram que a língua funciona como elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua. Labov (2008, p. 21) observava em suas pesquisas que “não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre”, porque as pressões sociais operam continuamente sobre a língua. Estudando a frequência e a distribuição das variantes fonéticas de /ay/ e /aw/ em Martha’s Vineyard, Labov (2008) procurou entender a estrutura interna do inglês vineyardense, as diferenças que existiam e as mudanças que estavam ocorrendo. Labov (2008, p. 209) concluiu que “quanto mais um indivíduo se sentisse capaz de reivindicar e manter status como um vineyardense nativo, mais ele utilizaria a centralização de /ay/ e /aw/”. A mudança sonora observada por Labov em Martha’s Vineyard não produziu mudança fonêmica, em que unidades definidas por função cognoscitiva sofreram fusão ou cisão. As técnicas desenvolvidas no estudo do autor foram aperfeiçoadas e aplicadas mais tarde na pesquisa de seu doutorado com vendedores de três grandes lojas de departamentos em Manhattan, Nova Iorque. Nesse estudo, concluiu que várias das mudanças em andamento na cidade de Nova Iorque produziam tais fusões e cisões no nível do fonema com variações estilísticas em relação às variáveis classe socioeconômica, sexo, grupo étnico e faixa etária.

A metodologia dos falsos pares (*matched guise*) foi utilizada por Labov (2008) no estudo em Nova Iorque, com o objetivo de identificar as reações subjetivas à linguagem, a partir de análise do comportamento linguístico das várias faixas etárias da população em relação a três tipos de marcadores de atitudes: um traço estigmatizado, um marcador de prestígio e a mudança vinda de baixo. De acordo com LABOV (2008, p. 248), *matched guise* é uma técnica

que “apresenta à pessoa uma série de trechos gravados em que ela ouve vozes dos mesmos falantes usando línguas ou dialetos diferentes”.

Labov (2008) revelou que o caso de /r/ é um marcador de prestígio introduzido na fala de Nova Iorque. As mudanças vindas de baixo estão abaixo do nível da percepção consciente e, à medida em que é introduzido, “ocorre toda uma série de mudanças que invertem a linha de evolução principal do sistema vocálico nova-iorquino” (LABOV, 2008, p. 163). O autor concluiu que as mudanças vindas de baixo operam sobre sistemas linguísticos inteiros, em resposta a motivações sociais que são relativamente obscuras e mesmo assim têm a maior importância para a evolução geral da língua. As pressões vindas de cima também ocorrem nas formas linguísticas de uma comunidade de fala e o estudo de Labov (2008) em Nova Iorque revelou o papel especial da classe média baixa na mudança linguística. O autor explica que

os membros mais velhos da classe média alta tenderiam a conservar suas formas de prestígio mais antigas, consolidadas relativamente cedo em seu desenvolvimento, enquanto os membros mais jovens exibiriam a adoção da forma de prestígio mais nova. Quando consideramos o grupo de status imediatamente inferior, em geral a classe média baixa, prevalece a situação inversa (LABOV, 2008, p. 164).

Esse estudo de Labov revela que a classe média alta, grupo de maior *status*, exibe maior segurança linguística e os falantes da classe média baixa tendem a adotar os marcadores de prestígio da classe média alta, ou seja, existe um conjunto uniforme de atitudes partilhadas pelos falantes no uso de uma forma estigmatizada ou prestigiada da língua em questão. Labov (2008, p. 161) afirma que a grande flutuação estilística exibida pela classe média baixa com traços estigmatizados, que eles mesmos usam, e a percepção inexata de sua própria fala apontam para um grau de insegurança linguística nesses falantes, devido aos marcadores de prestígio da classe média alta.

Antes de Labov, os psicólogos Lambert e Lambert (1966) foram precursores da técnica *matched guise* (falsos pares) com estudantes de fala francesa e inglesa na cidade canadense de Montreal. O objetivo dos pesquisadores era verificar a qual das línguas era atribuído mais prestígio, como um grupo via o outro a partir de seu idioma e de que maneira as atitudes de um grupo maior influenciavam um grupo menor. Embora esse estudo não tenha sido sociolinguístico, a pesquisa constatou atribuição de maior prestígio e mais características positivas aos supostos falantes de inglês. Aguilera e Silva (2014) destacam, com base nesse estudo,

que as atitudes dos membros de um grupo menor são afetadas pelos contatos com grupos considerados de posição social mais elevada, pois tais informantes manifestam um sentimento de inferioridade em relação ao seu próprio idioma devido, sobretudo, à coerção que sofrem do grupo maior (idioma inglês) (AGUILERA; SILVA, 2014, p. 706).

Essa constatação se confirmou de modo semelhante no estudo sociolinguístico posterior de Labov (2008), ou seja, a fala do grupo de maior *status* tem mais prestígio em relação à fala do grupo de classe mais baixa. De acordo com Aguilera (2008, p. 01), Lambert preocupava-se em compreender “a manifestação de preferências e convenções sociais acerca do status e prestígio de seus usuários que ele chamou de atitude”, observando que os grupos sociais de mais prestígio social exercem poder nas atitudes linguísticas das comunidades de fala.

Por volta de 1970, Fishman (1988), representante dos estudos voltados à Sociologia da Linguagem, na obra *The sociology of a language*, investigou o uso da língua em função do seu significado social. De acordo com Fishman (1988, p. 47) “la sociología del lenguaje trata de una amplia serie de temas: interacción de los grupos pequeños y pertinencia a los grandes, uso y actitudes lingüísticas hacia del lenguaje, normas lingüísticas y de conducta, cambio de las mismas”¹². Ainda segundo Fishman (1988), um dos comportamentos sociais mais conhecidos perante à língua é a standardização, ou seja, a codificação e aceitação dentro de uma comunidade linguística, de um conjunto de hábitos que definem o uso correto por meio de professores, escritores, novelistas e grupos da sociedade. O autor explica que “dada la codificación como un objetivo, se formula y se presenta a toda la comunidad lingüística o a parte de ella como un bien deseado mediante gramáticas, diccionarios, ortografías estilísticas y textos ilustrados, escritos y orales”¹³ (FISHMAN, 1988, p. 50).

O estudo de Fishman (1988) mostra que a variedade standardizada é codificada pelos falantes por meio dos sistemas educativos, meios de comunicação, governos e instituições de diferentes setores da sociedade, com os quais a comunidade de fala se relaciona.

O estudo das crenças e atitudes linguísticas também se desdobram ao plurilinguismo e à variedade linguística. Pesquisadores como López Morales (1979), Gómez Molina (1998), Moreno Fernández (1998) e Blanco Canales (2004) se dedicaram a pesquisar a influência das crenças e atitudes linguísticas nas escolhas dos falantes. López Morales (1979), em trabalho denominado *Actitudes Linguísticas en una Comunidad Bilingüe y Multilectal*, analisou os

¹² Tradução nossa: “a sociologia da linguagem trata de uma ampla série de temas, como a interação entre grupos sociais, uso da linguagem, e atitudes linguísticas, normas linguísticas e de conduta, mudanças das mesmas”.

¹³ Tradução nossa: “dada a codificação como um objetivo, se formula e se apresenta à toda comunidade linguística ou a parte dela como um bem desejado mediante gramáticas, dicionários, ortografias e textos ilustrados, escritos e orais”.

índices de crenças e atitudes no espanhol de Porto Rico, bem como o papel relevante das atitudes linguísticas diante da mudança linguística. Seu estudo também buscou a reflexão sobre a insegurança linguística, a hipercorreção e a mudança linguística a partir das atitudes positivas ou negativas em relação à língua, de acordo com a posição social do grupo. Para o autor, a Sociolinguística se preocupa essencialmente com a definição dos contextos sociais e linguísticos relacionados à variação e com a avaliação das atitudes dos usuários diante das variantes linguísticas. Dito de outro modo, preocupa-se em analisar os aspectos extralinguísticos da língua.

Gómez Molina (1996) realizou estudo acerca das crenças e atitudes linguísticas numa comunidade bilíngue (catalão e espanhol) e multidialetal, relacionadas ao prestígio social na cidade de Valência, Espanha. O autor verificou que não existe rejeição por parte dos falantes a nenhuma das duas línguas e constatou uma atitude positiva diante do uso do catalão valenciano, apesar do uso dominante do castelhano. Além disso, o autor destacou outro fato peculiar: sua pesquisa revelou que a linguagem não é, para os valencianos, sua única marca de identidade sociocultural. Gómez Molina (1996) assinala que, em Valência e área metropolitana, apenas 29,1% dos entrevistados creem que é necessário falar catalão valenciano para se sentir valenciano, seja por sentimento de lealdade, utilidade, orgulho, para evitar a perda, para a integração. O resultado desse estudo remete à reflexão com relação ao contexto desta pesquisa com falantes bilíngues do guarani e do PB, ou seja, se falar a língua guarani é importante para evitar a perda da identidade indígena Guarani. Em *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*, Moreno Fernández (1998) voltou seus estudos para as atitudes linguísticas de um indivíduo como resultado de suas crenças. O autor destacou a relevância da atitude na relação que se estabelece entre língua e etnicidade, das atitudes pautadas no prestígio e a sua influência na variação linguística, consciência sociolinguística e sua relação com a segurança e insegurança linguística. O autor estuda também a natureza psíquica das atitudes e de seus componentes, tais como atitudes positivas, atitudes negativas e neutras e sua relação com a insegurança linguística. O estudo de Moreno Fernández (1998) revela que uma atitude favorável ou positiva pode contribuir para que a mudança linguística ocorra mais rapidamente e que em certos contextos predomine o uso de uma língua em detrimento de outra. Por outro lado, uma atitude desfavorável ou negativa pode levar ao abandono de uma língua ou impedir a difusão de uma variante ou mudança linguística.

Ao investigar uma comunidade situada a 30 quilômetros de Madri, chamada Alcalá de Henares, Blanco Canales (2004) analisou as crenças e atitudes linguísticas relacionadas aos falares de moradores dessa localidade, onde convivem pessoas de diversas procedências

geográficas, o que propicia o contato linguístico de variados dialetos, bem como diferentes processos de mudanças linguísticas. A autora descreveu, em seu estudo, as características fonéticas e morfosintáticas e sua relação com outros fatores linguísticos e extralinguísticos. Analisou também a evolução de processos do espanhol referentes à simplificação fonética. De acordo com a autora, o estudo das atitudes dos falantes pode elucidar questões relacionadas à mudança linguística, situação de línguas ou dialetos em contato e a aprendizagem de segundas línguas. Isso porque o estudo das crenças e atitudes possibilita a obtenção de informações sobre o sistema de crenças dos falantes, sobre suas próprias falas e a respeito das falas dos outros.

2.2 CRENÇA, ATITUDE, IDENTIDADE E CONSCIÊNCIA LINGUÍSTICA

Os estudos sobre crenças e atitudes linguísticas possibilitam compreender os processos de mudança linguística, o prestígio ou desprestígio em relação às variedades linguísticas e aos seus falantes, os quais podem contribuir para a mudança de um dialeto de uma comunidade de fala, e, por extensão, as marcas identitárias de uma etnia ou cultura. O estado da arte sobre “Crenças e Atitudes” no campo da Sociolinguística revelam que há poucas pesquisas voltadas a definir “crença” e várias reflexões sobre “atitude”, compreendendo a crença como um componente da atitude na concepção mentalista. Esta tese considera os pressupostos da concepção mentalista e os princípios da sociolinguística cognitiva de Moreno Fernández (1998, 2012) para análise do *corpus* com os doze Informantes da aldeia *Tekoha Añetete*.

As pesquisas voltadas à avaliação de crenças e atitudes surgiram inicialmente com os psicólogos sociais, numa perspectiva de que se referem a um objeto social. Embora Lambert e Lambert (1966) não tenham realizado um estudo sociolinguístico, vale destacar que “a atitude é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante”. Nessa definição, identificam-se, portanto, os componentes essenciais da atitude, que são os pensamentos e as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências à reação. Para os autores,

As atitudes desempenham uma função essencial na determinação do nosso comportamento; por exemplo, afetam nossos julgamentos e percepções sobre outros, ajudam a determinar os grupos com que nos associamos, as profissões que finalmente escolhemos e até as filosofias à sombra das quais vivemos (LAMBERT; LAMBERT, 1966, p. 83).

Observa-se que há um vínculo entre atitudes e comportamento, ou seja, as atitudes influenciam também o comportamento do falante em relação às línguas, que pode ser afetado também por outros fatores extralinguísticos. Moreno Fernández (1998) faz a transposição do conceito de atitude da psicologia social para a sociolinguística e afirma que a posição social que uma língua ocupa, somada às crenças e aos sentimentos que o indivíduo mantém em relação aos seus falantes, define a atitude linguística, que Moreno Fernández explica deste modo:

La actitud lingüística es una manifestación de la actitud social de los individuos, distinguida por centrarse y referirse específicamente tanto a la lengua como al uso que de ella se hace en sociedad, y al hablar de ‘lengua’ incluimos cualquier tipo de variedad lingüística: actitudes hacia estilos diferentes, sociolectos diferentes, dialectos diferentes o lenguas naturales diferentes¹⁴ (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 179).

Moreno Fernández (1998) concebe que a atitude linguística é constituída por três elementos que se situam no mesmo nível: o saber ou crença (componente cognoscitivo), a valoração (componente afetivo) e a conduta (componente conativo). A partir desse conceito, considera-se que a manifestação do falante pode revelar juízos de valor, crenças, intenção de conduta, reação de prestígio ou desprestígio e consciência linguística sobre determinados contextos e circunstâncias. Uma das consequências diretas da consciência linguística é a segurança ou insegurança linguística dos falantes, que Moreno Fernández (1998) explica da seguinte forma:

se habla de seguridad lingüística cuando lo que el hablante considera como correcto o adecuado coincide con los usos espontáneos del mismo hablante; la inseguridad lingüística surge cuando tal coincidencia disminuye o desaparece. El prototipo de hablante inseguro sería aquel capaz de hacer afirmaciones como éstas: A mí nunca me ocurriría decir me se ha caído o Yo jamás diré cosas como iré o vendré¹⁵ (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 182).

Em relação à língua, o comportamento do falante em relação à própria variedade admite a ocorrência de duas atitudes: a de valorização e a de rejeição, ou seja, a mesma variedade pode ser objeto de atitudes positivas ou negativas, dependendo da valoração que se faz dentro do

¹⁴ Tradução nossa: “A atitude linguística é uma manifestação da atitude social dos indivíduos, diferenciada pelo enfoque e referindo-se especificamente à linguagem e seu uso na sociedade, e quando se fala de ‘linguagem’ nós incluímos qualquer tipo de variedade lingüística: atitudes para diferentes estilos, diferentes socioletos, diferentes dialetos ou diferentes linguagens naturais”.

¹⁵ Tradução nossa: “fala-se de segurança linguística quando o que o falante considera correto ou adequado coincide com os usos espontâneos do mesmo falante; a insegurança linguística surge quando tal coincidência diminui ou desaparece. O protótipo de um falante inseguro seria aquele capaz de fazer afirmações como estas: nunca me ocorreria dizer que caí ou nunca direi coisas como iria ou viria”.

grupo em que se fala. Moreno Fernández (1998) afirma que Street e Hooper propõem um modelo de valoração da fala baseado em juízos de valor e nos usos linguísticos dos falantes, sendo que os processos cognoscitivos e de conduta são determinados por três variáveis:

Los procesos cognoscitivos y de conducta vienen determinados por tres variables: a) los conocimientos recibidos y los prejuicios de los hablantes (estereotipos, procesamiento de la información, características de la personalidad, expectativas sociológicas); b) las características del habla, del mensaje (acento, dialecto, elementos paralingüísticos); c) las intenciones de los interlocutores¹⁶ (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 184).

A manifestação cognoscitiva e conativa do falante pode ser observada no recorte de 5H3, que será analisado na Seção 4. Para ilustrar como exemplo, observe-se uma parte do recorte:

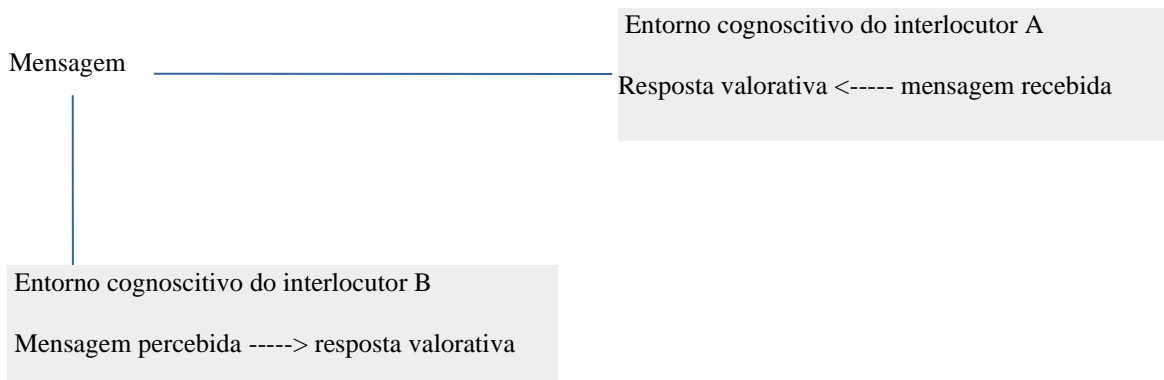
Inf. 5H3
 L481INQ: Tá... isso é importante?
 L482INF: *É importante*
 L483INQ: Porque agora não... você antes de saber ler você tinha que perguntar pras pessoas onde tinha que ir?
 L484INF: *Sim ... às vezes não que ensiná e ensina errado*

Verifica-se que o Informante aciona o componente cognoscitivo para manifestar a importância de aprender a reconhecer o alfabeto do PB para poder se orientar com relação à localização e para manifestar situações vivenciadas em relação ao comportamento do outro: “às vezes não que ensiná e ensina errado”.

Esse modelo de valoração da fala se produz dentro de um entorno de conhecimentos e saberes sociais, em que influem fatores, como as características sociais dos interlocutores (idade, sexo etc.) ou os juízos pessoais sobre alguns fatos linguísticos ou paralinguísticos, e muitos outros, conforme o modelo de Street e Hooper (1982), apresentado na sequência:

¹⁶ Tradução nossa: “Os processos cognoscitivos e de conduta vêm determinados por três variáveis: a) os conhecimentos recebidos e os preconceitos dos falantes (estereótipos, processamento das informações, características da personalidade, expectativas sociológicas); b) as características da fala, da mensagem (sotaque, dialeto, elementos paralinguísticos); c) as intenções dos interlocutores”.

Figura 11 – Modelo de valoração do estilo de fala, segundo Street e Hooper (1982)



Fonte: Moreno Fernández (1998, p. 184)

Para Moreno Fernández (1998), esse modelo de Street e Hooper oferece uma interpretação mais sociolinguística. Isso porque as atitudes sociolinguísticas se mostram a partir do que as pessoas falam, como falam, quando o fazem e a quem se dirigem. Moreno Fernández (2012) afirma, em estudo posterior, que a sociolinguística cognitiva reconhece a importância do componente social, tanto na origem da língua como na forma e em sua dinâmica. Assim, para Moreno Fernández (2012), o aspecto se explica usando como base a cognição, em todas as manifestações:

desde la percepción a las actitudes y desde la construcción de la gramática a la formación de significados. Los mapas cognitivos de estos ámbitos – con sus espacios, caminos, bordes, nodos e hitos – son capaces de guiarnos por las rutas más adecuadas para una comprensión más clara, lógica y significativa del uso de la lengua en la sociedad¹⁷ (MORENO FERNÁNDEZ, 2012, p. 35).

Para Moreno Fernandez (2012), os princípios da sociolinguística cognitiva oferecem uma base essencialmente linguística para os estudos sobre aquisição de línguas, variação linguística e mudança linguística, variação estilística, dialetos, mecanismos de conversação, formas de tratamento, consequências do contato de línguas, entre outros temas, e projeções aplicadas em políticas multilíngues, ensino de idiomas, educação e integração social, comunicação intergrupar e comunicação profissional. De acordo com o autor, na sociolinguística cognitiva, a eleição de modelos e tendências de diferentes procedências teóricas vem acompanhada da introdução de conceitos essenciais procedentes de cada um deles, logo:

¹⁷ Tradução nossa: “desde a percepção às atitudes e desde a construção da gramática à formação de significados. Os mapas cognitivos dessas áreas – com seus espaços, caminhos, bordas, nós e marcas – são capazes de nos guiar através dos caminhos mais apropriados para uma compreensão mais clara, lógica e significativa do uso da linguagem na sociedade”.

Los conceptos de ‘uso’, ‘interacción’, ‘acomodación’, ‘variación’ y ‘frecuencia’ son ladrillos que permitirán la construcción de nuestro ‘edificio sociocognitivista’, así como los que directamente se derivan de ellos: ‘convergencia’, ‘divergencia’, ‘cambio lingüístico’, ‘contexto’, ‘rede’ y ‘discurso’¹⁸ (MORENO FERNÁNDEZ, 2012, p. 37).

Considerando esses conceitos fundamentais, vale destacar que atitudes linguísticas têm sido definidas a partir de duas linhas teóricas que divergem entre si de acordo com a definição que estabelecem para atitudes linguísticas, a saber: a mentalista, de natureza psicossociológica, e a comportamentalista. Segundo Moreno Fernández (1998, p. 182), na linha comportamentalista, as atitudes são interpretadas “como una conducta, como una reacción o respuesta a un estímulo, esto es, a una lengua, una situación o unas características sociolingüísticas determinadas”¹⁹. Para a abordagem mentalista, que sustenta as análises desenvolvidas nesta pesquisa, as atitudes são entendidas “como un estado interno del individuo, una disposición mental hacia unas condiciones o unos hechos sociolingüísticos concretos; en este sentido, la actitud sería una categoría intermediaria entre un estímulo y el comportamiento o la acción individual”²⁰ (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 182). Sendo assim, a proposta mentalista considera que a crença se refere aos saberes, aos conhecimentos factuais que se manifestam no componente cognoscitivo das atitudes.

As atitudes linguísticas e as relações que se estabelecem são mediadas por condições específicas, como as variáveis situacionais vivenciadas pelo falante. Um exemplo disso pode ser identificado na resposta dada pelo Informante 5H3 quando questionado sobre qual língua escolheria, entre guarani e PB, se tivesse que falar apenas uma. A resposta foi a seguinte:

Pergunta 32

Inf. 5H3

L842INQ: .. e se você tivesse que escolher em falar apenas a língua guarani ou o português qual língua você escolheria?

L844INF: O *guarani*

L845INQ: Em que situação? tem situação por exemplo que você vai ter que escolher o português não vai?

L847INF: *É*

¹⁸ Tradução nossa: “Os conceitos de ‘uso’, ‘interação’, ‘acomodação’, ‘variação’ e ‘frequência’ são tijolos que permitirão a construção de nosso ‘edificio sociocognitivo’, bem como aqueles que derivam diretamente deles: ‘convergência’, ‘divergência’, ‘mudança linguística’, ‘contexto’, ‘rede’ e ‘discurso’”.

¹⁹ Tradução nossa: “como uma conduta, como uma reação ou resposta a um estímulo, isto é, a uma língua, a uma situação ou algumas características sociolingüísticas determinadas”.

²⁰ Tradução nossa: “como um estado interno do indivíduo, disposição mental em relação a condições específicas ou fatos sociolingüísticos; neste sentido, a atitude seria uma categoria intermediária entre um estímulo e um comportamento ou ação individual”.

L848INQ: Quando você vai ter que escolher o português?

L849INF: *Em português alguma parte porque eu tenho que falar ... tenho obrigação de falar ... tenho que aprendê os dois ... na minha casa eu falo assim brincano ... os mai novo eu pergunto às vez o que é isso alguma coisa ... que eles não entende tudo, daí eu falo português e explico*

De início, 5H3 opta pelo guarani, mas, ao ser questionado sobre situações em que seria necessário utilizar o PB, a resposta revela indícios do componente conativo do Informante, ao revelar que ele tem “obrigação de falar” o PB por uma necessidade social para interação com o contexto fora da aldeia e a comunicação com os não-indígenas. Esse recorte mostra ainda que 5H3 fala PB com o filho, em situação de brincadeira, para ensinar o PB e exemplifica: “eles não entende tudo, daí eu falo português e explico”.

A atitude em relação a uma língua e o seu uso pode revelar atributos linguísticos de significados sociais, valores sentimentais e marcas culturais da identidade. Para Moreno Fernández (1998, p. 180), “la identidad es aquello que permite diferenciar un grupo de otro, una etnia de otra, un pueblo de outro”²¹. A identidade se relaciona com a língua porque uma comunidade de fala também se caracteriza pela variedade ou variedades linguísticas usadas em seu meio, conforme explica o autor:

Una variedad lingüística puede ser interpretata, por tanto, como un rasgo definidor de la identidad, de ahí que las actudes hacia los grupos con una identidad determinada sean em parte actudes hacia las variedades lingüísticas usadas em esos grupos y hacia los usuarios de tales variedades²² (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 180).

Os estudos de Hamel e Muñoz Cruz (1981), na região do Valle del Mezquital do México, mostram que a realidade linguística de grande população indígena otomí se caracteriza por uma situação de diglossia com bilinguismo parcial, em que há coexistência de duas línguas ou dialetos, como a língua otomí e o espanhol no estudo em referência. A dinâmica do processo de diglossia é concebida pelos autores como o desenvolvimento de duas tendências: como o transcurso de várias etapas, desde um bilinguismo relativamente estável em que predomina a língua minoritária como língua materna, até uma etapa final do bilinguismo, em que a língua minoritária perde seus usos na maioria das situações; e também o seu papel como língua de prestígio na socialização entre os falantes.

²¹ Tradução nossa: “a identidade é aquilo que permite diferenciar um grupo de outro, uma etnia de outra e um povo de outro”.

²² Tradução nossa: “Uma variedade linguística pode ser interpretada, portanto, como uma característica definidora da identidade, portanto, as ações em relação a grupos com uma identidade específica são em parte direcionadas para as variedades linguísticas usadas nesses grupos e para os usuários de tais variedades”.

O espanhol, ainda de acordo com os autores, ocupa o lugar de língua dominante e de comunicação nas cidades, assim como entre as comunidades indígenas e contexto fora das aldeias, ou seja, a “língua indígena, dominada, está restrita ao âmbito da comunicação familiar e espontânea no interior das comunidades e entre populações rurais, onde se vê cada vez mais ameaçada devido a expansão do espanhol” (HAMEL; MUÑOZ CRUZ, 1981, p. 128). A discussão realizada por Hamel e Muñoz Cruz (1981) revela que sessenta por cento da população do Valle del Mezquital é indígena; a maioria é bilíngue; trinta por cento é monolíngue otomíe e os não indígenas da cidade são monolíngues espanhol. Os autores revelam ainda que a dominação do espanhol na educação indígena dos alunos das comunidades estudadas promove o desenvolvimento de uma variante deficiente e subordinada da variedade do espanhol padrão nacional, o que contribui para uma situação desprestigiada e produz uma contradição entre os discursos públicos sobre educação bilíngue e os saberes dos falantes otomíes.

Verifica-se que os estudos de Hamel e Muñoz Cruz (1981) revelam resultados que estão de acordo com o que afirmam Moreno Fernández (1998) e Aguilera (2009), ou seja, que a variedade linguística é, portanto, um traço definidor da identidade de uma comunidade de fala. Sendo assim, a atitude de determinado grupo em relação a uma língua pode ser uma reação às variedades usadas pelos indivíduos desse grupo, uma vez que normas e marcas culturais dos falantes se transmitem ou se sedimentam por meio da língua, atualizada na fala de cada indivíduo. Considerando que as línguas têm um significado social, é natural que sejam apreciadas e avaliadas de acordo com o *status* ou as características sociais de seus falantes. Um exemplo disso pode ser identificado na resposta dada pela Informante 1M2 quando questionada sobre qual língua escolheria, entre guarani e PB, se tivesse que falar apenas uma. A resposta foi a seguinte:

Pergunta 32

Inf. 1M2

L405INF: *Guarani*

L406INQ: Por quê?

L407INF: *Porque eu como é que eu vou falá... eu sou índia, tenho que falá guarani ... mais guarani*

A Informante 1M2 também reage afetivamente em relação ao guarani e aciona o componente conativo para justificar sua escolha ao dizer “*eu sou índia, tenho que falá Guarani*”, o que denota a relação de língua com identidade étnica.

Embora a determinação específica de uma atitude em relação à língua de um falante ou grupo social não seja tarefa fácil, há vários estudos que revelam resultados indicadores de que as línguas são objetivamente comparáveis e, a princípio, o que provoca diferenças de atitude são os usos das línguas e as características dos falantes. Moreno Fernández (1998) afirma que as atitudes de valorização ou de rejeição às variedades de língua em uso são reguladas pelos grupos sociais de maior prestígio social, ou os mais altos na escala socioeconômica. Tal situação confirma o resultado de estudos anteriores, realizados por Lambert e Lambert (1966), Labov (2008), entre outros. São fatores como esses que ditam qual variante da língua tem maior prestígio e *status*.

Um exemplo pode ser ilustrado com o recorte da entrevista realizada com o Informante 5H3, em uma pergunta sobre a aquisição do PB:

Pergunta 12a

Inf. 5H3

L332INQ: ...e o português com quem você aprendeu a falar?

L333INF: *com meu patrão*

L334INQ: quem era o seu patrão?

L335INF: *um português né*

L336INQ: vivia aonde?

L337INF: *eu vivia lá na Foz do Iguaçu*

L338INQ: ah em Foz do Iguaçu

L339INF: *no tempo do hortelã que eu trabalhava muito com ele*

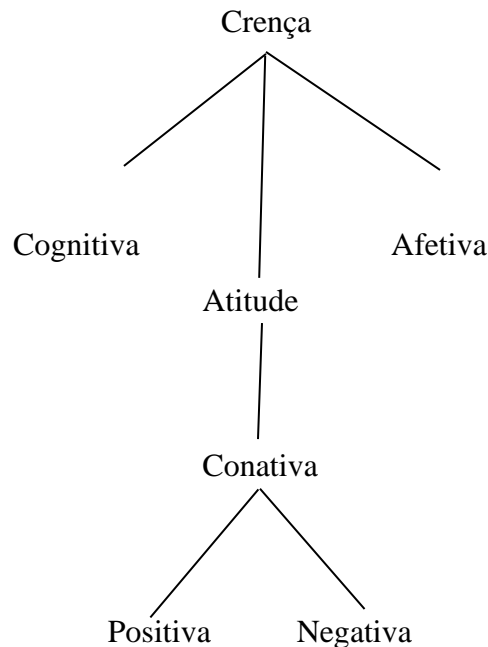
O Informante manifesta o componente cognoscitivo para explicar o contexto em que aprendeu o PB, ou seja, a partir do contato com o “patrão” na época em que ele vivia em Foz do Iguaçu. Essa situação de subordinação ao patrão e ao PB, variedade linguística prestigiada e língua dominante na comunicação oral, demarca que a necessidade de comunicação com o patrão no trabalho contribuiu para que o Informante aprendesse o PB.

Ressalta-se que López Morales (1993) separa da atitude o conceito de crença, que são produzidas a partir da consciência linguística, cuja abordagem não é considerada neste estudo de tese. Para o autor, “las actitudes sólo poden ser positivas, de aceptación, o negativas, de rechazo; y una actitud neutra es imposible de imaginar (pensando en su naturaleza conativa): se trata más bien de ausencia de actitud”²³ (LÓPEZ MORALES, 1993, p. 234-235). O autor entende que, embora nem todas as crenças produzam atitudes, a maioria das pessoas assume uma posição na qual a consciência linguística participa ativamente.

²³ Tradução nossa: “as atitudes só podem ser positivas, de aceitação, ou negativas, de rejeição; uma atitude neutra é impossível de imaginar (pensando em sua natureza conativa): é antes a ausência de uma atitude”.

López Morales (1993) representa a relação entre crença e atitude, como ilustrado na Figura 12:

Figura 12 – Relação entre Crenças e Atitudes



Fonte: López Morales (1998, p. 235)

Para López Morales (1993), as atitudes se manifestam de formas muito diversas, que podem ser positivas ou negativas, em diferentes realidades sociolinguísticas. Entende-se que a análise das atitudes linguísticas é complexa e variada, que elas podem contribuir para a valorização de uma língua e/ou fomentar a discriminação linguística. Além disso, uma atitude poderá ser diferenciada entre os falantes de uma língua valorizada e uma língua estigmatizada. Segundo López Morales (1993), compreender os fatores que contribuem para o fenômeno de prestígio ou estigma de uma língua pode apontar os caminhos para fortalecer a consciência linguística de uma comunidade, desmitificando crenças e atitudes que podem ser transmitidas por várias gerações. Vale ressaltar que a concepção de López Morales é comportamentalista, e, para o estudo desta tese, será utilizada a teoria mentalista dos estudos de Moreno Fernández.

A partir da compreensão do fenômeno linguístico em contexto bilíngue, como o da Aldeia *Tekoha Añetete*, surge o desafio de identificar as necessidades específicas desta comunidade de fala que possam contribuir para a definição de direitos linguísticos e as possibilidades de sua implantação em política e planificação linguística.

A manifestação dos componentes cognoscitivo, afetivo e conativo na fala dos Informantes servem de índice para a verificação das atitudes linguísticas da comunidade de fala

observada, uma vez que coexistem relações de identidade que constituem os sujeitos como distintos uns dos outros. Sendo assim, a valoração da língua guarani pelos falantes bilíngues da aldeia indígena *Tekoha Añetete* pode revelar um significado social importante, indicar traços identitários de prestígio e consciência linguística, bem como o conflito entre línguas.

2.3 O PROJETO CAL E O PLURILINGUISMO NA REGIÃO OESTE DO PARANÁ

Aguilera coordenou, no período de 2008 a 2012, o Projeto *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas em contato*, com o objetivo de fomentar a integração de grupos de pesquisa voltados para as questões de descrição e análise linguísticas do Português falado no Paraná. O Projeto CAL teve como objetivo produzir um *corpus* sobre crenças e atitudes linguísticas em oito cidades paranaenses. Dessas cidades, seis estão localizadas na região de fronteira com a Argentina e/ou Paraguai, sendo elas: Santo Antônio do Sudoeste, Pranchita, Capanema, Foz do Iguaçu, Marechal Cândido Rondon e Guaíra; e duas estão localizadas no interior do Estado: Ponta Grossa e Irati. A proposta foi desenvolvida em conjunto com docentes da UNIOESTE, UEL, UEPG e UEM, com os seguintes objetivos: (i) compor um banco de dados orais, compartilhado, relativos à consciência, crença e atitudes linguísticas; (ii) descrever a crença e as atitudes linguísticas de falantes brasileiros naturais de comunidades fronteiriças e de imigração em relação à língua materna, à segunda língua e/ou à língua de contato; (iii) analisar dados sobre manifestações linguísticas indicativas da cultura da região de fronteira e de contato.

Segundo Aguilera (2019, p. 41), os questionários foram aplicados a seis informantes em cada um dos três grupos etários: I - de 18 e 30 anos, II - de 31 a 50 anos, III - de 51 a 71 anos; com Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior. Quanto ao sexo, foram nove homens e nove mulheres. Os inquéritos foram aplicados e transcritos pela equipe do Projeto CAL. Mais tarde, proporcionou estudos voltados à discussão de crenças e atitudes linguísticas e o *corpus* pesquisado serviu como fonte de dados para dissertações e teses, como os estudos desenvolvidos por Silva-Poreli (2010), Pastorelli (2011), Santana (2012, 2016), Corbari (2013), Fenner (2013), apresentados no Quadro 2, a seguir:

Quadro 2 – Dissertações e teses de 2010-2016 Projeto CAL

ANO (Tese ou Dissertação)	TÍTULO	AUTOR	ORIENTADOR	UNIVERSIDADE
2010 Dissertação	<i>Crenças e atitudes Linguísticas na cidade de Pranchita-Pr: um estudo das relações do português com línguas em contato</i>	Greize Alves da Silva-Poreli	Dra. Vanderci de Andrade Aguilera	Universidade Estadual de Londrina (UEL) Mestrado em Estudos da Linguagem
2011 Dissertação	<i>Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Capanema: um estudo da relação do português com línguas em contato</i>	Daniele Silva Pastorelli	Dra. Vanderci de Andrade Aguilera	Universidade Estadual de Londrina (UEL) Mestrado em Estudos da Linguagem
2012 Dissertação	<i>Crenças e atitudes de falantes de Foz do Iguaçu</i>	Vanessa Raini de Santana	Dra. Aparecida Feola Sella	Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) Mestrado em Letras
2013 Tese	<i>Crenças e atitudes linguísticas: um estudo comparativo de línguas em contato em duas comunidades do Oeste paranaense</i>	Any Lamb Fenner	Dra. Jacira de Andrade Mota Co-orientadora: Dra. Vanderci de Andrade Aguilera	Universidade Federal da Bahia (UFBA) Doutorado em Língua e Cultura
2013 Tese	<i>Atitudes linguísticas: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste</i>	Clarice Cristina Corbari	Dra. Jacira de Andrade Mota	Universidade Federal da Bahia (UFBA) Doutorado em Língua e Cultura
2016 Tese	<i>O papel dos operadores argumentativos na demarcação de crenças e atitudes em Foz do Iguaçu</i>	Vanessa Raini de Santana	Dra. Aparecida Feola Sella	Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) Doutorado em Letras

Fonte: elaborado pela pesquisadora (2018)

Aguilera (2019, p. 43) afirma que o material coletado no Projeto CAL resultou também em artigos e comunicações em eventos científicos, como o de Busse e Sella (2012) e o de Aguilera, Sella e Corbari (2016) e, em andamento, encontram-se as pesquisas de Solange Goretta Moreira Pizzato, sobre avaliações dos informantes de Capanema com relação ao falar espanhol (dissertação) e de Anelí Divina Fungueto, sobre as avaliações positivas e negativas com relação à cultura de fronteira em Guaíra (tese).

Em 2010, Greize Alves da Silva-Poreli defendeu a dissertação *Crenças e atitudes Linguísticas na cidade de Pranchita-Pr: um estudo das relações do português com línguas em contato*. O estudo analisou as crenças e atitudes linguísticas dos falantes da cidade de Pranchita-PR. Foram coletados, por meio de entrevista, dados sobre crenças e atitudes a respeito da língua portuguesa e das variedades linguísticas e étnicas presentes na localidade, tais como alemães, italianos, poloneses e espanhóis. Foram analisadas, inclusive, as atitudes dos moradores locais em relação ao país fronteiriço, Argentina, no que se refere à língua espanhola. Os resultados da pesquisa revelaram que não existe, naquela localidade, comportamento estritamente negativo em relação aos diferentes falares na cidade de Pranchita. A autora identificou, por outro lado, algumas atitudes positivas na localidade: apreço à língua dos ancestrais, o que revela desejo de pertencimento relacionado à etnia, isso sem rejeitar a língua e a cultura brasileira; atitudes muito positivas em relação ao país vizinho, Argentina, e ao seu idioma; crenças positivas quanto à língua portuguesa falada no Brasil, tida como a mais bonita dentre todas as citadas pelos informantes (italiano, alemão, espanhol, polonês). Foram verificadas, em Pranchita, crenças negativas relacionadas ao idioma alemão, pois os informantes relatam dificuldades em interagir com os alemães, uma vez que são reservados e a língua alemã é de difícil compreensão.

No ano de 2011, Daniele Silva Pastorelli defendeu a dissertação de mestrado *Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Capanema: um estudo da relação do português com línguas em contato*. A pesquisa teve como objeto de investigação a fala dos moradores de Capanema – que fica no Oeste do Paraná e faz divisa com a cidade de Andresito, na Argentina – com o objetivo de verificar se os sujeitos da pesquisa viam positiva ou negativamente as várias línguas e variedades com as quais convivem em seu cotidiano. A pesquisa revelou que a maior parte dos capanemenses apresenta uma atitude positiva em relação aos argentinos. No caso dos paraguaios, uma quantidade significativa de informantes demonstrou atitudes negativas quanto à sua língua e com relação às pessoas. As justificativas revelam, desde a diferença de cultura, a origem indígena, a baixa tecnologia e escolaridade, bem como a questão linguística – o uso do guarani, do jopará. Em relação aos descendentes de alemães, a pesquisa revela atitudes positivas, apesar de serem vistos pelos moradores de Capanema como um povo introvertido, que não demonstra as emoções, mas que é responsável em tudo que faz. O idioma alemão, contudo, foi considerado como difícil e esquisito. Os italianos, devido à crença de que sua cultura e língua são próximas da existente no Brasil, foram vistos de maneira positiva e avaliados pelos capanemenses como alegres e espontâneos.

Em 2013, Any Lamb Fenner defendeu a tese *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo comparativo de línguas em contato em duas comunidades do Oeste paranaense*. O estudo

investigou as crenças e atitudes linguísticas de informantes de duas comunidades, localizadas no Oeste do Paraná: Guaíra e Marechal Cândido Rondon, região que apresenta histórico de povoamento de imigração e proximidade da fronteira com a Argentina e Paraguai, o que resulta em um cenário multicultural e multilíngue peculiar, de modo que o estudo das crenças e atitudes linguísticas pode retratar como se constitui um contexto de línguas em contato. O *corpus* analisado advém de questionário dirigido a dezoito informantes de cada localidade, selecionados a partir das variáveis: nível de escolaridade, faixa etária e sexo. A pesquisadora investigou a existência de preconceito ou estigmatização em relação à língua de herança dos diferentes grupos étnicos, assim como em relação aos próprios usuários. A partir da hipótese de que, em Marechal Cândido Rondon, haveria prestígio do dialeto dos descendentes de alemães, sentimento que não ocorreria em Guaíra, cidade com população mais heterogênea, formada por culturas diversas e marcada pelas relações de fronteira, a pesquisa investigou se as crenças e atitudes linguísticas se mostravam diferentes entre as duas comunidades. Após análise dos dados, a autora observou a presença de traços linguísticos típicos da fala do colonizador alemão (prestígio encoberto), em Marechal Cândido Rondon. Já em Guaíra, Fenner (2013) constatou a aceitação relativa à maioria dos grupos étnicos, especialmente os descendentes de japoneses. Outra característica aparente, de acordo com a autora, foi a interação com falantes de Espanhol e de Guarani e o predomínio do uso do portunhol, uma variedade linguística de fronteira que estabelece comunicação mais compreensível entre falantes de Português e de Espanhol.

É também de 2013 a tese intitulada *Atitudes linguísticas: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste*, defendida por Clarice Cristina Corbari, em que a autora investigou as atitudes linguísticas manifestas por falantes de duas localidades paranaenses: Santo Antônio do Sudoeste, situada na região Sudoeste, na fronteira com a Argentina, e Irati, localizada na região Sudeste. As duas localidades se constituem de cenários sociolinguísticos complexos graças a seus contextos de fronteira e/ou imigração. Devido às realidades sócio-históricas dos contextos, a pesquisa investigou a possibilidade de as línguas em contato gerarem atitudes linguísticas diferenciadas nas duas comunidades. Os dados foram gerados por meio de entrevistas com dezoito informantes em cada localidade, selecionados de acordo com as variáveis: faixa etária, nível de escolaridade e sexo. Após análise dos dados, a autora apontou resultados que indicam atitudes positivas dos informantes em relação às línguas e aos seus falantes em ambas as comunidades. Contudo, uma parcela pequena dos informantes apresentou manifestações de preconceitos fundadas em visões estereotipadas, culturalmente construídas, ou mediadas por questões de identidade.

Em 2012, Vanessa Raini de Santana defendeu a dissertação intitulada *Crenças e atitudes de falantes de Foz do Iguaçu* e, em 2016, a tese *O papel dos operadores argumentativos na demarcação de crenças e atitudes em Foz do Iguaçu*. Na pesquisa desenvolvida durante o período do mestrado, Santana (2012) buscou identificar quais eram e como se constituíam crenças e atitudes linguísticas de informantes inquiridos na cidade de Foz do Iguaçu. Alguns aspectos relevantes foram identificados, como a recorrência de uma visão negativa com relação ao paraguaio e positiva para o argentino, bem como a atribuição de dificuldade no entendimento de línguas, como o árabe e o chinês por causa da diferença no sistema linguístico. Diante dos dados obtidos, Santana (2016) desenvolveu os estudos da tese com o objetivo de verificar mais especificamente os processos linguísticos que introduziam as crenças e atitudes dos informantes. A autora traçou como objetivo a identificação de elementos linguísticos demarcadores de argumentação para a análise de quais movimentos eles operam diante da inserção de argumentos favoráveis ou contrários a determinado falante ou língua. A análise foi realizada a partir de recortes em que os elementos “já”, “até” e “então” foram utilizados para demarcar crenças e atitudes. Entre os resultados do estudo, Santana (2016) destaca apenas o uso de “já” como demarcador de comparação, que foi utilizado com maior frequência na fala de homens pertencentes à segunda e terceira faixa etária. A pesquisa também demonstrou um conhecimento dos informantes com relação a línguas, falantes e culturas distintas e a experiência que informantes do sexo masculino e com idade mais avançada têm com relação ao outro.

Além dos trabalhos do Projeto CAL, outro estudo sociolinguístico na região Oeste do Paraná foi concluído em 2013, por Marlene Neri Sabadin, com a tese *Crenças e atitudes Linguísticas: aspectos da realidade na Tríplice Fronteira*, que investigou as crenças e atitudes linguísticas em três municípios fronteiriços: Foz do Iguaçu (Brasil), Puerto Iguazú (Argentina) e Ciudad del Este (Paraguai), região de peculiar complexidade sociolinguística marcada pelo espaço multiétnico da Tríplice Fronteira, onde se fazem presentes núcleos de imigração de alemães, poloneses, italianos, ucranianos, libaneses, árabes, argentinos, paraguaios, chineses e coreanos, entre outros. Foram realizadas entrevistas com vinte e quatro informantes moradores há mais de vinte anos em cada uma das comunidades, distribuídos quanto ao grau de escolaridade (universitários e não universitários). Como espaço de contato de línguas, a autora analisou as crenças e atitudes linguísticas dos falantes, os usos linguísticos na fronteira e o espaço plurilíngue, compartilhado por práticas resultantes de seu cruzamento. Os resultados da pesquisa comprovam a manutenção de intercâmbio entre as comunidades estudadas e que existe uma situação de diglossia presenciada na Tríplice Fronteira entre as três cidades que falam

Português e Espanhol e, em decorrência da interferência de uma língua sobre a outra, gerou-se na localidade uma interlíngua conhecida por portunhol. Segundo a autora, os movimentos históricos e as interinfluências das línguas em contato provocam a receptividade e a absorção de traços linguísticos que são vistos como necessários para o progresso intelectual. As atitudes linguísticas dos informantes denotam que não há a crença de proteção linguística com medo de descaracterizar a sua forma; pelo contrário, há absorção da língua do outro por parte das duas comunidades.

2.4 AS LÍNGUAS INDÍGENAS E O GUARANI NO BRASIL

A língua indígena é um elemento cultural importante para a identidade do grupo étnico, ao lado de outros elementos culturais, como a relação com a terra, a ancestralidade cosmológica, as tradições culturais, os rituais e as cerimônias. O Brasil, desde o período colonialista, tem se negado a aceitar as línguas dos povos indígenas como legítimas. Sabe-se que não existem línguas inferiores, mas as que são oprimidas, como foram e ainda são as línguas indígenas brasileiras.

Carvalho (2013) estima que cerca de 1.300 línguas eram faladas no Brasil há 500 anos. Atualmente, são pouco mais de 270, incluindo 180 línguas de culturas diferentes e 82 línguas de grupos indígenas isolados, ou seja, que não estão em contato com a sociedade nacional e ainda não puderam ser reconhecidas. Um estudo do Ministério da Educação, coordenado por Luciano (2006, p. 43), aponta que “222 povos étnica e socioculturalmente diferenciados falam 180 línguas distintas no Brasil” e 37 povos não falam nenhuma língua indígena, ou seja, só falam o português (LUCIANO, 2006). Outro dado do estudo no Brasil aponta que 16,6% das línguas indígenas faladas no território brasileiro também são faladas nos países vizinhos.

Os resultados do Censo (IBGE, 2010) mostram que 274 línguas indígenas são faladas por indivíduos pertencentes a 305 etnias diferentes, que, segundo o IBGE, ultrapassam as estimativas da Fundação Nacional do Índio (Funai). O Censo 2010 aponta que um total de 37,4% dos indígenas de 5 anos ou mais falam no domicílio uma língua indígena e um percentual de 17,5 não fala o Português. O percentual que fala a língua indígena no domicílio é de 57,3 entre os indivíduos que vivem dentro das terras indígenas, e 28,4 é o percentual daqueles que não falam português. De acordo com o IBGE (2010, p. 10), “essa característica confirma o importante papel desempenhado pelas Terras Indígenas no tocante às possibilidades de permanência das características sócio-culturais e estilos de vida dos indígenas”.

Segundo Carvalho (2013, p. 91), “em termos linguísticos os Guarani fazem parte do tronco linguístico *Tupi*, da Família Linguística *Tupi-Guarani*, da Língua Guarani, apresentando no Brasil os três dialetos: Kaiowá, Nhandeva e Mbyá”. A língua guarani abarca um conjunto de povos falantes desse idioma na América do Sul. Melià (2010) define a língua guarani como uma grande metáfora cultural e histórica de um conjunto de povos que se encontram nas bacias subtropicais dos rios Paraná e Uruguai, na América do Sul. Atualmente, o povo Guarani está distribuído pela Bolívia, Paraguai, Uruguai, Brasil e Argentina e o seu idioma, em suas diversas variedades, é único e falado por todos esses grupos nesses países. Por essa razão, a língua guarani pode ser considerada, de acordo com Carvalho (2013), como língua histórica do Mercosul.

Com relação à língua guarani, D’Angelis (2015) afirma, em publicação no site Enciclopédia das línguas no Brasil, que o guarani é uma língua que é escrita desde o século XVI, sendo que o guarani dos jesuítas operou como língua geral em uma significativa parcela dos domínios espanhóis até o século XVIII, incluindo parte do Sul do Brasil. Os primeiros estudos da língua guarani são as obras do missionário jesuíta Antonio Ruiz de Montoya: *Tesoro de la lengua Guaraní (Madrid, 1639)* e *Arte, y Vocabulario de la lengua guarani (Madrid, 1640)*.

De acordo com Rodrigues (1996), o Tupinambá e o Guarani Antigo foram as duas línguas mais importantes faladas na costa do Brasil à época do descobrimento e emprestaram seus nomes para o que na atualidade denomina um grupo “de cerca de trinta línguas que apresentam grande número de correspondências sistemáticas em seus sons, em suas gramáticas e em seus vocabulários” (RODRIGUES, 1996, p. 32), a que se convencionou chamar Família Tupí-Guaraní (FTG). Ainda segundo Rodrigues (1996), com o objetivo de evangelizar os índios, os padres jesuítas começaram a traduzir e estudar o Tupinambá e o Guarani Antigo desde a primeira metade do século XVI, mas os textos escritos nessas línguas só foram publicados meio século depois, aproximadamente. A mais antiga gramática do Tupinambá é de José de Anchieta, intitulada a *Arte de gramática da Língua mais usada na costa do Brasil* (1595), seguida de a *Arte da Lingva Brasílica* (1621), de Luís Figueira. As descrições do Guarani datam do início do século XVII, em *Arte de la Lengua Guaraní* (1640), de Antonio Ruiz de Montoya, e *Breve Introducci3n para aprender la Lengua Guaraní* (1625), de Alonso de Aragona.

Para D’Angelis (2015), o fim das reduções jesuíticas a partir da metade do século XVIII gerou diversos movimentos migratórios e contribuiu para “as diferenças lingüísticas e culturais [que] permitem distinguir, entre os Guarani atuais, pelo menos quatro grandes grupos e dialetos: os Nhandeva os Mbyá e os Kaiowá, presentes no território brasileiro, e os Chiriguano, presentes

na Bolívia”. D’Angelis (2015) afirma que, embora haja semelhanças estruturais entre esses dialetos, o guarani é uma língua com riquíssima fonologia e morfologia. O autor explica:

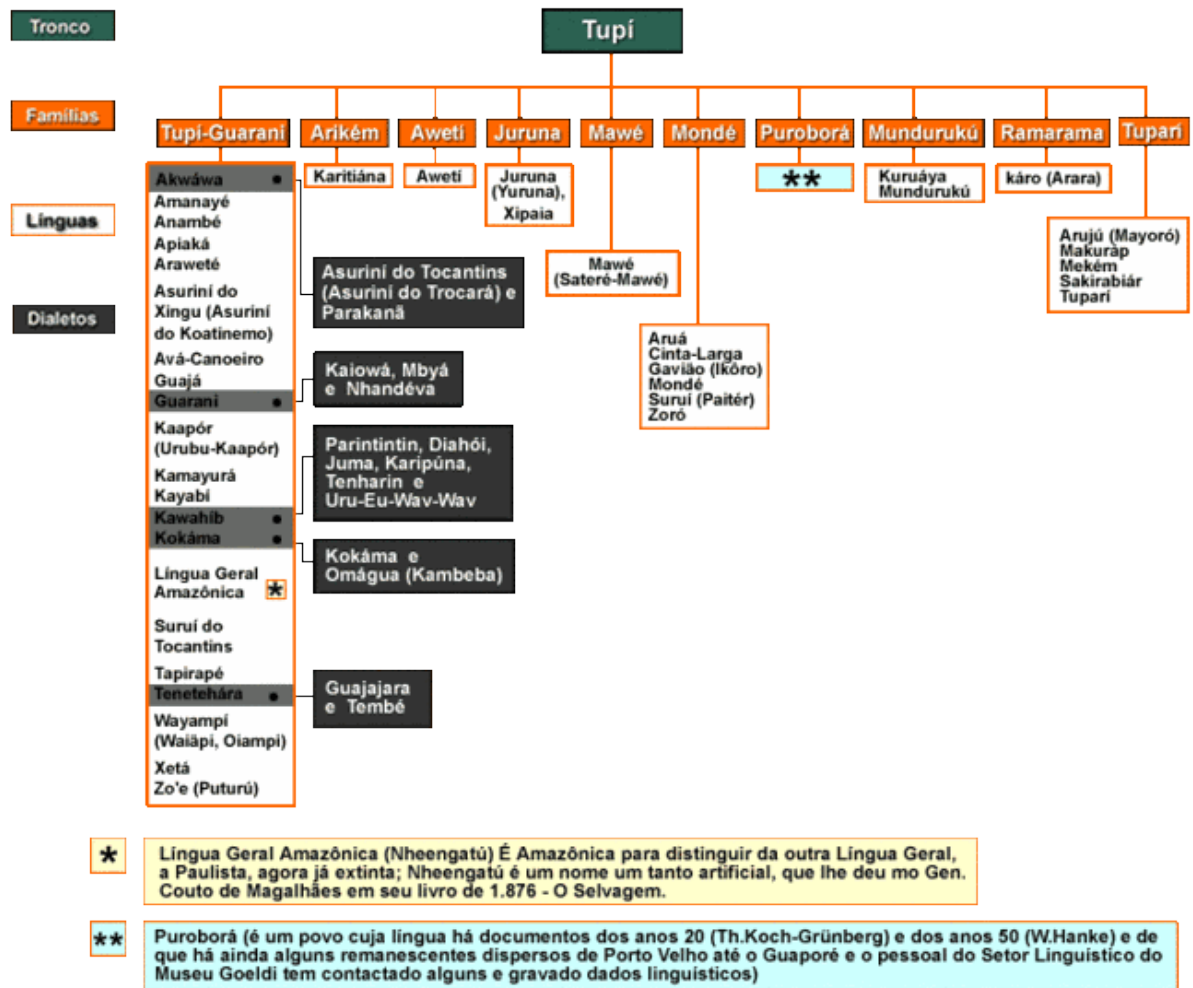
é uma língua de ricos processos fonológicos, particularmente os relacionados à nasalização e harmonia nasal, que já chamaram a atenção de muitos pesquisadores das teorias fonológicas (por exemplo, Rivas 1974; Kiparsky 1985; Piggott 1992). Ao mesmo tempo, possui riquíssima morfologia, operando com marcas flexionais prefixais, além de um conjunto de prefixos e sufixos, quer com funções semânticas, quer com funções sintáticas, podendo classificar-se como língua polissintética. Por um dos critérios da tipologia de Sapir ([1921] 1954), pode-se defini-la como aglutinativo-fusionante. Por ser uma língua que marca o sujeito no verbo, pela flexão, além de marcar também o objeto direto, o Guarani é uma língua de ordem razoavelmente livre, mas observa-se preferência, em vários dialetos, pela ordem SOV (Sujeito + Objeto + Verbo), sobretudo em construções que podem comportar ambiguidade (D’ANGELIS, 2015, p. 1).

As línguas indígenas no Brasil estão agrupadas em dois grandes troncos – Tupi e Macro Jê – e 19 famílias linguísticas que não apresentam graus de semelhanças suficientes para serem agrupadas em troncos. O conceito de família linguística é assim definido por Rodrigues (1986):

As línguas do mundo são classificadas em famílias segundo o critério genético. De acordo com esse critério, uma família linguística é um grupo de línguas para as quais se formula a hipótese de que têm uma origem comum, no sentido de que todas as línguas da família são manifestações diversas, alteradas no correr do tempo, de uma só língua anterior. As línguas românicas ou neolatinas – português, espanhol, catalão, francês, romanche, italiano, romeno – constituem uma família, cujos membros derivam de uma língua ancestral bem conhecida historicamente – o latim. Para a maioria das famílias linguísticas, porém, as línguas ancestrais são pré-históricas, não se tendo delas nenhuma documentação. O conhecimento dessas línguas (ou de, pelo menos, certas características delas) é obtido mediante estudos histórico-comparativos que, partindo da descoberta de correspondências regulares (de sons, de palavras, de formas gramaticais) entre duas ou mais línguas, formulam hipóteses sobre as propriedades que devia ter uma língua ancestral para permitir (e explicar) a derivação diferenciada das línguas atuais (RODRIGUES, 1986, p. 29).

Em termos linguísticos, o guarani faz parte do tronco *Tupi*, da Família Linguística *Tupi-Guarani*, da língua guarani, apresentando no Brasil os três dialetos: Kaiowá, Nhandeva e Mbyá, conforme apresenta-se na Figura 13:

Figura 13 – Famílias do Tronco Tupi



Fonte: Instituto Sociambiental (2018)

A família *Tupi-Guarani* forma um grupo com outras línguas mais distantes na sua diferenciação histórica, mas que apresentam correspondências regulares de sons, de palavras e de formas gramaticais. De acordo com Dietrich (2010), a classificação das línguas da família *Tupi-Guarani* está organizada nos seguintes grupos: Guarani Meridional, Guarani da região Guaporé-Mamoré-Paraguai-Paraná, Tupi da Costa Brasileira, Asurini-Tenetehara-Tapirapé, Xingu-Tocantins-Gurupi, Norte de Mato Grosso e Rondônia, Alto Xingu, Amazônia Setentrional.

Os três dialetos (Nhandeva, Mbyá e Kaiowá) da língua guarani no Brasil fazem parte do Grupo Guarani Meridional, que apresentam as seguintes denominações e número de falantes no Brasil, Paraguai e Argentina:

Avá-guarani ou **Nhandeva**, e dialeto **Apapocuva** (no Paraguai, nos Departamentos de Alto Paraná, Caaguazú, San Pedro, Canindeyú, Amambay,

Crenças e Atitudes Linguísticas	50	44	56	52	202	22	23	20	16	81
Línguas Indígenas	18	14	12	11	51	11	03	03	01	18
Língua guarani	02	01	04	0	07	02	02	02	01	07

Fonte: Banco de Teses e Dissertações da CAPES (2018)

Aparentemente, o número de trabalhos é significativo sobre o tema crenças e atitudes linguísticas na área de conhecimento de Letras/Linguística, mas, ao analisar os títulos das teses e dissertações, constatou-se que a maioria dos trabalhos no campo da sociolinguística variacionista referem-se ao estudo do PB em contato com línguas de imigrantes, tais como o italiano, o alemão, o ucraniano, entre outras, ou com línguas de fronteira, como o espanhol do Uruguai, da Argentina e da Bolívia. Um exemplo são as dissertações e teses desenvolvidas a partir do Projeto CAL, que faz parte da seção 2.3 desta tese. O estudo das atitudes linguísticas também apontou um número relevante de trabalhos no campo da sociolinguística educacional e linguística aplicada.

A pesquisa na Plataforma Sucupira, do banco de teses e dissertações da CAPES, sobre a temática “*línguas indígenas*” revelou que a maioria dos trabalhos (51 dissertações e 18 teses) referem-se ao estudo da língua com relação a algum aspecto da fonologia, semântica e/ou de sintaxe. O mesmo fenômeno ocorreu com os catorze trabalhos (7 dissertações e 7 teses) relacionados com a língua guarani, realizados em programas de pós-graduação na área de conhecimento de Letras e/ou Linguística, conforme observa-se no Quadro 4:

Quadro 4 – Total de dissertações e teses de 2015 a 2018 sobre a língua guarani

ANO (Tese ou Dissertação)	TÍTULO	AUTOR(A)	ORIENTADOR(A)	UNIVERSIDADE
2018 Tese	<i>Efeitos Sintáticos da Reestruturação de Flexão em Achê — Um Estudo de Mudança Linguística e Fenômenos de Contato no Subgrupo-1 da Família Tupí-Guaraní</i>	Eva Maria Roessler	Dra. Maria Filomena Spatti Sandalo	Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) Doutorado em Linguística
2017 Tese	<i>Multilinguismo e preconceito na fronteira Porã: um estudo sobre</i>	Ana Helena Rufo Fiamengui	Dr. Roberto Gomes Camacho	Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho

	<i>atitudes e crenças linguísticas</i>			(UNESP – São José do Rio Preto) Doutorado em Estudos Linguísticos
2017 Tese	<i>"Se nós não fosse guerreiro, nós não existia mais aqui": ensino-aprendizagem de línguas para fortalecimento da luta Guarani, Kaingang e Laklãnõ-Xokleng"</i>	Carlos Maroto Guerola	Dra. Maria Inêz Probst Lucena	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Doutorado em Linguística
2016 Tese	<i>Aspectos sintáticos e semânticos da intensificação de grau no Guarani Paraguaio</i>	Lara Frutos Gonzalez	Dra. Ana Lucia de Paula Müller	Universidade de São Paulo (USP) Doutorado em Linguística
2016 Tese	<i>Entre a tradição e a tradução: representações sobre identidades e línguas da fronteira Brasil/Paraguai</i>	Eli Gomes Castanho	Dra. Terezinha de Jesus Machado Maher	Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) Doutorado em Linguística Aplicada
2015 Tese	<i>Um estudo das etnias Guarani Kaiowá e Guarani Nandeva a partir de suas impressões sobre as línguas e de um recorte do léxico em uso</i>	Marilze Tavares	Dr. Ludoviko C. dos Santos	Universidade Federal de Grande Dourados (UFGD) Doutorado em Estudos da Linguagem
2015 Tese	<i>Guarani como língua oficial e a promoção de um bilinguismo imaginário no Paraguai</i>	Joyce Palha Colaca	Dra. Bethania Sampaio Corrêa Mariani	Universidade Federal Fluminense (UFF) Doutorado em Estudos da Linguagem
2017 Dissertação	<i>Aspectos morfossintáticos de estruturas causativas em Guarani (Mbyá)</i>	Anne Karinine Guimaraes do Nascimento	Dra. Marília Lopes da Costa Facó Soares	Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Mestrado em Linguística
2017 Dissertação	<i>Manutenção, preservação e perda do bilinguismo: português /guarani/kaingang na Terra Indígena</i>	Celina Eliane Frizzo	Dr. Marcelo Jacó Krug	Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)

	<i>Guarita-RS</i>			Mestrado em Estudos Linguísticos
2017 Dissertação	<i>Nomes e predicados nominais em kaiowá</i>	Lívia Ribeiro Viegas	Dr. Andérbio Márcio Silva Martins	Universidade Federal do Grande Dourados (UFGD) Mestrado em Letras
2017 Dissertação	<i>Verbos em kaiowá: uma descrição morfológica</i>	Blanca Flor Demenjour Munoz Mejia	Dr. Andérbio Márcio Silva Martins	Universidade Federal do Grande Dourados (UFGD) Mestrado em Letras
2016 Dissertação	<i>Guaranet: experiências de contato e compreensão em guarani, português, espanhol e francês</i>	Fernanda Martins Felix	Dra Lúcia Peixoto Cherem	Universidade Federal do Paraná (UFPR) Mestrado em Letras
2015 Dissertação	<i>A cisão intransitiva em línguas da família Tupi-Guarani</i>	Ana Cristina Rodrigues de Mattos	Dra. Marina Maria Silva Magalhães Co-orientador: Dr. Francesc Queixalós	Universidade de Brasília (UNB) Mestrado em Linguística
2015 Dissertação	<i>Um estudo do sândi externo: o contato entre o Português do Brasil e o Mbyá Guarani</i>	Kate Barbara de Mendonça	Dra. Marília Lopes da Costa Facó Soares	Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Mestrado em Linguística

Fonte: Banco de Teses e Dissertações da CAPES (2018)

Em 2018, Eva Maria Roessler defendeu a tese *Efeitos Sintáticos da Reestruturação de Morfologia de Flexão em Achê: Um Estudo de Mudança Linguística e Fenômenos de Contato no Subgrupo-1 da Família Tupi-Guarani*. Essa tese apresenta um estudo comparativo sobre a natureza da mudança gramatical induzida por contato na interface da morfologia e sintaxe no achê. A língua achê é considerada há tempos uma variedade de contato dentro da família Tupi-Guarani. Utilizando uma abordagem formal e comparativa de morfossintaxe, Roessler (2018) examina aspectos de erosão flexional e associadas reestruturações na sintaxe do achê quando comparada com variedades contemporâneas das línguas guarani.

Ana Helena Rufo Fiamengui apresentou, em 2017, os resultados da tese *Multilinguismo e preconceito na fronteira Porã: um estudo sobre atitudes e crenças linguísticas* na Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho (UNESP – São José do Rio Preto), que teve como intuito discutir e analisar as atitudes e as crenças dos alunos em relação às línguas

oficiais na fronteira Porã, especificamente entre as cidades de Ponta Porã, sul de Mato Grosso do Sul, Brasil, e Pedro Juan Caballero, capital do Departamento de Amambay, Paraguai. Uma das perguntas do estudo foi verificar a correlação entre o preconceito linguístico mencionado por professores e pais de alunos e as crenças dos alunos que estudam em escolas brasileiras e paraguaias. O resultado revelou, tanto por meio do teste de atitudes, quanto pelas reflexões suscitadas pelo teste de crenças, a existência de preconceito linguístico em relação ao guarani, arraigado não só no fazer escolar, mas também nos próprios lares e na sociedade como um todo. Por outro lado, ficou claramente demonstrada a atribuição de prestígio ao português e ao espanhol, com dominância da primeira sobre a segunda.

“Se nós não fosse guerreiro, nós não existia mais aqui”: ensino-aprendizagem de línguas para fortalecimento da luta Guarani, Kaingang e Laklãnō-Xokleng foi o título da tese defendida em 2017 por Carlos Maroto Guerola na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A pesquisa foi desenvolvida dentro da área de estudos da Linguística Aplicada a partir da metodologia de pesquisa etnográfica, no âmbito do programa de formação continuada de professores indígenas *Ação Saberes Indígenas na Escola (ASIE)*, criado a nível nacional pelo Ministério de Educação em 2013 e implementado em Santa Catarina pela UFSC entre 2015 e 2017. O trabalho teve como objetivo geral construir alternativas teóricas para o ensino-aprendizagem escolar das línguas guarani, kaingang e laklano-xokleng, reinventadas enquanto processos sociais, visando o fortalecimento da luta dessas populações.

Em 2016, Lara Frutos Gonzalez apresentou os resultados da tese *Aspectos sintáticos e semânticos da intensificação de grau no Guarani Paraguaio* na Universidade de São Paulo (USP), com objetivo de estabelecer uma análise em que as posições sintáticas dos modificadores de grau correspondessem aos seus tipos semânticos, às operações de grau por eles introduzidas. Também em 2016, Eli Gomes Castanho defendeu a tese *Entre a tradição e a tradução: representações sobre identidades e línguas da fronteira Brasil/Paraguai* na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com o objetivo de apresentar e discutir algumas representações sobre identidades e línguas da fronteira do Brasil com o Paraguai. Para isso, selecionaram-se três estudantes brasileiros e três paraguaios, de universidades públicas de Ponta Porã, Mato Grosso do Sul, Brasil, e de Pedro Juan Caballero, Departamento de Amambay, Paraguai, com os quais foram gravadas entrevistas semiestruturadas. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo/interpretativista que parte da premissa de que, ao se enunciar sobre línguas e identidades, políticas linguísticas dos países em questão – bem como de outros agentes –, são refletidas no interdiscurso dos sujeitos. Os resultados demonstraram que as representações sobre as identidades brasileira e paraguaia se apoiam em estereótipos cristalizados na cultura local,

sendo, por vezes, retomados eventos históricos, como a Guerra do Paraguai, a fim de defender uma imagem discursiva calcada no ressentimento do povo paraguaio. No que se refere ao modo como as línguas são representadas, observou-se que o guarani é visto como símbolo nacional pelos paraguaios; entre os brasileiros, o guarani não tem o mesmo *status*, e é entendido, vez ou outra, como um dialeto. Entre os brasileiros, o espanhol é visto como língua de prestígio por ser uma língua internacional e escolarizada. No que tange ao português, os paraguaios a veem como uma língua importante, dadas as oportunidades de trabalho e de estudo em nível de pós-graduação, no Brasil, que o seu domínio propicia.

Em 2015, Marilze Tavares defendeu a tese *Um estudo das etnias Guarani Kaiowá e Guarani Nhandeva a partir de suas impressões sobre as línguas e de um recorte do léxico em uso* na Universidade Estadual de Londrina (UEL). De acordo com Tavares (2015), o Mato Grosso do Sul apresenta um contexto linguístico com um número relativamente grande de indígenas das etnias Guarani Nhandeva e Guarani Kaiowá. Considerando a complexidade desse contexto na fronteira com o Paraguai e as especificidades dos dois subgrupos étnicos, o resultado da tese apontou que, na avaliação dos informantes sobre a situação linguística das comunidades investigadas, “o nível de transmissão da língua indígena é adequado uma vez que todas as crianças pequenas aprendem a língua materna em casa, com a família, e também na escola, com os professores” (TAVARES, 2015, p. 249). Já o aprendizado da língua portuguesa, como segunda língua, é considerado importante pelos informantes, principalmente devido à necessidade de contato fora da comunidade indígena, por exemplo, tomar ônibus, pedir informações e ser atendido nos bancos, no comércio e hospital na cidade. No que se refere às diferenças linguísticas entre os dois subgrupos, as amostras coletadas apontaram diferenças lexicais significativas em cerca de 37% dos dados referentes ao vocabulário básico e 63% dos dados referentes ao vocabulário cultural. Em geral, Tavares (2015) verificou que os itens lexicais das duas etnias estariam contemplados em dicionários e nas seis obras lexicográficas bilíngues consultadas de língua guarani (guarani/português e guarani/espanhol) e que os empréstimos observados nas amostras são da língua portuguesa em maior proporção e aparecem na fala e na escrita dos indígenas. Tavares (2015, p. 253) assinala ainda que “a influência do espanhol também está presente nos dois subgrupos, especialmente nos da etnia que se encontra próxima da fronteira com o Paraguai, ou seja, os Guarani Nhandeva, isso comprova que as condições externas influenciam a língua”.

Um levantamento realizado pelo Instituto Socioambiental (2018) mostra dados semelhantes aos obtidos durante essa investigação com relação às produções acadêmicas no banco de teses e dissertações da Capes.

Apenas 15 línguas tem uma descrição ou documentação satisfatória (uma gramática descritiva, dicionário, coletânea de textos); 114 foram objeto de estudos parciais de algum tipo de descrição de aspectos da fonologia e/ou sintaxe: 35 línguas, pelo menos, permanecem amplamente ignoradas (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2018).

As informações no site do Instituto Socioambiental mostram uma preocupação com o estudo e a preservação das línguas indígenas que está em sintonia com o Projeto de Documentação de Línguas Indígenas, disponível no site Prodoc Museu do Índio (2018). A página inicial do Prodoc informa que a “Fundação Nacional do Índio-FUNAI, a Fundação Banco do Brasil e UNESCO, por meio do Museu do Índio, órgão científico-cultural sediado no Rio de Janeiro, realizaram um amplo projeto de documentação de línguas indígenas no Brasil”, desenvolvido em conjunto com diversas instituições e pesquisadores. O Prodoc revela que 13 línguas indígenas foram estudadas em terras indígenas situadas no Acre, Amazonas, Mato Grosso, Minas Gerais, Rondônia e Roraima, totalizando cerca de 13 mil pessoas, direta ou indiretamente.

Considerando que a descrição da língua não é objeto de estudo desta pesquisa, justifica-se a referência a D’Angelis (2015) e aos dados do Instituto Socioambiental e do Prodoc para explicar a carência de estudos sobre crenças e atitudes em comunidades de línguas indígenas no Brasil. Espera-se que o estudo de tese com os doze informantes da aldeia *Tekoha Añetete* possibilitem explicar as diferenças de sexo de como os Informantes percebem os fatores socioculturais e situacionais que vivenciam com a(s) língua(s) na aldeia, na família, na escola, no posto de saúde e nos lugares fora da aldeia, localizada em região próxima da fronteira do Brasil com o Paraguai e a Argentina.

Diante do exposto até aqui, o ponto de partida da proposta teórica para análise do *corpus* desta tese, na Seção 4, considera que a língua tem uma dimensão social que se manifesta na comunicação e interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua. Vale lembrar que Labov (2008, p. 21) alertava, em suas pesquisas, que “não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida da comunidade em que ela ocorre”, porque as pressões sociais operam continuamente sobre a língua.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Esta seção é destinada à apresentação dos procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento da pesquisa, a seleção e contato com a localidade, bem como os critérios utilizados para a seleção dos Informantes, a elaboração do questionário e os instrumentos selecionados para a geração dos dados.

3.1 PREPARAÇÃO DOS DOCUMENTOS, CONTATOS INICIAIS COM A LOCALIDADE DA PESQUISA E CRONOGRAMA

As leituras para fundamentação teórica e os encaminhamentos de orientação com a professora Aparecida Feola Sella contribuíram para a definição dos objetivos, o estabelecimento dos procedimentos metodológicos e a elaboração dos documentos enviados à Fundação Nacional do Índio (Funai), ao Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico (CNPq), ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Unioeste, à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), para autorização de acesso à localidade indígena e geração dos dados da pesquisa com os Informantes bilíngues da aldeia indígena *Tekoha Añetete*, de acordo com as Resoluções CNS 466/2012, CNS 510/15 (para ciências humanas) e a Instrução Normativa número 001/PRES/1995 da Fundação Nacional do Índio (Funai). No dia 12 de setembro de 2017, a Funai enviou o documento Autorização de Ingresso em Terra Indígena nº 73/AAEP/PRES/2017, referente ao processo número 08620.003049/2017-85, o qual foi submetido para apreciação da CONEP e do CEP da Unioeste. Na sequência, a CONEP manifestou-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto, conforme parecer consubstanciado número 2.404.537, aprovado em 1º de dezembro de 2017.

Durante o processo de análise dos documentos na CONEP, foram necessários alguns ajustes na redação do projeto de pesquisa, tais como: avaliação dos riscos e benefícios da pesquisa para a população pesquisada, justificativa sobre a coleta dos dados secundários e elaboração de um novo cronograma, a partir de dezembro de 2017, com as etapas da pesquisa (geração de dados, transcrição das entrevistas com os Informantes, análise dos dados e resultados), conforme descrição no Quadro 5 apresentado na sequência. De início, propôs-se realizar as entrevistas já nos primeiros meses de 2017; mas, devido ao trâmite legal junto à Funai, o andamento do processo no CEP e CONEP ficou prejudicado por se tratar de estudo com indígenas.

No Quadro 5, apresenta-se a síntese do cronograma das atividades desde a etapa inicial de levantamento de dados até a divulgação dos resultados da pesquisa de Tese, no período de 1º de março de 2015 até 07 de novembro de 2019.

Quadro 5 – Cronograma das atividades de pesquisa

Item	De	Até
Levantamento dos dados e pesquisa bibliográfica	01/03/2015	31/12/2019
Revisão dos instrumentos de coleta de dados	01/09/2015	28/02/2018
Geração dos dados – entrevista com os Informantes	08/12/2017	09/07/2018
Transcrição das entrevistas com os Informantes	15/12/2017	31/08/2018
Análise dos dados, tratamento e descrição	01/01/2018	30/12/2018
Análise dos resultados	01/09/2018	28/04/2019
Conclusões da pesquisa e do texto da Tese	01/03/2019	31/05/2019
Revisão do texto	01/06/2019	30/06/2019
Defesa da Tese		06/08/2019

Fonte: Elaboração da autora (2019)

3.2 PREPARAÇÃO DO QUESTIONÁRIO E METODOLOGIA DA PESQUISA

Os resultados das pesquisas do Projeto CAL, *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato*²⁴, coordenado por Aguilera (2009), com a colaboração da professora Aparecida Feola Sella (Unioeste), são referências sobre os estudos em comunidades bilíngues na região Oeste do Paraná e reflexão em relação aos dados gerados com os Informantes bilíngues da aldeia *Tekoha Añetete*. Deve-se esclarecer que, devido ao fato de os Informantes serem falantes indígenas bilíngues, algumas orientações teórico-metodológicas precisaram ser revistas; por isso, propuseram-se adaptações, sempre considerando os resultados decorrentes do Projeto CAL.

Na elaboração do questionário para a geração dos dados, utilizou-se como ponto de partida o roteiro do questionário do *corpus* do Projeto CAL (AGUILERA, 2009). O estudo de Corbari (2013), com falantes bilíngues dos municípios de Santo Antônio do Sudoeste e Irati, é referência em relação à metodologia e tratamento dos dados, mas há diferenças no perfil dos doze informantes bilíngues indígenas que têm o guarani como L1 e o PB como L2.

Os estudos sobre atitudes linguísticas de Lambert e Lambert (1966), Moreno Fernández (1998; 2014), Labov (2008) e outros, apresentados na seção da fundamentação teórica, são relevantes para a interpretação dos dados gerados pela pesquisa. O aporte metodológico sobre

²⁴ O Projeto CAL que coletou dados *in loco* em seis municípios fronteiriços ao Paraguai e à Argentina – Foz do Iguaçu, Santo Antônio do Sudoeste, Pranchita, Capanema, Marechal Cândido Rondon e Guaíra – e em dois municípios situados na região central do estado – Irati e Ponta Grossa.

crenças e atitudes linguísticas advém da incorporação da Psicologia Social nos estudos da Sociolinguística, que foi a área pioneira na investigação de aspectos dessa natureza. As atitudes não são características inatas às pessoas; elas são formadas e aprendidas no processo de socialização. Lambert e Lambert (1966, p. 77) definem que a atitude é “uma maneira de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer ocorrido em nosso meio circundante” e seus componentes essenciais são os “pensamentos e as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências a reagir”. Para os autores, uma atitude se manifesta quando esses três componentes se encontram inter-relacionados de modo que os sentimentos e tendências a reações específicas revelam uma maneira particular de pensar e agir no meio social. As atitudes desempenham uma função essencial no comportamento das pessoas e, de acordo com Lambert e Lambert (1966, p. 83), “afetam nossos julgamentos e percepções sobre os outros, ajudam a determinar os grupos com que nos associamos”.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, adotou-se uma metodologia baseada na teoria mentalista, na perspectiva de que, conforme Blanco Canales (2004), em citação de Corbari:

apesar das evidentes desvantagens da proposta mentalista, que demanda um mecanismo que permita inferir e medir as atitudes, ela é a mais bem aceita graças à sua capacidade de prever o comportamento verbal e, portanto, converter-se em modelos sistemáticos (CORBARI, 2013, p. 93).

Os trabalhos que se baseiam na perspectiva mentalista permitem medir as variáveis da atitude linguística como a relação entre um estímulo ao falante a partir de uma pergunta e a resposta valorativa desse falante. A concepção mentalista caracteriza a atitude como uma estrutura componencial múltipla, formada pelos elementos afetivo (emoções e sentimentos), cognoscitivo (percepções, crenças e estereótipos presentes no indivíduo) e comportamental ou conativo (tendência a atuar e a reagir de certa maneira com respeito ao objeto). A partir desse pressuposto teórico, utilizado por pesquisadores do Projeto CAL, entre eles a própria Corbari (2013), elaboraram-se as perguntas do questionário de modo que permitissem o estímulo para a manifestação das atitudes linguísticas do sujeito indígena guarani bilíngue a partir das variáveis de sexo e faixa etária.

Adotou-se também a perspectiva da pesquisa qualitativa como método múltiplo, proposto por Bortoni-Ricardo (2008), e conhecido por triangulação, que tanto pode ser construída na análise dos dados quanto na fundamentação teórica. Esse método busca uma compreensão em profundidade dos fenômenos abordados, funcionando como uma estratégia para adicionar rigor, amplitude e profundidade à investigação, embora nunca possa capturar a

realidade objetiva. Optou-se por uma abordagem metodológica qualitativa, seguindo uma vertente de cunho interpretativista que permite compreender o sistema cultural de grupos específicos, além de uma aproximação do pesquisador em relação ao grupo do campo de estudo para melhor compreensão do contexto sócio-histórico (BORTONI-RICARDO, 2008).

As principais técnicas utilizadas para coleta de dados na aldeia *Tekoha Añetete* foram: observação e entrevistas. A observação “é o ato de perceber as atividades e as inter-relações das pessoas no cenário de campo através dos cinco sentidos dos pesquisados” (ANGROSINO, 2009, p. 56), que se faz por meio do registro das anotações de campo em um diário e com roteiros estruturados ou semiestruturados. A observação não se restringe ao aspecto visual, mas envolve todas as fontes possíveis e outros sentidos, como audição e olfato. As observações e anotações de campo permitiram melhor descrição da localidade da pesquisa e contribuíram para a aproximação do pesquisador com os Informantes que participaram da pesquisa, além da percepção da cultura e modo de vida Guarani.

Vale destacar a relevância da realização de pesquisa qualitativa na coleta de dados realizada nesta Tese, pois permite que o pesquisador vá a campo, vivencie ações da vida cotidiana, descobrindo seus significados e participando delas. Conforme defende Flick (2009), a investigação na perspectiva etnográfica possibilita maior entrosamento entre o pesquisador e o grupo pesquisado por meio do convívio com o grupo. Por isso, buscou-se participar de momentos informais com os Guarani da localidade, por meio de diálogo em PB com os falantes bilíngues ou diálogo mediado por um indígena intérprete com os falantes somente de guarani. Ao pesquisador, como observador, coube ressignificar e reelaborar esses fatos da observação de campo para melhor descrição da localidade em estudo.

Como a pesquisa teve por objetivo identificar as questões relativas às crenças e atitudes linguísticas em relação ao Guarani e ao PB por parte de falantes bilíngues, para os quais esta é a língua mãe e o PB, na grande maioria, constitui a segunda língua na comunidade indígena *Tekoha Añetete*, considerou-se que a pesquisa mostra que, na região de fronteira trinacional do Brasil com a Argentina e o Paraguai, ainda não foram pesquisadas as crenças e atitudes do indígena em relação ao falar do outro. A hipótese levantada inicialmente foi a de desprestígio do guarani e a valorização do PB. Outra hipótese se refere à existência de diferença na atitude linguística de acordo com o sexo do falante e os papéis que homens e mulheres desempenham na família, na comunidade indígena e em outros ambientes internos ou externos da comunidade indígena. Essas hipóteses foram estabelecidas porque o cenário na fronteira do Brasil com o Paraguai e a Argentina favorece tanto manifestações positivas de prestígio linguístico quanto de desprestígio dos falantes diante dos falares locais. Entende-se que realizar estudos que

incluem reflexões sobre crenças e atitudes linguísticas pode propiciar a compreensão mais adequada das ações que guiam o comportamento dos indivíduos em relação à sua fala e à fala do(s) outro(s), bem como os motivos, internos ou externos à língua, que condicionam tais ações, e propor políticas linguísticas que possam contribuir para a preservação e valorização da língua indígena Guarani. Pretende-se, com esta pesquisa, contribuir com projetos linguísticos que visem ao reconhecimento da situação dos indígenas Guarani nesta região de fronteira do Brasil com a Argentina e o Paraguai.

Quanto aos riscos da pesquisa, buscou-se tomar cuidado para que os participantes não ficassem constrangidos ou pouco à vontade durante a coleta dos dados. Para amenizar os riscos, adotaram-se procedimentos metodológicos que respeitam a cultura e o modo de vida dos participantes. Manteve-se, também, contato prévio com as lideranças indígenas da localidade em estudo, com o apoio do diretor da escola da aldeia, com a devida autorização, e com apresentação antecipada, portanto, dos objetivos da pesquisa e da metodologia para a participação espontânea dos Informantes.

Vale ressaltar que as questões éticas relacionadas à pesquisa com os indígenas, que se dispuseram espontaneamente a participar da pesquisa, apoiam-se nos princípios da Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Ministério da Saúde do Brasil, com relação às pesquisas envolvendo seres humanos. Todas as regulamentações e diretrizes que norteiam a condução ética de pesquisas, o respeito pelas pessoas, à beneficência e à justiça foram considerados desde o projeto de pesquisa.

Esses princípios são considerados universais, transcendendo barreiras geográficas, culturais, econômicas, legais e políticas. Durante a realização da coleta de dados, tais princípios foram seguidos no processo de realização da pesquisa com os Informantes indígenas bilíngues.

3.3 OS INFORMANTES

A pesquisa de campo realizada apresenta resultados de que a maioria dos falantes da aldeia indígena *Tekoha Añetete* é bilíngue e convive com falantes do PB (oficial e de prestígio) e também com falantes indígenas Guarani do Paraguai e Argentina, que têm o espanhol como segunda língua, conforme descrito no capítulo sobre o Território Guarani na região Oeste do Paraná e a localidade da pesquisa. Entende-se que a língua guarani se destaca como de importância sócio-histórica para a sobrevivência da língua e do território das comunidades indígenas Guarani da região Oeste do Paraná, localizadas a menos de 150 quilômetros da fronteira do Brasil com o Paraguai e a Argentina.

Inicialmente, estabeleceu-se que o perfil “a” dos Informantes seria a pessoa que tivesse vivido na aldeia Jacutinga e teria idade acima de 35 anos. Após contato com os indígenas da aldeia, levantamento de dados sobre o perfil da população local e contato com a direção da escola, identificou-se que a maioria das pessoas mais velhas, acima de 65 anos, não falam o PB. Diante dessa constatação, optou-se por incluir o perfil “b” dos Informantes. Na localidade da pesquisa, os falantes têm o guarani como língua materna (L1) e o PB como segunda língua (L2). Conforme já anunciado, a amostra é constituída por doze Informantes bilíngues da aldeia indígena *Tekoha Añetete*, no município de Diamante d’Oeste, sendo seis homens e seis mulheres. Para a seleção dos Informantes, definiu-se o seguinte perfil: a) pessoa que viveu na aldeia Jacutinga e reside na aldeia *Tekoha Añetete* desde a sua fundação, no ano de 1997; b) pessoa que é descendente de família que viveu na aldeia Jacutinga, e reside na aldeia *Tekoha Añetete* desde a sua criação, em 1997.

Os Informantes foram selecionados com base em uma relação de nomes de falantes bilíngues, de diferentes famílias, elaborada com sugestões da equipe pedagógica da escola e lideranças da aldeia, a partir da combinação das variáveis. O anonimato dos participantes foi mantido tanto na pesquisa documental quanto nos dados gerados pelos questionários e entrevistas, o que é referenciado pelas seguintes siglas: M para mulheres e H para homens; 1 para faixa etária de 21 a 35 anos, 2 para faixa etária de 36 a 55 anos, 3 para faixa etária com mais de 55 anos; e a sequência de 1 a 6 para identificar o Informante. Por exemplo, a sigla 1M1 se refere à Informante mulher 1, da faixa etária de 21 a 35 anos. A partir das variáveis consideradas para a seleção dos Informantes, as siglas referentes a cada Informante são as seguintes:

- i. Informante 1: 1M1
- ii. Informante 2: 2M1
- iii. Informante 3: 3M2
- iv. Informante 4: 4M2
- v. Informante 5: 5M3
- vi. Informante 6: 6M3
- vii. Informante 7: 1H1
- viii. Informante 8: 2H1
- ix. Informante 9: 3H2
- x. Informante 10: 4H2
- xi. Informante 11: 5H3
- xii. Informante 12: 6H3

Destaca-se que a maioria das mulheres pertencentes às faixas etárias 2 e 3 falam ou compreendem pouco o PB, fato que dificultou a realização das entrevistas com essas Informantes. Diante de tal dificuldade, quatro entrevistas foram agendadas, mas não puderam ser realizadas, pois as Informantes não conseguiam compreender a pergunta. No Quadro 6, o perfil dos Informantes é apresentado de forma mais detalhada, incluindo faixa etária, naturalidade, escolaridade, ocupação e localidade de origem da família.

Quadro 6 – Matriz dos Informantes do *Tekoha Añetete*

Informante	Faixa etária	Naturalidade	Escolaridade	Ocupação	Localidade de origem da família
1M1	1	São Miguel do Iguaçu	Ensino Médio completo	Artesã	Tekoha Ocoy, SMI Pais e avós moraram na Aldeia Jacutinga
2M1	1	São Miguel do Iguaçu	9º ano (EJA)	Dona de casa	Tekoha Ocoy, SMI Pais e avós moraram na Aldeia Jacutinga
1H1	1	São Miguel do Iguaçu	Ensino Médio completo	Assistente na escola	Tekoha Ocoy, SMI Pais e avós moraram na Aldeia Jacutinga
2H1	1	Laranjeiras	1º ano Ensino Médio	Agricultor na aldeia	Laranjeiras Pais e avós moraram na Aldeia Jacutinga
3M2	2	São Miguel do Iguaçu	8º ano (EJA)	Agente de saúde no posto	Tekoha Ocoy, SMI Pais moraram na Aldeia Jacutinga
4M2	2	Foz do Iguaçu	1º ano (EJA)	Agente de saúde no posto	Tekoha Ocoy, SMI Avós moraram na Aldeia Jacutinga
3H2	2	Foz do Iguaçu	Ensino Médio	Agricultor na aldeia	Tekoha Ocoy, SMI Pais moraram na Aldeia Jacutinga
4H2	2	Foz do Iguaçu	Magistério	Professor de Guarani	Tekoha Ocoy, SMI Pais e avós moraram na Aldeia Jacutinga
5M3	3	Foz do Iguaçu	1º ano (EJA)	Dona de casa e agricultora na aldeia	Aldeia Jacutinga, morou na aldeia com os pais e avós Tekoha Ocoy, SMI
6M3	3	Foz do Iguaçu	1º ano (EJA)	Rezadeira Artesã	Foz do Iguaçu/Bela Vista Tekoha Ocoy, SMI Morou com os pais e avós na Aldeia Jacutinga
5H3	3	Foz do Iguaçu	Magistério	Professor de Guarani	Aldeia Jacutinga, morou na aldeia com os pais e avós Tekoha Ocoy, SMI
6H3	3	Foz do Iguaçu	2º ano (EJA)	Rezador e agricultor na aldeia	Foz do Iguaçu/Alvorada Tekoha Ocoy, SMI

					Morou com os pais e avós no Jacutinga
--	--	--	--	--	---------------------------------------

Fonte: Elaboração da autora (2019)

As perguntas “Onde você nasceu?” e “Quais familiares moraram na antiga Aldeia Jacutinga” foram inseridas no questionário com o objetivo de comprovar a identidade Guarani dos Informantes, e permitiram identificar a relação do Informante com a comunidade de fala da aldeia *Tekoha Añetete*.

3.4 INSTRUMENTOS DE GERAÇÃO DE DADOS E TRATAMENTO PARA ANÁLISE

O instrumento para geração de dados foi elaborado com o objetivo de realizar a análise de acordo com a concepção mentalista. Na elaboração do questionário semiestruturado para a geração dos dados com os Informantes, também se considerou o aporte teórico de Lambert e Lambert (1966), Labov (2008) e Moreno Fernández (1998; 2014), bem como realizou-se uma adaptação no modelo do questionário utilizado pelo Projeto CAL (2009) para a realidade sociolinguística e cultural da comunidade de fala investigada. A primeira versão do questionário tinha 55 perguntas. A partir das leituras do referencial teórico, realizou-se a análise de cada pergunta em comparação com o referencial teórico e de discussões com a orientadora. Eliminaram-se algumas perguntas e acrescentaram-se outras para avaliação de crenças e atitudes linguísticas em relação ao Guarani por parte dos falantes bilíngues entrevistados. Foram seis modificações até a versão do questionário, que contou com 69 perguntas e foi aplicado no dia 8 de dezembro de 2017, nas duas primeiras entrevistas com os Informantes 5M3 e 5H3, as quais foram transcritas e revisadas. Depois da transcrição do áudio das entrevistas e análise das respostas, contatou-se que algumas questões poderiam ser eliminadas porque estavam repetidas ou não atendiam aos objetivos da pesquisa. Assim, na versão final do questionário, foram elencadas 50 perguntas, que estão no Anexo 1 deste trabalho.

As perguntas do questionário foram dispostas considerando determinadas temáticas e buscaram-se verificar: a) a(s) língua(s) falada(s) pelo Informante na infância, com os familiares, e no presente; b) a percepção do Informante com relação a essas línguas faladas em sua comunidade; c) a avaliação do Informante com relação a essas línguas (quem fala melhor ou pior, qual língua é mais bonita ou mais feia); d) o posicionamento do Informante com relação ao seu uso na aldeia e em lugares públicos fora da aldeia e sua aprendizagem na escola; e) a aceitação ou não do Informante de manter relacionamento afetivo, profissional e de vizinhança com brasileiro, argentino, paraguaio e membros de outras etnias indígenas; f) o posicionamento

do Informante em relação à valorização ou preconceito das línguas Guarani e PB; e g) a consciência linguística em relação à língua Guarani em contato com o PB e outras línguas.

Para análise do *corpus*, as perguntas do questionário foram agrupadas em cinco blocos, descritos no Quadro 7 da Seção 4, com objetivo de orientar a organização do *corpus* para análise. O agrupamento das perguntas não seguiu a ordem do questionário, uma vez que o objetivo foi agrupar as perguntas de acordo com observações que foram sendo construídas durante a etapa de transcrição e no processo inicial de análise, o que evidenciou a percepção dos Informantes em relação às línguas, cultura, identidade étnica e formas de interação. A organização do Quadro 7 em cinco blocos, agrupa as perguntas com a seguinte ordem de apresentação: Bloco 1 - Identificação das línguas de aquisição e de uso do Informante; Bloco 2 - Consciência da diversidade e nível de conhecimento das línguas faladas na localidade; Bloco 3 - Percepção sobre o comportamento social e linguístico dos falantes; Bloco 4 - Avaliação das línguas e dos falantes pelo Informante; e Bloco 5 - Identificação de tendências à reação. A organização das perguntas em blocos buscou suscitar índices dos componentes cognoscitivo, afetivo e conativo, com o objetivo de que as respostas fossem reveladoras das atitudes. O termo *índice* é utilizado nesta Tese com base em Corbari (2013), que observou em seus resultados de pesquisa “apenas parcialmente os componentes da atitude na perspectiva mentalista, ou seja, são dados meramente indicadores de tais componentes” (CORBARI, 2013, p. 213). Sendo assim, a expressão *índice atitudinal* é utilizada aqui para referência aos três componentes das atitudes, julgados inter-relacionados e que as crenças são de natureza cognoscitiva, mas podem desencadear reações emocionais e comportamentais.

As doze entrevistas totalizaram mais de 150 horas de gravação. Para captação do áudio, utilizaram-se dois recursos: um gravador Tascam digital e um celular Asus. As entrevistas foram transcritas, em partes, de acordo com as normas do NURC, sem recorrência de transcrição fonética. As transcrições foram cuidadosamente revisadas antes de serem selecionados os recortes, que foram submetidos à tabulação e análise descritiva para esta Tese. Depois da transcrição dos áudios das entrevistas com os doze Informantes, selecionaram-se os recortes com as falas mais significativas. Após selecionados os recortes, procedeu-se à análise, disposta na Seção 4.

É relevante destacar que a etapa de interpretação e análise dos dados gerados em *Tekoha Añetete* teve uma importante contribuição do estágio doutoral que realizamos no México, com financiamento da bolsa sanduíche da Capes, no período de setembro de 2018 a fevereiro de 2019, sob orientação do professor Dr. Rainer Henrique Hamel, da Universidad Autónoma Metropolitana – Iztapalapa (UAM-I) e coordenador do Grupo de Pesquisas do Programa

Comunidad Indígena y Educación Intercultural Bilingüe (CIEB). A vivência no estágio doutoral permitiu um amadurecimento acadêmico por meio da participação nas atividades do Grupo de Pesquisas CIEB, o conhecimento sobre os resultados das pesquisas nos vinte anos de estudos do CIEB e a vivência com observação de campo na localidade San Isidro, que tem uma população bilingüe P'urhepecha-Espanhol. Além disso, durante o estágio doutoral, foi possível apresentar os resultados parciais da pesquisa com os doze Informantes do *Tekoha Añetete* e debater com pesquisadores do grupo CIEB as possibilidades de interpretação para melhor análise dos dados e novos olhares. Ao mesmo tempo, o estágio doutoral permitiu ampliar a pesquisa do referencial teórico da Tese em bibliotecas das universidades UAM-I e Universidade Nacional do México (UNAM), sendo possível consultar autores do México, Espanha, Estados Unidos, América do Sul e Caribe nos idiomas espanhol e inglês sobre os temas relacionados com línguas indígenas, crenças e atitudes linguísticas, línguas em contato e variação linguística.

4 ORGANIZAÇÃO DO *CORPUS* E ANÁLISE: COMPONENTES E RELAÇÕES DE PRESTÍGIO E DESPRESTÍGIO

A análise embasou-se na verificação de como os Informantes indígenas que participaram da coleta do *corpus* manifestam os componentes afetivo, conativo e cognitivo, bem como a relação destes componentes com a consciência linguística, a segurança ou insegurança linguística, e o posicionamento de prestígio e desprestígio em relação às línguas, cultura, identidade étnica e interação social, conforme os objetivos geral e específicos apresentados nesta tese. Foram selecionados doze Informantes para a realização desta pesquisa, sendo seis mulheres e seis homens.

Para demonstração dos resultados da pesquisa, esta seção foi dividida em três subseções. Primeiramente, repassam-se as análises dos recortes retirados das entrevistas com as seis Informantes mulheres. Na segunda subseção, apresentam-se as análises dos recortes selecionados das respostas dos seis Informantes homens e, por último, a descrição comparativa dos respectivos resultados.

O Quadro 7 ilustra os cinco blocos que acomodam as perguntas selecionadas. O número das perguntas inseridas segue a numeração do questionário semiestruturado, utilizado para a realização das entrevistas. As perguntas a codificadas com as letras “a”, “b” e “c” depois do numeral porque faziam parte do mesmo número de pergunta no questionário semiestruturado, ou seja, um número de pergunta trouxe três ou duas perguntas, como se observa em 12a/12b/12c e 22a/22b.

Quadro 7 – Organização dos blocos de perguntas para análise

<i>Bloco 1 - Identificação da(s) língua(s) de aquisição e de uso do Informante</i>	
Pergunta 11	Que língua(s) você fala?
Pergunta 12 ^a	Com quem você aprendeu a falar essa língua (guarani)?
Pergunta 12b	Com quem você aprendeu a falar PB?
Pergunta 12c	Com que idade começou a falar PB?
Pergunta 13	Quando você era criança, em que língua seus pais falavam com você?
Pergunta 14	Quando você era criança, em que língua seus avós falavam com você?
Pergunta 15	Qual língua você usa para conversar com esposo/esposa e filhos?

<i>Bloco 2 - Consciência da diversidade e nível de conhecimento das línguas faladas na localidade</i>	
Pergunta 19	Aqui na aldeia, há pessoas que falam diferente de você? Em que lugar você ouve as pessoas falarem diferente?
Pergunta 22 ^a	Quais são as línguas faladas na escola da aldeia?
Pergunta 23a	Quais são as línguas faladas no posto de saúde da aldeia?
Pergunta 24	No município de Diamante D'Oeste há pessoas que falam diferente de você?
<i>Bloco 3 - Percepção sobre o comportamento social e linguístico dos falantes</i>	
Pergunta 21 ^a	A escola ajudou você a falar melhor o português?
Pergunta 21b	A escola mudou alguma coisa na sua vida?
Pergunta 22b	Como você se sente(ia) quando precisa(va) usar o português na escola?
Pergunta 23b	Como você se senti(a) quando precisa(va) usar o português no posto de saúde?
Pergunta 29 ^a	Em Diamante D'Oeste, quando você se aproxima dos brasileiros, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam? Como você se sente(ia)?
Pergunta 29b	Como você gostaria que fosse o tratamento das pessoas em Diamante d'Oeste? Como você gostaria que fosse essa relação?
Pergunta 31	Gostaria que as pessoas de Diamante d'Oeste falassem guarani com você?
<i>Bloco 4 - Avaliação das línguas e dos falantes pelos Informantes</i>	
Pergunta 32	Se você tivesse que escolher entre falar apenas a língua guarani ou apenas o português, qual você escolheria? Em que situação? Por quê?
Pergunta 38	Comparando a língua indígena, que você fala, o guarani, com o português, quem fala melhor? Por quê?
Pergunta 39	Comparando a língua guarani, que você fala, com o Guarani paraguaio, o guarani argentino, quem fala melhor? Por quê?
Pergunta 40	Quais as diferenças entre o guarani que você fala com o Guarani paraguaio e o guarani argentino?
Pergunta 41	E quem fala pior? Por quê?
Pergunta 42	As línguas guarani, português, espanhol são feias ou bonitas?
Pergunta 43	Qual é a língua mais bonita? Por quê?
Pergunta 44	Qual é a língua mais feia? Por quê?
Pergunta 27	Você gostaria de falar mais alguma língua diferente do guarani? Por quê?
Pergunta 30	A escola deveria ensinar quais línguas? Por quê?
Pergunta 17	Você gostaria que sua família continuasse falando a língua guarani? Por quê?
Pergunta 18	O que você/as famílias/as lideranças fazem para preservar a língua guarani, para a língua guarani não morrer?
<i>Bloco 5 - Identificação das tendências de reação</i>	
Pergunta 45 ^a	Você moraria em outro lugar, onde só houvesse brasileiros?
Pergunta 45b	Você moraria em outro lugar, onde só houvesse argentinos?

Pergunta 45c	Você moraria em outro lugar, onde só houvesse paraguaios?
Pergunta 46	Se você precisasse de um médico ou dentista, procuraria um brasileiro, argentino ou paraguaio? Por quê?
Pergunta 47	Se você precisasse trabalhar fora da aldeia, procuraria patrão brasileiro, argentino ou paraguaio? Por quê?

Fonte: Elaboração da autora (2018)

Os blocos estão organizados conforme a predominância dos componentes, uma vez que tais componentes representam apenas parcialmente os componentes da atitude na perspectiva da abordagem mentalista. Os Blocos 1 e 2 contêm perguntas que motivaram a análise do componente cognoscitivo das atitudes em relação ao nível de conhecimento das línguas faladas pelo Informante na família, dentro e fora da aldeia *Tekoha Añetete* e do guarani falado na localidade, na Argentina e no Paraguai. O Bloco 3 agrupa as perguntas relacionadas à percepção dos Informantes sobre o comportamento social e linguístico dos falantes, correspondendo aos componentes cognoscitivo e conativo. Para analisar as emoções e sentimentos dos Informantes, que correspondem ao componente afetivo, as perguntas do Bloco 4 apresentam a avaliação das línguas pelos Informantes. Por último, o Bloco 5 contém perguntas voltadas para o componente conativo nas respostas às perguntas relacionadas à identificação das tendências de reação dos Informantes. O Quadro 7 é, portanto, resultado dos procedimentos metodológicos que foram tomados e sistematizados para a análise. Embora as perguntas tenham sido elaboradas pela sondagem de determinados componentes, é possível perceber que há coocorrência deles.

Para facilitar a leitura e descrição da análise, indica-se o perfil do Informante (Inf. 5M3), o número da pergunta, o número das linhas (L127-128), e seleciona-se em itálico a resposta do Informante. O modelo da disposição do recorte tem por objetivo agilizar a identificação dos componentes acionados pelos Informantes em suas falas. O termo “recorte” se justifica, aqui, como a parte da resposta selecionada para análise. As transcrições respeitam a fidelidade à fala do Informante, incluindo aspectos fonológicos, isto é, a forma de pronunciar as palavras (omissão do r no final dos verbos no infinitivo, monotongação, pronúncia do dígrafo LH como N etc.). Observe-se, a seguir, um exemplo da disposição dessas informações:

Pergunta 12

Inf. 5M3

L127INQ: E com que idade você começou a falar português?

L128INF: *Ele quinze año, dezeseite año pra lá, casá com meu esposo, nomorá e isso que ele saiu pra comprá alguma coisa ... então ele tem que aprendé né ... eu também não creve, não entende nada*

A Informante 5M3 aciona o componente cognoscitivo nesse recorte para explicar que começou a falar essa língua com quinze, dezesseis anos, quando namorou e casou com seu esposo. Justifica que o esposo saía “*pra comprá alguma coisa ... então ele tem que aprendê*” porque ela não escreve e “*não entende nada*”. Essas afirmações demonstram que 5M3 considera que somente o esposo se dedicava ao aprendizado do PB e que ela não sabe o PB.

Diferentemente de 5M3, o Informante 5H3 aciona o componente cognoscitivo para responder que aprendeu a falar o PB a partir do contato com o “*patrão*”, na época em que trabalhava como empregado em Foz do Iguaçu.

Pergunta 12

Inf. 5H3

L332INQ: E o português com quem você aprendeu a falar?

L333INF: *Com meu patrão*

L334INQ: Quem era o seu patrão?

L335INF: *Um português né*

L336INQ: Vivia onde?

L337INF: *Eu vivia lá na Foz do Iguaçu*

L338INQ: Ah em Foz do Iguaçu

L339INF: *No tempo do hortelã que eu trabalhava muito com ele*

A partir dos recortes analisados de 5M3 e 5H3, percebe-se que a aquisição do PB acontece de maneira diferenciada, pois a Informante 5M3 teve contato com o PB somente quando se casou e foi para a cidade junto com o marido. O Informante 5H3 aprendeu o PB a partir do contexto do trabalho, teve mais oportunidade de contato com falantes do PB e mesmo de outras línguas.

As subseções seguintes contemplam análises dos recortes selecionados das entrevistas. Primeiramente, são analisadas as respostas das mulheres, seguidas da análise dos recortes de entrevistas dos homens e, por último, são apresentadas análises comparativas entre os dados obtidos nas entrevistas das mulheres e dos homens.

4.1 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS DAS MULHERES

A análise dos componentes cognoscitivo, afetivo e conativo nas respostas dos Informantes, conforme disposição nos cinco blocos de perguntas, serve para avaliação das condições de uso do guarani e do PB pelos Informantes. Vale ressaltar que os três componentes podem coocorrer em determinadas perguntas. Por exemplo, em uma pergunta que tenha o objetivo principal de avaliar uma resposta no âmbito do componente afetivo, o Informante pode

manifestar uma resposta em que se apresentam elementos dos componentes conativo ou cognoscitivo. Na descrição dos resultados, considera-se que os componentes cognoscitivo, afetivo e conativo são coocorrentes, ou seja, estão inter-relacionados.

4.1.1 Bloco 1: Identificação da(s) língua(s) de aquisição e de uso da Informante

As perguntas deste primeiro bloco tendem a explorar o componente cognoscitivo das atitudes das Informantes em relação ao nível de conhecimento da(s) língua(s) de aquisição e uso na interação verbal com a família, na escola e no posto de saúde da aldeia *Tekoha Añetete*, e no município de Diamante d'Oeste.

As três primeiras perguntas (11, 12a e 12b) foram elaboradas para verificar a consciência linguística com relação à língua materna e às línguas de aquisição a partir do contato com falantes de outras línguas.

Nas respostas à pergunta 11, as seis Informantes manifestaram o componente cognoscitivo para afirmar que falam guarani. Embora estejam conversando, durante a entrevista, em PB, as Informantes não declaram que falam o PB, o que denota o prestígio da língua materna e de identidade étnica, como mostram as respostas:

Pergunta 11: Que língua(s) você fala?

Inf. 1M1

L86NQ: Que língua você fala?

L87INF: *Guarani. Na verdade hoje em dia é tudo... como é... é tudo misturado assim... falo guarani... eu aprendi também falar guarani Mbya eu falo*

L89INQ: Por que tem diferença?

L90INF: *Tem diferença sim a língua guarani pro outros línguas... por exemplo guarani Kaiowá fala um pouco mais diferente da pessoa que mora aqui*

L91INQ: E você fala o Mbya e tem o Nhandeva?

L92INF: *Nhandeva também... Nhandeva que se fala mais aqui*

L93INQ: É o que fala mais, você fala os dois então?

L94INF: *Sim*

Inf. 2M1

L31INF: *Guarani*

Inf. 3M2

L50INF: *Guarani*

Inf. 4M2

L74INF: *Guarani*

Inf. 5M3

L79INF *Só o guarani memo*

Inf. 6M3
L167INF: *Guarani*

A Informante 1M1 aciona o componente cognoscitivo ao recorrer à expressão “*tudo ... é tudo misturado assim*” e “*tem diferença sim a língua guarani pro outros línguas*”, o que denota que a Informante tem consciência das variações linguísticas no modo de falar a língua guarani em três dialetos (Mbya, Nhandeva e Kaiowá). A fronteira favorece as variações linguísticas entre as línguas e a manifestação de fenômenos como o *code mixing*²⁵ e *code switching*²⁶, que têm sido estudados em comunidades bilíngues.

Destaca-se que, das seis Informantes, apenas 1M1 apresenta consciência com relação à variação linguística do próprio guarani. Inclusive, expressa o seu grau de proficiência com relação às variantes. Porém, não menciona o PB, embora esteja respondendo nesta última língua e com alto grau de proficiência e domínio do PB, como é possível perceber no uso do modalizador “na verdade”, ou de “por exemplo”, para destacar a consciência linguística etc. Logo, 1M1 aciona seu conhecimento com relação ao seu falar bilíngue, o que é indício do componente cognoscitivo.

A Informante 5M3 faz uso de termos como “só” e “memo” (mesmo), que são indicadores de argumentação, o que destaca a presença do componente cognoscitivo.

Constata-se nas respostas das seis Informantes, em relação à pergunta 11, que o componente cognoscitivo se manifesta para revelar a valorização da língua materna guarani, que é a língua de identidade étnica do grupo social Guarani, do qual faz parte a aldeia *Tekoha Añetete*.

Nas respostas à pergunta 12a, as seis Informantes demonstram diferenças na transmissão da língua materna aos filhos e netos. Três declaram que aprenderam com a mãe; duas, com os pais; e uma, com os avós, como mostram as respostas:

²⁵ O *code mixing* explica a mistura de línguas na fala de adultos e crianças bilíngues. O estudo desse fenômeno no aspecto de competência linguística bilíngue aponta duas possibilidades de análise pelos estudiosos. De acordo com Von Borstel (2011, p. 116-117), “uma, em que descreve a fala de adultos, enfocando, em particular, a relação de mistura de língua com alternância de código; a outra centrou-se no processo linguístico de mistura de língua, quando ocorre a aquisição do input linguístico de crianças bilíngues, em relação à diferenciação das duas línguas”.

²⁶ O *code switching* se refere a alternância de código, um fenômeno que ocorre em falantes que vivem em comunidades bilíngues e ou multilíngues. “Os modelos estudados para interpretação da alternância de código concentram-se, na maioria das vezes, em dois aspectos diferentes: um no plano linguístico de regras gramaticais, denominados de condicionamentos gramaticais, e o outro no plano sociocultural e pragmático, pelo qual se entende a alternância de código como uma estratégia discursiva na interação comunicativa de falantes multilíngues” (VON BORSTEL, 2011, p. 120).

Pergunta 12a: Com quem você aprendeu a falar essa língua (guarani)?

Inf. 1M1

107INQ: E com quem você aprendeu a falar essa língua?

108INF: *Com minha avó ... por exemplo como eu falei ... a minha avó é guarani Mbyá e o meu avô já era outro de outra etnia ... então ele falava um pouquinho mais diferente*

Inf. 2M1

L33INF: *Essa língua ... é ... acho que meus pais me ensinaram ... somos guarani né*

Inf. 3M2

L52INF: *Minha mãe e meu pai que falam*

Inf. 4M2

L78INF: *A minha mãe*

Inf. 5M3

L84INF: *mia mãe, que não entende [português] ela tá viva ainda*

Inf. 6M3

L258INF: *Desde pequeno porque minha mãe não falava em brasileiro falava só guarani ... então a gente aprendeu*

Observa-se que o componente cognoscitivo é acionado pelas Informantes para revelar que a mãe tem mais influência no processo de ensinar a língua guarani em relação ao pai e avós. As respostas das Informantes denotam a importância da mulher no ensino da língua aos seus descendentes. As respostas à pergunta 12a revelam que o guarani é uma língua transmitida aos filhos pelos pais e avós.

Em sua resposta, 1M1 aciona o componente cognoscitivo para demonstrar que tem consciência da variação linguística entre a língua que aprendeu a falar com sua avó e a língua falada por seu avô, que era um *“pouquinho mais diferente”*. Já 2M1 manifesta o componente cognoscitivo ao declarar *“acho que meus pais me ensinaram”* e de modo coocorrente aciona os componentes cognoscitivo e afetivo ao dizer *“somos guarani”*, o que denota saber/consciência de que pertencia à etnia Guarani, bom como a relação entre língua e identidade étnica. Já 6M3 aciona o componente cognoscitivo para manifestar que o guarani é sua língua materna e o relato de algo passado, como um retrato paralisado de uma atitude, um comportamento da relação da Informante 6M3 com sua mãe porque ela não falava PB, somente guarani. Chama a atenção o componente conativo: quando a Informante está respondendo a uma pergunta, pauta-se em algo que está acontecendo naquele momento, que pode acontecer no futuro; ou narrar algumas atitudes que vivenciou no passado. Ela está agindo de acordo com a pergunta do entrevistador, o que gera um comportamento no indivíduo, no exato momento da entrevista.

Com relação à aquisição do PB, as respostas das Informantes à pergunta 12b mostram que duas aprenderam com a família (pais ou esposo); duas, na escola; uma, com amigos; e uma, no trabalho. Os recortes a seguir são ilustrativos das respostas das Informantes:

Pergunta 12b: Com quem você aprendeu falar PB?

Inf. 1M1

L269INF: *eu não falava quase nada em português eu tinha 12 anos e eu tive que estudar fora porque lá não tinha escola ... eu fui estudá na 5ª série na cidade ... eu na escola dos brancos ... mas lá eu tive que me virar aprender a falar português perder a timidez ... porque os alunos lá colegas me incomodavam assim se viesse conversar comigo*

Inf. 2M1

L106INF: *Eu aprendi falar com meus amigos ... acho que quando eu tinha sete anos ... eu fui pro lado do Guarapuava ali ... aí lá eles só falavam algumas pessoas falam só português ... ai lá eu fui aprendendo*

Inf. 4M2

L191INQ: E faz quanto tempo que você começou a falar português?

L192INF: *Mais ou menos dez anos*

L193INQ: Dez anos? E esses dez anos é quando você começou na escola?

L164INF: *Isso mesmo*

L195INQ: Aqui na aldeia?

L196INF: *Aqui na aldeia*

Embora duas Informantes tenham aprendido o PB na escola, 1M1 destacou que aprendeu na escola da cidade e 4M2 na escola da aldeia. A Informante 1M1 aciona o componente cognoscitivo para afirmar que, aos doze anos, “*não falava quase nada em português*”, que teve que estudar na cidade, “*na escola dos brancos*”, porque na aldeia não tinha escola e manifesta de modo coocorrente o componente conativo para revelar esforço pessoal para aprender a falar o PB e perder a timidez, porque os outros alunos apresentavam comportamento negativo com relação ao seu modo de falar. O recorte da fala de 1M1 demonstra sua consciência em relação às diferenças linguísticas e de identidade, e uma atitude de “enfrentamento” para aprender o PB.

A Informante 4M2 manifesta o componente cognoscitivo ao utilizar o modalizador “*isso mesmo*” para confirmar que aprendeu na escola, e na resposta seguinte usa “*aqui*” para referenciar a escola da aldeia onde vive atualmente. Embora 1M1 e 4M2 tenham aprendido o PB na escola, verifica-se que o contexto de aprendizagem foi diferente e, por isso, 1M1, que estudou na escola da cidade, aciona os componentes cognoscitivo e conativo de modo coocorrente para demonstrar a atitude de enfrentamento para aprender o PB, o que não aparece na fala de 4M2, que aprendeu o PB depois de adulta, na escola da aldeia.

A Informante 2M1 aprendeu a falar o PB com os amigos, quando “*tinha sete anos*” e foi a Guarapuava. Vale ressaltar que as famílias que moram no *Tekoha Añetete* visitam os parentes e amigos de outras aldeias e também recebem visitas desses parentes, o que é uma característica do povo Guarani na fronteira.

O componente cognoscitivo aparece na fala de 2M1 ao explicar que no local só falavam em guarani, mas o contato linguístico proporcionou o aprendizado, o que denota consciência das diferenças linguísticas. A atitude de 2M1 se justifica porque naquela região vivem indígenas de etnia Guarani e Kaingang e o PB é a língua utilizada para fins de comunicação entre os falantes de línguas indígenas diferentes, seja entre amigos e/ou na escola.

As Informantes 1M2 e 5M3, que aprenderam o PB com a família, também revelaram diferenças nas respostas:

Pergunta 13: Quando você era criança, em que língua seus pais falavam com você?

Inf. 1M2

L55INQ: Então quando você era criança, em que língua seus pais falavam com você?

L56INF: *Falavam mais guarani*

L57INQ: Além do guarani, falava outra língua quando era pequena?

L58INF: *Falava brasileiro um pouco pra mim entender ... e assim a gente aprende também a falar brasileiro*

Inf. 5M3

L127INQ: E com que idade você começou a falar português?

L128INF: *Ele quinze año, dezeseite año pra lá, casá com meu esposo, nomorá e isso que ele saiu pra comprá alguma coisa ... então ele tem que aprendé né ... eu também não creve, não entende nada*

L131INQ: Então você teve que falar português porque você saia da aldeia e precisava falar português?

L133INF: *Tem que falá*

L134INQ: Aí você aprendeu com quem?

L135INF: *Tem que tentá de novo*

L136INQ: E com quem você começou a aprender o português?

L137INF: *Eu sai pra começá...*

L138INQ: E quem te ensinou? Como você aprendeu a falar o português?

L139INF: *Eu fica capricho né*

L140INQ: Capricho como? Como você fez para aprender o português? Assistindo televisão, ouvindo rádio... como?

L142INF: *Não ... antigamente não tem nem televison nem rádio ... rádio tem poco*

L143INQ: Então quem te ensinou?

L144INF: *Assim como da minha cabeça*

A Informante 1M2 manifesta o componente cognoscitivo para responder que os pais falavam “mais em guarani”, mas falavam um pouco em PB para ela entender e aprender a falar, o que aponta o prestígio do PB como segunda língua. Já 5M3 aciona o componente cognoscitivo ao informar a idade em que começou a falar o PB e o aprendizado com seu esposo, e que

antigamente não tinha contato com a televisão e o rádio. Ao utilizar o termo “*capricho*”, a Informante 1M2 aciona o componente afetivo; o modalizador “*assim*” expressa conhecimento sobre o PB. Já o componente conativo é acionado para demonstrar a valoração do PB e uma norma de conduta, como pode ser visto nos trechos “*ele tem que aprendê*”, “*eu sai pra começá*”, “*tem que falá*” e “*tem que tentá de novo*”.

Observe-se a resposta de 6M3:

Inf. 6M3

L213INF: *Já sei de tudo porque quando meu pai faleceu eu tinha deiz ano... deis ano e eu saí trabaiaá empregada pra trata nosso irmãozinho que ficó com a minha mãe... minha mãe não podia trabaiaá pra criar*

L216INQ: E você saiu para trabalhar?

L217INF: *E eu fiquei de empregada desde os deis ano... tinha que trazé a comida pro fio da minha mãe*

Nesse recorte, 6M3 manifesta o componente afetivo para demonstrar o sentimento de saber “tudo” em relação ao PB e, em seguida, o componente cognoscitivo para revelar o pensamento de que fala essa língua desde os dez anos e precisou trabalhar na casa de uma família, na cidade. Constata-se que 6M3 era a filha mais velha e essa condição permitiu contato linguístico com falantes do PB.

Em síntese, nas respostas à pergunta 12b, as seis Informantes acionam o componente cognoscitivo com maior incidência em relação aos componentes afetivo e conativo. Nas falas da Informante 1M1 e 5M3, o componente conativo pode ser percebido no comportamento social para aprender o PB.

Com relação à pergunta 13, cinco Informantes disseram que seus pais falavam guarani e uma declarou que seus pais falavam guarani e um pouco em PB. Vejam-se as respostas:

Pergunta 13: Quando você era criança, em que língua seus pais falavam com você?

Inf. 1M1

L116INQ: E quando você era criança, em que línguas você falava e seus pais falavam com você?

L118INF: *Aqui as pessoas falam né... como eu falei... acho que é de Nhandeva que fala mais aqui ... e é misturado um pouco de guarani que mora no Mato Grosso... que nem o guarani ... esqueci*

L121INQ: Kaiowá?

L122INF: *É ... guarani Kaiowá... um pouquinho quase igual... só que diferente*

Inf. 2M1

L37INF: *Em guarani também*

Inf. 3M2

L57INF: *Falavam mais guarani*

L58INQ: Além do guarani, falava outra língua quando era pequena?

L59INF: *Falava brasileiro um pouco pra mim entender ... e assim a gente aprende também a falá brasileiro*

Inf. 4M2

L81INF: *Guarani*

Inf. 5M3

L81INF: *Só língua pra palavra*

L82INQ: Só em Guarani?

L83INF: *Só Guarani*

Inf. 6M3

L211INF: *Falava Guarani mesmo, minha mãe quase não sabia falar em brasileiro só o Guarani... ela não podia conversar assim quando chegava pessoa brasileiro... ela não entende o que falavam pra ela*

A manifestação do componente cognoscitivo é percebida nas respostas das seis Informantes. A Informante 1M1 tem consciência da variação linguística entre a língua falada com seus pais e na localidade, de predominância do dialeto Nhandeva, e que tem mistura com o dialeto Kaiowá, predominante no Mato Grosso do Sul (a Informante diz Mato Grosso). Para descrever as diferenças entre os dois dialetos, a Informante usa os termos “misturado” e “diferente” e os modalizadores “pouquinho” e “quase” para explicar que o guarani Kaiowá é diferente do Nhandeva.

Na resposta de 2M1, constata-se que o termo “também” reforça a informação destacada pela Informante. O uso do modalizador “mais” por 3M2 revela a percepção de que o guarani era a língua mais falada com os seus pais. A afirmativa “falava mais guarani” mostra a presença de outra língua para a comunicação na família e a possibilidade de diminuição da frequência de uso da língua materna guarani e se confirma na resposta seguinte, quando a Informante afirma que os pais falavam um pouco de PB, “brasileiro”, para ela entender e, assim, foi aprendendo a falar essa língua, o que revela o prestígio do PB perante o guarani. No recorte de 3M2, a palavra “guarani” é usada para confirmar o uso desta língua na comunicação com os pais.

A Informante 5M3 usa o modalizador “só” para responder que utilizava apenas o guarani para conversar com seus pais: a “língua da palavra”, a língua que é oral e transmitida em palavras. Já 6M3 utiliza “só” para indicar limitação e declarar que sua mãe falava apenas o guarani, e manifesta o componente cognoscitivo para explicar a atitude de sua mãe. A resposta da Informante confirma os dados do perfil dos falantes na localidade *Tekoha Añetete* e da observação *in loco*, que dão conta de que a maioria das mulheres mais velhas, com mais de 60 anos, são monolíngues, ou seja, não falam o PB.

Na pergunta 14, as seis Informantes disseram que seus avós falavam em guarani com elas, quando crianças. Os recortes a seguir mostram as respostas:

Pergunta 14: Quando você era criança, em que língua seus avós falavam com você?

Inf. 1M1

L107INQ: E quando você era criança em que língua seus avós falavam com você?

L108INF: *A minha avó em guarani Mbyá e o meu avô já era outro... de outra etnia... então ele falava um pouquinho mais diferente*

Inf. 2M1

L38INQ: E os seus avós? falavam em que língua com você?

L39INF: *Em guarani também*

Inf. 3M2

L62INF: *Tudo guarani*

Inf. 4M2

L83INF: *Guarani*

Inf. 5M3

L87INF: *Só guarani memo*

Inf. 6M3

L229INF: *Eu nem conheci a minha avó... nem da minha mãe nem de meu pai... só conheci o meu avô... o nome dele era Vicente Romero*

L231INQ: E ele falava...

L232INF: *Não ele não falava brasileiro*

Percebe-se a manifestação do componente cognoscitivo nas respostas das seis Informantes. A resposta de 1M1 expressa consciência da variação linguística no modo de falar entre seus avós, ao declarar que sua avó falava o guarani Mbyá e o seu utilizava avô um dialeto diferente. Ela usa o modalizador “pouquinho” para explicar tal consciência. Vale ressaltar que na região Oeste do Paraná e Sul do Mato Grosso do Sul, na fronteira com o Paraguai, há áreas de contato e mobilização entre as diferentes tribos Guarani.

A Informante 2M1 utiliza o termo “também” para manifestar situação de equivalência no uso do guarani na comunicação com os avós, ou seja, tem a percepção de que os seus avós falavam com ela do mesmo modo que falavam em guarani com seus pais. A Informante 3M2 usa o pronome indefinido “tudo” para manifestar a valorização da língua guarani na comunicação oral com os avós. Na fala de 4M2, observa-se somente a palavra “guarani”, o que confirma o uso dessa língua na comunicação com os pais. Em 5M3, os modalizadores “só” e “memo” denotam o sentido de que somente o guarani é usado na comunicação com os avós. Já 6M3 utiliza o modalizador “nem” para reforçar que não conheceu os avós por parte de mãe e

pai. Entretanto, usa o modalizador “só” para revelar que conheceu o seu avô, de nome Vicente Romero, e que ele não falava PB, o que denota consciência de que ele era monolíngue guarani.

Em resumo, a análise dos recortes das respostas à pergunta 14 revela que as famílias mantiveram a interação em guarani, e que a consciência do domínio da língua está vinculada a uma prática cultural entre as diferentes faixas etárias.

Nas respostas à pergunta 15, três Informantes disseram que falam apenas em guarani e três, em guarani e PB. Observem-se as respostas das Informantes que disseram que o guarani e o PB são línguas de interação com o esposo e filhos:

Pergunta 15: Qual língua você usa para conversar com o seu esposo e seus filhos?

Inf. 1M1

L123INQ: E qual língua você usa para conversar com seu esposo e seus filhos?

L124INF: *Guarani*

L125INQ: E alguém fala uma língua diferente do guarani na sua casa?

L126INF: *Não*

(...)

LINF: *Os meus filhos assiste a televisão ... eles aprendem às vezes as palavras ... eles falam em português ... eu corrijo ... eu falo assim quando eles falam ... por exemplo a minha filha quando fica brincando com as irmãzinhas ... assim ... ela fica falando “vem aqui” “vamo lá” ... aí eu ensino ... tem que falar em guarani*

Inf. 2M1

L40INQ: E qual a língua você conversa com a sua família?

L41INF: *Qual língua? eu converso em guarani ... às vezes em português*

L42INQ: Em que momento você fala em português com a sua família?

L43INF: *Às vezes eu falo porque eu quero (risos) ... é isso*

Inf. 3M2

L63INQ: E qual a língua que você usa para conversar com seus filhos, com a sua família?

L65INF: *Eu agora uso dois ... guarani e brasileiro ... que é agora minha menina já fala guarani ... português já fala também*

L67INQ: Ah por que que você usa as duas?

L68INF: *Agora precisa ... precisa aprender dois línguas*

(...)

L72INQ: E por quê?

L73INF: *Porque tem que aprender ... pra falar ... se a gente não ensinar as crianças elas não falam também ... se fala guarani e quando sai pra cidade precisa conversar o brasileiro ... se falar o guarani não vai entender ... se não aprender brasileiro*

Nesses recortes, 1M1, 2M1 e 3M2 acionam os componentes conativo e cognoscitivo para explicar as situações de prestígio das línguas guarani e PB na família. Embora 1M1 afirme que a família usa o guarani para conversar, tem a percepção de que a televisão influencia seus filhos a falarem em PB. Diante dessa situação, a Informante manifesta o componente conativo para explicar sua atitude com as filhas, que é de correção às crianças e pode ser percebida

quando afirma “*eu corrijo*”, “*aí eu ensino tem que falar guarani*”, o que denota que a Informante tem consciência do contato linguístico entre a língua materna guarani e o PB. Vale destacar que, na maioria das casas da aldeia *Tekoha Añetete*, há antenas parabólicas de televisão e as crianças assistem na sala da casa.

As Informantes 2M1 e 3M2 manifestam uma tendência de prestígio do PB para fins de comunicação, acionando o componente cognoscitivo. Quando questionada sobre em que momento utiliza o PB com a sua família, 2M1 destaca que fala PB às vezes e por vontade própria. Já 3M2 afirma que utiliza as duas línguas porque tem necessidade de aprender ambas, sendo que a necessidade de aprender o PB está atrelada à comunicação com as pessoas da cidade porque “*se falar o guarani não vai entender*”, permitindo inferir consciência linguística do valor de uso entre a língua materna guarani e o PB.

As Informantes 4M2, 5M3 e 6M3 acionam o componente cognoscitivo para expressar uma atitude de prestígio ao guarani na comunicação com o esposo e filhos. Vejam-se as respostas da pergunta 15:

Pergunta 15: Qual língua você usa para conversar com o seu esposo e filhos?

Inf. 4M2

L87INQ: E qual língua você usa para conversar com o seu esposo e seus filhos?

L88INF: *Guarani também*

L89INQ: E alguém fala uma língua diferente do guarani?

L90INF: *Não*

L91INQ: Por quê?

L92INF: *Porque sempre conversa em guarani*

Inf. 5M3

L103INQ: E sua casa com seu marido e filhos você fala em que língua?

L104INF: *Só o Guarani memo ele fala*

L105INQ: É ... e com seus filhos você fala em que língua com eles?

L106INF: *Só o Guarani que ele é pra falá ((risos))*

Inf. 6M3

L238INQ: E na sua família que língua vocês falam entre vocês?

L239INF: *Só em Guarani... Guarani mesmo nossa língua... não tenho outro jeito de falar... só a nossa língua*

A Informante 4M2 utiliza os termos “também” e “sempre” para expressar a percepção de que a todo momento e sempre o guarani é falado na família, e que não é utilizada uma língua diferente. Na resposta de 5M3, mais uma vez os modalizadores “só” e “memo” denotam o sentido de que somente o guarani é língua na comunicação com o esposo e filhos, do mesmo modo que os avós e pais. Nota-se ainda que 4M2 aciona o componente conativo para manifestar sua atitude de conduta na família, que é a de sempre conversar em guarani. A Informante 6M3

também demonstra o componente conativo para revelar a valorização do guarani na comunicação em casa e que se fala somente em guarani com a família porque não tem outro modo de falar. Na resposta de 6M3, percebe-se ainda a manifestação do componente afetivo em relação ao guarani, ao empregar “nossa língua” por duas vezes, o que reforça o sentimento de prestígio do guarani e a consciência de que se trata de uma língua da identidade étnica.

Comparando os resultados obtidos nesta pergunta entre as três Informantes mais jovens (Inf. 1M1, Inf. 2M1, Inf. 1M2) e as três Informantes mais velhas (Inf. 4M2, Inf. 5M3, Inf. 6M3), observou-se que o guarani e o PB são utilizados na comunicação entre as famílias do primeiro grupo e somente o guarani é a língua de uso nas famílias das Informantes mais velhas, o que aponta para uma tendência de aumento do bilinguismo, devido ao fato de o PB ser entendido como língua necessária para a comunicação fora da aldeia.

4.1.2 Bloco 2: Consciência da diversidade e nível de conhecimento das línguas faladas na localidade

Este Bloco decorre da análise do componente cognoscitivo nas respostas das Informantes às perguntas 19, 22a, 23 e 24, sobre as línguas faladas na aldeia, na escola e no posto de saúde, respectivamente localizados na aldeia *Tekoha Añetete*, e no município de Diamante d'Oeste, conforme apresenta-se a seguir.

Com relação à pergunta 19, três Informantes revelaram consciência da existência de uma língua diferente da língua falada pela própria Informante, e outras três destacaram que essa diferença não existe.

Observe-se que o componente cognoscitivo se manifesta nas respostas das Informantes 1M1, 3M2 e 6M3 para demonstrar que a língua kaingang é diferente na aldeia *Tekoha Añetete*:

Pergunta 19: Aqui na aldeia, as pessoas falam diferente de você? Em que lugar você ouve as pessoas falarem diferente?

Inf. 1M1

L233INF: *Tem mas de outro tribo ... assim que nem eu falei ... é kaingang ... esse sim fala porque é língua deles*

L235INQ: E essas pessoas, essa língua é falada por muitos na aldeia?

L236INF: *Kaingang? não ... que eu saiba só tem dois ou três aqui que falam ... que vieram morar na aldeia Añetete porque a mulher casou com um guarani ... então ela veio com ele*

Inf. 3M2

L122INF: *Tem um aqui que não é guarani, é kaingang ... ele fala diferente ... e a gente não entende a língua dele*

L124INQ: E aí pra você falar com ele tem que falar em que língua?

L125INF: *Brasileiro*

Inf. 6M3

L281INF: *Tem um kaingang que mora ali ... que é a nora do José... só ela que fala outra língua diferente*

Considerando o contexto bilíngue (guarani e PB) da aldeia em que o *corpus* foi coletado, esses recortes revelam que três Informantes têm consciência das diferenças de grupo social e linguístico pela percepção de que o kaingang se refere a outra etnia, com uma língua diferente e que não se entende entre os falantes guarani do *Tekoha Añetete*. No recorte de 1M1, os termos “mas”, “assim”, “sim” e “então” orientam o pensamento de que a língua que se fala diferente na aldeia é de outra tribo, a Kaingang, que fala a própria língua; isso mostra que a Informante tem consciência da variação linguística entre o guarani e o kaingang. A Informante 1M1 também demonstra a percepção de que, na aldeia, há dois ou três falantes de kaingang, que passaram a morar na localidade porque uma mulher se casou com um guarani da aldeia *Tekoha Añetete* e “então veio morar com ele”. As Informantes 3M2 e 6M3 também têm consciência do contato linguístico com os Kaingang na aldeia e o conteúdo lexical das palavras também expressam o aspecto identitário. A Informante 3M2 percebe que na aldeia há uma pessoa que não é Guarani, fala diferente e não se entende o que se fala porque é da etnia Kaingang. Por isso, a Informante 3M3 responde “brasileiro” para inferir que o PB é a língua para fins de comunicação entre os falantes do guarani e do kaingang. A Informante 6M3 tem a percepção de que se trata de uma falante kaingang, que é nora do “José” e usa modalizador “só” para responder que somente a kaingang que fala outra língua diferente. Esse fenômeno do casamento entre Guarani e kaingang aponta uma tendência de prestígio do PB como língua de comunicação com os falantes de duas etnias indígenas diferentes.

Nas respostas de 2M1, 4M2 e 5M3, não há pistas de contato linguístico na *Tekoha Añetete*:

Pergunta 19: Aqui na aldeia, as pessoas falam diferente de você? Em que lugar você ouve as pessoas falarem diferente?

Inf. 2M1

L84INF: *Diferente de mim? Acho que não tem ninguém que fala diferente*

Inf. 4M2

L161INF: *Acho que não*

Inf. 5M3

L160INF: *E na aldeia existem pessoas que falam diferente de você?*

L161INF: *Eu também não acha diferente ... fala tudo igual*

Os recortes demonstram que as três Informantes acionam o componente cognoscitivo para expressar a crença de que na aldeia não é falada uma língua diferente do guarani. Chama a atenção o uso do verbo “achar” pelas três Informantes, que pode ser empregado para indicar grau maior ou menor de certeza.

Em relação à pergunta 22a, as seis Informantes manifestam o componente cognoscitivo ao demonstrar a percepção de que são falados o guarani e o PB. De acordo com as respostas, no espaço da escola, o guarani é a língua de prestígio para fins de comunicação entre os alunos e os professores Guarani da localidade; e o PB é a língua de prestígio para a comunicação entre os alunos/professores Guarani e os professores/funcionários não-indígenas do Colégio Estadual Indígena Kuaa Mbo’e. Observem-se as respostas:

Pergunta 22a: Quais as línguas faladas na escola da aldeia?

Inf. 1M1

L322INQ: E na escola da aldeia, quais são as línguas faladas?

L323INF: *Guarani ... e como tem professores branco, professora, é claro que elas falam em português pros alunos né ... daí os alunos tem que conversar com eles em português ... só que assim sempre em guarani entre eles assim*

Inf. 2M1

L210INF: *Aqui ensinam quase todas as línguas, menos francês ((risos))*

Inf. 3M2

L168INF: *É guarani porque todo mundo estuda junto ... tudo guarani ... conversa junto tudo guarani ... só professor que não fala guarani fala português porque não entende*

Inf. 4M2

L218INQ: E na escola aqui da aldeia, quais são as línguas faladas?

L219INF: *Língua?*

L220INQ: *É*

L221INF: *Guarani*

L222INQ: E tem mais alguma língua além do guarani?

L223INF: *Não*

L224INQ: Mas quando você vai lá para aprender, você fala em que língua na escola?

L225INF: *Português*

Inf. 5M3

L165INF: *tudo igual tudo Guarani ... alguma fala português algum tem inglês ... tudo criança que tá estuda aprendeno*

Inf. 6M3

L571INF: *tem pessoa que ensina Guarani ... tem professor que ensina Guarani... e tem professora que ensina brasileiro... e tem mais outro ensina espanhol ... mais não fui ainda no espanhol*

Embora na escola sejam faladas as línguas guarani e PB, nota-se que o guarani é a língua mais prestigiada entre os falantes Guarani. Para 1M1, esse processo de comunicação e as diferenças no modo de falar se desenvolvem de acordo com a situação na sala de aula. Inicialmente, 1M1 responde que a língua falada é guarani e em seguida afirma que há professores “branco” e professora que falam em PB. A utilização do termo “branco” denota a consciência de que os professores que falam PB são de etnia diferente do Guarani e não são indígenas. Para explicar esse processo de interação verbal na escola, 1M1 manifesta o componente conativo ao destacar a atitude de conduta dos falantes, ou seja, os alunos têm que conversar em PB com os professores e “sempre” em guarani entre os alunos.

Apesar de não nominar as línguas faladas na escola, 2M1 tem a percepção de que nesse espaço se falam quase todas as línguas, menos o francês, o que revela que sua resposta ocorre a partir do contato com as línguas que estudou na escola. Já 3M2 demarca o prestígio do guarani na comunicação entre os alunos e usa os modalizadores “todo” e “tudo” para demarcar que somente o professor não fala guarani porque não entende essa língua. A Informante 4M2 manifesta uma reação de dúvida quando pergunta “Língua?” e em seguida responde “guarani” e que não há outra língua falada na escola além do guarani. Entretanto, quando se pergunta qual a língua que fala quando vai na escola, a Informante responde que fala PB. A reação da Informante revela a possibilidade de que haja pouco contato linguístico com o PB na escola, pois frequenta o primeiro ano do Ensino Fundamental, o que demonstra uma insegurança linguística em relação ao domínio do PB.

Na resposta de 5M3, chamam a atenção duas ocorrências de “tudo”, ao afirmar “tudo Guarani” e “tudo igual”. Isso indica que na escola a totalidade dos falantes da aldeia utiliza o guarani. Ao afirmar “*tem algum fala portuguei*”, associa o PB com professores e funcionários não-indígenas, e quando diz “*algum tem ingles*” se refere à professora de inglês. Em relação à aprendizagem, 5M3 destaca que as crianças aprendem o guarani e o PB. A Informante 6M3 não responde diretamente quais são as línguas faladas na escola, mas manifesta a percepção de que os professores ensinam guarani, PB e espanhol, ou seja, expõe a vivência com contato linguístico no contexto escolar.

Em resposta à pergunta 23a, apenas uma Informante, da faixa etária com mais de 55 anos, respondeu somente o PB. Nas respostas, as Informantes acionam os componentes cognoscitivo e conativo ao se referir à percepção em relação à(s) língua(s) falada(s) no posto de saúde entre os falantes de guarani e os profissionais de saúde, conforme exposto nos recortes a seguir:

Pergunta 23a: Quais são as línguas faladas no posto de saúde da aldeia?

Inf. 1M1

L368INQ: E no posto de saúde da aldeia quais são as línguas faladas?

L369INF: *Os funcionários de fora falam português ... mas tem agente de saúde indígena que fala em guarani ... tem pessoas que vão pra consultar ... pessoas mais velhas que nem eu falei ... têm pessoas mais velhas que não fala bem português ... então tem que ser acompanhado por agente de saúde indígena na hora da consulta*

Inf. 2M1

L127INF: *No posto de saúde? o guarani e o português também*

L128INQ: No posto de saúde você precisa falar em português?

L129INF: *Sim ... pras enfermeiras não os índios ... daí os agente de saúde eles são guarani*

Inf. 3M2

L188INF: *Aqui mais o portugueis que a enfermeira não é guarani tamém ...mais portugueis que a gente fala ... só que assim, chega paciente a gente fala guarani pergunta guarani o que que ele precisa aqui aí eu tenho que passar pra enfermeira portugueis se precisá um remédio*

Inf. 4M2

L244INF: *Português é com a enfermeira, que tem três trabalhano em guarani ... fala em guarani*

Inf. 5M3

L183INF: *Portuguei*

L184INQ: Além do português, se fala mais alguma língua ali no posto?

L185INF: *Não*

Inf. 6M3

L295INF: *Brasileiro... aquele que veio aí é minha filha... ela é enfermeira*

L296INQ: Ela fala o guarani

L297INF: *Fala com os outros guarani e com o companheiro fala brasileiro*

Ao comparar as respostas, destaca-se que há uma percepção manifesta por cinco Informantes de que no posto de saúde se falam as línguas guarani e PB. O guarani é usado para fins de comunicação entre os falantes monolíngues do *Tekoha Añetete* e os agentes de saúde guarani que trabalham no posto de saúde. Os agentes de saúde fazem a tradução guarani-PB para os profissionais (médico, enfermeira e dentista) e depois traduzem em PB-guarani para os pacientes. A Informante 1M1 afirma que essa situação de trabalho é necessária porque há falantes guarani mais velhas que não falam o PB e precisam ser acompanhadas pelo agente de saúde na hora da consulta. A Informante 3M2 também tem percepção de como ocorre a comunicação interpessoal no posto de saúde e manifesta o componente conativo para explicar como esse processo ocorre: “*chega paciente a gente fala guarani, pergunta guarani o que que ele precisa aqui aí eu tenho que passar pra enfermeira portugueis se precisá um remédio*”. As Informantes 2M1, 4M2 e 6M3 demonstram o componente cognoscitivo para explicar sobre o saber de que as línguas guarani e PB são faladas no posto de saúde, respectivamente, com os agentes de saúde guarani e os profissionais (médico, enfermeira e dentista).

Destaca-se, ainda, que apenas uma Informante não tem a percepção de que no posto de saúde são faladas as duas línguas (guarani e PB). A manifestação de 5M3 pode ter ocorrido a partir da experiência vivenciada pela Informante que fala em PB com os profissionais, ou seja, quando precisa falar com o médico, a enfermeira ou dentista, o que denota uma possibilidade de diminuição no uso do guarani para fins de comunicação no posto de saúde.

A pergunta 24 teve por objetivo identificar a percepção das Informantes sobre as línguas faladas na cidade de Diamante d'Oeste. As respostas obtidas foram as seguintes:

Pergunta 24: No município de Diamante d'Oeste há pessoas que falam diferente de você?

Inf. 1M1

L603INQ: E quando você vai lá no município de Diamante d'Oeste, há pessoas que falam diferente de você?

L605INF: *Sim ... os brancos falam português né?*

Inf. 2M1

L140INF: *Sim ... português*

Inf. 3M2

L274INF: *Ali no Diamante não tem um que fala muito diferente ... só brasileiro mesmo que fala ... daí tudo fala tudo brasileiro*

Inf. 4M2

L168INF: *Sim ... só português*

Inf. 5M3

L184INF: *Não ... não tem... só portuguei*

Inf. 6M3

L299INF: *Não tem ... só em brasileiro mesmo*

Observa-se que as seis Informantes manifestam o componente cognoscitivo para expressar a percepção em relação ao contato linguístico com os falantes de Diamante d'Oeste. Três responderam que as pessoas falam diferente e três responderam com negativas. Apesar das diferenças nas respostas, todas as Informantes manifestaram a percepção de que em Diamante d'Oeste as pessoas falam apenas o PB.

As Informantes 1M1, 2M1 e 4M2 responderam afirmativamente que há pessoas que falam diferente delas no município. A Informante 1M1 usa “branco” como marcador linguístico de que o PB é falado pela etnia não indígena. As Informantes 2M1 e 4M2 respondem que as pessoas falam PB, mas 4M2 usa o advérbio “só” antes de PB para enfatizar que somente o PB é falado de maneira diferente pelas pessoas em Diamante d'Oeste.

Embora as Informantes 3M2, 5M3 e 6M3 manifestem a percepção de que em Diamante d'Oeste se fala apenas o PB, as Informantes usam o marcador linguístico “não tem”, o que indica a possibilidade de que essas três Informantes tenham menor domínio linguístico do PB e, por isso, respondem negativamente a pergunta. A percepção em relação ao PB é semelhante às respostas apresentadas pelas outras Informantes. Também chamam a atenção as respostas da Informante 5M3, que disse “*só portuguei*”, e das Informantes 3M2 e 6M3, que falam respectivamente “*só brasileiro mesmo que fala ... daí tudo fala tudo brasileiro*” e “*só em brasileiro mesmo*”, para demonstrar que no município não é falada a língua guarani, o que revela o prestígio do PB para fins de comunicação em diferentes situações e lugares de Diamante d'Oeste.

4.1.3 Bloco 3 - Percepção sobre o comportamento social e linguístico dos falantes

Neste bloco, são analisadas as respostas às perguntas 21a, 21b, 22b, 23 e 29, que objetivaram suscitar a percepção das Informantes a respeito do comportamento social e linguístico dos falantes, correspondendo aos componentes cognoscitivo e conativo, com relação ao uso do PB na interação com grupos da escola, do posto de saúde e no município de Diamante d'Oeste.

Em relação à pergunta 22b, as seis Informantes manifestaram o componente afetivo, para afirmar que sentem ou sentiam vergonha ou timidez ao falar em PB na escola e acionam os componentes cognoscitivo e conativo para explicar o pensamento e reação ao uso do PB na escola. Observem-se as respostas:

Pergunta 22b: Como você se sente(ia) quando precisa(va) usar o português na escola?

Inf. 1M1

L341INF: *No tempo que eu estudava fora eu me sentia mal até ... assim que eu tinha vergonha, assim de falar em português e errar alguma palavra ... e eu falava e parava ... assim não falava mais ... eu quando eu errava a palavra eu já ficava quieta ... então hoje em dia que nem eu falei as crianças acho que não tem mais essas tantas dificuldades pra falar em português*

Inf. 2M1

L120INQ: E como é que você se sente, quando você vai lá na APAE, tendo que falar o português?

L122INF: *Bom me sinto assim estranho no meio dos outros ((risos)) ... não os índios né ... mas eu me sinto segura lá porque lá tem todos os especialistas né ... aí lá tem assistência com psicólogo que conversa bastante com a gente ... aí lá eu fui aprendendo mais a dialogar com os outros*

Inf. 3M2

L178INQ: O que que é mais difícil?

L179INF: *Ahhh mais difícil pra completar ... assim, dá pra gente fazer ... pra completar a pergunta (em português) é mais difícil, a gente não sabe o que que vai fazer, e o professor explica tudo aí a gente acaba esquecendo, daí é mais difícil ainda pra fazer*

Inf. 4M2

L187INF: *Eu sentia ... queria falá ... eu sentia assim antes ... antes de escola ... queria aprendê falá porque eu pensei um dia cumprir trabalho pra podê falá tudo em português*

Inf. 5M3

L258INF: *Eu não consegui oiá muito ... faltó oculo... fazê oculo e depois que ele continua*

Inf. 6M3

L801INF: *É mai melhó falá a língua Guarani... não adianta a gente qué falá otra língua pra mim parece que num vai dá certo não*

Observa-se que 1M1 demonstra ter segurança linguística em relação ao PB e aciona três vezes o advérbio de modo “*assim*” para revelar que se sentia “mal” e com “vergonha” na escola porque tinha medo de errar alguma palavra e sua reação era parar e não falava mais com os colegas ou a professora. Em seguida, 1M1 manifesta a percepção de que atualmente as crianças não têm mais essa dificuldade para falar em PB. Também nas respostas de 4M2 e 5M3 foi percebida essa dificuldade, tendo em vista que as Informantes externaram maior timidez e pausas, ou seja, não conseguiram se expressar devido à falta de domínio do PB. As Informantes 4M2 e 5M3 demonstraram, de certo modo, a mesma situação vivenciada por 1M1 quando não dominava o PB.

A Informante 2M1 aciona o componente afetivo ao afirmar que se sente “*estranho no meio dos outros*”, mas que atualmente está mais segura porque foi aprendendo a dialogar com os outros. Essa constatação de 2M1 aponta indícios do componente conativo. Já 3M2 afirma que é difícil falar em PB porque, apesar de o professor explicar, o aluno acaba esquecendo e não sabe o que vai fazer para responder a pergunta em PB. O processo de aprendizagem do PB exige, por parte do aluno, um esforço ainda maior para compreensão do conteúdo escolar. Para 4M2, é melhor falar a língua guarani do que falar em outra língua; e revela o sentimento de que “*parece que num vai dar certo não*”.

A manifestação da dificuldade de falar e o medo de errar também puderam ser percebidos no comportamento de algumas Informantes durante a realização das entrevistas. Essa dificuldade de comunicação pode estar relacionada ao nível de escolaridade das Informantes, tendo em vista que as duas Informantes com escolaridade de Ensino Médio e Ensino Fundamental II completo manifestaram mais facilidade na oralidade em PB e menor grau de timidez durante a entrevista, em comparação com 3M2 e 5M3, respectivamente das faixas etárias 2 e 3, e com escolaridade no Ensino Fundamental I incompleto.

Apesar da dificuldade em aprender o PB, as seis Informantes afirmaram que a escola ajudou a falar melhor o PB. Alguns aspectos positivos da escola estão relacionados a “*perder a timidez*”, “*conversar e compartilhar com os outros*”, “*aprender e conhecer o que a palavra significa*” e “*ler e escrever o nome*”. Vejam-se algumas das respostas à pergunta 21a:

Pergunta 21a: A escola ajudou você a falar melhor o português?

Inf. 1M1

L1NF: *Bastante ... ajudou bastante, até porque eu não falava quase nada em português (...) eu tive que me virar aprender a falar português ... perder a timidez ... porque os alunos lá colegas me incomodavam assim se viesse conversar comigo*

Inf. 2M1

L101INQ: E a escola ajudou você a falar melhor o português?

L102INF: *Sim ... bastante ... eu fui aprendendo devagarzinho*

(...)

L111INF: *Fui aprendendo mais conversando ... compartilhando com os outros dialogando eu fui ... daí lá onde eu levo meu filho eu só tenho que falar em português*

L114INQ: Aonde você leva seu filho?

L115INF: *Na APAE*

Inf. 3M2

L154INF: *Sim bastante*

Inf. 4M2

L172INQ: E por que você vai para escola?

L173INF: *Porque eu trabalho aqui, eu preciso aprender mais, pra conhecer mais, como que palavra significa, tudo isso.*

L175INQ: A escola ajudou você a falar melhor o português?

L176INF: *Ajudou muito*

Inf. 5M3

L263INF: *Sim, pra creve, pra lee... antigamente noi não tinha aula né .. não lee... não tinha pra lee... mãe não sabe lee nem creve*

Inf. 6M3

L365INQ: Por que você foi na escola?

L366INF: *Pra mim saber meu nome... se a gente não fazé o nome não vale mais*

(...)

L431INQ: *Aprendi um poquinho não muito ... a gente velha quase não tem mais na memória né... a gente vai e um pouco esquece né... fico noventa dias acho que fiquemo de férias né... aí a gente já esquece e assim memo eu falei pro meu marido eu vo continuá mai dois ano não sei mais um pouco*

Nas respostas à pergunta 21a, as Informantes acionam os componentes cognoscitivos e conativo para avaliar a percepção do aprendizado do PB na escola. Transparece, nas respostas, um vínculo estabelecido pelas Informantes entre língua e direito social em relação ao PB. As Informantes 3M2 e 4M2 têm a percepção de que o PB é importante para o acesso a oportunidades de trabalho fora da aldeia e no posto de saúde da aldeia, conforme justifica 4M2

ao acionar o componente conativo: *“porque eu trabalho aqui, eu preciso aprender mais, pra conhecer mais, como que palavra significa, tudo isso”*. As Informantes 5M3 e 6M3 foram para a escola tardiamente e acionam o componente conativo para explicar que precisam aprender PB para escrever, ler e saber escrever o nome: *“pra creve, pra lee”* (Inf. 5M3), *“saber meu nome... se a gente não fazé o nome não vale mais”* (Inf. 6M3).

Apenas a Informante 6M3 afirma que a escola ajudou pouco a falar melhor o PB e a percepção dela é de que *“a gente velha quase não tem mais memória”* para aprender. Vale destacar que essa Informante aprendeu o PB na oralidade, sem frequentar a escola, quando começou a trabalhar na casa de uma família, com 10 anos de idade. A Informante explica que começou a frequentar o Ensino Fundamental I no colégio da aldeia para aprender a escrever o nome e manifesta o componente conativo para demonstrar a percepção de conduta necessária ao afirmar que *“se a gente não fazé o nome não vale mais”*, ou seja, não poderá receber o benefício da aposentadoria no banco. A Informante afirma que vai para a escola para aprender a escrever seu nome. A Informante 5M3 também não estudou quando criança ou adulta e entende que a escola ajudou a ler e escrever o PB, ao afirmar *“pra creve, pra lee...”*, porque antigamente não tinha escola para aprender a escrever e ler, e que sua mãe não lê nem escreve, o que denota a importância da escola.

Em relação à pergunta 21b, quatro Informantes revelaram o componente cognoscitivo para manifestar a valorização da escola em suas vidas. Duas informantes não responderam porque a pergunta não foi feita durante a entrevista. Vejam-se algumas respostas:

Pergunta 21b: A escola mudou alguma coisa na sua vida?

Inf. 1M1

L304INF: *Mudou bastante ... porque estudar e aprender assim ... que nem se não estudar se eu não vou pra escola eu não vou aprender como é que os ... eu não vou aprender mais sobre ... como é que os brancos às vezes é até mesmo como é que eles ... que opinião eles tem sobre determinado assunto sempre tem diferença ... os índio pode pensar de outra maneira e eles também ... por exemplo quando os brancos por exemplo a nossa cultura tem brancos que valoriza bastante tem branco que não valoriza e tem os índio que os próprios índio não valoriza a cultura*

(...)

L314INF: *O Chamoi sempre fala tem até brancos valorizando mais a nossa cultura do que nosso próprio parente que às vezes não valoriza mais ... fica falando ... ah eu não sei o que que nós vamos mostrar isso pros brancos eles já sabem como nós vive ... eles falam assim ... mas o Chamoi sempre fala que a cultura defende a língua defende o nosso povo ... se um dia não existir mais isso com certeza os branco vão falar “eles não vivem mais, eles não são mais indígenas, eles tão vivendo que nem os branco” ... vão falar exatamente isso.*

Inf. 3M2

L155INQ: E mudou alguma coisa na sua vida?

L156INF: *Não, pra mim tudo igual ... eu fiquei mais feliz que eu aprendi a falar guarani, o português*

Inf. 5M3

L352INF: *Aprendeno... tem que aprende portuguei ... ele tem que conversá com brasileiro brasileira ... tem argum que ele índia aqui que aprendeu portuguei... tem argum não entende*

Inf. 6M3

L439INF: *É mudou um poco*

L440INQ: *Por que mudou?*

L441INF: *Mudou porque a gente aprende um poco né... faz letra essa coisa assim pra sabê um poco mais né... porque hoje em dia se não creve não vai... tudo piizada é assim... tem meu piá que estuda na cidade... eu sempre do conselho pra ele né... filho você tem que entrá na aula falei pra ele porque sem aula serviço num tem mais... tem que te estudo pra te serviço não adianta ... pessoa que não sabe lê então não tem serviço pra ele... eu sempre falo pro meus filhos*

Na fala de 1M1, consta a percepção de que há brancos que valorizam e brancos que não valorizam a cultura Guarani, assim como há indígenas que não valorizam a cultura. A Informante 1M1 tem consciência da importância da escola para aprender sobre a cultura Guarani e lembra que a liderança, o Chamoi, sempre fala que a cultura e a língua defendem o povo Guarani e que se um dia não existir mais isso os brancos vão falar que eles não vivem mais porque não são mais indígenas e estão vivendo igual ao branco. A reflexão de 1M1 revela consciência de que a língua e a cultura são elementos importantes para a identidade étnica Guarani e, conseqüentemente, para a defesa do povo Guarani em relação aos “brancos”.

Apesar de 4M2 responder que a escola não mudou a sua vida e que está “tudo igual”, denota que vivencia uma mudança positiva. Já 5M3 manifesta o componente conativo para demonstrar a atitude de que precisa aprender o PB para garantir a interação.

A Informante 6M3 mostra a percepção de que a escola mudou a sua vida porque pode assinar documentos. Também expressa o prestígio da escola em relação ao mercado de trabalho e aciona o componente cognoscitivo para explicar a crença de que é importante o estudo para conseguir serviço/trabalho, o que denota a valorização do PB em relação ao guarani, considerando oportunidades de trabalho.

Nas respostas à pergunta 23b, observa-se o componente cognoscitivo quando as Informantes explicam que sentem/sentiam dificuldade em falar essa língua com os profissionais (médico, enfermeira e dentista) e algumas manifestam o componente afetivo, por meio dos termos “estranha” e “com vergonha”. Vejam-se algumas respostas:

Pergunta 23b: Como você se sente(ia) quando precisa(va) usar o português no posto de saúde?

Inf. 1M1

L378INF: *Eu não sei explicar assim como é que eu me sinto às vezes ... que hoje eu to até acostuada ... que nem antes eu não conversava quase nada com os brancos ... então hoje já tô mais*

acostumada quando a pessoa conversa comigo eu já converso ... quando eu conheço então já chego conversando com ela então me sinto à vontade

Inf. 2M1

L131INQ: E falando português lá no posto como é que você se sente?

L132INF: *Estranha* ((risos))

L133INQ: (risos) Como é esse estranha?

L134INF: *É que a gente não deveria falar em português no posto de saúde ... os não indígenas não entende o guarani ... daí tem que falar o português*

Inf. 3M2

L216INQ: E como é que você se sentia tendo que falar o português aqui no posto?

L217INF: *Eu sentia vergonha pra falar com as enfermeiras, e agora não, dá pra falar português ... mais antes sentia vergonha ... eu chegava, baixava minha cabeça e não falava com a enfermeira ... perguntava pra mim o que você precisa?,, eu baixava minha cabeça ... não falava ... depois que comecei falá eu vim trazé meu piá, tava com febre ... aí a enfermeira entende tamém um pouco guarani, já entende, se eu errar ela já sabe o que é ... agora não, agora aprendi tudo pra fala*

L223INQ: E você sentia vergonha por quê?

L224INF: *Porque eu falava mais guarani só ... daí eu quando eu falo não sei o que eu falo direito ou falo errado aí que tinha vergonha de falá* ((risos))

L226INQ: E isso você acha que hoje acontece com outras mulheres?

L227INF: *Sim ... bastante ainda ... tem umas que não fala brasileiro ... tem muita vergonha de falá ... tamém falam e daí já perguntam pra mim será que falei certo pra enfermeira? ... é isso que acontece comigo tamém antes* ((risos))

Inf. 4M2

L198INF: *Eu me sinto ... eu fiquei ...* ((silêncio))

L199INQ: Você acha que você tem dificuldade ainda para falar o português?

L200INF: *Acho que sim.*

L201INQ: É? Nesse momento você tá tendo dificuldade?

L202INF: *Um pouco* ((risos))

L203INQ: Que tipo de dificuldade você tem?

L204INF: *Pra explicar as coisas*

A Informante 1M1 manifesta a percepção de que atualmente se sente à vontade para conversar em PB; aciona, portanto, os componentes conativo e afetivo. A fala de 1M1 denota a percepção de sua atual habilidade com a língua portuguesa. O sentimento de 2M1, que tem menor fluência do PB em comparação com 1M1, é que se sente “*estranha*” e manifesta o componente conativo ao afirmar que “*não deveria falar em português no posto de saúde*” porque sua língua materna é o guarani.

A Informante 3M2 disse que sentia “*vergonha*” de falar em PB porque “*falava mais em guarani*” e aciona o componente cognoscitivo para mostrar uma crença e também o componente afetivo ao tecer uma avaliação, com juízos de valor: “*quando eu falo não sei o que falo direito ou falo errado ... aí que tinha vergonha de falá*”. A Informante 3M2 afirma que, ao chegar ao posto, baixava sua cabeça e “*não falava com a enfermeira*”. Ao perguntar se esta situação

continua acontecendo com outras mulheres, a Informante 2M1 afirmou que *“bastante ainda ... tem umas que não fala brasileiro ... tem muita vergonha de falá”*.

O componente afetivo pode ser percebido no silêncio e na fala da Informante 4M2, quando afirma *“Eu me senti ... eu fiquei”*, o que demonstra insegurança linguística em relação ao PB, que se confirma na resposta seguinte: sentia *“um pouco”* de dificuldade *“pra explicar as coisas”*.

Em relação à pergunta 29a, três Informantes disseram que as pessoas param de conversar quando se aproximam das pessoas ou grupo; duas responderam que às vezes continuam falando, às vezes param; e uma respondeu que as pessoas continuam falando quando se aproxima delas.

Pergunta 29a: Em Diamante d'Oeste, quando você se aproxima dos brasileiros, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam? Como você se sente(ia)?

Inf. 1M1

L453INQ: E em Diamante ...quando você se aproxima das pessoas, elas costumam, elas tão conversando, elas costumam parar de conversar entre elas, ou continuam?

L455INF: *Param*

L456INQ: E como você se sente?

L457INF: *Bem ... porque quando você vai e a pessoa percebe por exemplo ... no mercado quem tá atendendo tá conversando com outra pessoa e você chega ele já fala “oi” ... quando você cumprimenta ela e ela vira pra você e fala ... pergunta o que você precisa ... então eu acho bom isso dá atenção*

Inf. 2M1

L188INF: *É, eles continuam, às vezes eles param pra perguntar alguma coisa pra mim.*

L189INQ: E como você se sente?

L190INF: *Estranho chegando no meio da conversa dos outros ((risos))*

L191INQ: E como que eles reagem e como você se sente?

L192INF: *Eles reagem bem, conversam, eu me sinto segura pra conversar com eles*

Inf. 3M2

L319INF: *Continuam falando*

L320INQ: E como é que você se sente?

L321INF: *Ah eu não gosto ...que fala português eu não ligo ... eu entendo o que que eles fala ... sei que não fala mal de mim então eu não ligo ... se falá mal de mim eu vou entendé mesmo ... então eu nunca senti mal assim por fala perto de mim ... eu entendo que eles falam conversa separada não é comigo*

Inf. 4M2

L328INF: *Param de conversar*

L329INQ: E como você se sente?

L330INF: *Eu me sinto que é respeitado como guarani como índio*

Inf.5M3

L296INQ: E quando as pessoas estão conversando em português você chega para conversar com elas?

L298INF: *Chego pra covesar ((fala baixinho))*

L299NQ: E as pessoas param de falar ou não?

L300INF: *Param*

L368INF: *Quando a gente mudó para cá fazia pouco eu fui lá no mercado e uma muié é meio chata não gosta de Guarani assim dos índio começa a cochichar mais o outro... mais eu intendo o que tá falano e pensa que eu não sei... aí eu foi falá pra ele vocês falaram assim ... eu sei que tá falano... não pode ... nois tamo fazeno amizade com todo mundo eu falei... isso o que eu falei pra uma muié... não é fácil não*

Inf. 6M3

L393INQ: Como a senhora gostaria que fosse o tratamento das pessoas, a relação na hora que a senhora fosse na cidade, lá no banco, como a senhora gostaria que fosse essa relação?

L396INF: *Eu gostaria que a gente chega dá bom dia pra todo mundo né... eu gosto do pessoal assim de proseá... contá um causo dá risada... é ansim que é o nosso sistema... minhas crianças quando chega aqui brincano... tem que sé ansim... não pode a gente ser ruim um pro otro... porque nois branca e índia somo igual... vamo cortar nossa ropa aqui vai sair sangue... pega na sua vai sair vermelho tamém... o pensamento da gente é igual... pra mim é ansim... não tem de otro jeito... o meu pensamento é ansim*

As Informantes 1M1, 4M2 e 5M3 responderam que as pessoas param de conversar, e acionaram os componentes cognoscitivo e afetivo para manifestar uma percepção positiva em relação ao falante do PB em Diamante d'Oeste. A reação afetiva de 1M1 é positiva em relação aos falantes do PB e cita como exemplo uma situação no mercado: *“Quando você cumprimenta ela, e ela vira pra você e fala ... pergunta o que você precisa ... então eu acho bom isso, dá atenção”*. Já 4M2 sente *“que é respeitado como guarani como índio”* quando as pessoas param de conversar. A Informante 2M1 respondeu que as pessoas continuam conversando, mas às vezes param, e que se sente *“estranho chegando no meio da conversa dos outros”*, mas afirma que as pessoas *“reagem bem”* e que se sente *“segura”* para conversar com elas. Trata-se, portanto, do acionamento do componente afetivo.

Na fala das Informantes 3M2 e 6M3 também se observa o componente cognoscitivo, quando afirmam que as pessoas continuam conversando, e o componente afetivo para avaliar que não gostam dessa atitude em Diamante d'Oeste. As duas Informantes destacaram que entendem o que as pessoas conversam em PB. A Informante 3M2 disse que não se importa que as pessoas conversem separado e explica *“sei que não fala mal de mim então eu não ligo ... se falá mal de mim eu vou entendé mesmo”*. A Informante 6M3 afirma que não gosta da atitude da pessoa que fica cochichando para outra e que consegue entender quando falam mal dos Guarani. Em seu relato, relembra com tristeza um fato no mercado de Diamante d'Oeste e ressalta *“eu sei que tá falano... não pode ... nois tamo fazeno amizade com todo mundo eu falei... isso o que eu falei pra uma muié... não é fácil não”*. Nesse trecho da fala da Informante, são acionados os componentes conativo e afetivo. Os relatos das Informantes 3M2 e 6M3 mostram a atribuição de uma característica negativa ao falante do PB, que não é indígena.

4.1.4 Bloco 4 - Avaliação das línguas e dos falantes pela Informante

A análise deste Bloco 4 apresenta a avaliação das línguas e dos falantes, que se referem às perguntas 17, 18, 27, 30, 32, 38, 39, 40, 41 e 44. Solicitou-se posicionamento com relação a: quem fala melhor, quem fala pior, qual é a língua mais bonita, qual é a mais feia, se gostaria de aprender alguma língua e se gostaria de que sua família continuasse falando o guarani. As perguntas podem relevar emoções, sentimentos e tendências de comportamento das Informantes que correspondem aos componentes afetivo e conativo.

Para a comparação do guarani com o PB, selecionaram-se as respostas das perguntas 32 e 38. Na pergunta 38, quatro responderam que os falantes do guarani falam melhor; uma Informante respondeu “brasileiro”; e uma Informante considerou quem fala “guarani e português”. Observem-se as respostas à pergunta 38:

Pergunta 38: Comparando a língua indígena, que você fala, o guarani, com o português, quem fala melhor? Por quê?

Inf. 1M1

L620INF: *Guarani*

L621INQ: Por quê?

L622INF: *Porque eu falo em guarani ... eu entendo mais ... então, português eu não entendo bem, então por isso*

Inf. 2M1

L297INF: *Pra mim seria o guarani*

L298INQ: Por quê?

L299INF: *Porque comparando guarani entre portugueses na verdade eu não sei comparar isso né*

Inf. 3M2

L450INF: *O brasileiro*

L451INQ: Por quê?

L452INF: *porque eu acho que o brasileiro fala melhor do que o guarani ... assim quando fala mais letra leva mais curto ... assim pra falá guarani leva mais letra daí mais difícil*

Inf. 4M2

L418INF: *O guarani*

L419INQ: Por quê?

L420INF: *Porque é mais fácil falar*

Inf. 5M3

L437INF: *Portuguesi e o guarani*

L438INQ: Por que você acha, os dois falam bem?

L439INF: *Eu gosto guarani*

Inf. 6M3

L618INF: *Guarani*

L619INQ: Por quê a senhora acha?

L620INF: *Por que sim ... a conversa em guarani parece que tem mais valor entendeu?*

L621INQ: Por quê a senhora acha que tem mais valor?

L623INF: *Ah porque sim ... porque a gente fala só em guarani tem algum brasileiro que sabe mas tem algum que já não e é assim*

As Informantes que escolheram os falantes do guarani justificaram a escolha porque falam em guarani, que é mais fácil de falar e tem melhor entendimento. Para a Informante 6M3, o falante de guarani tem mais valor porque sua “*gente fala só em guarani*”. Apesar de responder que falam melhor os falantes de guarani e PB, a Informante 5M3 manifestou o componente afetivo ao dizer “*eu gosto guarani*”, ou seja, 5M3 escolheu a sua língua materna.

Apenas a Informante 3M2 respondeu que “*o brasileiro fala melhor do que o guarani*” porque é mais fácil falar PB, que tem menos letras, em comparação com o guarani que tem mais letras para falar. Nesse julgamento, a Informante aciona o componente cognoscitivo, além do afetivo, para estabelecer uma comparação entre as línguas guarani e PB, o que pode ser resultado de sua vivência como aprendiz das duas línguas na escola.

Em resposta à pergunta 32, as seis Informantes manifestaram a escolha pelo guarani. O componente afetivo se manifesta no julgamento das Informantes, o que revela uma atitude positiva em relação à língua guarani e de identidade étnica, conforme algumas respostas:

Pergunta 32: Se você tivesse que escolher entre falar apenas a língua guarani ou apenas o português, qual você escolheria? Em que situação? Por quê?

Inf. 1M1

L511INQ: E se você tivesse que escolher entre falar apenas a língua guarani ou apenas o português qual você escolheria?

L513INF: *Guarani*

L514INQ: Por quê?

L515INF: *Porque eu sou Guarani, né? essa é minha língua e eu não pretendo deixar pra trás por causa de outra língua então ... não é que eu não valorizo é claro que é importante falar em português mas se a pessoa falasse escolhe português, entre português e guarani língua guarani então eu escolheria o guarani e continuaria sempre com meu povo e não ficaria no outro lugar*

Inf. 1M2

L405INF: *Guarani*

L406INQ: Por quê?

L407INF: *Porque eu como é que eu vou falá... eu sou índia tenho que falá guarani ... mais guarani*

A Informante 1M1 manifesta essencialmente o componente cognoscitivo para revelar a consciência da relação entre a língua guarani e a identidade com o povo Guarani ao afirmar “*eu sou Guarani*”, “*essa é minha língua*”, “*eu escolheria o Guarani e continuaria sempre com meu povo e não ficaria no outro lugar*”. Demonstra consciência linguística em relação ao guarani em comparação com o PB e emite juízo de maior valoração com relação ao guarani. A

Informante 1M2 também reage afetivamente em relação ao guarani e aciona o componente conativo para justificar sua escolha ao dizer “*eu sou índia tenho que falá Guarani*”, o que denota a relação de língua com identidade étnica.

Essa escolha pela língua materna guarani indica a possibilidade de a mulher manifestar com mais relevância o componente afetivo porque tem menor contato com o contexto fora da aldeia, em comparação ao homem e às diferenças de sexo na cultura indígena Guarani na localidade da pesquisa.

Na sequência do questionário, na pergunta 43, suscitou-se a opinião sobre qual língua era a mais bonita entre o guarani, o português e o espanhol. Metade das Informantes avaliou o guarani como a língua mais bonita, uma não soube responder, uma escolheu “brasileira” e outra respondeu “guarani, português e espanhol”. Observem-se algumas justificativas:

Pergunta 43: Qual é a língua mais bonita? Por quê?

Inf. 1M1

L652INQ: E qual é a língua mais bonita?

L653INF: *Pra mim vai ser sempre o guarani... porque eu sou indígena e falo em guarani, costume falar essa*

Inf. 2M1

L320INF: *Sinceramente, eu não sei ((risos))*

L321INQ: Por quê?

L322INF: *Porque todas as línguas tem sua diferença e comparar não sei*

Inf. 3M2

L482INF: *É a brasileira*

L483INQ: Por quê?

L484INF: *Porque eu falo também e eu acho que a mais bonita é brasileiro*

Inf. 4M2

L447INF: *Acho que guarani ... é guarani*

L448INQ: Por quê?

L449INF: *Porque a criança começa a falar já fala o guarani ... aprende a falar*

Inf. 5M3

L474INQ: então qual é a língua mais bonita?

L475INF: *o guarani o portuguei e o espanhol*

Inf. 6M3

L684INF: *Guarani*

Para a Informante 1M1, a língua guarani é a mais bonita porque é indígena e fala em guarani. O recorte revela a manifestação do componente afetivo, quando afirma “*eu sou indígena*” e “*pra mim vai ser sempre o guarani*”, o que denota novamente o prestígio do guarani em comparação com o PB. A Informante 4M2 também expressa uma atitude positiva em

relação ao guarani e justifica sua escolha “*porque a criança começa a falar, já fala o guarani, aprende a falar*”.

A Informante 2M1 não soube responder qual a língua mais bonita e afirma “*que todas as línguas tem suas diferenças e comparar não sei*”. A resposta de 2M1 revela que a Informante tem consciência das diferenças entre as línguas, mas não soube explicar qual a mais bonita. Isso pode estar relacionado à dificuldade de comunicação da falante para se expressar em PB. A Informante 3M2 escolheu “*a brasileira*” como a língua mais bonita e sua escolha manifesta uma atitude de prestígio em relação ao PB, ao responder “*porque eu falo também e eu acho que a mais bonita é brasileiro*”.

Em síntese, quanto às perguntas 38 e 43, observou-se que as Informantes manifestaram os componentes afetivo e cognoscitivo para avaliar o prestígio de que a língua guarani é a mais bonita em comparação com o PB e o espanhol, o que denota a relação entre língua e identidade étnica.

Em resposta à pergunta 44, apenas uma Informante nomeou uma língua como feia, duas disseram que não existe uma língua feia, uma não soube responder e outra não respondeu porque “*quer ter amizade com todo mundo*”. Vejam-se algumas das respostas:

Pergunta 44: Qual é a língua mais feia? Por quê?

Inf. 1M1

L656INF: *Língua mais feia? Pra mim não existe uma não sei falar assim ... porque as línguas portuguesas, paraguaia ou espanhol, ou língua caingangue pra mim pode ser feio mas pra eles que entendem sempre também vai ser língua ... então não existe ... pra mim não existe línguas pior nem melhor*

Inf. 2M1

L323INF: *Isso não sei dizer*

L324INQ: Por quê?

L325INF: *É porque eu não tenho ... eu não acho que tenha uma língua feia ... é isso*

Inf. 3M2

L486INF: *mais feia não sei ((risos)) ... não sei*

L487INQ: por que você não sabe?

L488INF: *eu não posso falar que eu não entendo também as outras línguas ... eu não sei ... então eu não sei qual que é mais feia*

Inf. 4M2

L451INF: *Acho que espanhol ((risos))*

L452INQ: Por quê?

L453INF: *Porque eu não sei falar espanhol*

Inf. 5M3

L477INQ: E qual a língua mais feia?

L478INF: *((silêncio)) eu tamem não acho pra ... eu tamem tudo igual*

Inf. 6M3

L686INF: ((risos)) *não quero fazer feio pra ninguém... quero ter amizade com todo mundo*

Para a Informante 1M1, “*não existe línguas pior nem melhor*”, o que demonstra a consciência linguística da falante em relação às diferenças entre as línguas, ou seja, uma língua que é feia para ela pode não ser feia para outro falante. A Informante 5M3 também manifesta que não tem língua feia e, ao afirmar “*eu também tudo igual*”, denota sua crença de que todas as línguas são iguais. As Informantes 2M1 e 3M2 não souberam dizer qual é a língua mais feia, mas com diferenças no modo de percepção porque 2M1 afirma “*eu não acho que tenha uma língua feia*” e 3M2 disse “*eu não posso falar que eu não entendo também as outras línguas*”. A Informante 4M2 foi a única que nomeou uma língua como feia, o espanhol, e justificou sua escolha porque não fala espanhol, ou seja, demonstra que as línguas guarani e PB têm mais prestígio porque é bilíngue. A Informante 6M3 não respondeu à pergunta e sua reação foi uma risada seguida de pausa, o que denota uma reflexão sobre a questão e o controle de sua fala. Em seguida, 6M3 afirma “*não quero fazer feio pra ninguém... quero ter amizade com todo mundo*”, o que denota que a língua está conectada com o entorno sociocultural da falante.

Resumindo, as respostas das Informantes são manifestações de suas relações com os falantes do contexto sociocultural dentro e fora do *Tekoha Añetete*, conforme afirma Moreno Fernández (2012):

La influencia del entorno social viene condicionada por la forma en que los hablantes interpretan recíprocamente sus perfiles lingüísticos, así como por el modo como categorizan y perciben la organización social y su dinámica, incluida la comunicativa²⁷ (MORENO FERNÁNDEZ, 2012, p. 49-50).

Portanto, o posicionamento do falante sobre a língua mais bonita e mais feia tem influência do ambiente sociocultural em que vivem e pela forma como o falante manifesta os elementos afetivos, cognoscitivos e conativo na sua relação com os agrupamentos sociais e seus membros.

Em resposta à pergunta 27, quatro responderam que não gostariam de aprender outra língua e duas responderam que gostariam de aprender o inglês. No que diz respeito ao inglês, destacam-se as respostas:

²⁷ Tradução nossa: A influência do ambiente social é condicionada pela maneira como os falantes interpretam seus perfis linguísticos reciprocamente, assim como pela maneira como categorizam e percebem a organização social e sua dinâmica, inclusive a comunicativa.

Pergunta 27: Você gostaria de falar mais alguma língua diferente do guarani? Por quê?

Inf. 1M1

L436INF: *Inglês ... gostaria de entender mais a língua*

L437INQ: Por quê?

L438INF: *Porque que nem eu falei com o tempo muda bastante né? Internet ou no celular às vezes aparece palavra em inglês e eu não entendo então por isso*

Inf. 3M2

L282INF: *Sim ... eu gostaria falar mais, aprender mais diferente ... assim na outra língua*

L283INQ: Que outra língua você gostaria?

L284INF: *Ingleis*

L285INQ: É ... por quê?

L286INF: *Porque eu me interessei ... achei muito legal ... assim assiste na televisão passa assim fala ingleis ... eu gosto muito*

Observa-se que as duas Informantes têm interesse em aprender o inglês para fins de comunicação e acesso a conteúdo em inglês na internet, no celular e na televisão. A atitude das Informantes revela o prestígio do inglês em comparação com outras línguas e uma tendência de crescimento desta língua entre os falantes com maior escolaridade. A Informante 1M1 justifica a escolha ao afirmar que “*na internet ou no celular às vezes aparece palavra em inglês e eu não entendo*”. Já 3M2 afirma que sempre se interessou e “*gosta muito*” porque “*assiste (filmes) na televisão*”.

Ao contrário das Informantes 1M1 e 3M2, quatro Informantes não desejam aprender outra língua. Observem-se três respostas:

Pergunta 27: Você gostaria de falar mais alguma língua diferente do guarani? Por quê?

Inf. 2M1

L165INF: *Não*

L166INQ: Por quê?

L167INF: *Porque a nossa língua é mais importante pra nós*

Inf. 4M2

L292INF: *Na minha opinião, não*

L293INQ: Por quê?

L294INF: *Porque eu não quero aprender além de guarani, em outras línguas*

Inf. 5M3

L457INQ: *Não, não vou saber falar bem... eu já experimentei mas não fala*

Inf. 6M3

L811INQ: *Eu acho bom também a gente aprende outra língua também ... mais os pajé fala que não pode aprende muito porque a gente sabé de otro jeito daí já ... os branco às veiz que tomá o que é da gente, porque tem muito branco que não gosta do Guarani ... daí já que tomá a terra e isso e aquilo... e é ansim que começa*

As respostas das Informantes mostram um posicionamento de prestígio da língua materna e motivam a manifestação de modo coocorrente os componentes cognoscitivo e conativo (Inf. 2M1, Inf. 4M2, Inf. 5M3) em relação ao guarani ao justificarem a escolha. Transparece, nas respostas, um vínculo estabelecido pelas Informantes entre língua materna e identidade étnica na medida em que expressam “*nossa língua é mais importante pra nós*” (Inf. 2M1), “*não quero aprender além de guarani*” (Inf. 4M2) e “*não vou saber falar bem*” (Inf. 5M3). Embora a Informante 5M3 tenha declarado que não quer aprender outra língua, sua avaliação é com base em uma experiência do passado e, por isso, manifesta a crença de que não tem o domínio da língua na oralidade. Já a Informante 6M3 acha bom aprender outra língua e manifesta o componente cognoscitivo, e de modo coocorrente o componente conativo, para revelar a recomendação do pajé em relação ao contato com os falantes do PB: “*não pode aprendé muito porque a gente sabé de otro jeito daí já ... os branco às veiz qué tomá o que é da gente, porque tem muito branco que não gosta do guarani, daí já qué tomá a terra*”. A fala da Informante 6M3 denota uma relação entre língua e território que também aparece nas respostas das Informantes em outras perguntas, revelando uma crença de que falar a língua guarani é uma forma de garantir a terra para os descendentes na aldeia Tekoha Añetete.

Em resposta à pergunta 30, as seis Informantes mulheres manifestaram o componente cognoscitivo para expressar, de forma direta ou indireta, uma apreciação positiva com relação ao guarani e ao PB. Vejam-se algumas respostas:

Pergunta 30: A escola deveria ensinar quais línguas? Por quê?

Inf. 1M1

L474INQ: E a escola deveria ensinar quais línguas?

L475INF: *Na escola que tem hoje no colégio eu não posso reclamar ou falar que tem que ser ensinado só guarani ou só português porque tem ... hoje tem aula guarani então, os professor que vem de fora ensina em português ... então tem professores indígenas que são responsáveis pra dar aula em guarani ou até mesmo às vezes é a palavra que hoje eu não escuto mais ... que eu tô esquecendo ... eu posso lembrar nessa aula o professor conta como que falava essa palavra ... então as criança tem também a oportunidade de aprender mais de novo que eles tão esquecendo algumas palavras, alguns nomes, em guarani então a escola tem sim responsabilidade de ensinar guarani também ... não é porque somos guarani que vamo falar ah porque que vai ter aula guarani se eles falam guarani? ... então sempre tem que ter aula com os professores indígenas*

Inf. 2M1

L212INF: *O mais importante seria o guarani né? Português, ciências, essas coisas, seria importante*

L214INQ: Por quê?

L215INF: *Porque... Pra ter futuro na vida né? Seria isso*

L216INQ: E o que que você imagina para ter o futuro, o que seria para ter o futuro?

L217INF: *Futuro ... no meu futuro?*

L218INQ: É da importância do português pra esse futuro

L219INF: *Trabalhos fora, pré fazer faculdade ... é isso*

L220INQ: *E o que que isso ajudaria? Trabalhar fora, fazer faculdade, por quê?*

L221INF: *É pra ser alguém na vida né? Pra não ter que depender dos outros*

Inf. 3M2

L362INF: *Eu acho que tem que ensiná dois línguas guarani e português*

L363INQ: *Por quê?*

L364INF: *Porque vai precisá no adiante ... que usa mais português agora pra saí.. antigamente não saía ... os índio não saía assim pra cidade ... então morava só no mato, não saía pra cidade, então não precisava falá brasileiro, e agora adiante tem que saí ... tem muitos que trabaia assim pra fora tem que aprendé falá português tamém*

L369INQ: *Por quê precisa sair da aldeia?*

L370INF: *Trabaia pra fora tamém ...tem muitos que trabaiam na Lar daí precisa aprendé*

Inf. 4M2

L148INF: *O professor guarani ensina a falá guarani e o professor branco já ensina falá português*

Inf. 5M3

L376INF: *Só Guarani, tudo igual*

L377INQ: *Tudo igual, qual língua que a escola devia ensinar?*

L378INF: *Aqui dá Guarani ele professô ... dá Sipriano e Joãzinho... e Vicente*

L379INQ: *Dá o Guarani. Então a escola na sua opinião deveria ensinar só o Guarani?*

L380INF: *Só o Guarani*

L381INQ: *E o português?*

L382INF: *Portuguê que ele depois que ele passá*

L383INQ: *Quando que ele vai aprender o português então?*

L384INF: *Quinto grau e sétimo grau que ele aprendé*

Inf. 6M3

L570INQ: *E a escola deveria ensinar em que línguas na escola?*

L571INF: *Tem pessoa que ensina Guarani ... tem professor que ensina Guarani... e tem professora que ensina brasileiro... e tem mais outro ensina espanhol ... mais não fui ainda no espanhol*

L574INQ: *A senhora acha que essas línguas deveriam continuar sendo ensinadas na escola?*

L576INF: *nem vô sabé tamem porque já sô véia*

O Colégio Estadual Indígena Kuaa Mbo'e, situado na própria aldeia, é o ponto de referência das famílias que residem no *Tekoha Añetete* e, por consequência, acaba se tornando ponto de encontro de toda a comunidade. Conforme apontado anteriormente, a língua guarani é aprendida pela criança junto à família e a aquisição da segunda língua (PB) ocorre a partir de 4 e 5 anos de idade, após matriculado na escola, e também por influência da televisão, internet e amigos.

A Informante 1M1 manifesta maior prestígio do guarani em relação ao PB ao afirmar que, na escola, *“as criança tem também a oportunidade de aprender mais de novo que eles tão esquecendo algumas palavras, alguns nomes, em guarani ... então a escola tem sim responsabilidade de ensinar guarani também”*. A Informante também relaciona língua com identidade étnica ao afirmar que *“não é porque somos guarani que vamo falar ah porque que*

vai ter aula guarani se eles falam guarani? ... então sempre tem que ter aula com os professores indígenas”.

A Informante 2M1 afirma que aprender guarani seria “*o mais importante*” e que “*Português, ciências, essas coisas seria importante*”. A princípio, isso denota mais prestígio do guarani como língua materna. Entretanto, a Informante aciona o componente cognoscitivo para demonstrar a crença de que aprender o PB é importante para “*ter futuro na vida*”, ou seja, realizar “*trabalhos fora (da aldeia)*”, “*fazer faculdade*”, “*pra ser alguém na vida*” e “*não ter que depender dos outros*”, o que revela o prestígio do PB e a valorização dessa língua para poder trabalhar, estudar e mudar de vida.

A Informante 5M3 afirma inicialmente que a escola deveria ensinar “*só Guarani, tudo igual*” e que essa língua é ensinada por três professores Guarani da aldeia, o que denota uma relação da língua com o contexto social da escola. A Informante 6M3 também relaciona a pergunta com a realidade que vivencia na escola ao responder “*tem pessoa que ensina Guarani ... tem professor que ensina guarani... e tem professora que ensina brasileiro... e tem mais outro ensina espanhol ... mais não fui ainda no espanhol*”.

Nessas respostas, merece destaque que todas as Informantes manifestaram que a escola deve ensinar as línguas guarani e PB. Observa-se que as três Informantes mais jovens demonstram ter mais segurança linguística do PB em relação às três Informantes mais velhas, ou seja, conseguem se expressar em PB com orações mais completas. Essa diferença no modo de falar pode estar relacionada ao maior ou menor nível de escolaridade da Informante. Vale lembrar que 1M1, que cursou o Ensino Médio, fala melhor o PB do que a Informante 2M1, que cursou até o 9º ano do Ensino Fundamental regular, e respectivamente falam melhor o PB do que a Informante 3M2, que frequenta o 8º ano do Ensino Fundamental Supletivo.

Quanto à pergunta 17, as seis Informantes acionam o componente conativo para expressar positivamente que essa língua deve continuar sendo falada na família, o que denota o prestígio da língua guarani e a relação entre língua, cultura e identidade étnica. Observem-se as respostas:

Pergunta 17: Você gostaria que sua família continuasse falando a língua guarani? Por quê?

Inf. 1M1

L127INQ: Você gostaria que sua família continuasse falando a língua guarani?

L128INF: *Com certeza, porque isso é importante ...que nem eu sempre falo ... eu sei falar português, um pouco né, eu não falo bem, nem pretendo chegar, nunca vou alcançar isso ... mas eu quero aprender um pouquinho pra poder conversar com as pessoas que pergunta as coisas pra mim sobre meu povo, pra ajudar o meu povo, minha comunidade ... pra isso eu quero aprendê... não pra falar na minha casa... é claro que eu ensino os meus filhos não pra ensinar os meus filhos a falarem*

bem português pra conversar em português em casa, isso eu não quero, porque somos guaranis e eu quero que isso continua sempre ... cultura, a língua, eu quero que isso continua

Inf. 2M1

L45INF: *Sim*

L46INQ: Por quê?

L47INF: *Ah porque pra ele não perdê a etnia ... é isso*

Inf. 3M2

L77INF: *Sim*

L78INQ: Por quê?

L79INF: *Porque a gente é guarani e não pode perder a língua guarani*

Inf. 4M2

L94INF: *Sim*

L95INQ: Por quê?

L96INF: *Ah porque eu quero meu filho continuar falar o guarani porque eu não quero deixar nossa cultura pra trais*

Inf. 5M3

L601INQ: E você gostaria que a sua família continuasse falando a língua guarani?

L602INF: *Continua*

L603INQ: Você gostaria?

L604INF: *Sim, eu gosto*

L605INQ: Por quê é importante continuar falando guarani?

L606INF: *((silêncio))*

L607INQ: Você acha que é importante continuar falando?

L608INF: *Sim*

L609INQ: Por quê?

L610INF: *Tudo igual né ... por isso que ele conversa só guarani*

Inf. 6M3

L797INQ: *Sim*

L798INF: Por quê?

L799INQ: *Porque sim ... é mai melhó falá a língua Guarani... não adianta a gente qué falá otra língua pra mim parece que num vai dá certo não*

L801INF: E pro futuro, a língua Guarani ela continuando na aldeia o que significa isso para vocês?

L803INQ: *Por causa dos pajé, os pajé que num qué que a gente fala muito na linguagem ... o pajé fala que tem que falá nossa língua*

As respostas das Informantes revelam que continuar falando a língua guarani é importante para preservar a língua, a cultura e a identidade étnica. Observa-se que o componente conativo ocorre de modo coocorrente com o componente afetivo na fala de avaliação das Informantes em relação à língua guarani, que pode ser observada quando afirmam “somos Guarani e eu quero que isso continua sempre” (Inf. 1M1), “pra ele não perdê a etnia” (Inf. 2M1), “a gente é guarani e não pode perder a língua guarani” (Inf. 3M2) e “eu não quero deixar nossa cultura pra trais” (Inf. 4M2). Embora as Informantes 5M3 e 6M3 afirmem de modo indireto os motivos pelos quais a família deve continuar falando o guarani, denota-se que

as Informantes atribuem prestígio à língua materna ao afirmarem “*Tudo igual né ... por isso que ele conversa só guarani*” (Inf. 5M3), “*é mai melhó falá a língua guarani*” (Inf. 6M3) e “*o pajé fala que tem que falá nossa língua*” (Inf. 6M3). Observa-se que 5M3 acionou o pronome indefinido “tudo” para denotar totalidade e o adjetivo “igual” para manifestar o desejo de continuar como está, ou seja, somente falando a língua guarani. Esse posicionamento revela o prestígio da língua guarani falada desde criança. Constata-se ainda que a insegurança linguística das Informantes 5M3 e 6M3 em relação ao PB é uma variável que dificulta a comunicação oral, o que é perceptível nas pausas durante a conversação.

Algumas Informantes revelaram o que as famílias e as lideranças fazem para preservar a língua guarani, conforme apresenta-se nas respostas à pergunta 18 a seguir:

Pergunta 18: O que você/as famílias/as lideranças fazem para preservar a língua guarani, para a língua guarani não morrer?

Inf. 1M1

L162INQ: E aqui na sua aldeia, as famílias, o que tem feito pra preservar a língua guarani?

L164INF: *A conversa... dialogar com Chamoi principalmente na casa de reza... o Chamoi, como Vicente, o pai dele sempre fala pra as crianças... às vezes quando fala quando tem reunião na escola eles tentam passar também isso... Uma vez eu também já falei sobre isso pra criançada tem que falar guarani essa é a nossa língua própria língua que nunca morre... a gente tem que ter orgulho de falar em guarani porque Deus nos fez pra ser guarani e os brancos é branco... É claro que somos de certa forma somos iguais porque nascemos, crescemos, envelhecemos e morremos, e onde que nós vamos depois de morrer? Debaixo da terra viramos pó... Então os brancos também assim o guarani assim... só que a língua é diferente, costume diferente, mas devido a algo que aconteceram, vai sempre mudando um pouco para os indígenas, né? Nós somos obrigados a mudar o nosso costume, é a questão de sobrevivência... Eu falo eu não falo por mal porque é verdade... Nós temos que ir pra cidade, ver se há roupa, porque antigamente ((risos)), os índios, já sabe né, andava sem roupa, daí hoje em dia, os índios que tem televisão, tem alguns que tem carro, mas isso nunca vai mudar pra eles, de ser índio, sempre vai continuar... Então eu sempre falo isso no Opy: eu posso colocar uma coroa de ouro na minha cabeça, se eu for lá descer na cidade, bem bonita, os brancos vão olhar pra mim e falar “índia”... É claro que eu sou índia e tenho orgulho, eu não tenho vergonha de ser índia ou mostrar meu costume... Eu visto roupa, às vezes eu compro, assim, pra me vestir melhor, mas não pra mudar o meus costume, isso faz parte né... eu quero às vezes eu quero ficar mais bonita então eu faço isso*

Inf. 1M1

L185INQ: E o que as lideranças da aldeia pensam e fazem pra preservar a língua guarani?

L186INF: *Eles tentam é levar mais pessoas assim na... por exemplo eu falei do Opy porque esse é o lugar de conversar, dar conselho e não só conversar, ou pedir, vocês tem que fazer isso, tem que... Eles mesmo mostra, por exemplo, a cultura, pra continuar essa cultura, porque se um dia o Chamoi não mostra mais isso eu não vou saber, os meus filhos não vão saber como que os guarani dançava, como que eles cantam como que eles falam como que eles fazem artesanato... e se o Chamoi não contar eu não vou saber como eles viviam antes e o que mudou e o que vai mudar com o tempo porque sempre vai mudando, principalmente pro povo guarani, muda bastante... mas o Chamoi sempre, as lideranças sempre continua pra que essa cultura, essa valorização das línguas continua sendo sempre mostrado assim pros brancos que nós somos guarani... Porque se um dia, eu sempre falo pros meus filhos, como vocês vão aprender se não for pra casa de reza? Se um dia vir um perguntar pra vocês, ou pra você, e mostrarem como é que os índio dançam, como que os índio canta, como que vocês vão cantar, como*

que vocês vão dançar se vocês não aprenderem a nossa cultura? E isso é que o Chamoi sempre passa pra nós, por isso eu valorizo muito meu povo e tenho orgulho de ser índia

Inf. 2M1

L48INQ: E o que que você faz para preservar a língua guarani?

L49INF: *Eu... que que eu posso dizer...*

L50INQ: pra língua não morrer

L51INF: *Eu continuo falando ... é ... porque às vezes alguém já não quer mais falá em guarani ... daí a gente conversa com eles ... dá conselho pra ele .. pra ele não abandoná a língua*

L54INQ: Por quê que isso é importante dar o conselho?

L55INF: *Porque... porque a preservação da língua é mais importante pra nós né? Tem algumas pessoas que não sabem falar em português daí é importante preservar*

Inf. 3M2

L80INQ: E como você faz para essa língua não morrer?

L81INF: *A gente fala um pouco guarani e fala um pouco brasileiro pra criança pra aprender pra não perder a língua*

L83INQ: E vocês tem a preocupação com essa língua guarani, pra preservar essa língua?

L84INF: *Sim tem... se perder a gente vai perder nossa cultura também... perder falar guarani, só falar brasileiro*

Inf. 3M2

L87INQ: E o que que vocês fazem, assim, para que essa língua continue ainda presente na vida de vocês?

L89INF: *A gente conversa o guarani... mais assim tudo junto assim... a gente conversa só o guarani mesmo, pra não perder*

Inf. 4M2

L118INQ: O que é importante pra não deixar a língua morrer?

L119INF: *Sempre continuar a nossa dança, dança e instrumento a gente usa sempre*

As respostas revelam que as Informantes têm consciência da relação entre língua e identidade étnica; conseqüentemente, atribuem prestígio ao guarani. A Informante 1M1 manifesta os componentes conativo, ao declarar “*tem que falar guarani, essa é a nossa língua própria, língua que nunca morre, a gente tem que ter orgulho de falar em guarani*”, e afetivo, quando diz “*eu sou índia, e tenho orgulho, eu não tenho vergonha de ser índia ou mostrar meu costume*”. A Informante 2M1 manifesta o componente cognoscitivo para demonstrar a crença de que a preservação da língua guarani é mais importante para família (L551) e aciona o componente conativo para explicar sua conduta quando, às vezes, alguém não quer mais falar em guarani: “*daí a gente conversa com eles ... dá conselho pra ele... pra ele não abandoná a língua*”, o que denota o prestígio da língua materna. As Informantes 3M2 e 4M2 também manifestam a percepção de conduta para não perder a língua: “*a gente conversa só o guarani mesmo, pra não perder*” (Inf. 3M2) e “*Sempre continuar a nossa dança, dança e instrumento a gente usa sempre*” (Inf. 4M2). A consciência linguística das Informantes mostra que, se perder

a língua guarani, perde-se a cultura também. Por esse motivo, a língua falada pela Informante faz parte de sua identidade como sujeito e como membro do grupo social do *Tekoha Añetete*.

A comparação do guarani falado pelas Informantes com o guarani paraguaio e argentino revela consciência sobre as diferenças entre essas línguas. Duas avaliaram que falam melhor os Guarani da aldeia, duas disseram que os paraguaios falam melhor, uma escolheu os falantes argentinos de guarani e uma disse “*não entendo nada*”. Observem-se as respostas:

Pergunta 39: Comparando a língua guarani que você fala com o guarani paraguaio, o guarani argentino, quem fala melhor? Por quê?

Inf. 1M1

L626INF: *Guarani ((risos))*

L627INQ: Por quê?

L628INF: *Como eu disse eu entendo mais ... porque tem guarani paraguaio e guarani argentina que fala quase as mesma palavra mas um pouco diferenciado ... então é difícil pra entender ... um pouco difícil pra falar mais ainda porque eu to acostumado a falar guarani, dai é difícil, então é melhor mesmo o guarani daqui*

Inf. 2M1

L304INF: *Ah, não entendo nada, as coisas*

Inf. 3M2

L456INF: *Acho que é daqui que fala melhor que o argentino e o paraguaio eu não conheço muito*

L458INQ: E por quê você acha que você fala melhor?

L459INF: *porque eu acho que falo tudo melhor aqui ... que lá é mais difícil pra falá, tem algum que a gente não entende ... então mais difícil*

Inf. 4M2

L423INF: *((silêncio)) Acho que Paraguai né ((risos))*

L424INQ: Por quê?

L425INF: *Porque Paraguai também fala guarani*

L426INQ: Por que você acha que fala melhor?

L427INF: *eles quase falam nossa língua .. um pouquinho diferente*

Inf. 5M3

L451INQ: Comparando o Guarani que você fala com o Guarani paraguaio e o Guarani argentino quem fala melhor?

L453INF: *O Paraguai ... a Argentina tem poco Guarani tá errado*

L454INQ: Tá errado?

L455INF: *Tá errado não é firme*

L456INQ: O Guarani do argentino não é firme?

L457INF: *É*

L458INQ: Então o paraguaio fala melhor?

L459INF: *É*

Inf. 6M3

L433INF: *da Argentina, igual nois fala... esse meu genro aí é de lá da Argentina*

L434INQ: e a senhora acha que os Guarani da Argentina falam melhor do que os Guarani daqui de vocês?

L436INF: *Sim*

L437INQ: Por quê falam melhor?

L438INF: *Porque sim, têm mais estudo que a gente e nois que não tem estudo não sabe nada*

As respostas mostram que cinco Informantes têm consciência das diferenças do guarani falado na aldeia, no Paraguai e na Argentina. Observa-se que o posicionamento que se manifesta está relacionado ao nível de conhecimento e à percepção de cada Informante em relação à fala de outro. A Informante 6M3 manifesta uma atitude positiva em relação aos Guarani argentinos porque tem um genro que é da Argentina, e tem a percepção de que ele fala melhor porque “*têm mais estudo que a gente e nois que não tem estudo não sabe nada*”, o que denota que o prestígio em relação à fala do argentino Guarani é porque ele estudou mais do que a Informante.

As Informantes 5M3 e 4M2 justificam a escolha do guarani paraguaio porque “*Argentina tem poco Guarani tá errado ... não é firme*” (Inf. 5M3) e “*eles (paraguaios) quase falam nossa língua... um pouquinho diferente*” (Inf. 4M2), o que demonstra a percepção das diferenças no modo de falar o guarani. As Informantes 1M1 e 3M2 também têm consciência das diferenças linguísticas do guarani na fronteira e justificam: “*Tem guarani paraguaio e guarani argentina que fala quase as mesma palavra mas um pouco diferenciado ... então é difícil pra entender ... então é melhor mesmo o guarani daqui*” (Inf. 1M1), “*Acho que é daqui que fala melhor que o argentino e o paraguaio eu não conheço muito (...) lá é mais difícil pra falá, tem algum que a gente não entende*” (Inf. 3M2). Já 2M1 afirmou: “*não entendo nada*”, o que denota um posicionamento de provável prestígio de sua língua materna. Entretanto, a resposta pode ser uma possibilidade de insegurança linguística em relação ao PB e dificuldade de compreensão da pergunta em virtude da subjetividade da própria pergunta.

Em relação a quem fala pior, três Informantes citaram os argentinos e justificaram: “*pior língua, não sei dizer (falar)*” (Inf. 2M1), “*porque eu não entendi tudo a língua deles*” (Inf. 3M2) e “*o argentino, ele não fala firme*” (Inf. 5M3). Duas não nomearam o pior falante e se posicionaram: “*eu não diria que fala pior porque eu só falo que é melhor falar em guarani*” (Inf. 1M1) e “*Na minha opinião ninguém*” (Inf. 4M2). Uma selecionou o paraguaio porque ele “*fala castelhano*” e “*tudo misturado*”. Vejam-se as respostas à pergunta 41:

Pergunta 41: E quem fala pior? Por quê?

Inf. 1M1

L639INQ: E quem fala pior? Entre o guarani que você fala, o guarani paraguaio e o guarani argentino?

L641INF: *Quem, eu não diria que fala pior, porque eu só falo que é melhor falar em guarani, porque eu entendo mais, então eu não sei responder essa pergunta, falar, se eu falo pior ou se o paraguaio fala pior ou o argentino, então é assim, eu não sei responder*

Inf. 2M1

L314INQ: E quem fala pior?

L315INF: *Pior? Os argentinos ((risos))*

L316INQ: Por quê?

L317INF: *Pior língua, não sei dizer*

Inf. 3M2

L472INF: *Acho que o da Argentina*

L473INQ: Por quê?

L474INF: *Eu acho porque eu não entendi tudo a língua deles, por isso ((risos))*

Inf. 4M2

L434INF: *Na minha opinião ninguém*

Inf. 5M3

L461INQ: E quem fala pior o Guarani?

L462INF: *O argentino... ele não fala firme*

L463INQ: Você pode me explicar melhor porque ele não fala firme?

L464INF: *Só espanhol que ele fala bem*

Inf. 6M3

L657INF: *Acho que é lá do Paraguai porque ele fala castelhano e é ansim tudo misturado*

Constata-se que, para quatro Informantes, a avaliação do guarani se justificou por razões ligadas à compreensibilidade e facilidade da língua. A Informante 1M1 manifesta o prestígio da língua guarani e o seu posicionamento reforça a crença que manifestou anteriormente, ao responder à pergunta 44, e justificou que “*não existe línguas pior nem melhor*”. Para a Informante 1M1, é melhor falar em guarani porque tem mais compreensão da língua materna em relação ao guarani falado na Argentina e no Paraguai, o que pode demonstrar a consciência linguística da falante em relação às diferenças entre as línguas e também o prestígio do grupo social do *Tekoha Añetete*.

Na pergunta 40, as respostas de cinco Informantes revelam que há variações linguísticas na língua guarani falada no Brasil, Paraguai e Argentina:

Pergunta 40: Quais as diferenças entre o guarani que você fala com o guarani paraguaio e o guarani argentino?

Inf. 1M1

L632INQ: Quais são as diferenças entre o guarani que você fala, o guarani paraguaio e argentino, você pode me explicar?

L634INF: *Aqui por exemplo, quando se fala em casa de reza é Opy, fala Opy, e guarani paraguaio fala Oguassu e no argentino fala Ogachú então é diferente a fala ... eu tô mais acostumada a falar Opy pra mim é mais fácil eu vou pra Opy ... mas de vez em quando eu acostumo também a falar, de vez em quando eu falo assim vou pra Oguassu eu sei falar também ou Ogachú*

Inf. 2M1

L304INQ: Tem diferença entre o guarani que você fala, e o guarani paraguaio e o guarani argentino?

L306INF: *Tem*

L307INQ: Tem? Pode me explicar a diferença?

L308INF: *Ah, a diferença, é que eles falam mais rápido*

L309INQ: Quem fala mais rápido?

L310INF: *Os paraguaio*

L311INQ: E os argentinos? Tem diferença?

L312INF: *Tem, porque eles falam espanhol*

Inf. 3M2

L461INQ: Tem diferença entre o guarani que você fala e o guarani paraguaio e o guarani argentino?

L463INF: *Tem*

L464INQ: Você pode me explicar o que você sabe?

L465INF: *Tem algumas letras que tem que mudá também pra falá*

L466INQ: Você pode me dar um exemplo?

L467INF: *Que lá fala mais fechado o guarani ... a gente fala mais aberto aqui... lá fala mais fechado já*

L469INQ: Em que lugar que fala mais fechado?

L470INF: *Argentina*

Inf. 4M2

L421INQ: Tem diferença? Pode me explicar qual que é esse pouquinho diferente? O que é diferente?

L423INF: *((silêncio)) ... No Paraguai fala guarani mais rápido que nós*

L424INQ: E tem mais alguma diferença? Com o guarani que fala na Argentina?

L425INF: *Não*

Inf. 6M3

L624INQ: A senhora vê diferença entre o Guarani que a senhora fala e o Guarani do Paraguai e da Argentina tem diferença?

L626INF: *Não da Argentina não, tamém fala igual*

L627INQ: E do Paraguai?

L628INF: *E do Paraguai tamém... do Paraguai fala mais um pouco castelhano... índio Paraguai*

L629INQ: Ele mistura o Guarani com o castelhano

L630INF: *Mistura*

As respostas das Informantes revelam que a situação linguística do guarani na fronteira do Brasil com o Paraguai e a Argentina é complexa e que há diversidade linguística nessa região de contato das línguas indígenas com o PB e o espanhol. Por outro lado, é necessário considerar que fatores como idade e nível de escolaridade influenciam de maneira direta a percepção dos falantes em relação às diferenças da língua guarani.

A Informante 1M1 manifesta a percepção das variações de léxico do guarani na fronteira e justifica: “*Aqui por exemplo, quando se fala em casa de reza é Opy, fala Opy, e guarani paraguaio fala Oguassu e no argentino fala Ogachú então é diferente a fala*”. As Informantes 2M1 e 4M2 identificam a variação fonética na entonação do guarani falado no Paraguai e justificam: “*eles (paraguaios) falam mais rápido*” (Inf. 2M1) e “*no Paraguai fala guarani mais*

rápido que nós” (Inf. 4M2). A Informante 3M2 percebe a variação fonética-fonológica em algumas letras e entonação entre o Guarani falado na aldeia e o da Argentina, e explica: “*tem alguns fonemas que mudam e a sonoridade também é diferente, tem algumas letras que tem que mudá também pra falá ... lá fala mais fechado o guarani ... a gente fala mais aberto aqui*”. As Informantes 4M2 e 6M3 afirmaram que o guarani argentino “*não tem diferença*” e que “*fala igual*”. A Informante 6M3 percebe, ainda, que o “*paraguaio fala mais um pouco castelhano*”, ou seja, há uma variação do léxico do guarani em contato com o espanhol no Paraguai.

4.1.5 Bloco 5 - Identificação das tendências à reação

Este último bloco visa a analisar o componente conativo nas perguntas relacionadas à identificação das tendências de reação dos Informantes em relação aos falantes brasileiro, argentino e paraguaio: se morariam em um lugar onde vivessem apenas brasileiros, argentinos e paraguaios (perguntas 45a e 45b), se procurariam um médico ou dentista dessas etnias (pergunta 46) e se procurariam um brasileiro, um argentino ou um paraguaio para um trabalho fora da aldeia (pergunta 47).

Em relação a morar em um lugar onde vivessem apenas brasileiros, argentinos e paraguaios, a maioria respondeu que não moraria em outro lugar, o que revela o prestígio em relação à aldeia *Tekoha Añetete*, e identidade étnica. Cinco Informantes responderam que não morariam onde vivessem somente brasileiros e uma respondeu que moraria em Diamante d’Oeste. Observem-se algumas respostas da pergunta 45a:

Pergunta 45a: Você moraria em outro lugar onde só houvessem brasileiros?

Inf. 1M1

L660INQ: E você moraria em outro lugar onde só houvessem brasileiros?

L661INF: *Não, porque na minha opinião essa escolha não é minha, é de Deus... então eu aceito a vontade dele pra viver melhor, porque o que ele diz pra viver assim... por exemplo hoje em dia falam-se que na história, por exemplo, um dia, é, aqui só vivia os índios, e chegaram os portugueses, os espanhóis, e assim foi acontecendo a miscigenação... assim há línguas diferentes... então aconteceu porque Deus quis assim, né? Porque ele tem o poder de separar e unir... então é só isso que eu sei falar, o que sinto, eu não vou falar “eu viveria onde só há guarani” ou gostaria... mas se acontecer por vontade de Deus, com certeza eu aceitaria, mas o que aconteceu, que a gente hoje vivemos, assim, todos, às vezes tem aldeia mas os branco também vão, ter trabalho ali, e as indígenas quando sai pra cidade, comprar as coisas... então pra mim é as dificuldades enfrentadas... mas a vida eu não tenho de reclamar, cada dia vai melhorando e é assim que eu gosto*

Inf. 2M1

L328INQ: E você moraria em outro lugar, aonde só houvessem brasileiros?

L329INF: *Não*

L330INQ: Por quê?

L331INF: *Porque há muitos morando no meio dos brasileiros ((risos))*

Inf. 3M2

L717INQ: E você moraria em outro lugar onde só vivessem apenas brasileiros, paraguaios e argentinos?

L492INF: *Não*

L493INQ: Por quê?

L494INF: *Porque eu penso assim que eu não vou conseguir viver no outro lugar, que eu sempre morei aqui na aldeia, sempre morô assim no mato, nunca sai, assim, pra cidade morar*

Inf. 5M3

L493INQ: Você moraria em outro lugar que não fosse aqui na aldeia ... onde só vivessem brasileiros?

L495INF: *Lá em Diamante*

L496INQ: Por quê lá em Diamante você moraria?

L497INF: *((silêncio))*

L498INQ: Você moraria na cidade?

L499INF: *Huum ((sentido afirmativo))*

Inf. 6M3

L718INF: *Não*

L719INF: *Tamém não*

L720INQ: Também não, por quê?

L721INF: *Porque sim ... a gente acostumó na aldeia... bem tranquilo*

As respostas negativas de três Informantes (Inf. 2M1, Inf. 3M2, Inf. 6M3) demonstra uma atitude de valorização de seu grupo social e de identidade étnica, ao justificarem: “*eu não vou conseguir viver no outro lugar, que eu sempre morei aqui na aldeia, sempre morô assim no mato*” (Inf. 3M2), “*a gente acostumó na aldeia... bem tranquilo*” (Inf. 6M3) e “*Porque há muitos morando no meio dos brasileiros*” (Inf. 2M1). Embora 1M1 tenha respondido “não”, observa-se que tenta amenizar ao responder que aceitaria “*por vontade de Deus*” e justifica: “*porque ele tem o poder de separar e unir, então é só isso que eu sei falar, o que sinto, eu não vou falar “eu viveria onde só há guarani” ou gostaria, mas se acontecer, por vontade de Deus, com certeza eu aceitaria*”. A Informante 5M3 foi a única que respondeu afirmativamente à pergunta ao declarar: “*lá em Diamante*”. Entretanto, sua reação é de “silêncio” com relação à pergunta “*por que moraria lá em Diamante*”, o que pode denotar insegurança linguística em relação ao PB ou não querer responder ou outra razão não explícita para o Inquiridor, situação que ocorreu em vários outros momentos da entrevista.

Quatro Informantes afirmaram que não morariam em um lugar onde só houvesse argentinos e paraguaios. Em relação aos argentinos, uma disse “talvez” e outra respondeu “sim”, que moraria. Em relação aos paraguaios, duas afirmaram que morariam em outro lugar onde vivessem só paraguaios. Vejam-se algumas respostas:

Pergunta 45b: Você moraria em outro lugar onde só houvessem argentinos?

Inf. 1M1

L673INQ: E você moraria em outro lugar aonde só houvessem argentinos?

L674INF: *Viveria se eu fosse pra Argentina, né? Eu viveria sim, se eu me mudar pra lá, eu viveria, e não, pra mim não haveria diferença se eu tô vivendo no meio dos brancos, no meio dos outros, no meio dos caingangue, eu, o importante seria ter saúde, todos felizes, né?*

Inf. 2M1

L332INQ: E você moraria em outro lugar aonde só houvessem argentinos?

L333INF: *É, talvez, se eu conhecesse, talvez sim*

L334INQ: Por quê?

L335INF: *Conhecer como são, como são as etnias deles*

Pergunta 45c: Você moraria em outro lugar onde só houvessem paraguaios?

Inf. 1M1

L678INQ: E você moraria em outro lugar aonde só houvessem paraguaios?

L679INF: *Também viveria sim se eu não tiver assim o lugar, por exemplo aqui, ou se eu vou a trabalho, ou a fazer alguma coisa de importante pra eles, que vai ajudar, por exemplo, eu viveria sim pra ajudar*

Inf. 2M1

L336INQ: E você moraria em outro lugar onde só houvessem paraguaios?

L337INF: *Não*

L338INQ: Por quê?

L339INF: *Porque eu não entendo bem o que eles falam, paraguaios*

Inf. 4M2

L453INQ: Você moraria em outro lugar, onde só vivessem brasileiros, argentinos, paraguaios?

L455INF: *no Paraguai*

L456INQ: No Paraguai você moraria?

L457INF: *Sim*

L458INQ: Por quê?

L459INF: *Porque também fala guarani*

Inf. 5M3

L500INQ: e você moraria perto de um lugar onde só tivesse paraguaio?

L501INF: *((silêncio))*

L502INQ: Sim ou não?

L503INF: *Não*

L504INQ: E você moraria perto de um lugar onde só tivesse argentino?

L505INF: *Tamem não*

As respostas das Informantes 2M1 e 4M2 apontam que a escolha do lugar de moradia tem relação com identidade étnica e língua. A Informante 2M1 disse que “talvez” moraria com argentinos se “*conhecer como são, como são as etnias deles*”, mas não moraria com paraguaios e justifica: “*eu não entendo bem o que eles falam, paraguaios*”. Já 4M2 afirma que moraria no Paraguai “*porque também fala guarani*”, o que denota o prestígio do guarani. A Informante 1M3 disse que não moraria em um lugar onde só tivesse paraguaio ou argentino, mas não

justificou sua escolha e a primeira reação após a pergunta foi de silêncio, conforme se observou em outros momentos da entrevista. A Informante 1M1 manifesta que viveria em outro lugar, onde houvesse argentinos porque, para ela, “*não haveria diferença*” viver “*no meio dos brancos*”, “*no meio dos kaingang*” e que “*o importante seria ter saúde, todos felizes*”. Em relação aos paraguaios, 1M1 justifica que viveria, se não tivesse lugar na aldeia ou se fosse “*a trabalho, ou a fazer alguma coisa de importante pra eles, que vai ajudar*”. A reação de 1M1 denota que tem consciência das diferenças étnicas na região de fronteira e revela o prestígio da língua e etnia Guarani.

Com relação à pergunta 46, cinco afirmaram que procurariam um médico ou dentista brasileiro e uma declarou que procuraria “*todos*”. As justificativas destacaram a questão de entender o idioma, o que indica o prestígio do PB em relação ao espanhol e ao guarani. Algumas das respostas são:

Pergunta 46: Se você precisasse de um médico, ou um dentista, você procuraria um brasileiro, um argentino ou um paraguaio? Por quê?

Inf. 1M1

L682INQ: E se você precisasse de um médico, ou um dentista, você procuraria um brasileiro, um argentino ou um paraguaio?

L684INF: *O brasileiro*

L685INQ: Por quê?

L686INF: *Porque eu vivo aqui no Brasil, e ele fala português, e eu falo também, consigo entender melhor, então eu procuraria o médico brasileiro*

Inf. 2M1

L340INQ: E se você precisasse de um médico, ou de um dentista, ou qualquer outro profissional da área de saúde, você procuraria um brasileiro, um argentino ou um paraguaio?

L343INF: *Todos são especialistas, né? Eu procuraria qualquer um*

L344INQ: Por quê?

L345INF: *Porque todos eles tem conhecimento, né, das áreas*

Inf. 3M2

L503INQ: E se você precisasse de um médico, ou de um dentista, você procuraria um brasileiro, um argentino ou um paraguaio?

L505INF: *Brasileiro*

L506INQ: Por quê?

L507INF: *Porque é mais melhor*

L508INQ: Em que sentido que ele é melhor?

L509INF: *Atende melhor, assim*

L510INQ: Você já precisou consultar, já consultou lá no Paraguai pra ver como que é o médico do Paraguai?

L512INF: *Que o médico Paraguai fala diferente, a gente não entende ((risos))*

Inf. 4M2

L461INQ: E se você precisasse de um médico, ou um dentista, você procuraria um brasileiro, um argentino ou um paraguaio?

L462INF: *Acho que o brasileiro*

L463INQ: Por quê?

L464INF: *Porque eu sei falá em português e tenho que procurá alguém que fala português*

Inf. 5M3

L552INQ: se você precisasse de um médico ou de um dentista você procuraria um brasileiro um argentino ou um paraguaio?

L554INF: *brasileiro*

Inf. 6M3

L771INF: se você precisasse procurar um médico ou um dentista você ia procurar um brasileiro, um argentino ou um paraguaio?

L773INF: *não... aqui é branco que cuida ... daí tem minha nora trabaiá na dentista*

L774INQ: se você não tivesse aqui você iria procurar quem, um brasileiro, um argentino ou um paraguaio?

L776INF: *tem que procura brasileiro porque aqui não tem argentino e nem paraguaio ((risos))*

L777INQ: e qual você se sente mais confiante, com brasileiro, argentino ou paraguaio?

L778INF: *não... Guarani eu tenho mais confiança ... porque a gente quando tem dor de dente tem remédio do mato ... daí a gente pinga aquele com goldãozinho no buraquinho... sai tudo num dói mais*

A Informante 2M1 respondeu “*qualquer um*” e justificou que “*todos são especialistas ... todos eles têm conhecimento das áreas*”, o que demonstra o prestígio com relação ao profissional brasileiro, argentino ou paraguaio. Três Informantes responderam que consultariam o profissional brasileiro devido à melhor compreensão do idioma e justificaram: “*porque eu vivo aqui no Brasil, e ele fala português, e eu falo também, consigo entender melhor, então eu procuraria o médico brasileiro*” (Inf. 1M1), “*É mais melhor...atende melhor, assim ...que o médico Paraguai fala diferente, a gente não entende*” (Inf. 3M2) e “*Porque eu sei falar em português e tenho que procurar alguém que fala português*” (Inf. 4M2). A Informante 6M3 avaliou a sua resposta a partir do contato no posto de saúde da aldeia e respondeu: “*aqui é branco que cuida ... tem que procurá brasileiro porque aqui não tem argentino e nem paraguaio*”. Embora a Informante 6M3 tenha preferência pelo profissional brasileiro, manifestou ter mais confiança na medicina tradicional e explica: “*Guarani eu tenho mais confiança ...porque a gente quando tem dor de dente tem remédio do mato ... daí a gente pinga aquele goldãozinho no buraquinho ... sai tudo num dói mais*”.

A última resposta analisada se refere à pergunta 47. Quatro disseram que procurariam um brasileiro, uma não escolheu e uma não soube responder. Observem-se algumas respostas:

Pergunta 47: se você precisasse trabalhar fora da aldeia, você procuraria um patrão brasileiro, um argentino ou um paraguaio? Por quê?

Inf. 1M1

L742INQ: E se você precisasse trabalhar fora da aldeia, você procuraria um brasileiro, um argentino ou um paraguaio?

L744INF: *Brasileiro*

L745INQ: Por quê?

L746INF: *Porque eu me entenderia melhor com a pessoa. Aqui eu conheço mais a pessoa, assim, e também, se eu fosse trabalhar fora eu pegaria trabalho só com a pessoa que eu confio, que eu já conheço, ou a pessoa que eu conheço pode me indicar e daí eu não pegaria trabalho em qualquer lugar*

Inf. 2M1

L374INF: *Pra mim seria melhor brasileiro*

L375INQ: Por quê?

L376INF: *Porque eu entendo melhor essa língua*

Inf. 3M2

L550INF: *Um brasileiro*

L551INQ: Por quê?

L552INF: *Porque tem que ir direto no hospital, daí tem que ser brasileiro*

L553INQ: Então o brasileiro por quê? Por que é mais fácil?

L554INF: *É, é mais fácil porque atende lá mesmo onde que trabalha, o pessoal daqui tem tudo lá, médico, enfermeira, daí lá dentro mesmo*

Inf. 4M2

L500INF: *Acho que brasileiro*

L501INQ: Por quê?

L502INF: *Porque consigo falar o português, preciso trabalhar e tenho que sair e conversar com as pessoas*

Inf. 5M3

L586INF: *Não*

L587INQ: Você não ia trabalhar fora da aldeia?

L588INF: *Não*

Inf. 6M3

L785INQ: *Num sei isso também... nunca trabaiei ... só trabaiei quando era minina ... trabaiei pro branca que falei pra sinhora*

A Informante 1M1 disse que trabalharia com brasileiro, mas ressaltou: “*se eu fosse trabalhar fora, pegaria trabalho só com a pessoa que eu confio, que eu já conheço, ou a pessoa que eu conheço pode me indicar*”. Observa-se que a atitude da Informante está condicionada a uma relação de confiança com uma pessoa que seja indicada por alguém conhecido. A resposta de 3M2 também justifica seu posicionamento favorável ao brasileiro porque ela trabalha na área de saúde e tem facilidade de relacionamento, e justifica: “*é mais fácil porque atende lá mesmo onde que trabalha (no posto ou hospital)*”. As Informantes 2M1 e 4M2 disseram que procurariam um brasileiro porque entendem e falam o PB, conforme explicam: “*entendo melhor essa língua*” (Inf. 2M1) e “*consigo falar o português, preciso trabalhar e tenho que sair e conversar com as pessoas*” (Inf. 4M2). As respostas das Informantes 5M3 e 6M3 possivelmente

estão atreladas ao fato de que as Informantes têm pouco contato fora da aldeia, principalmente em relação ao trabalho.

Assim como na pergunta anterior, a maioria das Informantes justificou a escolha do brasileiro devido ao domínio da fala em PB, relacionamento de confiança e facilidade do trabalho.

Os resultados da análise dos cinco blocos de perguntas mostram que as Informantes, de modo geral, tendem a reagir afetivamente frente à língua materna falada com sua família e comunidade de fala no *Tekoha Añetete*, expressando a vontade de que sua família continue falando guarani, que a escola ensine em duas línguas (guarani e PB) e manifestam o prestígio do guarani para a valorização da língua, da cultura e identidade étnica do povo Guarani.

As respostas das Informantes revelam que a situação linguística do guarani na fronteira do Brasil com o Paraguai e Argentina é complexa e que há diversidade linguística nesta região de contato das línguas indígenas com o PB e o espanhol. As Informantes demonstram que têm consciência das diferenças do guarani falado na aldeia, no Paraguai e na Argentina. Observou-se que o posicionamento manifestado pelas Informantes está relacionado ao nível de conhecimento e à percepção de cada Informante em relação à fala de outro.

Nos depoimentos, percebeu-se a convivência dos indígenas com falantes do PB e a necessidade de aprender o PB, mas também a valorização do guarani na escola para preservação da língua e da cultura Guarani. Transpareceu, nas respostas, um vínculo estabelecido pelas Informantes entre língua e direito social em relação ao PB. As Informantes mais velhas foram para a escola tardiamente por precisarem escrever o nome delas para receber o benefício da aposentadoria. As Informantes mais jovens continuam estudando porque o PB é importante para o acesso a um curso superior e a oportunidades de trabalho fora da aldeia e no posto de saúde da aldeia.

Constatou-se que o componente cognitivo favorece que as Informantes manifestem as percepções individuais de acordo com o perfil etnolinguístico e das práticas comunicativas que vivenciam dentro e fora da aldeia *Tekoha Añetete*. Já o componente afetivo revela o sentimento de valorização da língua materna guarani em contato com o PB e o componente conativo mostra comportamento social do falante em relação à língua guarani e outras línguas de contato.

4.2 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS DOS HOMENS

Nesta seção, apresenta-se a análise dos recortes selecionados das entrevistas realizadas com seis homens, conforme enunciado na Seção 3. A análise segue a mesma sequência em conformidade com a análise das entrevistas das seis Informantes mulheres.

4.2.1 Bloco 1: Identificação da(s) língua(s) de aquisição e de uso do Informante

Nas respostas à pergunta 11, que visa a verificar a consciência linguística do Informante quanto às línguas que fala, os seis Informantes manifestaram o componente cognoscitivo para afirmar que falam guarani. Assim como nas respostas das mulheres, embora estejam falando em PB, não declaram que falam o PB, o que denota o prestígio da língua materna e de identidade étnica. Observem-se as respostas:

Pergunta 11: Que língua(s) você fala?

Inf. 1H1

L75INF: *Guarani*

Inf. 2H1

L57INF: *Em guarani*

Inf. 3H2

L67INF: *Guarani*

Inf. 4H2

L76INF: *Eu, língua, língua Tupi-guarani eu falo, na minha língua*

L77INQ: E do tupi-guarani, do tronco tupi-guarani, e qual é a variação?

L78INF: *A variação, minha mãe é Mbyá-guarani, meu pai é Chiripá-guarani, então mistura com dois língua, por isso a gente tem que falá dois língua, biá-guarani e chiripa-guarani, tudo isso nós temos que aprendê falá*

Inf. 5H3

L226INF: *Falo guarani meu idioma*

Inf. 6H3

L278INF: *A língua é a ... avá-guarani, guarani*

Percebe-se que 4H2 e 5H3 manifestam o componente afetivo de valorização de sua língua materna ao afirmar, respectivamente, “*minha língua*” e “*meu idioma*”, o que denota certo grau de afetividade do falante em relação ao guarani. O Informante 6H3 afirma que a língua que fala é “*avá-guarani, guarani*”.

O Informante 4M2 reconhece a variação linguística do guarani e aciona o componente cognoscitivo para revelar a consciência linguística de que fala a língua tupi-guarani e uma mistura de duas línguas – o Mbyá e o Chiripá²⁸ –, que aprendeu respectivamente com sua mãe e seu pai. Observa-se ainda que 4H2 manifesta o componente conativo ao afirmar: “*a gente tem que falá dois línguas ... tudo isso nós temos que aprendé falá*”, o que revela atitude de prestígio da língua materna, de identidade étnica e de conduta dos falantes guarani.

As respostas à pergunta 12a mostram que os pais se destacam na transmissão da língua materna aos filhos e netos. Cinco declararam que aprenderam com o pai e a mãe e dois com o pai, conforme exposto na sequência:

Pergunta 12a: E com quem você aprendeu a falar essa língua?

Inf. 1H1

L76INF: E com quem você aprendeu a falar essa língua?

L77INF: *Com meus pais*

L78INF: E como é que você aprendeu com eles?

L79INF: *Falando diariamente, cotidiano, convivendo com eles*

Inf. 2H1

L59INF: *Com os meus pais*

L60INF: E por que você aprendeu a falar essa língua?

L61INF: *Porque a nossa língua é assim mesmo, falar assim*

Inf. 3H2

L68INF: E com quem você aprendeu a falar o guarani?

L69INF: *Essa aí é com meu pai, que a gente fala, né? Meu pai que dá esse guarani, que pelo menos eu sei, minha língua só fala em guarani, espanhol, daí*

Inf. 4H2

L82INF: *Essa língua a gente fala lá na família, com a mãe, com o pai, então, na verdade, a língua memo vem através do oral, né? Dentro da família memo ensina falar, então é por isso que a gente tem que valorizá muito a nossa língua falada, no dia a dia na família*

Inf. 5H3

L319INF: *Eu te falei ... eu falar com minha mãe ...com meu pai*

Inf. 6H3

L351INF: *Pai falava, passava language dele pra nós tudo e nós conversemos tudo igual como falecido meu pai*

Observa-se que o componente cognoscitivo, relacionado à transmissão da língua materna pelos “*pais*”, aparece na resposta de quatro Informantes das três faixas etárias e pelo

²⁸ Na região de fronteira do Brasil com o Paraguai, os Chiripás são os avá-guaranis do Paraguai, que habitam principalmente a zona delimitada pelos rios Paraná e Acaray, denominados no Brasil como Nhandeva ou apenas Guarani.

“pai” para 3H2 e 6H3, o que denota a relevância dos pais no ensino da língua materna aos seus filhos. Os Informantes 3H2, 2H1 e 4H2 manifestam o componente afetivo quando usam “minha língua” e “nossa língua” para realçar a língua materna; 1H1 e 4H2 acionam o componente cognoscitivo ao manifestar respectivamente “falando/convivendo” e “tem que valorizá”, o que demonstra uma atitude de prestígio do guarani na família.

Com relação à aquisição do PB, as respostas dos Informantes à pergunta 12b mostram que três aprenderam na escola e três, no trabalho, conforme as falas de 1H1, 2H1 e 4H2, a seguir:

Pergunta 12b: Com quem você aprendeu a falar o PB?

Inf. 1H1

L296INF: *Lendo e estudando também, um pouco*

Inf. 2H1

L148INF: *Aqui mesmo na escola, quando eu tive oito anos já estudava*

Inf. 4H2

L197 INF: *Oia, precisa ir pra escola, porque antigamente, eu quando tenho doze ou treze ano, eu não sabia falá a língua portuguesa, eu não conseguia té contato com não indígena, assim, quando eu vi pessoa estranha eu tenho que corré no mato, porque não sabia falá*

Nas respostas dos Informantes 1H1 e 4H2, percebe-se que o componente conativo é acionado de forma diferente, uma vez que a forma de narrar revela atitudes e costumes da vida cotidiana dos Informantes. O Informante 1H1 demonstra que sua aprendizagem do PB se deve à conduta de ler e estudar “um pouco”. O Informante 4H2 aciona também o componente afetivo para manifestar a sua incapacidade de falar o PB e de modo coocorrente aciona o componente conativo quando afirma “*eu tenho que corré*” para expressar sua conduta na situação em que não conseguia ter contato com os falantes do PB porque não sabia falar essa língua quando era criança, ou seja, a reação é expressa de forma mais instintiva. O componente cognoscitivo é acionado por 2H1 para manifestar o pensamento de que aprendeu o PB aos oito anos.

Os Informantes que aprenderam o PB no trabalho fora da aldeia revelaram semelhanças nas respostas:

Pergunta 12b: Com quem você aprendeu a falar o português?

Inf. 3H2

L213INQ: E com quem você aprendeu a falar o português?

L214INF: *Isso aí trabalhando na fazenda, por aí que a gente aprendeu um pouquinho*

Inf. 5H3

L319INF: *Com meu patrão*

L320INQ: Quem era o seu patrão?

L321INF: *Um português né*

L322INQ: Vivia aonde?

L323INF: *Eu vivia lá na Foz do Iguaçu*

L324INQ: Ah em Foz do Iguaçu

L325INF: *No tempo do hortelã que eu trabaiava muito com ele*

Inf. 6H3

L379INF: *Aprendi, é ... eu aprendi ... por caso que eu saí ... saí novo né ... com ... junto com branco né ... com o brasileiro ... conversem em português né ... aí eu conversa em português desde novo né ... na idade de 13 ... 14 ano já ... já falava em português ... mas meu pai e o parenti ... intá lá na aldeia num falava*

Nas respostas à pergunta 12b, esses três Informantes acionam o componente cognoscitivo para explicar o contexto em que aprenderam o PB, ou seja, quando saíram da aldeia para trabalhar, e justificam que aprenderam essa língua a partir do contato com as pessoas que falavam o PB. Constata-se que a aquisição do PB ocorreu de forma diversa da verificada nas falas das Informantes.

Na pergunta 13, os seis Informantes disseram que seus pais falavam guarani. Vejam-se as respostas:

Pergunta 13: Quando você era criança, em que língua seus pais falavam com você?

Inf. 1H1

L82INF: *Somente guarani*

Inf. 2H1

L63INF: *Em guarani ... eles falavam em guarani*

Inf. 3H2

L102INF: *Em guarani ... só que esse guarani que eu tô falando agora ... que sempre eu falo né?*

Inf. 4H2

L86INF: *Meu pai falava língua Chiripá-guarani ... e minha mãe também fala na língua Mbyá-guarani ... então dois língua tem que ser mantida naquela família*

Inf. 5H3

L230INF: *Falava no meu idioma né ... eu não entendia*

L231INQ: Seu pai falava em português com você?

L232INF: *Não*

L233INQ: Então a língua que seus pais falavam com você qual era?

L234INF: *É guarani*

Inf. 6H3

L337INF: *é... nossa language. A language do Avá-guarani yretã*

Os Informantes manifestam o componente cognoscitivo para mostrar o pensamento de prestígio do uso da língua materna guarani na comunicação oral com os pais quando eram crianças. O uso de “*somente*” por 1H1, “*sempre*” por 3H2, “*meu idioma*” por 5H3 e “*nossa language*” por 6H3 revela o prestígio do guarani e uma possibilidade de manutenção da frequência de uso da língua materna na família. Na fala dos dois últimos Informantes, o componente afetivo destaca a relação entre língua e identidade étnica.

Quanto à pergunta 14, foram considerados conjuntamente os avós maternos e paternos. Cinco disseram que a língua falada era o guarani e um respondeu que não tinha avós quando criança porque eles já haviam falecido. Os recortes a seguir mostram as respostas:

Pergunta 14: Quando você era criança, em que língua seus avós falavam com você?

Inf. 1H1

L84INF: *Em guarani, também*

Inf. 2H1

L65INF: *Em guarani, também. Eu fui aprendendo*

Inf. 3H2

L109INF: *Em guarani, nesse guarani espanhol*

Inf. 4H2

L89INF: *Quando eu era criança, meus avós fala só guarani, só o guarani, guarani, daí o Mbyá-guarani, e falando muito a língua que a gente não pode esquecer, é nosso raiz, nós temos que respeitá nossa cultura, nós temos que falá na nossa língua, nossa língua não pode perdê, tem que ser mantida dentro da família, tanto pra o Chiripá-guarani quanto pra Mbyá-guarani, dentro da família*

Inf. 5H3

L236INF: *Eu falo guarani*

Inf. 6H3

L343INF: *Meu avó de meu pai eu não conheço, parte do meu pai nem da minha mãe eu não conheço*

L344INQ: *Humm. Mas os seus pais falavam...*

L345INF: *Morreu*

L346INQ: *Morreu tudo, mas os seus avós falavam com seus pais também em que língua?*

L347INF: *É a mesma, no Avá-guarani*

Embora os Informantes confirmem o uso da língua guarani na comunicação com os avós, percebe-se a manifestação do componente cognoscitivo de modo diferenciado entre si. Os Informantes 1H1 e 2H1 acionam o advérbio “*também*” para confirmar que a língua guarani era utilizada também para falar com os seus avós e 2H1 acrescenta que desse modo foi aprendendo o idioma. A resposta de 4H2 demonstra que o Informante tem consciência da variação linguística em termos dos dialetos Mbyá e Chiripá, e aciona de modo coocorrente os

componentes cognoscitivo e conativo para manifestar a crença de que falar a língua guarani na família é uma necessidade para manter a identidade étnica/não perder a língua dentro da família e respeitar a cultura do seu povo guarani, tanto do Mbyá quanto do Chiripá.

Nas respostas à pergunta 15, observa-se que os seis Informantes disseram que falam apenas em guarani. Vejam-se as respostas:

Pergunta 15: Qual língua você usa para conversar com a esposa e filhos?

Inf. 1H1

L92INF: *Somente a língua materna, que é guarani*

Inf. 2H1

L67 INF: *Língua em guarani*

Inf. 3H2

L114INF: *O guarani, o nosso guarani, que eu tô usando guarani*

Inf. 4H2

L95 INF: *Hoje a gente usa o guarani, dia a dia nosso, na nossa casa, ninguém não fala a língua portuguesa dentro da família, tem que ser mantida língua guarani, e isso a gente sempre valoriza, e dia a dia nosso é língua guarani, porque aqui na nossa comunidade mais velho não aceita a gente falá língua portuguesa dentro da casa, que não é nossa língua, então isso não foi aceitado*

Inf. 5H3

L270INF: *Guarani*

L271INQ: *Todos falam só em Guarani?*

L272INF: *Só Guarani ... aqui essa região aqui ... nesses lugar aqui não fala português com filho ... só fala Guarani*

Inf. 6H3

L56INF: *Em casa... em casa conversemo cum, com a famía com a language nossa, direta*

L358INQ: *Só em guarani?*

L359INF: *Só em guarani, nossa language. Nós num falemu quasi em portugueis, nós num falemu como o guarani o jeito de que o Paraguai fala em guarani entendi, nós num fala, nós num usemo em casa também fála. Só nós fala em portugueis quando saí da aldeia de casa, saímo lá fora daí, assim nu branco, e aí tem que falar portugueis*

Os Informantes acionam o componente cognoscitivo para demonstrar o prestígio da língua materna na comunicação com a esposa e filhos(as). Os informantes 5H3 e 6H3 usam na fala o advérbio “só” e 1H1 o advérbio “somente” para reforçar que apenas a língua Guarani é falada na família, o que indica uma atitude positiva em relação à língua materna. Percebe-se que 4H2 e 6H3 têm consciência linguística de que o PB não deve ser utilizado para a comunicação na família e justificam essa posição. O Informante 6H3 aciona, por um lado, o componente cognoscitivo, uma vez que, por exemplo, reconhece variação linguística; e, por

outro, o afetivo, porque delimita a família como instância e preservação da língua guarani; e também o conativo para descrever as diferenças nos usos das línguas guarani e PB.

Resumindo, os resultados descritos neste Bloco 1 mostram que os seis Informantes homens são bilíngues, mas o PB é usado somente com falantes de outra etnia. Constata-se que os componentes cognoscitivo e afetivo são acionados para manifestar que os seis Informantes têm consciência de que o guarani é a língua materna e de identidade étnica. A manifestação do componente conativo revela que a língua guarani é utilizada para fins de comunicação na família e com as pessoas da mesma etnia, seja no âmbito da aldeia ou de outras tribos Guarani. Já o PB é utilizado para fins de comunicação com falantes de etnia diferente do Guarani e com falantes do PB do município de Diamante d'Oeste ou outro lugar. Constata-se que o PB é a língua de aquisição que se aprende na escola e no contato com pessoas por meio da comunicação oral no trabalho fora da aldeia.

4.2.2 Bloco 2: Consciência da diversidade e nível de conhecimento das línguas faladas na localidade

Este Bloco decorre da análise das respostas às perguntas 19, 22, 23 e 24 sobre as línguas faladas na aldeia, na escola e no posto de saúde, respectivamente localizados na aldeia *Tekoha Añetete*, e no município de Diamante d'Oeste, que se apresentam a seguir.

Com relação à pergunta 19, apenas um Informante revela consciência da existência de uma língua diferente da língua que utiliza, e outros cinco responderam de modo negativo.

Observa-se que o componente cognoscitivo se manifesta na resposta do Informante 6H3 para revelar o pensamento de que a língua kaingang é aquela que se fala diferente:

Pergunta 19: Aqui na aldeia há pessoas que falam diferente de você? Em que lugar você ouve as pessoas falarem diferente de você?

Inf. 5H3

L248INQ: Existem pessoas que falam diferente de você?

L249INF: *Agora tem algum guarani que veio da Laranjeira, casado cum kaingang .. o pai dele é guarani mas a mãe é kaingang*

O Informante 5H3 tem percepção de que há um falar diferente na aldeia, tanto é que se refere a um Kaingang, cujo pai é Guarani e a mãe é Kaingang.

Vejam-se as respostas em que não são indicadas pessoas que falam diferente na *Tekoha Añetete*:

Pergunta 19: Aqui na aldeia há pessoas que falam diferente de você? Em que lugar você ouve as pessoas falarem diferente de você?

Inf. 1H1

L216INQ: E aqui na aldeia, há pessoas que falam diferente de você?

L217INF: *Não*

Inf. 2H1

L122INF: *Não ... aqui não tem*

Inf. 3H2

L156INF: *Não ... acho que não tem que fala diferente*

Inf. 4H2

L185INF: *Aqui na aldeia não tem ... não tem ... não tem ... só em guarani*

Inf. 6H3

L429INF: *É de ... não não ... só algum ... alguma vez vem algum origem do Paraguai ... aí é difícil fala igual como um Guarani ... só fala em guarani dele né ... alguma vez né ... hoje num tem quase nada de falar diferente aqui na nossa aldeia ... num tem ... tudo é igual*

Os cinco Informantes acionam o componente cognoscitivo para expressar o pensamento de que não há uma língua diferente na aldeia. Embora 6H3 responda “*não*”, reconhece um falar diferente, por isso tem consciência das diferenças no modo de falar guarani na fronteira.

Em relação à pergunta 22a, os seis Informantes afirmaram que são falados o guarani e o PB. Observem-se as respostas:

Pergunta 22a: Quais as línguas faladas na escola da aldeia?

Inf. 1H1

L281INQ: E na escola da aldeia quais são as línguas faladas?

L282INF: *Somente guarani ... só em guarani*

L283INQ: Indígenas e não indígenas?

L284INF: *É ... alguns são indígenas e outros não*

L285INQ: Então você ... na escola ... só fala em guarani?

L286INF: *Sim ... com meus alunos ... daí com os professores já é diferente ... não indígena ... quer dizer*

L288INQ: Aí você fala em que língua? Com os professores e os não indígenas?

L289INF: *Em português*

Inf. 2H1

L212INF: *Fala em guarani*

L213INQ: Só o guarani?

L214INF: *Nós guarani com os índios fala com guarani ... mas com os professores ... assim ... falo com português*

Inf. 3H2

L158INQ: Na escola todas pessoas falam como você fala?

L159INF: *Não ... o que trabalha na escola ... tem alguns que não fala daí ... aí tem os branco que vem ... daí ... e não fala em guarani ... daí só fala em português né?*

Inf. 4H2

L239INF: *A língua falada é guarani ... sempre dia a dia ... criança sempre fala guarani ... além do guarani ele aprende um pouco o português ... também lê escrevê ... falá língua ... dia a dia é língua guarani*

Inf. 5H3

L360INF: *Bom, que tá misturado né ... aqui ensina português e Guarani*

Inf. 6H3

L435INF: *Aqui é, só português memo ... e conversandu com a professora tem que falá em português mesmo ... agora ... já um poquinho pra falá com otro índio ... tem que falá com nossa language dentro da escola memo*

Os seis Informantes demonstram o componente cognoscitivo para manifestar que o guarani é a língua mais prestigiada entre os falantes Guarani na escola e que o PB é usado para falar com os professores não indígenas. As respostas revelam que os Informantes têm consciência das diferenças linguísticas no espaço da escola, conforme mostram os recortes: “*Sim (guarani), com meus alunos, daí com os professores já é diferente*” (Inf. 1H1), “*com os índios fala com guarani, mas com os professores, assim, falo com português*” (Inf. 2H1), “*tá misturado né ... aqui ensina português e Guarani*” (Inf. 5H3) e “*conversandu com a professora tem que falá em português ... com otro índio, tem que falá com nossa language*” (Inf. 6H3). Observa-se também que 6H3 manifesta o componente conativo para demonstrar uma norma de conduta dos falantes, que precisam falar em PB com a professora na escola e entre eles a língua guarani. O Informante 6H3 também demonstra o componente afetivo e de identidade étnica em relação ao guarani ao afirmar “*nossa language*”.

Em resposta à pergunta 23a, cinco Informantes destacaram o guarani e o PB. Apenas um Informante, da faixa etária 1, respondeu “*a maioria português*”. O componente cognoscitivo é acionado para explicar sobre a percepção em relação à(s) língua(s) falada(s) no posto de saúde entre os falantes guarani e os profissionais de saúde, como se pode ver nas respostas a seguir:

Pergunta 23a: Quais são as línguas faladas no posto de saúde da aldeia?

Inf. 1H1

L300INQ: E no posto de saúde da aldeia, quais são as línguas faladas?

L301INF: *Acho que só português, a maioria*

L302INQ: É? Como, lá no posto de saúde, como você precisa falar o português?

L303INF: *Sim, preciso.*

L304INQ: Por quê?

L305INF: *Porque a maioria que trabalha no posto não é indígena, é os brancos, quer dizer, os não indígenas. Aí a gente tem que falar em português, e explicar o que a gente sente*

Inf. 2H1

L258INF: *Posto de saúde ... às vezes fala em português e em guarani também, porque tem funcionário lá de fora e daqui da aldeia também*

L260INQ: E em que momento que fala em português lá no posto? Quem fala em português lá no posto?

L262INF: *Os enfermeiros, e o doutor também têm lá, e eles vieram de fora*

L263INQ: E em guarani? Quem conversa em guarani? Lá no posto?

L264INF: *Tem agentes, agentes de saúde em guarani, ele fala, em guarani*

Inf. 3H2

L201INF: *Português, tem a moça, trabalha ali, também agente de saúde guarani, daí também tem*

L203INQ: E o posto de saúde sempre teve alguém para falar em guarani com vocês?

L204INF: *Tem, sempre tem*

L205INQ: Mas quando você vai conversar com o médico, ou com a enfermeira, você precisa falar em português?

L207INF: *Quem entende português a gente fala, aquele que não sabe falar tem acompanhamento do agente de saúde guarani que tem ali*

Inf. 4H2

L248INF: *A língua falada é, tem dois línguas, tem dois indígena que trabalha né rabalha na saúde indígena... Tem não indígena, como enfermeira, médico... Então aquela pessoa que é língua falada, que trabalha, tem que é se indígena não sabe falá, queria consultá, ele tem que indicá essa pessoa pro médico que não sabe falá, ele que tem que falá por ele também, tudo isso tem que ser*

Inf. 5H3

L362INF: *Tem dois Guarani né que atende e dá para entender*

L363INQ: Ah ... tá... mas você fala com a enfermeira em português?

L364INF: *Falo*

L365INQ: Então quem não fala em português...

L366INF: *Tem dois Guaranis*

L367INQ: Tem dois Guaranis e quem vai no posto e tem dificuldade de falar em português ... quem são ... são as mulheres ou os homens?

L368INF: *- -Ali tem dois muié que trabaia né*

L369INQ: Trabalha então...

L3670INF: *Fala em Guarani pra traduzir pra enfermeira*

Inf. 6H3

L466INF: *Tem o guarani e tem branco lá. Lá falá, portugueis cum branco né. E o que qui falá em guarani tem que falá cum guarani, aí dentro da farmácia... tem guarani, tem branco lá*

As respostas revelam que os Informantes têm a percepção de que no posto de saúde se falam as línguas guarani e PB, embora 1H1 tenha destacado “*acho que português, a maioria*”. As respostas mostram ainda que os Informantes têm consciência das diferenças linguísticas e étnicas entre os profissionais que trabalham no posto de saúde, conforme se verifica quando 1H1 utiliza o termo “brancos”; o Informante 2H1 entende a diferença entre o falar de funcionário que não é indígena e vive fora da aldeia, e o funcionário indígena da aldeia. O Informante 3H2 tem a percepção de que quem entende o PB consegue falar com os profissionais e quem não sabe falar tem o acompanhamento de um agente de saúde Guarani, que faz a

tradução do guarani para o PB. Já 4H2 responde que no posto de saúde há os profissionais não indígenas, como a enfermeira e o médico, que são as pessoas que falam em PB, e há a pessoa que é indígena para atender quem não sabe falar o PB. O Informante 6H3 manifesta a percepção de que há dois funcionários Guarani que atendem no posto de saúde, com quem consegue se comunicar, pois falam em guarani para traduzir em PB para a enfermeira. Esse Informante destaca, ainda, que no posto de saúde fala em PB com o “branco”, o que demonstra a comunicação com os profissionais do posto de saúde e a percepção das diferenças étnicas.

Para identificar a percepção dos Informantes homens sobre as línguas faladas na cidade de Diamante d’Oeste, foi proposta a pergunta 24. Vejam-se as respostas:

Pergunta 24: No município de Diamante há pessoas que falam diferente de você?

Inf. 1H1

L321INF: *Sim*

L322INQ: Em que línguas elas falam?

L323INF: *Português*

Inf. 2H1

L286INF: *Tem*

L287INQ: E você consegue entender as pessoas?

L288INF: *Consigo, consigo, o português eu consigo*

Inf. 3H2

L222INF: *Tem*

L223INQ: E você consegue entender?

L224INF: *Alguns entendo, só que um pouco, né?*

Inf. 4H2

L269INF: *Fala diferente, fala diferente porque eles são diferente, é português, né? Então, não tem mistura ((risos))*

Inf. 5H3

L379INF: *Não ... tem alguma que eu ouvi falá... alemão ... alguma*

L380INQ: E em que lugares da cidade você ouve que essas pessoas possam estar falando alemão?

L381INF: *Toda cidade tem branco falano alemão*

Inf. 6H3

L475INF: *Não, só em portugueis memu*

Embora os seis Informantes manifestem a percepção de que em Diamante d’Oeste se fala apenas o PB, os Informantes respondem à pergunta 24 de modo diferente um do outro, o que demonstra que o componente cognoscitivo se manifesta de acordo com o contato linguístico do Informante. Entre os Informantes que responderam afirmativamente, observa-se que o Informante 1H1 usa o marcador linguístico “*sim*”, os Informantes 2H1 e 3H2 respondem “*tem*”

e o Informante 4H2 afirma “*fala diferente*”. As respostas dos Informantes 1H1, 2H1 e 4H2 demonstram percepção de que a língua diferente falada em Diamante d’Oeste é o PB, mas 3H2 não se refere a essa língua, embora de modo indireto afirme que consegue entender algumas pessoas. Entre os dois Informantes que responderam negativamente à pergunta, nota-se o uso do marcador linguístico “*não*” (Inf. 5H3, Inf. 6H3). O Informante 5H3 tem a percepção de que a língua diferente é o alemão (“*branco falano alemão*”), o que demonstra consciência das diferenças de etnia em Diamante d’Oeste. Já 6H3 declara não perceber falantes diferentes e usa os marcadores linguísticos “*só*” e “*memo*” para demonstrar e reforçar que há somente falantes do PB. Além do componente cognoscitivo que é percebido nos seis Informantes, 2H1 manifesta o afetivo frente ao julgamento de que consegue entender as pessoas que falam a língua diferente em Diamante d’Oeste.

4.2.3 Bloco 3 - Percepção sobre o comportamento social e linguístico dos falantes

Neste Bloco, estão incluídas as respostas às perguntas 21a, 21b, 22b, 23 e 29, que objetivaram identificar a percepção dos Informantes a respeito do comportamento social e linguístico dos falantes, correspondendo aos componentes cognoscitivo e conativo, com relação ao uso do PB na interação com grupos da escola, do posto de saúde e no município de Diamante d’Oeste.

Em relação à pergunta 22b, três Informantes manifestaram o componente afetivo, três Informantes demonstraram o componente cognoscitivo e dois Informantes, o componente conativo. Observem-se as respostas:

Pergunta 22b: Como você se sente(ia) quando precisa(va) usar o português na escola?

Inf. 1H1

L290INQ: E como você se sente, lá na escola, quando tem que falar o português?

L291INF: *Me sinto com um pouco de dificuldade, na maioria das vezes*

L292INQ: E isso deixa você como?

L293INF: *Ah, não sei, acho que eu vou indo melhorando cada dia que passa, cada ano*

Inf. 2H1

L218INQ: E como você se sente, precisando falar o português na escola?

L219INF: *Pra falar em português? Eu me sinto, bem, difícil também pra falar, eu não falo muito em português, isso*

Inf. 3H2

L178INF: *É, até hoje tem algumas palavras que eu não sei ainda, pra falar com a pessoa de fora*

L180INQ: E como é que você se sente? Você pode me explicar?

L181INF: *Fica ruim daí, né? Pra dizer, pra falar alguma coisa às vezes eu não sei, como é que eu vou. Me sinto assim, meio sem saber, né?*

Inf. 4H2

L242INF: *Precisa falá além do guarani, porque a língua guarani é primeira língua, português é segunda língua pra nós. Então, na verdade, tem que se língua guarani tem que se falado e língua portuguesa também que ser praticado dentro da sala de aula, fala um pouco, pra conhecê, pra falá, pra defendê, tudo isso tem que aprendê dentro da escola, então é obrigado falá*

Inf. 5H3

L580INF: *.. Eu tô no quinto ano mas no sexto ano em diante podia me ensiná em guarani como se faz ... porque mais pra frente eu não vou saber ... vai outra letra*

Inf. 6H3

L417INF: *Ali nós ... estudava junto, e com a pi lazada branca né, e a meninada, e nós junto tamém né, estudando né. Só que nós era falava muito pouco com ele, por causa que nós num falava muito em portugueis memu*

Os Informantes 1H1, 2H1 e 3H2 acionam o componente afetivo para revelar que sentem(iam) dificuldade de comunicação ao usar o PB na escola. O Informante 1H1 disse que sente “*um pouco de dificuldade*” na maioria das vezes, mas acha que está melhorando com o passar dos dias e anos. O Informante 2H1 avalia que é difícil falar o PB; e 3H2 manifesta seu desconforto por não saber falar com a pessoa de fora da aldeia. Já 4H2 manifesta o componente cognoscitivo para demonstrar a percepção de que a língua guarani é a primeira língua e o PB é a segunda língua na sala de aula. De modo coocorrente, o Informante 4H2 manifesta o componente conativo por meio dos marcadores linguísticos “*precisa falá*”, “*tem que ser falado*”, “*tem que ser praticado*”, “*pra conhecê, pra falá, pra defendê*”, “*tem que aprendê*”, para revelar as regras de conduta dos alunos em sala de aula, aprender e praticar o PB e o guarani. O Informante 4H2 usa os modalizadores “*então*” e “*na verdade*” para acionar o componente cognoscitivo. Observa-se que 4H2 manifesta o componente conativo para explicar a sua percepção do valor de uso do guarani e do PB e a consciência linguística de que precisa aprender a falar o PB.

O cognoscitivo se manifesta em 5H3 para demonstrar a preocupação do Informante com o que aprenderá depois do quinto ano e gostaria de que a escola ensinasse em guarani do sexto ano em diante, porque virão novos conhecimentos e ele pode não saber, por exemplo, “*outra letra*”. Isso demonstra que 5H3 tem interesse em adquirir novos conhecimentos, mas parece se sentir mais seguro com a transmissão do saber na língua guarani. O Informante 6H3 demonstra o componente cognoscitivo e usa a expressão “*pi lazada branca*” para se referir aos falantes de PB na escola, que estudavam junto com ele. O Informante 6H3 aciona, ainda, o componente

conativo para lembrar a atitude de que falava muito pouco na interação com os colegas da escola, porque não dominava o PB.

Apesar da dificuldade em aprender o PB, os seis Informantes acionam o componente cognoscitivo para manifestar que a escola ajudou a falar melhor o PB. Vejam-se as respostas quanto à pergunta 21a:

Pergunta 21a: A escola ajudou você falar melhor o português?

Inf. 1H1

L245INQ: E a escola, ajudou você a falar melhor o português?

L246INF: *Sim, mais ou menos*

L247INQ: Por quê?

L248INF: *Porque eu não consigo falar muito bem*

Inf. 2H1

L174INQ: E a escola, ajudou você a falar melhor o português?

L175INF: *Ajuda, tem aula de língua português também*

Inf. 3H2

L170INQ: E a escola ajudou você a falar melhor o português?

L171INF: *Ajudou bastante*

Inf. 4H2

L205INF: *Isso, a escola ajudou eu falar a língua portuguesa*

Inf. 5H3

L551INF: *É daí bom eu posso te dizer né ... eu tenho um cumpañheiro na cabeça ... porque a letra ensina onde é que tem que ir e tem um cumpaheiro que eu prendi a por na cabeça ... de conhecer a letra ... você não percebe assim que você tem um companheiro ... uma letra ... você enxerga ... saber onde que o ônibu vai porque antes cada ônibus que via pensava que ia pra todo lugar que eu ia ... tinha que pergunta se vai pra Foz, São Miguel ... assim cada ônibu tem que pergunta e agora não ... é só oiá na letra e você vai*

Inf. 6H3

L284INF: *Eu aprendi muito é na escola memu, fui, fui na escola*

Alguns aspectos positivos da escola estão relacionados a aprender a falar e compreender o PB para uso na escola e fora da aldeia. Observa-se que os seis Informantes acionam o componente cognoscitivo para demonstrar a percepção do aprendizado do PB na escola. Apesar de 1H1 responder afirmativamente à pergunta, declara que ajudou “*mais ou menos*”, pois não consegue falar muito bem o PB. O Informante 2H1 afirma que a escola ajuda porque “*tem aula de português também*” e 3H2 afirma que a escola “*ajudou bastante*”. O Informante 4H2 aciona o cognoscitivo com a utilização “*isso*” e, em seguida, manifesta o pensamento de que a escola o ajudou a falar a língua portuguesa. O Informante 5H3 manifesta o componente afetivo para demonstrar o seu sentimento ao aprender a conhecer a letra do alfabeto e que denomina como

um companheiro que leva na cabeça; aciona o cognoscitivo para revelar o pensamento de que “a letra ensina onde é que tem que ir”, ou seja, o conhecimento da letra permite que ele saiba ler e possa tomar o ônibus sem ter que perguntar para as pessoas qual o seu destino. Logo, aciona também o componente conativo para demonstrar a sua atitude: “é só oiá na letra e você vai”. Transparece, na resposta de 5H3, um vínculo estabelecido pelo Informante entre língua e direito social de locomoção em relação ao PB. O Informante 6H3 manifesta o componente cognoscitivo e usa os itens lexicais “*muito*”, “*memu*” e a repetição da forma verbal “*fuí*” por duas vezes para manifestar o pensamento de que aprendeu muito o PB quando foi à escola. Vale destacar que 6H3 teve contato linguístico com o PB na oralidade quando tinha em torno de 14 anos e saiu da aldeia para trabalhar em fazendas de erva-mate na região. Portanto, a resposta de 6H3 demonstra o prestígio da escola no aprendizado do PB.

Em relação à pergunta 21b, os Informantes revelaram o componente cognoscitivo para atribuir a valorização da escola em suas vidas, principalmente no campo do conhecimento da língua portuguesa. Durante o desenvolvimento das entrevistas, essa pergunta não foi realizada para 6H3. Vejam-se as respostas:

Pergunta 21b: A escola mudou alguma coisa na sua vida?

Inf. 1H1

L274INF: *Um pouco. Por exemplo, no local de trabalho, a maioria trabalham, os indígenas, né, daí a gente tem que ir dialogando em português, e os guarani são poucos, porque eles falam mais em português, e a gente tem que falar em português também, daí vem ajudando um pouco também*

Inf. 2H1

L177INF: *Na verdade mudou um pouquinho*

L178INQ: *O que que mudou?*

L179INF: *Mudou, assim, várias coisas também*

L180INQ: *Você pode me explicar melhor?*

L181INF: *Esse, mudou, pra aprender, assim, pra falar, pra falar em guarani, quer dizer, português, assim, as coisas dos guarani, que vem forte na nossa aldeia, isso*

Inf. 3H2

L173INF: *Muda um pouco*

L174INQ: *O que que muda?*

L175INF: *Falar mais com o pessoal diferente aí*

Inf. 4H2

L204INF: *Mudó muito, muita coisa mudó. Porque eu cheguei, agora 2005 eu fiz formação de professore indígena, e hoje eu tô trabalhando na escola, trabalhando na escola, e isso que nós queremos, que criança estuda e trabalha dentro da comunidade, por isso que nós queremos fazé criança estudá, formá e trabalhá dentro da aldeia, achá uma forma de trabalho*

Inf. 5H3

L472INQ: *E você acha que estudando na escola mudou alguma coisa na sua vida?*

L473INF: *mudou porque tem cumpanheiro ((risos)) que sabe letra né ... porque o ônibus chega lá e eu primeiro na letra o que indica né*

Na resposta de 1H1, consta o reconhecimento de que a escola ajudou a falar melhor o PB e que é uma necessidade no ambiente de trabalho. Os Informantes 2H1 e 3H2 também demonstram que a escola contribuiu para falar em PB com as pessoas sobre a vida (“*coisas*”) dos Guarani e com pessoas diferentes em relação ao falante da aldeia. Já 4H2 revela que a escola garantiu o direito de ser professor indígena e manifesta o componente cognoscitivo para explicar que muita coisa mudou com a escola e a formação de professor indígena lhe permite trabalhar atualmente na escola. Além disso, demonstra que a criança deve estudar e se preparar para trabalhar dentro da aldeia. O Informante 5M3 afirma que a escola mudou a sua vida porque “*tem um cumpanheiro que sabe letra*”, ou seja, consegue identificar a letra para ler o destino do ônibus antes de embarcar. Em síntese, transparece nas respostas o componente cognoscitivo para demonstrar a consciência do vínculo entre escola, língua e direito social.

Em relação à pergunta 23b, observa-se que os Informantes manifestam o componente cognoscitivo para demonstrar a percepção da interação verbal no posto de saúde e explicam como se sentem(iam) falando essa língua com os profissionais (médico, enfermeira e dentista). Observem-se as respostas:

Pergunta 23b: Como você se sente(ia) quando precisa(va) usar o português no posto de saúde?

Inf. 1H1

L308INQ: E como é que você se sente ao explicar, ter que explicar em português?

L309INF: *É, tem que explicar em português o que a gente sente no nosso corpo, se tá doente ou não, essa coisa*

Inf. 2H1

L277INQ: E como você se sente, lá no posto, tendo que falar em português?

L278INF: *Eu me sinto tranquilo*

Inf. 3H2

L207INF: *Quem entende português a gente fala, aquele que não sabe falar tem acompanhamento do agente de saúde guarani que tem ali*

Inf. 4H2

L261INF: *Eu acho que é importante, né? Porque ali se alguém chega lá que não sabe falá língua portuguesa pode falá em guarani, pode dizer da língua “cheve rasy che tã juru rasy” pode falar isso*

L264INQ: Que que você falou em guarani?

L265INF: *Eu falei “o dente, tá doendo meu dente, a boca, tem que revisá o que que tem”*

Inf. 5H3

L543INF: Pra se entende com outro que não é indígena eu falo português no posto ... porque se eu falo no meu idioma aquele que não é indígena não vai me entende o que que eu quero ((risada)) ... tem que té português

Inf. 6H3

L488INF: Tem que pensá né ... falá mais com carma né ... carmo, falá direitinho pra pudê compreendê, intendê nós tamém ... compreende o que o, o que nós disse tamém

Nas respostas, observa-se que apenas 2H1 aciona o componente afetivo para demonstrar o seu sentimento de tranquilidade ao falar em PB no posto de saúde. Os outros cinco Informantes se manifestaram sobre o processo de interação verbal entre os falantes no posto de saúde. O componente conativo é acionado pelo Informante 1H1 para explicar que precisa falar em PB o que está sentindo no seu corpo, se está doente ou não; 3H2 aciona o componente conativo para demonstrar que se fala em PB com quem entende e quem não fala em PB tem o acompanhamento do agente de saúde; o componente conativo também se manifesta em 4H2, que demonstra ser importante falar PB no posto de saúde, mas poderá conversar em guarani; 6H3 aciona o componente conativo em sua percepção de que os falantes precisam ficar calmos para que seja possível a compreensão verbal entre os falantes no posto de saúde.

Na pergunta 29a, quatro disseram que as pessoas continuam conversando quando o Informante se aproxima; um respondeu que as pessoas param de conversar quando se aproxima delas; e um não respondeu porque a pergunta não foi realizada durante a entrevista.

O Informante 2H1 aciona o componente afetivo para manifestar o sentimento de “*vergonha*” por interromper a conversa.

Pergunta 29a: Em Diamante d’Oeste, quando você se aproxima dos brasileiros, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam? Como você se sente(ia)?

Inf. 2H1

L367INF: Param pra conversar

L368INQ: E como é que você se sente?

L369INF: Na hora da fala? Me sinto, me sinto vergonha às vezes, porque eles falaram e eu fui interrompendo, por isso

Observa-se, nas respostas a seguir, de 1H1 e 3H2, que as pessoas “continuam conversando”, mas os Informantes manifestaram reação diferente:

Pergunta 29a: Em Diamante d’Oeste, quando você se aproxima dos brasileiros, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam? Como você se sente(ia)?

Inf. 1H1

L421INF: *Continuam conversando*

L422INQ: E como é que você sente?

L423INF: *Ah, normal*

Inf. 3H2

L298INF: *Continuam conversando*

L299INQ: E como é que você se sente?

L300INF: *Ah, eu sinto meio, assim, eu acho que não gostam da gente muito*

L301INQ: Você pode me contar uma situação que aconteceu com você?

L302INF: *Eu já tive não querer falar comigo, isso aconteceu na cidade também, pro lado de Cascavel, no tempo eu só não parava na aldeia, só trabalhava*

L305INQ: E como é que você se sentiu?

L306INF: *Me senti mal ... que a gente é índio, mas os cara são, eu acho que, eu não sei, como é que fica isso aí, aquele que não gosta do índio*

O Informante 1H1 aciona o componente afetivo para demonstrar que se sente “normal”, o que revela uma reação positiva em relação ao falante do PB. O Informante 3H2 aciona o componente cognoscitivo para lembrar de uma reação negativa do falante do PB, que não é indígena. O Informante 3H2 aciona o componente afetivo para manifestar o seu sentimento de tristeza diante da situação vivenciada. Ao contrário disso, os Informantes 4H2 e 5H3 relatam duas reações positivas em relação às pessoas que continuam conversando:

Pergunta 29a: Em Diamante d'Oeste, quando você se aproxima dos brasileiros, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam? Como você se sente(ia)?

Inf. 4H2

L381INF: *Ele continua. Se eu chego lá, por exemplo, na cidade, por exemplo, eu levo alguma coisa pra tratá com ele, assim dentro da prefeitura principalmente, eu tenho que marcá hora também, marcá hora, marcá o dia pra mim falá com ele. Na verdade, eu não posso chegá também cortá a conversa dele com outra pessoa, então também tem que ver as situações de atendimento dentro da prefeitura, então eu também não posso chegá, ir lá, cortá a conversa dele, ele já tem uma forma de atendé lá na cidade, então tudo isso nós temos que respeitá também*

L387INQ: E como você se sente?

L388INF: *Me senti assim bem valorizado, né? Porque eles quando marca, conversa comigo, já me chama pra me atendé, já chega lá e já apresenta algum documento, vim pra isso, isso, quero resolver isso, então já ele atende, dentro da prefeitura. Então, é bom, bom esse contato com não indígena, é importante isso*

Inf. 5H3

L504INF: *Elas não para porque eu não vó chegá ... senão é conhecido eu não chego não vai ... só se eu for lá falá*

L506INQ: Então quando você chega num lugar você já chega direto numa pessoa que você conhece?

L507INF: *Sim ... não ... eles tando lá eu não vou lá ... mas eles me conhece e eles vem conversá*

Observa-se, na fala de 4H2, que os componentes cognoscitivo, afetivo e conativo coocorrem, ou seja, inicialmente 4H2 aciona o componente cognoscitivo para demonstrar a sua

crença de que a pessoa continua conversando em uma situação que ocorre quando se dirige à prefeitura para uma reunião com o prefeito. Em seguida, aciona o componente conativo para demonstrar a tendência a reagir de certa maneira com relação às regras para agendar uma conversa com o prefeito, como o fato de precisar marcar hora e dia para falar com ele, considerando que não pode chegar na prefeitura, não pode cortar a conversa do prefeito e tem que respeitar a forma de atendimento. Já o componente afetivo pode ser percebido quando o Informante 4H2 responde “*me senti assim bem valorizado*” e aciona o componente cognoscitivo para explicar a percepção ao fato: “*Porque eles quando marca, conversa comigo, já me chama pra me atendê, já chega lá e já apresenta algum documento, vim pra isso, isso, quero resolver isso, então já ele atende, dentro da prefeitura. Então, é bom, bom esse contato com não indígena, é importante isso*”. A avaliação do Informante 4M2 também revela a sua crença de que é valorizado como indígena quando vai à Prefeitura. Já 5H3 aciona o componente cognoscitivo para manifestar a percepção de que as pessoas não param de conversar porque ele não chega até elas para conversar, mas, se as pessoas o conhecem, vêm até ele para conversar, o que denota uma característica positiva ao falante do PB, que não é indígena, em relação ao Informante da etnia Guarani e também uma atitude de respeito em relação ao falante do PB.

4.2.4 Bloco 4 - Avaliação das línguas e dos falantes pelo Informante

Este Bloco apresenta a análise do componente afetivo que decorre da avaliação das línguas e dos falantes, que se refere às perguntas 27, 30, 32, 38, 39, 40, 41 e 44. Solicitou-se que o Informante se manifestasse em relação aos seguintes aspectos: quem fala melhor, quem fala pior, qual é a língua mais bonita e qual é a mais feia. Perguntou-se também se o Informante gostaria de aprender alguma língua e se gostaria de que sua família continuasse falando o guarani, de modo a verificar a ocorrência do componente conativo e tendência de comportamento.

Nas respostas das perguntas 32 e 38, fez-se a comparação do guarani com o PB. Na pergunta 38, cinco responderam que os falantes do guarani são os que falam melhor; um Informante respondeu “guarani e português”. Vejam-se as respostas à pergunta 38 dos quatro Informantes que escolheram os falantes do guarani:

Pergunta 38: Comparando a língua indígena você fala, o guarani, com o português, quem fala melhor? Por quê?

Inf. 1H1

L481INF: *O guarani*

L482INQ: Por quê?

L483INF: *Porque a gente domina em guarani*

Inf. 2H1

L461INF: *Quem fala melhor? Os guarani*

L462INQ: Por quê?

L463INF: *Porque eu entendo bem, eles falam em guarani, eu falo em guarani*

Inf. 3H2

L397INF: *Em guarani, fala em guarani mais melhor*

L398INQ: Por quê?

L399INF: *Porque a gente nasceu com a nossa língua guarani, dai a gente fala melhor do que o português. Português a gente tem que aprender, ou tem que alguém ensinar a gente, pra falar, né? E guarani não, guarani já vai de nascimento já*

Inf. 5H3

L653INF: *É o guarani*

L654INQ: Por quê?

L655INF: *Porque a idioma essa que portugueses não é daqui ... é istrangero pra mim ... acho melhor o guarani pra mim*

As respostas mostram que os Informantes acionam o componente afetivo para atribuir a avaliação de que os falantes do guarani falam melhor e de que também é o idioma que se fala melhor em comparação com o PB. Os Informantes justificam as respostas com argumentos associados à identidade étnica Guarani e de domínio da língua materna, conforme destacado nas respostas dos Informantes: “*a gente domina em guarani*” (Inf. 1H1), “*eu entendo bem, eles falam em guarani, eu falo em guarani*” (Inf. 2H1) e “*a gente nasceu com a nossa língua guarani, dai a gente fala melhor do que o português*” (Inf. 3H2). De modo coocorrente com o componente afetivo, o Informante 5H3 manifesta o componente cognoscitivo para atribuir a crença de que o PB é estrangeiro para ele, ao afirmar: “*porque a idioma essa que portugueses não é daqui ... é istrangero pra mim*” (Inf. 5H3).

Ainda com relação aos falantes de guarani e PB, os Informantes 4H2 e 6H3 apresentam uma avaliação diferenciada:

Pergunta 38: Comparando a língua indígena você fala, o guarani, com o português, quem fala melhor? Por quê?

Inf. 4H2

L625INF: *Bom aqui na aldeia tem o Cipriano tem eu tem o meu filho tem o Bernardino tem uns 7 ... 8 por aí que fala bem língua portuguesa ... que possa conversá melhor, assim, falá compreendé*

L627INQ: Agora comparando o guarani com o português, quem fala melhor?

L628INF: *A maioria fala melhor, que a fala, língua guarani, é sempre o dia a dia falado é guarani, então não tem melhor que outro*

Inf. 6H3

L720INF: *Pra mim é... tem que ser... é... portugueses e o guarani tudo sê igual porque... tudo tamu morando aqui no Brasil tem que... o guarani... e o branco tem que falá em português direita ... tem algum branco que fala em guarani também ... é igual acho*

Observa-se que o Informante 4H2 manifesta o componente cognoscitivo para demonstrar o conhecimento linguístico sobre a comunidade de fala. Por isso, na primeira resposta (L425), relaciona os nomes de alguns falantes que falam bem o PB; e, na segunda resposta (L628), diz que “a maioria fala melhor” o guarani porque não tem quem fala melhor do que o outro na localidade. Já o Informante 6H3 destaca que o PB e o guarani são falados de modo igual, e manifesta de modo coocorrente os componentes afetivo e conativo para demonstrar que o guarani e o “branco” têm que falar em PB, o que demonstra o prestígio do PB em relação ao guarani.

Em resposta à pergunta 32, cinco manifestaram a escolha pelo guarani e um escolheu as duas línguas. Percebe-se que o componente afetivo se manifesta para demonstrar o prestígio da língua guarani em comparação com o PB, conforme se verifica nas respostas:

Pergunta 32: Se você tivesse que escolher entre falar apenas a língua guarani ou apenas o português, qual você escolheria? Em que situação? Por quê?

Inf. 1H1

L442INQ: E se você tivesse que escolher entre falar apenas a língua guarani ou o português, qual você escolheria?

L444INF: *Guarani*

L444INQ: Por quê?

L446INF: *Porque é importante pra mim*

Inf. 2H1

L408INF: *Eu escolheria em guarani*

L409INQ: Por quê?

L410INF: *Porque é importante*

Inf. 3H2

L344INF: *Ah, eu escolhia os dois, principalmente guarani e português, sem português a gente não vive também, tem que aprender, tem que falar em português também*

L347INQ: E que situação então você usaria o português e o guarani?

L348INF: *Pra falar com a pessoa, às vezes a gente precisa sair daqui, tem que falar também*

Inf. 4H2

L498INF: *Eu escolheria o guarani, guarani porque língua falada o guarani, o que aprendê eu já não vou esquecer, mais a língua portuguesa*

Inf. 5H3

L530INF: *O guarani ... é o idioma da gente*

Inf. 6H3

L729INF: *Eu gostá... eu gostaria que fala igual como, como a gente, como nossa language tamém ...quero que ... o brasileiro branco fala nossa language tamém*

As respostas de 1H1 e 2H1 justificam a escolha do guarani devido ao julgamento de prestígio dessa língua. O Informante 3H2 respondeu que escolheria as duas línguas, porque não vive sem o PB e manifesta o componente conativo para demonstrar que precisa aprender o PB porque às vezes necessita se comunicar em PB fora da aldeia. Já 4H2 escolheria a língua guarani, mas ressalva que aprende o PB, o que denota o prestígio do guarani e do PB. O Informante 5H3 usa o item lexical “*da gente*” para revelar o componente afetivo em relação à língua materna, vinculado à identidade étnica Guarani. O Informante 6H3 respondeu que gosta de sua linguagem guarani e manifesta o componente afetivo ao afirmar que gostaria de que o brasileiro branco falasse a sua língua também, o que demonstra o prestígio do falante do PB.

Na pergunta 43, os Informantes precisavam avaliar qual língua era a mais bonita, entre o guarani, o português e o espanhol. Quatro indicaram o “guarani”, um escolheu “língua portuguesa” e um respondeu “guarani e português”. Observem-se as respostas dos Informantes que escolheram o guarani:

Pergunta 43: Qual é a língua mais bonita? Por quê?

Inf. 1H1

L518INF: *O guarani*

L519INQ: Por quê?

L520INF: *Porque eu sou indígena, ai preciso mais da língua guarani*

Inf. 2H1

L527INF: *Mais bonita? A língua guarani... é porque a gente fala, né? ((risos))*

L528INQ: Por quê?

L529INF: *Porque eu acho que ... em guarani ... porque a gente entende ... entende bem*

Inf. 3H2

L421INF: *Guarani*

L422INQ: Por quê?

L423INF: *É porque a gente fala né? ((risos))*

Inf. 5H3

L697INF: *o guarani ((risos))*

Para 1H1, a opção pelo guarani está relacionada à questão étnica, de língua materna. O recorte revela a manifestação do componente cognoscitivo, o que pode ser observado na expressão “*eu sou indígena*”, e do componente conativo, em “*preciso mais da língua guarani*”, o que demonstra o prestígio do guarani em comparação com o PB, bem como a relação entre

língua e identidade. Os Informantes 2H1 e 3H2 também acionam o componente cognoscitivo para demonstrar uma atitude positiva em relação ao guarani quando afirmam, respectivamente, “*porque a gente entende, entende bem*” e “*porque a gente fala*”.

Os Informantes 4H2 e 6H3 manifestam o componente cognoscitivo ao revelar que as línguas mais bonitas são a língua portuguesa (Inf. 4H2) e as duas línguas – guarani e PB (Inf. 6H3):

Pergunta 43: Qual é a língua mais bonita? Por quê?

Inf. 4H2

L728INF: *Eu acho que a língua mais bonita é língua portuguesa ... todo mundo gostou ((risos))*

L729INQ: *É, por quê?*

L730INF: *Quando a gente fala ... por exemplo se nós aprendé ... a pessoa aprende ... queria aprendé mais ainda ... queria falá mais ... mais bonito assim ... então por isso que a língua portuguesa muito bonita*

Inf. 6H3

INF: *Ahh, pra mim é ... a língua é... portugueis i guarani. Guarani nós temu que usá aqui i portugueis tem que falá... usá... falá fora assim né. Porque nós num.. todo dia si precisa di.. di i pra fora, lá pra cidade tem que... quando sai da...fora da aldeia tem que conversá em portugueis memu. Porque é pra lá já num tem muito mais muito o guarani pra conversá em guarani. Então nós temu que estudá pra isso memu. Qualqué coisa saímo de casa, lá fora já, já falamo em portugueis, com branco né*

O Informante 4H2 manifesta também o componente conativo para dizer que queria aprender mais e falar mais bonito o PB, o que demonstra uma atitude de prestígio em relação ao PB; 6H3 aciona o componente conativo para revelar o julgamento de que o guarani tem que ser falado na aldeia e o PB fora da aldeia, o que demonstra a percepção das diferenças no uso das línguas e o prestígio das duas línguas.

Em resposta à pergunta 44, um nomeou o inglês como língua feia, um elencou a língua paraguaia, dois destacaram o PB, e para dois nenhuma língua é feia. Vejam-se as respostas dos Informantes que responderam que não há língua feia:

Pergunta 44: Qual é a língua mais feia? Por quê?

Inf. 1H1

L522INF: *Nenhuma*

L523INQ: *Por quê?*

L524INF: *Porque toda língua é importante pra aprender*

Inf. 6H3

L766INQ: *E qual é a língua mais feia?*

L767INF: *É, é tudo igual .. é tudo é bonito, portugueis i guarani ...mema coisa*

Observa-se que o componente afetivo é acionado nas respostas de 1H1 e 6H3 para demonstrar o julgamento e avaliação de que toda língua é importante para aprender (Inf. 1H1) e que não há língua feia porque tudo é igual, tudo é bonito, seja o PB ou o guarani (Inf. 6H3). Vejam-se as demais respostas:

Pergunta 44: Qual é a língua mais feia? Por quê?

Inf. 2H1

L531INF: *Mais feia? Mais feia é a língua inglês*

L532INQ: Por quê?

L533INF: *Porque eles falam muito diferente ... a gente não entende bem*

Inf. 3H2

L425INF: *É português, porque a gente sempre tem que, pra falar tem que aprender, alguém tem que ensinar a gente, a falar, né? Ai fica ruim, e guarani a gente já nasce falando, por isso que é melhor*

Inf. 4H2

L728INF: *Olha a gente não sabe qual a língua que é mais feia ... na verdade a língua mais feia aqui nosso aldeia é língua paraguaia língua mais feia ((risos))*

L730INQ: É, por quê?

L731INF: *É porque assim ... na verdade língua paraguaia ... na verdade aqui no Brasil não é aceito né ... não é aceito porque não sei ... por causa da fronteira por causa do divisão né ... então eu acho que aqui no Brasil se fala língua por exemplo ... eu sou guarani se falar muito espanhol aqui no Brasil vão falá que eu sou paraguaio ... então é por isso que muitas vezes aqui no Brasil não é aceito ... vai dizer que eu se me vé algum português vai falá “aquele lá o João é paraguaio” vai dizer né ... então a gente não ... pra nós é mais feio é língua paraguaia*

Inf. 5H3

L699INF: *((risos)) Não ... é que a língua pra mim é alguma parte idioma portugueis ... alguma letra sinifica pra mim um idioma feio ... porque não pergunta você vai pra lá e você fala né ... é sinificada coisa errada né*

L702INQ: Ah é ... né tem um significado errado para vocês? O que é o significado desse né?

L703INF: *Né é coisa fídida no vento ... que nem carniça²⁹*

L705INQ: ((risos)) Então não posso falar mais né ... sem né ((risos)) e como que é coisa bonita?

L706INF: *Coisa bonita é assim ... iporá::*

L707INQ: Iporá ... então assim iporá::

L708INF: *É*

L709INQ: A festa estava bonita ... iporá

As línguas mais feias para os Informantes 2H1 e 4H2 são, respectivamente, o inglês e a língua paraguaia. O Informante 2H1 aciona o componente afetivo para manifestar o julgamento de que o inglês é uma língua feia porque as pessoas falam muito diferente e não se compreendem bem. O Informante 4H2 aciona o componente cognoscitivo para demonstrar o

²⁹ A tradução do *né* para o espanhol significa *maloliente*, que em português significa algo fedorento, de mau odor. Ver: <http://www.iguarani.com/?palabra=ne>; <https://translate.google.com.br/?hl=pt-BR#es/pt/maloliente>. Acesso em: 25 mai. 2018.

pensamento de que no Brasil a língua paraguaia não é aceita por causa da fronteira e da divisão entre as línguas. A fala do Informante 4H2 demonstra consciência da variação linguística na fronteira e do preconceito linguístico em relação ao dialeto paraguaio.

Para os Informantes 3H2 e 5H3, a língua mais feia é o PB porque se trata de uma língua imposta e porque algumas palavras têm um significado negativo; o Informante 3H2 manifesta o componente conativo para explicar que precisa aprender para falar o PB e alguém deve ensinar; e 3H2 aciona o componente afetivo para demonstrar o sentimento de que essa situação fica ruim em comparação com o guarani porque ele já nasce falando essa língua e é melhor. O Informante 5H3 aciona o componente cognoscitivo para justificar sua crença de que algumas palavras em português são feias e significam “*coisa errada*”, e metaforicamente exemplifica como uma “*carniça*”, algo de mau odor que incomoda e faz mal às pessoas.

Em resposta à pergunta 27, dois responderam que não gostariam de aprender outra língua, dois responderam que gostariam de aprender PB e espanhol, um indicou o PB, e um, o inglês. No que diz respeito ao PB e ao espanhol, destacam-se as respostas:

Pergunta 27: Você gostaria de falar mais alguma língua diferente do guarani? Por quê?

Inf. 2H1

L308INQ: E você gostaria de falar alguma língua diferente do guarani?

L309INF: *Eu gostaria*

L310INQ: Qual?

L311INF: *O português*

L312INQ: Por quê?

L313INF: *Porque tem que falar né?*

L314INQ: Para quê?

L315INF: *Porque tem muito branco pra falar*

Inf. 4H2

L324INF: *Olha eu sempre falo ... na verdade eu falo um pouquinho língua espanhola ... espanhol ... na língua língua guarani ... mas eu prefiro mais falá minha língua, né? Só que pra mim defendé na língua ..., por exemplo eu vou viajá no Paraguai Argentina eu tenho que falá língua espanhola lá dentro do Argentina lá ... do Paraguai ... porque precisa pelo menos um pouco pra falá ... mas eu prefere falar mais língua guarani e língua portuguesa*

L329INQ: Por quê?

L330INF: *É porque estou no país Brasil ... então tudo isso nós temos que ver ... valorização*

Inf. 5H3

L475INQ: E você gostaria de falar mais alguma língua diferente?

L476INF: *Sim*

L477INQ: Qual que você gostaria de falar?

L478INF: *Fala tudo que eu aprendi né ... português castelhano espanhol*

Inf. 6H3

L773INF: *Eu queira é... falar direito ... di coenversá bem é em portugueis memu ... quero falá bem portugueis memu ... tem ... igual como brasileiro branco ... quero falá igual así tamém ... e num é*

porque no início conversemo nossa linguagem ... por isso que trapaiemo em dizê palavra em portugueis né ... agora si nós nacê e o pai e a mãe só falava em portugueis ... aí sim nós falava bem em portugueis né ... direto

Observa-se que os Informantes manifestam o componente conativo para demonstrar que têm interesse em aprender o PB e o espanhol para fins de interação verbal com os falantes dessas línguas. O Informante 2H1 aciona o componente conativo para manifestar que gostaria de aprender o PB, pois tem muito “branco” para falar essa língua, e o componente conativo para demonstrar a necessidade de falar essa língua, o que denota o prestígio em relação ao PB. O Informante 4H2 tem a percepção de que consegue se “*defender na língua*” e manifesta o componente cognoscitivo para explicar que quando viaja para o Paraguai ou Argentina precisa falar na língua espanhola, embora prefira falar mais em guarani e em PB porque está no Brasil e demonstra a consciência linguística de valorização dessas línguas. O Informante 5H3 demonstra o componente cognoscitivo para manifestar prestígio do PB e do espanhol; também o componente conativo para demonstrar que gostaria de falar tudo o que aprendeu nessas duas línguas. Já o Informante 6H3 aciona o componente conativo para demonstrar que gostaria de falar direito e conversar bem em PB igual ao “*brasileiro branco*”, mas também manifesta o aspecto cognoscitivo para revelar consciência de que não domina o PB, devido a uma postura dos pais, o que denota prestígio com relação ao PB.

O Informante 1H1 respondeu que não gostaria de aprender outra língua. Entretanto, demonstra não ter certeza, conforme se observa a seguir:

Pergunta 27: Você gostaria de falar mais alguma língua diferente do guarani? Por quê?

Inf. 1H1

L392INF: *Não acho que não ... não tenho que aprender mais ... mas aprendo algumas coisinhas sobre o espanhol ou inglês ... somente o básico*

L394INQ: Ah, e por quê?

L395INF: *Porque é importante pra estudar um pouquinho*

O Informante 1H1 aciona o componente afetivo ao manifestar a avaliação de que não tem “*que aprender mais*” além do guarani, mas reconhece que aprende o básico sobre o espanhol ou o inglês “*porque é importante para estudar um pouquinho*”.

Em relação ao inglês, o Informante 3H2 afirma:

Pergunta 27: Você gostaria de falar mais alguma língua diferente do guarani? Por quê?

Inf. 3H2

L265INQ: E você gostaria de falar mais alguma língua diferente do guarani?

- L266INF: *Eu gostaria... não se ... não consegue*
 L267INQ: Mas qual?
 L268INF: *O inglês ... eu já estudei um pouquinho mas eu acho que é muito difícil esse inglês pra mim*
 L270INQ: E você gostaria de falar o inglês por quê?
 L271INF: *Pra falar com pessoa de fora ... de longe ... que vem às vezes*

Observa-se que, inicialmente, 3H2 manifesta o componente cognoscitivo relacionado ao estatuto do inglês; e o conativo ao afirmar que tenta, mas não consegue.

Em resposta à pergunta 30, os seis Informantes apresentaram, de forma direta ou indireta, apreciação positiva com relação ao guarani e ao PB. Vejam-se respostas dos Informantes que escolheram o guarani:

Pergunta 30: A escola deveria ensinar quais línguas? Por quê?

Inf. 1H1

- L430INF: *Acho que só no guarani*
 L431INQ: Por quê?
 L432INF: *Porque o guarani é mais importante pra nossa aldeia pras crianças ... principalmente as crianças ... senão eles vão se perdendo aos poucos ... só depois que vai aprendendo os português*

Inf. 2H1

- L390INQ: A escola deveria ensinar quais línguas?
 L391INF: *Deveria ensinar em guarani*
 L392INQ: E por quê?
 L393INF: *Porque se tá na escola ... está dentro da aldeia*

Inf. 5H3

- L564INQ: E a escola deveria ensinar que línguas?
 L565INF: *Deve ensiná o guarani né ... até pra continuá guarani mais do que é feito*
 L566INQ: E o que mais você acha que deveria ser feito pela escola?
 L567INF: *deveria se fazê algum ... mesma coisa com professor ... mais guarani mais aula em guarani sexto em diante*

Os Informantes 1H1, 2H1 e 5H3 acionaram o componente cognoscitivo com relação ao ensino do guarani na escola da aldeia. O Informante 1H1 demonstrou prestígio com relação à língua guarani, principalmente para as crianças. Por meio do pronome possessivo “*nossa*”, expressa o sentimento de pertencimento à aldeia Tekoha Añetete e de valorização de seu grupo social. Já 2H1 destaca que a escola deveria ensinar o guarani porque está dentro da aldeia; 5H3 manifesta que deveria ser intensificado o ensino do guarani na escola das aldeias, acionando o componente afetivo.

Na sequência, vejam-se algumas respostas dos Informantes que escolheram o guarani e o PB como línguas que devem ser ensinadas na escola:

Pergunta 30: A escola deveria ensinar quais línguas? Por quê?

Inf. 3H2

L311INF: *A escola que nem aqui na aldeia ... tem que ser ensinado dois ou três línguas ... guarani principalmente ... depois o português e inglês*

L313INQ: Por que você acha?

L314INF: *Pra saber mais pra falar os três línguas ou quatro línguas ... se eu pudesse eu falava uns 10 ... 20 línguas ... aí já tava melhor ... mas dois línguas já tá bom né?*

L316INQ: E você gostaria de falar mais línguas por quê?

L317INF: *Pra aproximar mais da pessoa de fora né?*

Inf. 4H2

L437INF: *A escola por exemplo pensamos assim ... nós sempre fala na escola deveria ser ensinado a língua própria a língua própria ... mas a gente também chega de pensá assim por exemplo ... se na escola ensiná só a língua própria também ele não vai aprendé outra língua né? ... então como as línguas são nós colocamos escola diferenciado ... escola diferenciado só que nós temos professores guarani professores não indígena também tá junto ... então quer dizer que aprende dois língua mesmo momento ... mesmo momento assim quando criança estuda ... porque não dá pra aprendé só uma língua só ... porque o governo coloca a escola pra nosso filho estudá e aprendé ... então na verdade língua portuguesa guarani ... pode ser espanhol pode ser outro língua a gente aprende na escola ... então é ... eu acho que a escola também tá pra isso tá preparado pra isso ... porque mais tarde daqui 20 ... 30 ano a gente não sabe né como é que o jovem vai pensa ... que que o jovem vai pensá pelo futuro ... futuro estudo assim ... muitas vezes a gente discute assim ... a nossa língua e nossa cultura a gente não sabe dar até aonde vamo segurá isso ... até aonde nós vamo defendé isso porque o jovem que nasce agora cresce e estuda ... mais daqui 30 ... 40 ano a gente não vai sabé como vai ser*

Inf. 6H3

L588INF: *A professora branca só ensina em o portugueis ... professor indígena ... é ... ensina tamém um pouco de portugueis i guarani ... guarani ensina direto tamém ... o professor guarani né*

L590INQ: tá. E o senhor acha que a escola deveria continuar ensinando essas línguas?

L591INF: *É lógico que tem que ensiná assim ... porque aqui num vai fartá ... ahhh esse aluno nós cada vez mais vai aumentá né ... tem que ter tem que ter direta ... professora branca e o professor é guarani ... tem que ter direto*

O Informante 3H2 manifesta o componente cognoscitivo para demonstrar a crença de que a escola deve ensinar duas ou três línguas, principalmente o guarani, depois o PB e o inglês; e destaca que, se pudesse, falaria dez, vinte línguas, com o objetivo de interação social e aproximação com as pessoas de fora da aldeia; 4H2 aciona o componente cognoscitivo para demonstrar consciência linguística de que o aprendizado das línguas guarani e PB na escola é essencial. O Informante aciona, ainda, o componente afetivo ao demonstrar preocupação em relação ao futuro da língua e da cultura guarani; 6H3 aciona o componente afetivo ao expor que a escola deve ensinar as duas línguas (guarani e PB).

Nas respostas à pergunta 39, a comparação do guarani falado pelos Informantes com o guarani paraguaio e argentino revela consciência sobre a variação linguística. Dois avaliaram que falam melhor os Guarani, dois disseram que os paraguaios falam melhor, um optou pelo guarani argentino e guarani paraguaio, e um disse não saber. Observem-se as respostas:

Pergunta 39: Comparando a língua guarani que você fala com o guarani paraguaio e o guarani argentino quem fala melhor? Por quê?

Inf. 1H1

L486INF: *Acho que o guarani assim*

L487INQ: *Como?*

L488INF: *Guarani*

L489INQ: *Tem diferença entre o guarani que você fala e o guarani do Paraguai e da Argentina?*

L491INF: *Tem porque a gente não compreende bem a língua do Paraguai também*

L492INQ: *É?*

L493INF: *Acho que é um guarani mais tranquilo [da Argentina] pra nós ... agora se fosse no Paraguai acho que não ... no Paraguai também*

Inf. 2H1

L487INF: *Quem fala melhor? não sei ... eu acho que os paraguaios*

L488INQ: *Por quê?*

L489INF: *Porque eles falam a mesma coisa da nossa língua*

Inf. 3H2

L403INQ: *Comparando a língua guarani, que você fala, com o guarani paraguaio e o guarani argentino, quem fala melhor?*

L405INF: *Aí eu não sei ... paraguaio a gente não acha que não tem quase diferença*

L406INQ: *Na sua opinião não tem diferença?*

L407INF: *Não tem diferença muitas coisas né? Quem fala em guarani paraguaio e argentino é a mesma coisa ... Paraguai também*

Inf. 4H2

INF: *Eu acho que o argentino e o paraguaio ... argentino tem ainda Mbyá-guarani lá que fala bem ... fala melhor o argentino alguma parte*

INQ: *Por quê?*

INF: *Porque ele valoriza também a língua dos antigos do tupi-guarani na Argentina ... no Paraguai já não fala mais na língua tupi-guarani ... fala a língua paraguaia que dizem que é mais reta ... por exemplo ele fala "eu sou homem" nós falava Avá um homem ... nossa língua é tupi-guarani e lá no Paraguai ele fala Mbyá ... então na verdade diferente da fala tupi-guarani do Paraguai ... ele fala Mbyá guarani nós falava Avá guarani ele lá ele fala Mbyá guarani ... na Argentina também falava guarani Avá guarani ... então na verdade na Argentina é falante ... Mbyá-guarani é melhor até agora tanto Brasil e Argentina*

Inf. 5H3

L682INF: *não ... não tem quem fala melhor ... o Guarani é o mesmo né ... só uma parte que mistura castelhano e o idioma que é um poquinho diferente*

Inf. 6H3

L706INF: *eu acho que fala melho hum ... com u Paraguai que nós si entendemu um poco né ... é porque quase igual que nossa language ... imita né ... é por isso que nós intende a language guarani do Paraguai né ... quase igual né ... não sei porque também né ((rindo)) ... é*

As respostas mostram que os seis Informantes acionam o componente afetivo para manifestar a avaliação em relação ao guarani falado por ele e por falantes do Paraguai e da Argentina, e coocorre o componente cognoscitivo para revelar que têm consciência da variação linguística na fronteira. Observa-se tendência positiva em relação ao guarani falado na aldeia

Tekoha Añetete: 4H2 demonstra prestígio em relação a fala do argentino Guarani; 1H1 distingue a variação linguística; 5H3 percebe diferenças, mas entende que há uma mistura; 3H2 não distingue a variação linguística; 4H2 avalia que as línguas são semelhantes; 2H1 não distingue a fala dos indígenas Guarani do seu próprio falar; 6H3 destaca que seu falar e o falar paraguaio são quase iguais.

Em relação a quem fala pior, três Informantes disseram que não há uma fala pior; um indicou o argentino Guarani; um, o paraguaio; e um indicou o falar bilíngue como pior. Vejam-se as respostas à pergunta 41:

Pergunta 41: Quais as diferenças entre o guarani que você fala com o guarani paraguaio e o guarani argentino? Por quê?

Inf. 1H1

L507INF: *Ninguém, eu acho*

L508INQ: *Ninguém? É? Por quê?*

L509INF: *Porque cada um tem a sua língua, né? Que compreende bem*

Inf. 2H1

L512INF: *Os argentinos*

L513INQ: *Por quê?*

L514INF: *Porque eles usam a língua ... às vezes falam na língua diferente ... eles falam assim ... no "prato" eles falam diferente e a gente usa ... os paraguaio usa "prato" eles falam os "prato" e a gente usa "prato" e os argentino usa outro outra língua por isso*

Inf. 3H2

L410INF: *Pior ... pior acho que não tem ... toda língua é melhor ... pra mim a melhor é guarani*
((risos))

L412INQ: *E a pior?*

L413INF: *É português porque a gente tem que aprender pra falar né*

Inf. 4H2

L719INF: *O paraguaio*

L720INQ: *Por quê?*

L721INF: *Porque ele já esquece da língua já não mantia mais*

Inf. 5H3

L681INF: *Não ... pior lá é o que mistura muito aí que é pior pra mim e o melhor pra mim é aquele que não mistura nada ainda no idioma*

L683INQ: *Então o seu Guarani sem mistura é melhor ... por quê?*

L684INF: *Porque é da gente né ... porque aqui no Brasil também mistura portugueses também ... no meu fala assim tem que dá em guarani não pode separá tem que de já (pono) misturá nada*

Inf. 6H3

L713INQ: *E quem que fala pior, entre o guarani de vocês, o guarani do Paraguai e da Argentina?*

L714INF: *Nóis num... pior num tem né ... é porque de falá em guarani dele ... mas é ... ele num fala mal ... fala tudo de tudo coisa direito palavra direito né só só ... só que é diferente é por causa que guarani deles e nós temo o nosso guarani ... por isso só ... mas mal não é ... nem ele num fala mal não ... diferente é language*

Observa-se que 1H1 e 6H3 acionaram o componente cognoscitivo para demonstrar a crença sobre não haver fala pior. Para o Informante 1H1, ninguém fala pior porque cada um tem a sua língua; 6H3 tem consciência da variação linguística entre as línguas; 2H1 reconhece diferenças estruturais das línguas e sua avaliação decorre da comparação com o falar, que é diferente da língua que domina. O Informante 5H3 reconhece tanto a variação quanto o contato linguístico; aciona o componente afetivo para demonstrar que o guarani é melhor “*porque é da gente*”, o que denota a relação entre língua e identidade étnica. Para o Informante 5H3, a língua em que há mistura é a pior. É interessante notar que esse fenômeno *code mixing* aparece em muitos trabalhos sociolinguísticos como algo negativo, o que também se confirma aqui nesta pesquisa. Já 3H2 aciona o componente conativo para manifestar a tendência de conduta em relação ao PB: “*porque a gente tem que aprender pra falar, né?*”. Para 4H2, o pior falante é o paraguaio, porque não luta pela manutenção da língua.

Na pergunta 40, as respostas dos seis Informantes revelam variação linguística na língua guarani falada no Brasil, Paraguai e Argentina:

Pergunta 40: Quais as diferenças entre o guarani que você fala com o guarani paraguaio e o guarani argentino?

Inf. 1H1

L497INF: *Sim ... algumas palavras né? Mas muito pouca coisa também*

L498INQ: E você percebe essas diferenças em algumas palavras? Você pode me dar um exemplo?

L500INF: *Ah elas falam mais ... eu não sei que palavra que eu quero não entendo bem*

L502NQ: Tá, mas como é que elas falam?

L503INF: *Por exemplo ... as saudações a gente fala em guarani ... dai eles falam de outra maneira não lembro*

Inf. 2H1

L492INF: *Diferente porque os argentinos e os paraguaios ... os paraguaios falam mais rápido eles usam a língua pra falar mais rápido ... os argentinos mais ou menos ... eles falam mais ou menos como os paraguaios também ... mas mais leve ... por isso é diferente*

L496INQ: Como que é esse mais leve? Falar mais leve? A diferença do guarani argentino e o paraguaio. Me dá um exemplo

L498INF: *Leve porque eles falam quase na nossa e eu falo em guarani assim ... eu falo pouco não falo rápido por isso*

Inf. 3H2

L90INF: *Eu vejo que tem diferença ... a maioria que fala ali por exemplo ... a língua que tá fazendo a cartilha pra falar em guarani ... tem uma palavra que não dá certo com a língua que eu falo ... então é por isso que eu falo que eu falo em guarani espanhol daí*

L94INQ: E isso, você acha que você fala esse guarani um pouco espanhol por quê?

L96INF: *É porque era Paraná né? Daí a divisa com o Paraguai*

L97INQ: Por causa do Paraguai que fala espanhol?

L98INF: *Uhum ... porque a gente saiu daqui quando começou o Lago ... daí foram pro Paraguai e voltou ... daí começou essa mistura tudo*

Inf. 4H2

L645INF: *Aqui é Mbyá-guarani e tupi-guarani ... tupi-guarani não é ... é Mbyá-guarani e Chiripá-guarani ... Mbyá e o Chiripá é diferente ... igual aqui eu tô falando Avá ... então o Chiripá também fala Avá que é “eu sou homem” ... então na verdade, a língua são diferente ... então quer dizer que por exempl vai falar Ku nhã é lá no Paraguai que é falante ... e Mbya-guarani aqui do Brasil é Kunhã Yhuñ nós fala aqui no Brasil ... Nós fala Kunhã Yhuñ mulheres ... então é na verdade diferente ... e Argentina também fala esse Avá Yhuñ ... ele falá mesmo língua antiga ... mas lá no Paraguai ele não fala mais*

Inf. 5H3

L425INF: *A diferença é que a letra são diferente ... mas são quase igual ... mas a diferença é porque Mbyá fala parece uma criança e o Chiripá não ... de uma gente grande*

L427INQ: *Então a diferença ...*

L428INF: *Mbyá vai engrossando a voz e vai afinando ... por isso que a diferença*

L429INQ: *Então eu posso dizer que a diferença está na sonoridade?*

L430INF: *É por causa que ele fala diferente algum nome*

L431INQ: *Ah certo*

L432INF: *Porque nós falamos banco aqui em português ... nós fala lá tenda*

Inf. 6H3

L309INF: *É porque num sei ... é acostuma mais de falar igual que Paraguai fala em guarani deles ... eu acho que sim.*

L310INQ: *Por quê como que o paraguaio fala?*

L311INF: *Paraguai fala igual como que Kaiowá fala assim também ... é*

L312INQ: *O senhor pode me dar uma dif..., um exemplo?*

L313INF: *Porque nós também nós fala com Paraguai também é... quando precisa né fala ... conversemos com Paraguai, com guarani dele né... entendemo um pouco, só que nós, entre nós, como igual Paraguai nós não conversamos também né ...nossa language tem que sé ((rindo))*

As respostas revelam que os Informantes têm consciência da diversidade linguística nessa região de contato das línguas indígenas com o PB e o espanhol. O Informante 5H3 aciona o componente cognoscitivo para revelar que percebe a variação, quando compara o dialeto Mbyá, com sonoridade parecida com a de uma criança, e o Chiripá, que parece de uma pessoa adulta. Além disso, percebe a diferença de timbre do Mbyá. A resposta desse Informante demonstra consciência da variação lexical entre PB e espanhol.

O Informante 3H2 denota consciência das diferenças fonéticas entre as línguas faladas na fronteira e usa os termos “falar rápido” para os paraguaios e “falar leve” para os argentinos, e que os argentinos falam quase igual ao seu modo de falar. O Informante 3H2 reconhece a diferença entre o “guarani espanhol” e o que é ensinado na escola. Já 4H2 explica a variação do léxico a partir da comparação entre o Mbyá guarani falado por ele e o Chiripá guarani falado no Paraguai. O Informante 6H3 também reconhece a variação linguística no léxico do guarani falado por ele em comparação ao guarani paraguaio e afirma que o “Paraguai fala igual o Kaiowá”.

Observa-se que, nas respostas à pergunta 40, os Informantes demonstraram que possuem mais contato com os falantes do guarani paraguaio e têm consciência linguística das variações fonéticas e lexicais entre as línguas guarani faladas na fronteira e do guarani em contato com o PB, por um lado, e o espanhol no Paraguai e na Argentina, por outro.

Na resposta à pergunta 17, os seis Informantes demonstraram que o guarani deve continuar sendo falado na família. Observem-se as respostas:

Pergunta 17: Você gostaria que sua família continuasse falando a língua guarani? Por quê?

Inf. 1H1

L96INF: *Sim*

L97INQ: Por quê?

L98INF: *Porque é importante pra não perder a cultura que hoje em dia é muito complicado ... porque a gente tem que ensinar primeiro em língua guarani depois português*

Inf. 2H1

L73INF: *Sim eu gostaria*

L74INQ: Por quê?

L75INF: *Porque ... porque a nossa cultura é assim mesmo ... vai ser guarani até os últimos*

L76INQ: É importante?

L77INF: *É importante*

L78INQ: Por quê?

L79INF: *Porque hoje em dia já tem muito já não fala mais em guarani ... lá nos outros aldeias já tem alguns que já não fala mais em guarani ... por isso é importante falar aprender a cultura guarani ... nosso filho tem que aprender*

Inf. 3H2

L119INQ: E você gostaria que a sua família continuasse falando o guarani?

L120INF: *Eu gostaria*

L121INQ: Por quê?

L122INF: *Porque eu nasci com aquilo lá eu queria que continuasse até*

L123INQ: Por que que é importante continuar falando o guarani?

L124INF: *É importante pra segurar nossa postura e nosso costume de falar*

Inf. 4H2

L118INF: *Eu gostaria que minha família sempre mantia guarani falante ... na verdade a nossa língua tem que ser falante né? Falante valorização porque na verdade meu pai fala “não pode a nossa língua não pode morrer tem que ser sempre tem que ser forte” ... então é por isso que nós não podemos deixar morrer a nossa língua ... porque se um tempo morrer nossa língua não vai ter mais direito não vai ter mais assim de ter a terra de ter a aldeia ... porque na verdade hoje em dia a valorização da nossa língua é muito forte ... por isso que nós consegue ter terra demarcações ... porque nós temos que manter a nossa língua a nossa cultura dentro da aldeia dentro da terra indígena ... tudo isso nós temos que valorizando*

Inf. 5H3

L764 INF: *Sim*

L765INQ: Por quê?

L766INF: *Porque fica mais fácil né ... de conversar*

Inf. 6H3

L986INF: *Sim, sempre sempre, porque falá em guarani e portugueis, mesma coisa*

L987INQ: *É?*

L988INF: *Estudando sempre sempre*

L989INQ: *Por que que é importante?*

L990INF: *Importante tem que é... tem que é... falá em portugueis memu por causa que... no é.. nós... é.. tem que precisa de conversá cum o branco tamém não ... então por isso tem que falá em portugueis ... minha família eu quero que fala em portugueis ... que tem hora vai acontecê conversá cum o branco né ... daí a genti num sabê falá em portugueis como que vai ficá? Por isso tem que... minha família tem que... o filho tem que sabê falá em portugueis memu*

As respostas dos Informantes revelam o componente cognoscitivo para demonstrar a consciência linguística de prestígio da língua guarani e o componente conativo para revelar a atitude na família em relação ao guarani. O Informante 1H1 manifesta o sentimento de preservação da língua guarani, o que aciona o componente afetivo; 2H1 aciona o cognoscitivo para demonstrar a importância do aprendizado da fala e da cultura guarani; 3H2 tem consciência de que é importante manter a cultura Guarani.

O Informante 4H2 destaca a língua guarani como um direito social à terra, o que revela o componente cognoscitivo e afetivo. O Informante 4H2 manifesta o componente cognoscitivo para enfatizar a crença de valorização da cultura Guarani. Portanto, preservar a língua e a cultura está diretamente associado ao direito constitucional indígena à terra. O Informante 5H3 aciona o componente cognoscitivo para demonstrar o pensamento de que, em guarani, fica mais fácil de conversar.

Nas respostas à pergunta 17, observa-se que apenas o Informante 6H3 reconhece o estatuto social do PB e aciona o componente cognoscitivo para demonstrar que saber essa língua rende mais êxito na interação fora da aldeia.

Nas respostas à pergunta 18, os Informantes mencionam a necessidade de preservação da língua guarani, conforme apresenta-se a seguir:

Pergunta 18: O que você/as famílias/as lideranças fazem preservar a língua guarani, para a língua guarani não morrer?

Inf. 1H1

129INQ: *E o que que você faz, né, para que essa língua não morra?*

130INF: *Explicar pra eles que é importante, né? Conversar com os pajés e eles aprendem mais com os pajés né? Porque a gente explica pra eles ... daí eles escutam os pajés que é importante*

Inf. 2H1

L93INQ: *E o que você faz para língua guarani não morrer?*

L94INF: *Faria tudo ... faria que nem os Chamoí faz os Pajé faz ... os mais velhos que faz ... faria tudo isso pra não morrer a língua*

L96INQ: *E o que que eles fazem?*

L97INF: *Eles fazem batismo dança tudo*

Inf. 3H2

L125INQ: E como você faz para preservar a língua guarani?

L126INF: *Aí isso falamos daí ... não esquecer a língua guarani estudar falar em guarani sempre daí*

Inf. 4H2

L128INQ: E como você faz, as lideranças aqui, para preservar a língua guarani?

L129INF: *Nós fazia assim com jovem assim temos conversa com o jovem dentro da escola ... tem bastante jovem que estuda de manhã estuda à tarde ... aquele que tá já tá em fase de doze anos treze ano já estuda no 5º 8º 9º ano ... então que que nós colocamos na escola? Como nosso escola é diferenciado nós colocamos nossa língua durante dois vezes por semana e uma conversa com a criança que estuda na escola que nossa língua tem que sé mantido dentro da família dentro da comunidade ... pode ser da escola tudo isso nós colocamos aí criança tem que aprendé falá e lê e escrevê na língua indígena pra não ter dificuldade daqui mais pra frente ... muitas vezes tem dia pode precisá na língua escrevê falá ... tudo isso nós colocamos dentro da sala de aula com a criança pra não esquecê da cultura*

Inf. 5H3

L768INF: *Eu pra manter já nasci falano ... não precisa mai ((risos)) já comecei falá quando era gatinhando e aprendi*

Inf. 6H3

L642INF: *Aqui é...o nosso sistema tem que ser assim mesmu tem que falá em guarani ... até no Opy falá em guarani ... nós num pudemo se esquecê du nossa linguaje nosso sistema de reza ... e quando a pessoa que morre di véio tem que ficá o novato igual como ... como anterior de reza e num pode num pode, num pode acabá a reza nem o sistema nem nossa linguage ... tudo tem que levá tudo continuado sempre, sempre. Aqui na aldeia né. Toda aldeia é assim né*

O componente cognoscitivo é acionado diversas vezes em manifestações de consciência sobre o prestígio da língua guarani. Os Informantes 1H1, 2H1 e 6H3 ressaltam o valor dos mais velhos e das lideranças (Chamoi/Pajé) e acionam o componente cognoscitivo para demonstrar o saber dos falantes na casa de reza e uso da língua guarani na escola, conforme os recortes seguintes: “*falamos daí, não esquecer a língua guarani, estudar, falar em guarani, sempre daí*” (Inf. 3H2) e “*criança tem que aprendé, falá, e lê e escrevê na língua indígena, pra não ter dificuldade daqui mais pra frente ... tudo isso nós colocamos dentro da sala de aula, com a criança, pra não esquecê da cultura*” (Inf. 4H2).

4.2.5 Bloco 5 - Identificação das tendências à reação

Este último Bloco visa a analisar o componente conativo nas perguntas relacionadas à identificação das tendências de reação dos Informantes em relação aos falantes brasileiro, argentino e paraguaio: se morariam em um lugar onde vivessem apenas brasileiros, argentinos e paraguaios (pergunta 45), se procurariam um médico ou dentista dessas etnias (pergunta 46) e se procurariam um brasileiro, um argentino ou um paraguaio para um trabalho fora da aldeia (pergunta 47).

Em relação a morar em outro lugar, onde houvesse apenas brasileiros, argentinos e paraguaios, quatro responderam que não morariam onde vivessem somente brasileiros, argentinos e paraguaios; um respondeu que moraria se fosse em aldeia indígena no Paraguai; um disse que moraria numa aldeia por perto, o que demonstra o prestígio em relação ao lugar e identidade étnica. Eis as respostas da pergunta 45:

Pergunta 45: Você moraria em um lugar onde houvessem apenas brasileiros, argentinos e paraguaios?

Inf. 1H1

L526INF: *Não acho que não*

L527INQ: Não? Por quê?

L528INF: *Não eu não me adaptaria com eles ... que é diferente né?*

L529INQ: O que que é diferente?

L530INF: *O modo de viver, o modo de sobreviver*

Inf. 2H1

L534INQ: E você moraria em outro lugar, onde só houvessem brasileiros, argentinos e paraguaios?

L536INF: *Não eu não moraria*

L537INQ: Por quê?

L538INF: *Porque não é da nossa aldeia*

Inf. 3H2

L430INQ: E você moraria em outro lugar onde houvessem brasileiros?

L431INF: *Eu morava ... gostaria de morar já morei pouco tempo ... fora da aldeia já tive morada já cuidei de uma fazenda ... tudo com meu pai*

L432INQ: Há muito tempo atrás?

L433INF: *Muito tempo uns 30 anos atrás*

L434INQ: E você moraria de novo? Sairia da aldeia e moraria?

L435INF: *Ah se fosse se mudasse as coisas pra mim eu iria ... só que eu não penso isso ... na aldeia acho que é melhor*

Inf. 4H2

L742INQ: E você moraria em outro lugar, onde só houvessem brasileiros, argentinos, paraguaios, ou até outra etnia?

L744INF: *Eu acho que pra mim eu não moraria ... assim se não é guarani se não é não tá grupo de guarani ... porque assim se no meio do guarani às vezes a gente se sente melhor língua falada pratica*

a língua ... se você tá no outro grupo você não tem assim parece não tá sentindo bem pra falar lá na língua ... então é melhor no grupo guarani no meio do guarani

Inf. 5H3

L729INQ: Você moraria em outro lugar que não fosse aqui na aldeia ... onde só houvessem brasileiros?

L730INF: *Acho que não... é difícil pra mim*

L731INQ: E você moraria em outro lugar que só houvessem argentinos?

L732INF: *Também não ((risos))*

L733INQ: E se fosse um lugar que tivesse só paraguaio?

L734INF: *Também ... só se for na área indígena ... aí sim*

Inf. 6H3

L896INQ: Se o senhor tivesse que morar, saí daqui da aldeia, o senhor moraria perto de brasileiro, alemão, italiano, argentino o Paraguai? O senhora moraria perto de alguém?

L897INF: *Acho ... bem ... bem se isso acontecesse... se... se acontecesse num num dá mais pra pará aqui nessa aldeia assim pra mudá tem que í nu.. outra aldeia aí por perto ... não é por longe não tem que ser aldeia conhecida ... conhecido né ... e não... é... na aldeia do caingangue e tal e tal não ... nós num tem onde í*

Cinco Informantes (Inf. 1H1, Inf. 2H1, Inf. 4H2, Inf. 5H3, Inf. 6H3) acionam o componente conativo para demonstrar uma atitude de identidade étnica e valorização de seu grupo social Guarani. O Informante 1H1 justifica que não se adaptaria com os brasileiros porque o modo de viver e sobreviver é diferente; 2H1 afirma que não viveria com brasileiros porque não são indígenas; 4H2 demonstra que é melhor viver no grupo Guarani. Embora 5H3 tenha respondido negativamente, observa-se que aceitaria somente se fosse uma área indígena no Paraguai; 6H3 revela que se mudaria desde que ficasse perto da sua aldeia e que não poderia ser aldeia Kaingang. Apenas 3H2 respondeu indiretamente que moraria em outro lugar, mas que sua aldeia é melhor. Em síntese, para os Informantes, o melhor lugar para morar é a aldeia *Tekoha Añetete*.

O penúltimo tema analisado diz respeito à pergunta 46, em que quatro Informantes disseram que procurariam um médico ou dentista brasileiro, um disse que procuraria um Guarani e um, que procuraria “qualquer um”. As justificativas destacaram a questão de entender o idioma, o que demonstra o prestígio do PB em relação ao espanhol e ao guarani neste quesito. Vejam-se as respostas:

Pergunta 46: Se você precisasse trabalhar fora da aldeia, procuraria um patrão brasileiro, argentino ou paraguaio? Por quê?

Inf. 1H1

L542INF: *Acho que um português ... um brasileiro*

L543INQ: É? Por quê?

L544INF: *Porque eu falo mais na língua deles compreendo mais a língua deles também*

Inf. 2H1

L546INF: *Precisar de um médico? Eu acho que eu gostaria de ser em guarani também*

L548INQ: Por quê?

L549INF: *Porque eles perguntam ou eles falam em guarani ... porque eu vou entender por isso*

Inf. 3H2

L457INF: *Um brasileiro né que entende mais um pouco ... porque paraguaio e argentino a gente quase não se fala*

Inf. 4H2

L750INF: *Eu acho que na verdade brasileiro ... por exemplo hoje a gente tem uma dentista paraguaia só que ela foi formada pra isso né? Mas a gente sempre dizendo pra ela que importante a língua ... falá aprendé ... então quando a pessoa chega lá não sabe falá ... já explica na língua guarani que que acontece que tá acontecendo não é tão importante é isso*

Inf. 5H3

L748INF: *Qualquer tipo de doutô que eu queria ali né ... vale igual*

L749INQ: Um brasileiro um argentino ou paraguaio?

L750INF: *É*

L751INQ: Qualquer um ...mas se fosse pra escolher um qual você escolheria?

L752INF: *Um ... um médico ... um português e ... já que ele está aqui eu escolheria um português*

Inf. 6H3

L971INQ: E se o senhor precisasse de um médico ou um dentista, o senhor procuraria um brasileiro, um argentino ou um Paraguaio?

L972INF: *Eu nu, assim, pode sê é... brasileiro memu .. porque quem tá morando nu Brasil tem que cuidá de nós u brasileiro memu ... num pode sê branco do otro país né ... só brasileiro pá...*

As respostas dos quatro Informantes que escolheram o “brasileiro” acionaram o componente conativo para revelar uma reação positiva e de prestígio em relação ao profissional brasileiro devido ao domínio linguístico do PB. O Informante 1H1 escolheu os profissionais brasileiros porque fala e compreende mais a língua deles, o PB; 3H2 respondeu “*um brasileiro*” porque entende mais o idioma em comparação ao paraguaio e argentino; 4H2 nomeou o brasileiro, mas lembrou que no posto de saúde tem uma dentista paraguaia que fala em guarani, mas entende que ela precisa conversar em PB; 6H3 justifica que o profissional brasileiro mora no Brasil e não pode ser um branco de outro país. Já o Informante 2H1 aciona o componente conativo para manifestar que gostaria de um profissional Guarani devido à facilidade de comunicação na língua materna, ou seja, tem a percepção de que entenderá melhor se utilizarem o guarani; 5H3 revela o componente conativo para expressar inicialmente que gostaria de “*qualquer tipo de douto*” e, quando é questionado novamente, afirma que escolheria um “*português*”. Em síntese, os cinco Informantes demonstram o prestígio ao profissional brasileiro e um Informante ao profissional Guarani, devido à proficiência na língua.

Na última resposta analisada, que se refere à pergunta 47, os seis Informantes disseram que procurariam um brasileiro. Observem-se as respostas:

Pergunta 47: Se você precisasse trabalhar fora da aldeia, você procuraria um brasileiro, um argentino ou um paraguaio?

Inf. 1H1

L595INF: *Acho que um brasileiro*

L596INQ: Por quê?

L597INF: *Porque é mais fácil falar com ele a língua dele*

Inf. 2H1

L541INF: *Os brasileiros*

L542INQ: Por quê?

L543INF: *Porque eu moro em Brasil ((riso))*

Inf. 3H2

L462INF: *Brasileiro*

L463INQ: Por quê?

L464INF: *Porque a gente fala mais português*

Inf. 4H2

L788INF: *Olha, acho que eu procuraria um brasileiro brasileiro que se for trabalhar ... por exemplo aqui na aldeia também tem a firma que leva a pessoa trabalhar ... então que que ele fala? Ele fala assim “o indígena tem que sair trabalha e tem que ter contato com não indígena e não pode ficá lá ... lá dentro do mato sem ter contato com branco então tem que sair trabalhá” ... então aqui da firma que pessoa trabalha na Lar ele dá total apoio pra indígena trabalha ... eu acho que é importante isso então na verdade tem que valorizá também o indígena no trabalho ... então eu procuraria brasileiro pra mim trabalha*

Inf. 5H3

L759INF: *um brasileiro*

L760INQ: por quê?

L761INF: *porque eu entendo o idioma*

Inf. 6H3

L976INF: *num eu ... é...ah eu... eu procurava só o branco brasileiro ... Aonde de que é.. eu vô... eu vô... eu num vô pro Paraguai nem pra Argentina*

A escolha dos Informantes pelo “patrão brasileiro” demonstra que a reação da escolha se justifica devido ao domínio do idioma e porque vivem no Brasil. O Informante 1H1 aciona o componente afetivo para dizer que é mais fácil falar com o brasileiro; 2H1 manifesta o cognoscitivo para dizer que mora no Brasil; 3H2 demonstra o componente conativo porque percebe que fala mais em PB; 4H2 aciona o componente conativo para demonstrar que é necessário valorizar também o indígena no trabalho; 5H3 manifesta componente afetivo em relação à língua PB e afirma que entende o idioma; e 6H3 aciona o componente conativo para demonstrar que procurava só o branco brasileiro e que não vai ao Paraguai ou à Argentina.

Na sequência, apresenta-se a análise comparativa das entrevistas realizadas com os doze Informantes.

4.3 ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE MULHERES E HOMENS

Nesta terceira subseção da Seção 4, apresenta-se a análise comparativa dos resultados obtidos nos grupos das seis Informantes mulheres e dos seis Informantes homens. Para isso, segue-se a organização dos blocos de perguntas na organização das subseções destinadas às análises. Apresentam-se, em cada bloco, dois quadros sínteses das análises: um com o índice de ocorrências dos componentes nas respostas dos Informantes e outro para visualizar de que forma e quais argumentos apareceram nos componentes.

4.3.1 Bloco 1: Identificação da(s) língua(s) de aquisição e de uso do Informante

Neste primeiro Bloco, as respostas dos Informantes contribuíram para explorar o componente cognoscitivo das atitudes dos Informantes em relação ao nível de conhecimento da(s) língua(s) de aquisição e uso na interação verbal com a família, na escola e no posto de saúde da aldeia *Tekoha Añetete*, e no município de Diamante d'Oeste. A seguir, apresenta-se o Quadro 8, com o total das ocorrências nas cinco respostas selecionadas para análise:

Quadro 8 – Total de ocorrências dos componentes nas respostas do Bloco 1

<i>Bloco 1 - Identificação da(s) língua(s) de aquisição e de uso do informante</i>						
PERGUNTA	COGNOSCITIVO		AFETIVO		CONATIVO	
	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens
Pergunta 11 Que língua(s) você fala?	6	6	0	4H2 5H3	0	0
Pergunta 12a Com quem você aprendeu a falar essa língua (guarani)?	6	6	2M1	0	6M3	0
Pergunta 12b Com quem você aprendeu a falar PB?	6	2H1 3H2 5H3 6H3	3M2 6M3	4H2	1M1 5M3	1H1 3H2
Pergunta 13 Quando você era criança, em que língua seus pais falavam com você?	6	6	0	5H3 6H3	0	0
Pergunta 14 Quando você era criança, em que	6	6	0	0	0	4H2

língua seus avós falavam com você?						
Pergunta 15 Qual língua você usa para conversar com esposo/esposa e filhos?	6	6	6M3	3H2	1M1	6H3
TOTAL	36	34	4	6	4	4

Fonte: Elaboração da autora (2019)

Nas respostas à pergunta 11, as seis mulheres e os seis homens disseram que falam guarani. Embora estejam falando em PB com certo grau de proficiência, os Informantes não mencionam que falam o PB, o que denota o prestígio da língua guarani. O componente cognoscitivo é acionado nas respostas dos doze Informantes para reforçar crença entre língua e de identidade étnica. Os Informantes 1M1 e 4H2 reconhecem a variação linguística do guarani; 1M1 tem consciência das variações linguísticas de três dialetos (Mbya, Nhandeva, Kaiowá) e que o Mbya e o Nhandeva são falados na aldeia. 4H2 fala o Mbyá e o Chiripá - que aprendeu respectivamente com sua mãe e seu pai. O componente conativo não se manifestou nas respostas dos Informantes mulheres e homens. Já o componente afetivo motivou as respostas dos Informantes 4H2 e 5H3, mas não ocorreu nas respostas das mulheres.

Com relação às respostas à pergunta 12a no grupo das mulheres, três disseram que aprenderam com a mãe, duas aprenderam com os pais e uma aprendeu com os avós. No grupo dos homens, cinco aprenderam com os pais e dois aprenderam com o pai. O resultado comparativo das respostas revela que há possibilidade de que a transmissão da língua materna tenha um vínculo de sexo, ou seja, o “pai” tem mais influência em relação ao seu filho homem e a “mãe” em relação à filha mulher. O componente cognoscitivo apareceu em todas as respostas das mulheres e homens. Já o componente afetivo manifestou-se em uma ocorrência das mulheres (Inf. 2M1) e em uma ocorrência dos homens (Inf. 4H2) para demonstrar a relação entre língua e identidade étnica. Percebe-se o componente conativo apenas em uma Informante mulher (Inf. 6M3) e o julgamento é de prestígio da língua guarani na família.

Com relação à aquisição do PB, as respostas dos Informantes à pergunta 12b mostram diferenças de sexo e faixa etária. Em relação às mulheres, duas aprenderam com a família (pais ou esposo), duas, na escola, uma, com amigos e uma, no trabalho. No grupo dos homens, três aprenderam na escola e três, no trabalho. Em relação à faixa etária, as Informantes mulheres mais jovens aprenderam o PB na escola (Inf. 1M1, Inf. 4H2) e com amigos (Inf. 2M1), e as Informantes mais velhas aprenderam na família (Inf. 3M2, Inf. 5H3) e no trabalho fora da aldeia (Inf. 6H3). Assim como as mulheres, os Informantes homens mais jovens aprenderam o PB na

escola (Inf. 1H1, Inf. 2H1, Inf. 4H2) e os mais velhos no trabalho fora da aldeia (Inf. 3H2, Inf. 5H3, Inf. 6H3). Em relação à manifestação dos componentes, observou-se que o componente cognoscitivo apareceu nas respostas de seis Informantes mulheres e de quatro homens (Inf. 2H1, Inf. 3H2, Inf. 5H3, Inf. 6H3); o componente afetivo apareceu em duas ocorrências nas mulheres (Inf. 3M2, Inf. 6M3) e em uma ocorrência nos homens (Inf. 4H2); e o componente conativo foi em duas ocorrências nas mulheres (Inf. 1M3, Inf. 5M3) e nos homens (Inf. 1H1, Inf. 3H2).

Na pergunta 13, cinco mulheres disseram que seus pais falavam guarani, uma declarou que seus pais falavam em guarani e um pouco em português e os seis homens disseram que seus pais falavam em guarani, o que denota o prestígio do guarani em relação ao português. Os doze Informantes manifestaram o componente cognoscitivo nas respostas à pergunta 13; o componente afetivo foi acionado em duas ocorrências nas respostas dos homens (Inf. 5H3, Inf. 6H3) e não ocorreu nas mulheres; o componente conativo não se manifestou nas respostas dos Informantes.

Na pergunta 14, que língua era utilizada pelos avós para se comunicarem, as seis mulheres e cinco homens responderam que o guarani era língua falada com os avós, e um respondeu que os avós haviam falecido, quando era criança. O resultado revela o prestígio do guarani na comunicação dos avós com os Informantes e que a consciência do domínio do guarani está vinculada a uma prática cultural entre as diferentes faixas etárias dos Informantes homens e mulheres.

O componente cognoscitivo foi acionado nas respostas dos doze Informantes; o componente conativo em uma ocorrência dos homens (Inf. 4H2); e o componente afetivo não apareceu nas respostas dos Informantes à pergunta 14.

Na pergunta 15, o resultado mostrou que o sexo gera diferença nas respostas. Três Informantes mulheres responderam que usam o guarani e três o guarani e português para conversarem com o esposo e filhos(as). Já os seis Informantes homens disseram que falam apenas em guarani, o que denota que os homens demonstram maior prestígio para a língua guarani na família, em comparação com as mulheres. Observou-se que o componente cognoscitivo foi acionado nas respostas dos doze Informantes; o componente afetivo apareceu com uma ocorrência nas mulheres (Inf. 3M2) e uma ocorrência nos homens (Inf. 3H2); e o componente conativo com uma ocorrência nas mulheres (Inf. 1M1) e uma ocorrência nos homens (Inf. 6H3).

De acordo com as respostas analisadas neste Bloco, constatou-se que os doze Informantes têm consciência de que o guarani é a língua materna e de identidade étnica na

localidade *Tekoha Añetete*. Percebe-se que a língua guarani é utilizada para fins de comunicação na família e com as pessoas da mesma etnia, seja no âmbito da aldeia e ou de outras tribos Guarani. Já o português é utilizado para fins de comunicação, seja na aldeia, no município de Diamante d'Oeste ou em outro lugar com falantes não indígenas e indígenas de etnia diferente.

Os dados revelam a possibilidade de diminuição da frequência de uso da língua materna guarani entre as gerações mais jovens, da faixa etária 1, o que denota um prestígio do PB perante o guarani. Há uma tendência de crescimento do uso do PB na família de três Informantes mulheres que usam também o PB na comunicação com crianças. Com relação à manifestação dos componentes cognoscitivo, afetivo e conativo, observou-se que o componente cognoscitivo foi acionado em todas as respostas das mulheres e dos homens para manifestarem a crença/conhecimento em relação à identificação das línguas de aquisição e uso na família. Os Informantes acionaram o componente afetivo algumas vezes para expressar o sentimento e a valorização em relação ao guarani, que é a língua falada na família, entre filhos, pais e avós, nas três faixas etárias. Já o componente conativo foi acionado em algumas respostas para demonstrar a reação/comportamento perante as línguas guarani e PB. Constatou-se que os componentes cognoscitivo, afetivo e conativo se manifestaram de modo coocorrente em alguns recortes e revelaram diferenças entre homens e mulheres com relação às línguas guarani e PB.

4.3.2 Bloco 2: Consciência da diversidade e nível de conhecimento das línguas faladas na localidade

As respostas dos Informantes neste Bloco de perguntas contribuíram para a identificação do componente cognoscitivo em relação às línguas faladas na aldeia, na escola e no posto de saúde. Os componentes afetivo e conativo apareceram com pequena incidência nas respostas, conforme apresenta-se a seguir, no Quadro 9:

Quadro 9 – Total de ocorrências dos componentes nas respostas do Bloco 2

<i>Bloco 2 - Consciência da diversidade e nível de conhecimento das línguas faladas na localidade?</i>						
PERGUNTA	COGNOSCITIVO		AFETIVO		CONATIVO	
	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens
Pergunta 19 Aqui na aldeia, há pessoas que falam diferente de você? Em que lugar você ouviu as pessoas falarem diferente?	6	5 (- 6H3)	3M2	6H3	1M1 6M3	0

Pergunta 22a Quais são as línguas faladas na escola da aldeia?	1M1 2M1 3M2	6	0	0	1M1	6H3
Pergunta 23a Quais são as línguas faladas no posto de saúde da aldeia?	6	6	0	0	3M2	1H1 6H3
Pergunta 24 No município de Diamante D'Oeste há pessoas que falam diferente de você?	6	6	0	2H1 3H2	3M2	5H3
TOTAL	21	23	1	3	5	4

Fonte: Elaboração da autora (2019)

Com relação à pergunta 19, o resultado mostrou diferença de sexo e faixa etária entre os doze Informantes. Três mulheres, e um homem, revelaram consciência de que há falante de uma língua diferente na aldeia, outras três mulheres e cinco homens expressaram de modo negativo. Observou-se que o componente cognoscitivo se manifestou nas respostas dos Informantes (Inf. 1M1, Inf. 3M2, Inf. 6M3, Inf. 6H3) para demonstrar a crença de que a língua kaingang é aquela que se fala diferente na aldeia *Tekoha Añetete*. A presença do falante Kaingang na aldeia ocorre devido ao casamento entre Guarani e Kaingang, o que aponta uma tendência de prestígio do português brasileiro para a comunicação entre os falantes do guarani e kaingang na aldeia.

Com relação aos componentes, o resultado mostrou que os onze Informantes acionaram o componente cognoscitivo nas respostas; o afetivo apareceu uma vez na fala de 3M2 e uma na fala de 6H3; e o componente conativo ocorreu na fala de 1M1 e 6M3.

Com relação à pergunta 22, todos os doze Informantes responderam que são faladas as línguas guarani e PB no colégio da aldeia. De acordo com as respostas, seis Informantes homens e três Informantes mulheres (Inf. 1M1, Inf. 2M1, Inf. 3M2) acionaram o componente cognoscitivo para demonstrarem a percepção de que, no espaço da escola, o guarani é a língua de prestígio para fins de comunicação entre os alunos e os professores Guarani da localidade e o português é a língua de prestígio para a comunicação entre os alunos/professores Guarani e os professores/funcionários falantes do PB na escola. O componente afetivo não ocorreu nas falas dos Informantes; e o componente conativo em duas respostas, em 1M1 e 6M3.

Sobre as respostas à pergunta 23a, cinco mulheres responderam o guarani e o português, uma mulher, da faixa etária três, indicou somente o português; cinco homens indicaram o guarani e o português, e um homem, da faixa etária 1, respondeu que a maioria fala português

no posto de saúde da aldeia. Os doze Informantes acionaram o componente cognoscitivo para explicar sobre a crença em relação ao comportamento dos falantes em relação à(s) língua(s) falada(s) no posto de saúde entre os falantes Guarani e os profissionais de saúde. Apenas uma Informante mulher (Inf. 3M2) e dois Informantes homens (Inf. 1H1, Inf. 6H3) acionaram o componente conativo. O componente afetivo não ocorreu nas respostas dos Informantes.

Com relação à pergunta 24, três mulheres responderam que em Diamante d'Oeste as pessoas falam diferente, três disseram com uma avaliação negativa; quatro Informantes homens responderam que há pessoas que falam diferente, e dois disseram que não há pessoas que falam diferente em Diamante d'Oeste. Apesar das diferenças nas respostas, seis mulheres e cinco homens manifestaram a percepção de que em Diamante d'Oeste as pessoas falam apenas o PB. Observou-se que os doze Informantes acionaram o componente cognoscitivo nas respostas e manifestam a percepção de acordo com o contato linguístico vivenciado. O componente afetivo foi acionado em duas ocorrências de homens (Inf. 2H1, Inf. 3H2) para manifestar o sentimento de que conseguem entender as pessoas que falam diferente em Diamante d'Oeste. Já o componente conativo foi acionado somente em duas ocorrências, respectivamente em 3M2 e 5H3.

4.3.3 Bloco 3 - Percepção sobre o comportamento social e linguístico dos falantes

As perguntas deste Bloco objetivaram motivar a percepção dos Informantes a respeito do comportamento social e linguístico dos falantes, correspondendo aos componentes cognoscitivo e conativo, com relação ao uso do PB na interação com grupos da escola, do posto de saúde e no município de Diamante d'Oeste. Observou-se que os Informantes manifestaram de modo coocorrente os componentes cognoscitivo, afetivo e conativo, com menor incidência do afetivo e conativo nos Informantes homens em comparação com as mulheres.

A seguir, apresenta-se o Quadro 10, com o total das ocorrências nas quatro respostas selecionadas para análise:

Quadro 10 – Total de ocorrências dos componentes nas respostas do Bloco 3

<i>Bloco 3 – Percepção sobre o comportamento social e linguístico dos falantes</i>						
PERGUNTA	COGNOSCITIVO		AFETIVO		CONATIVO	
	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens
Pergunta 21a A escola ajudou você a falar melhor o português?	6	6	0	5H3	5 (-3M2)	5H3

Pergunta 21b A escola mudou alguma coisa na sua vida?	1M1 3M2 5M3 6M3	5 (- 6H3)	3M2	0	5M3 6M3	0
Pergunta 22b Como você se sente(ia) quando precisa(va) usar o português na escola?	1M1	4H2 5H3 6H3	6	1H1 2H1 3H2	1M1 2M1	4H2 6H3
Pergunta 23b Como você se sentiu(a) quando precisa(va) usar o português no posto de saúde?	1M1 2M1 3M2	6	1M1 2M1 3M2 4M2	2H1	1M1	1H1 3H2 4H2 6H3
Pergunta 29a Em Diamante D'Oeste, quando você se aproxima dos brasileiros, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam? Como você se sente(ia)?	5 (-2M1)	3H2 4H2 5H3	6	1H1 2H1 3H2 4H2	6	4H2
TOTAL	19	23	17	9	16	8

Fonte: Elaboração da autora (2019)

Sobre a pergunta 21a, as seis mulheres e os seis homens responderam que a escola ajudou a falar melhor o PB. O componente cognoscitivo é acionado nos doze Informantes para manifestar a avaliação positiva do aprendizado do PB na escola. Alguns aspectos positivos da escola estão relacionados ao domínio linguístico do PB para uso na escola e fora da aldeia.

Na resposta de 1H1, o componente afetivo é acionado. A manifestação do componente conativo revelou diferença de sexo com uma ocorrência na fala de 5H3 e cinco ocorrências na fala das mulheres (Inf. 1M1, Inf. 2M1, Inf. 4M2, Inf. 5M3, Inf. 6M3). Transparece, nas respostas, um vínculo estabelecido pelos Informantes entre língua e direito social em relação ao PB.

Em relação à pergunta 21b, quatro mulheres e cinco homens responderam que valorizam a escola em suas vidas. O componente cognoscitivo foi acionado nas respostas de dez Informantes, que manifestaram a importância da escola para o conhecimento das línguas guarani e PB, e da cultura Guarani. O componente afetivo é acionado apenas na fala de 3M2; o componente conativo aparece apenas em duas respostas das Informantes mulheres (Inf. 5M3, Inf. 6M3) e duas ocorrências dos Informantes homens (Inf. 1H1, Inf. 4H2). Transparecem, nas respostas, os componentes cognoscitivo, afetivo e conativo, que são acionados de modo

coocorrente pelas Informantes mulheres para demonstrar a consciência do vínculo entre escola, língua e direito social.

Seis Informantes homens e cinco mulheres acionaram os componentes afetivo e/ou conativo nas respostas à pergunta 12b, para demonstrar a reação e o sentimento de vergonha ou timidez em relação ao uso do PB na escola. O componente afetivo foi acionado na resposta de três Informantes homens (Inf. 1H1, Inf. 2H1, Inf. 3H2) e de seis Informantes mulheres; o componente conativo apareceu nas respostas de dois Informantes homens (Inf. 4H2, Inf. 6H3) e de duas Informantes mulheres (Inf. 1M1, Inf. 2M1); e o componente cognoscitivo foi acionado por três homens (Inf. 4H2, Inf. 5H3, Inf. 6H3) e uma mulher (Inf. 1M1).

Na pergunta 23b, observou-se que o componente cognoscitivo foi acionado pelas Informantes mulheres com três ocorrências (Inf. 1M1, Inf. 2M1, Inf. 3M2) e pelos homens com seis ocorrências para responder sobre a percepção da interação verbal no posto de saúde com os profissionais falantes do PB e do guarani. Observou-se que há diferença nas respostas, que podem estar relacionadas ao sexo. As mulheres demonstraram que sentem(iam) dificuldade em falar PB com os profissionais (médico, enfermeira e dentista) e o componente afetivo foi acionado em três Informantes mulheres para revelar que se sentiam “estranha” e “com vergonha”. Observou-se que o componente conativo foi acionado por quatro homens (Inf. 1H1, Inf. 2H2, Inf. 4H2, Inf. 6H3) e por seis mulheres para demonstrar a reação da interação verbal, nas línguas guarani e PB, no posto de saúde com os profissionais (médico, enfermeira, dentista e agente de saúde). O componente conativo foi acionado em cinco respostas das mulheres (Inf. 1M1, Inf. 2M1, Inf. 4M2, Inf. 5M3, Inf. 6M3) e em quatro ocorrências nas falas dos homens (Inf. 1H1, Inf. 3H2, Inf. 5H3, Inf. 6H3). Constatou-se que os componentes cognoscitivo, afetivo e conativo são acionados de forma inter-relacionada.

Em relação à pergunta 29, três Informantes mulheres disseram que as pessoas param de conversar quando elas (as Informantes) se aproximam; duas Informantes responderam que às vezes continuam falando, às vezes param, e uma Informante respondeu que as pessoas continuam falando; quatro Informantes homens disseram que as pessoas continuam conversando quando se aproximam; um Informante respondeu que as pessoas param de conversar; e um Informante não respondeu porque a pergunta não foi realizada. Observou-se que os Informantes homens e mulheres, que responderam que as pessoas param de conversar, demonstraram uma percepção positiva em relação ao falante do PB porque respeitam o indígena Guarani. As respostas de três Informantes (Inf. 3M2, Inf. 6M3, Inf. 3H2) revelaram a atribuição de uma característica negativa ao falante do PB, que não é indígena, e a percepção de que não são respeitados como Guarani quando se aproximam das pessoas em Diamante d'Oeste. Para

essa pergunta, o componente conativo foi acionado por seis Informantes mulheres e um homem (Inf. 4H2); o componente afetivo foi acionado por seis mulheres e quatro homens (Inf. 1H1, Inf. 2H1, Inf. 3H2, Inf. 4H2); e o componente cognoscitivo, por cinco mulheres (Inf. 1M1, Inf. 3M2, Inf. 4M2, Inf. 5M3, Inf. 6M3) e três homens (Inf. 3H2, Inf. 4H2, Inf. 5H3).

4.3.4 Bloco 4 - Avaliação das línguas e dos falantes pelo Informante

Neste bloco, apresenta-se a análise comparativa das respostas dos doze Informantes em relação à avaliação das línguas e dos falantes. Para analisar o componente afetivo, solicitou-se manifestação em relação aos seguintes temas: quem fala melhor, quem fala pior, qual é a língua mais bonita, qual é a mais feia, se gostaria de aprender alguma língua e se gostaria que sua família continuasse falando o guarani. A seguir, apresenta-se o Quadro 11, com a síntese das manifestações dos componentes nas respostas dos Informantes:

Quadro 11 – Total de ocorrências dos componentes nas respostas do Bloco 4

<i>Bloco 4 – Avaliação das línguas e dos falantes pelos informantes</i>						
PERGUNTA	COGNOSCITIVO		AFETIVO		CONATIVO	
	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens
Pergunta 17 Você gostaria que sua família continuasse falando a língua guarani? Por quê?	0	1H1 2H1	1M1 3M2 5M3 6M3	3H2 4H2	6	6
Pergunta 18 O que você/as famílias/as lideranças fazem preservar a língua guarani, para a língua guarani não morrer?	1M1 2M1	0	0	4H2	6	6
Pergunta 27 Você gostaria de falar mais alguma língua diferente do guarani? Por quê?	1M1	4H2 6H3	2M1 3M2 4M2 5M3	1H1	5 (- 5M3)	6
Pergunta 30 A escola deveria ensinar quais línguas? Por quê?	6	1H1 2H1 3H2 4H2	1M1	6H3	6	6
Pergunta 32 Se você tivesse que escolher entre falar apenas a língua guarani ou apenas o português, qual você	1M1	0	6	6	3M2	3H2

escolheria? Em que situação? Por quê?						
Pergunta 38 Comparando a língua indígena, que você fala, o guarani, com o português, quem fala melhor? Por quê?	3M2	4H2 5H3 6H3	6	6	0	0
Pergunta 39 Comparando a língua guarani, que você fala, com o Guarani paraguaio, o guarani argentino, quem fala melhor? Por quê?	1M1 5M3 6M3	6	1M1 2M1 4M2	6	1M1 3M2 4M2	0
Pergunta 40 Quais as diferenças entre o guarani que você fala com o Guarani paraguaio e o guarani argentino?	5 (- 5H3)	6	1M1 4M2	0	5 (-5M3)	0
Pergunta 41 E quem fala pior? Por quê?	5 (- 6M3)	6	1M1	6	1M1 5M3 6M3	3H2
Pergunta 43 Qual é a língua mais bonita? Por quê?	5 (-1M1)	6	6	0	1M1 2M1 3M2 5M3	4H2 6H3
Pergunta 44 Qual é a língua mais feia? Por quê?	1M1 2M1 4M2	4H2	6	6	0	3H2
TOTAL	32	36	39	35	39	29

Fonte: Elaboração da autora (2019)

Na pergunta 17, os doze Informantes expressaram positivamente que a língua guarani deve continuar sendo falada na família. O componente conativo foi acionado pelos doze Informantes para revelar conduta na família em relação ao guarani. O componente afetivo foi acionado nas respostas de quatro mulheres (Inf. 1M1, Inf. 3M2, Inf. 5M3) e de dois homens (Inf. 3H2, Inf. 4H2) para demonstrar a relação entre língua e identidade étnica; o componente conativo apareceu nas respostas dos doze informantes e o componente cognoscitivo foi acionado apenas por dois homens (Inf. 1H1, Inf. 2H1) para demonstrar a consciência linguística de prestígio da língua materna guarani.

As respostas à pergunta 18 revelaram que os Informantes têm consciência da relação entre língua e identidade étnica, e conseqüentemente prestigiam o guarani e reconhecem a necessidade de preservação dessa língua. Os Informantes 1M1, 2M1, 1H1, 2H1 e 6H3 consideram o valor dos mais velhos e das lideranças (Chamoi/Pajé) na transmissão da cultura

aos falantes na casa de reza e uso da língua guarani na escola. O componente conativo foi acionado por seis homens e seis mulheres; o componente cognoscitivo foi acionado nas respostas de duas mulheres (Inf. 1M1, Inf. 2M1); e o componente afetivo apenas na resposta do Informante homem 4H2.

Em relação à pergunta 27, quatro mulheres responderam que não gostariam de aprender uma língua diferente e duas responderam que gostariam de aprender o inglês; dois responderam que não gostariam de aprender outra língua, dois responderam que gostariam de aprender o português e espanhol, um indicou o português, e um indicou o inglês. Os resultados revelaram que o sexo pode influenciar na resposta. Observou-se que os quatro Informantes homens têm interesse em aprender português, espanhol e/ou inglês e as duas mulheres escolheram o inglês. As Informantes mulheres 1M1 e 3M2 têm interesse em aprender o inglês para fins de comunicação e conectividade a conteúdo em inglês na internet, no celular e na televisão, e isso demonstra certo prestígio do inglês. Cinco Informantes homens (Inf. 2H1, Inf. 3H2, Inf. 4H2, Inf. 5H3, Inf. 6H3) revelaram o interesse em aprender português, espanhol e/ou inglês para fins de interação verbal com os falantes dessas línguas. O componente conativo foi acionado nas respostas de cinco mulheres (Inf. 1M1, Inf. 2M1, Inf. 3M2, Inf. 4M2, Inf. 5M3) e de seis homens; o componente afetivo constou em quatro mulheres (Inf. 3M2, Inf. 2M1, Inf. 4M2, Inf. 5M3); e o componente cognoscitivo, em uma mulher (Inf. 1M1) e dois homens (Inf. 4H2, Inf. 5M3).

Nas respostas à pergunta 30, os doze Informantes apresentaram, de forma direta ou indireta, apreciação positiva do guarani e do português, e demonstraram consciência linguística de que o aprendizado das línguas guarani e português é importante para os falantes do guarani na aldeia. Os Informantes 1M1 e 4H2 demonstraram preocupação com o futuro da língua e da cultura Guarani. O componente conativo foi acionado nas respostas dos doze Informantes; o componente cognoscitivo foi acionado nas respostas de seis mulheres e quatro homens (Inf. 1H1, Inf. 2H1, Inf. 3H2, Inf. 4H2); o componente afetivo foi acionado na resposta da mulher 1M1 e do homem 6H3.

Em resposta à pergunta 32, as seis Informantes mulheres escolheram o guarani em comparação com o PB, cinco Informantes homens manifestaram a escolha pelo guarani e um Informante homem escolheu as duas línguas. O componente afetivo foi acionado no julgamento dos doze Informantes, o que demonstra atitude positiva em relação à língua guarani, de identidade étnica. O componente cognoscitivo apareceu apenas na resposta da Informante mulher 1M1 e o componente conativo nas respostas dos Informantes mulher 3M2 e homem 3H2 para reforçar o prestígio da língua materna.

Nas respostas à pergunta 38, quatro mulheres responderam que os falantes do guarani falam melhor, uma Informante respondeu “brasileiro” (PB), uma Informante selecionou guarani e português; cinco homens disseram que os falantes do guarani falam melhor e um Informante respondeu guarani e português. Os Informantes que escolheram os falantes do guarani justificaram a escolha porque falam guarani, é mais fácil de falar e tem melhor entendimento. O componente afetivo foi acionado nas respostas dos doze Informantes. O componente cognoscitivo apareceu em três ocorrências dos homens (Inf. 4H2, Inf. 5H3, Inf. 6H3) para manifestar a crença de que os falantes do guarani falam melhor e de que o idioma é melhor em comparação com o português. Os Informantes justificaram as respostas com argumentos associados à identidade étnica Guarani e ao domínio da língua materna. O componente conativo não apresentou ocorrências nas respostas à pergunta 38.

Em relação à pergunta 39, a comparação do guarani falado pelos Informantes com o guarani paraguaio e argentino revelou consciência sobre as diferenças entre essas línguas. Duas mulheres indicaram os Guarani da aldeia, duas Informantes disseram que os paraguaios falam melhor, uma Informante escolheu o argentino e uma Informante manifestou não compreender a comparação do guarani falado pelos Informantes com o guarani paraguaio e argentino, o que revela consciência sobre a variação linguística. Dois homens avaliaram que falam melhor os Guarani, dois Informantes disseram que os paraguaios falam melhor, um Informante escolheu o guarani argentino e o guarani paraguaio, e um Informante disse não saber. O componente afetivo apareceu em seis ocorrências dos homens e em três ocorrências das mulheres (Inf. 1M1, Inf. 2M1, Inf. 4M2); o componente cognoscitivo é acionado nas respostas de seis homens e três mulheres (Inf. 1M1, Inf. 5M3, Inf. 6M3); e o componente conativo apresentou ocorrências apenas em três mulheres (Inf. 1M1, Inf. 3M2, Inf. 4M2). Os componentes cognoscitivo, afetivo e conativo foram acionados para demonstrar, respectivamente, o conhecimento, a avaliação e a reação de cada Informante em relação à fala do outro. As respostas revelaram que os Informantes têm consciência da variação linguística na fronteira.

Sobre a pergunta 40, cinco mulheres e seis homens revelaram que têm consciência da diversidade linguística nesta região de contato das línguas indígenas com o PB e o espanhol. Observou-se nas respostas que os Informantes demonstraram mais contato com os falantes do guarani paraguaio e têm consciência linguística das variações fonéticas e lexical entre as línguas guarani faladas na fronteira e do guarani em contato com o PB, por um lado, e o espanhol no Paraguai e na Argentina, por outro. O componente cognoscitivo é acionado nas respostas de onze Informantes; o componente conativo é acionado apenas por cinco mulheres (Inf. 1M1, Inf.

2M1, Inf. 3M2, Inf. 4M2, Inf. 6M3); e o componente afetivo somente em duas mulheres (Inf. 1M1, Inf. 4M2).

Na resposta à pergunta 41, três Informantes mulheres responderam que os argentinos falam pior o guarani, duas Informantes não nomearam o pior falante, uma Informante respondeu que o paraguaio fala pior; três Informantes homens disseram que não há falante pior, um Informante indicou o argentino como pior falante do guarani, um Informante, o paraguaio, e um Informante indicou que a fala bilíngue é pior.

As respostas dos Informantes revelaram que a situação linguística do guarani na fronteira do Brasil com o Paraguai e a Argentina é de diversidade linguística, considerando que há contato das línguas indígenas com o PB e o espanhol. Por outro lado, deve-se considerar que fatores como a idade e o contato com falantes do guarani na fronteira influenciam de maneira direta a percepção dos Informantes em relação às diferenças entre as línguas. O componente conativo foi acionado por três Informantes mulheres (Inf. 1M1, Inf. 5M3, Inf. 6M3) e em duas respostas nos Informantes homens (Inf. 4H2, Inf. 6H3) para demonstrar as variações linguísticas do guarani na fronteira; o componente cognoscitivo foi acionado em cinco Informantes mulheres (Inf. 1M1, Inf. 2M1, Inf. 3M2, Inf. 4M2, Inf. 5M3) e de seis Informantes homens para revelar a percepção sobre quem fala pior; e o componente afetivo foi acionado somente pelas seis Informantes mulheres para atribuir a avaliação do pior falante do guarani.

Na pergunta 43, os Informantes tiveram que opinar sobre qual língua era a mais bonita entre o guarani, o português e o espanhol. Três mulheres avaliaram o guarani como a língua mais bonita, uma Informante não soube responder, uma Informante escolheu a língua “brasileira”, uma respondeu que são as línguas guarani, português e espanhol; quatro homens indicaram o guarani, um Informante escolheu a língua portuguesa e um respondeu guarani e português. Os resultados revelam que a preferência pelo guarani está associada à identidade indígena e ao domínio linguístico dos Informantes. Observou-se que onze Informantes manifestaram o componente cognoscitivo e seis Informantes (Inf. 1M1, Inf. 2M1, Inf. 3M2, Inf. 5M3, Inf. 4H2, Inf. 6H3) o componente conativo para inferir o prestígio de que a língua guarani é a mais bonita em comparação com o PB e o espanhol. O componente afetivo foi acionado apenas pelas seis mulheres.

Em resposta à pergunta 44, uma Informante mulher nomeou o espanhol como língua mais feia, duas disseram que não existe uma língua feia, uma não soube responder, uma não respondeu porque “*quer ter amizade com todo mundo*”; um Informante homem nomeou o inglês como língua feia, um Informante respondeu que considera a língua paraguaia mais feia, dois disseram que é o português, e, para dois Informantes, nenhuma língua é feia. O componente

afetivo apareceu nas respostas dos doze Informantes e o componente cognoscitivo foi acionado nas respostas de um Informante homem (Inf. 4H2) e de três mulheres (Inf. 1M1, Inf. 2M1, Inf. 4M2) para demonstrar um o prestígio e valorização da língua materna dos Informantes. O componente conativo foi acionado apenas na resposta de um Informante homem (Inf. 3H2).

4.3.5 Bloco 5 - Identificação das tendências à reação

Este último bloco visa a analisar o componente conativo nas perguntas relacionadas à identificação das tendências de reação dos Informantes em relação aos falantes brasileiro, argentino e paraguaio: “se morariam em um lugar onde vivessem apenas brasileiros, argentinos e paraguaios (pergunta 45), se procurariam um médico ou dentista dessas etnias (pergunta 46) e se procurariam um brasileiro, um argentino ou um paraguaio para um trabalho fora da aldeia (pergunta 47)”. Observa-se a seguir o Quadro 12, com a síntese das ocorrências dos componentes nas respostas dos Informantes:

Quadro 12 – Total de ocorrências dos componentes nas respostas do Bloco 5

<i>Bloco 5 - Identificação das tendências de reação</i>						
PERGUNTA	COGNOSCITIVO		AFETIVO		CONATIVO	
	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens
Pergunta 45 Você moraria em outro lugar, onde só houvesse brasileiros, argentinos e paraguaios?	1M1 2M1	0	0	1H1 4H2	6	6
Pergunta 46 Se você precisasse de um médico ou dentista, procuraria um brasileiro, argentino ou paraguaio? Por quê?	2M1	0	6M3	0	6	6
Pergunta 47 Se você precisasse trabalhar fora da aldeia, procuraria patrão brasileiro, argentino ou paraguaio? Por quê?	0	0	3M2	1H1	6	6
TOTAL	3	0	2	3	18	18

Fonte: Elaboração da autora (2019)

Com relação à pergunta 45, cinco mulheres responderam que não morariam onde vivessem somente brasileiros e uma Informante respondeu que moraria em Diamante d'Oeste; quatro mulheres disseram que não morariam em um lugar onde só houvesse argentinos e paraguaios. Em relação aos argentinos, uma Informante disse “talvez” e uma respondeu que moraria se fosse para ajudar. Em relação aos paraguaios, duas responderam que morariam em outro lugar onde vivessem só paraguaios. Quatro Informantes homens responderam que não morariam onde vivessem somente brasileiros, argentinos e paraguaios; um Informante respondeu que moraria se fosse em aldeia indígena no Paraguai; e um Informante disse que moraria em uma que fosse perto da sua aldeia, o que demonstra o prestígio em relação ao lugar e identidade étnica. O componente conativo foi acionado nas respostas dos doze Informantes; o componente afetivo ocorreu nas respostas de dois homens (Inf. 2H1, Inf. 4H2); e o componente cognoscitivo, nas respostas de duas mulheres (Inf. 1M1, Inf. 2M1).

O total de respostas negativas por parte dos homens foi maior em comparação com o grupo de mulheres. Cinco Informantes (Inf. 1H1, Inf. 2H1, Inf. 4H2, Inf. 5H3, Inf. 6H3) revelaram uma atitude de identidade étnica e valorização de seu grupo social Guarani.

Em relação à pergunta 46, cinco mulheres disseram que procurariam um médico ou dentista brasileiro e uma procuraria “todos”; quatro homens disseram que procurariam um médico ou dentista brasileiro, um disse que procuraria um Guarani, e um que procuraria “qualquer um”. As justificativas destacaram o prestígio do PB em relação ao espanhol e ao guarani. O componente cognoscitivo foi acionado nas respostas da Informante 2M1; o componente conativo ocorreu nas respostas dos doze Informantes; e o componente afetivo na resposta do Informante 6H3.

Com relação às respostas à pergunta 47, quatro mulheres disseram que procurariam um brasileiro, uma não escolheu e uma não soube responder; os seis homens disseram que procurariam um brasileiro. O componente afetivo ocorreu nas respostas dos Informantes 3M2 e 1H1; o componente conativo foi acionado nas respostas dos doze Informantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atitudes linguísticas aqui pesquisadas, relativas à língua guarani por parte de falantes indígenas, bilíngues, da aldeia indígena Guarani *Tekoha Añetete*, no município de Diamante d'Oeste, na região Oeste do Paraná e próxima da fronteira trinacional do Brasil com a Argentina e o Paraguai, possibilitaram não só reafirmar características culturais, relativas principalmente à preservação da identidade Guarani, mas também a reavaliação de hipóteses inicialmente lançadas sobre o provável prestígio do PB sobre a língua guarani. Interessante observar que, mesmo sabendo que o Guarani é um povo que protege sua identidade, ainda assim apostávamos na supremacia do PB, o que, no início da pesquisa, parecia óbvio.

Essa obviedade circunscrevia a problematização: verificar como o indígena Guarani lidava com a supremacia do PB. Agora, neste momento de reflexão final sobre os resultados da pesquisa, parecem muito distantes aqueles primeiros exercícios de constituição do nosso objeto de pesquisa. Distantes por dois motivos que devem estar claros no texto desta tese: primeiramente porque o Guarani não concebe o PB com estatuto da supremacia; e também porque, se há uma característica nesse contato linguístico, ele se coloca no pleito do ensino da língua guarani na escola, e como primordial – ou seja, o ensino da modalidade escrita do guarani destaca-se como uma meta do que se constitui o ensino formal na aldeia.

Em toda literatura pesquisada – e, portanto, nossa reflexão somente tem sentido nesse âmbito – não foi possível encontrar uma pesquisa sobre crenças e atitudes linguísticas voltada para o contato linguístico em uma aldeia indígena. E bem pudemos sentir o quão burocrático e demorado é lidar com os meandros que envolvem a pesquisa em terras indígenas. Por isso, lidar com os componentes que indicam atitudes não foi uma tarefa fácil. As entrevistas foram monitoradas em vários sentidos, e por motivos previsíveis. O questionário foi revisto inúmeras vezes, até que fosse possível conseguir respostas que atendessem às expectativas traçadas. Até mesmo a hipótese de que o PB rendia supremacia, totalmente frustrada, gerou a necessidade de revisão do questionário outras tantas vezes.

Por isso, descrever de que modo se manifestam os componentes cognoscitivo, afetivo e conativo nas falas dos Informantes mulheres e homens indígenas, em relação aos falares guarani e PB, exigiu muito mais do que uma coleta de dados. Exigiu nossa sensibilidade para lidar com uma cultura ímpar, da qual temos que nos orgulhar. De uma cultura humana, de um povo que é bilíngue e até mesmo trlíngue por convicções que extrapolam o escopo de um aprendizado de língua estrangeira. Trata-se da manutenção de uma história, de uma cultura, da preservação do pouco que sobrou depois da intervenção do branco.

Sendo assim, os componentes são mais do que uma categoria acionada pelos Informantes, a depender muitas vezes das perguntas que foram organizadas em Blocos. As respostas são esclarecedoras, principalmente em termos do que as mulheres e do que os homens expressam de suas experiências individuais e de como essas experiências reafirmam a soberania da cultura Guarani no coletivo.

Dos três componentes estudados, podemos observar que indícios linguísticos dos componentes afetivo e cognoscitivo são praticamente pautados em modalizadores e itens lexicais que representam o conhecimento e o sentimento da família e da aldeia. Chama a atenção o componente conativo, porém, quando se enfocam particularmente os Informantes desta pesquisa, e somente em função do perfil deles vamos ousar algumas considerações, que não devem soar a pretensão de redefinição do termo conativo. Quando o Informante está respondendo a uma pergunta, pauta-se em algo que está acontecendo naquele momento, que pode acontecer no futuro; ou narrar algumas atitudes que vivenciou no passado. Ele está agindo de acordo com a pergunta do entrevistador, o que gera um comportamento no indivíduo, no exato momento da entrevista.

Vale destacar que, segundo as teorias mentalistas, a atitude é um estado mental interno situado entre um estímulo e uma resposta a este estímulo. Por um lado, permite antecipar comportamentos, considerando que a pergunta está anterior a uma resposta. São manifestações internas que não podem ser observadas e analisadas de maneira direta, senão por meio de inferências e suposições a partir do comportamento e testemunho dos falantes. São processos inconscientes sobre os quais geralmente os falantes não fazem reflexões explícitas, mas a pergunta movimentava uma conduta. Nesse sentido, as percepções e a consciência dos nossos Informantes incidem de forma indireta sobre suas atitudes e sobre suas condutas linguísticas.

Bom. Lá estávamos, na aldeia, estabelecendo certo contato com falantes indígenas. Inquiridora branca. É certo considerar que isso já seria suficiente para o componente conativo se manifestar. Ou seja, os Informantes estavam diante da necessidade premente de falar. Já seria uma conduta. Toda a fala que seria regulada normalmente em uma entrevista, na situação de indígena, acaba por ser mais tolhida ainda. Sendo assim, a conduta do indígena seria conduzida pelas orientações da Inquiridora branca. E lá vamos considerar o olhar, gestos, manejos da mão, tom de voz etc. Por isso, nas falas, o componente conativo está mais próximo de uma ação não somente presente na instância do linguístico.

Constata-se que o componente cognitivo nasce de percepções individuais, de acordo com o perfil etnolinguístico e das práticas comunicativas vivenciadas dentro e fora da aldeia. Já o componente afetivo revela o sentimento de valorização da língua materna em contato com o

PB. O componente conativo mostra comportamento social do falante em relação à língua guarani e a outras línguas de contato. Usemos aqui, de forma um tanto distante da fundamentação teórica selecionada para esta pesquisa, a proposta de Austin, quando assevera *que quando se fala se age*. Logo, poderíamos dizer que o componente conativo estaria assim conceituado: atitude linguística e/ou forma de agir (acional), em movimento, pressionadas pelo estatuto social da comunidade de fala, em situação de contato linguístico com falante não indígena. Esse conceito pode ser elaborado a partir da condição em que está sendo realizada a entrevista, que provocou no Informante um comportamento não espontâneo. Dessa forma, o conativo está no afetivo e no cognoscitivo: é o momento em que o cognoscitivo transforma o pensamento em atitude linguística; nessa perspectiva, é o momento em que o Informante aciona as crenças e o sentimento afetivo se transforma em forma de agir (acional). O próprio PB é um regulador de conação.

Por isso, consideramos o compromisso ético nosso, adotado nas entrevistas – portanto, na nossa inserção na comunidade – pois sabemos, ainda mais agora no final desta pesquisa, que os indígenas bilíngues entrevistados concederam muito mais do que a oportunidade de realizar nosso estudo sociolinguístico da língua guarani. Concederam a oportunidade de conhecermos a cultura e de entendermos a garra de um povo que muito tem a ensinar aos brancos brasileiros.

Nessas considerações finais, é importante destacar que o resultado das percepções dos doze Informantes, motivadas pelas perguntas do questionário semiestruturado e que acionaram os componentes cognoscitivo, afetivo e conativo, ainda é uma parcela a ser explorada, diante de todo o material coletado. As respostas foram motivadas por situações de contato linguístico em que os falantes estavam sendo expostos ao perfil do que é uma entrevista.

Sabemos que, direta ou indiretamente, os nossos Informantes estão envolvidos em seu processo de construção, por meio da atuação intergrupala e intercultural em uma região de fronteira e na localidade *Tekoha Añetete*, que resulta de deslocamentos de territórios que não se deram em contos de fada. A interculturalidade pode estar ligada ao período das missões jesuíticas, que duraram cerca de 100 anos, e aos principais fatos históricos que impactaram na desterritorialização das famílias que hoje vivem em confinamento, regulado por leis, muito embora possam se deslocar, aparentemente, de um lugar para o outro.

Conforme apresentado na Seção 1 desta tese, diversos costumes foram inseridos na cultura Guarani, alterando, dessa forma, o modo de vida destes, que passaram a adotar costumes e mudanças na língua a partir das situações vivenciadas na fronteira em contato com falantes do PB, do espanhol e variantes do guarani falado na Argentina e Paraguai. Outro fator que contribuiu com esse processo de mudanças foi a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, que

levou à formação do reservatório do Lago de Itaipu e provocou o alagamento de grandes áreas, inclusive de áreas indígenas, levando à realocação das famílias do *Tekoha (Guaçu) Jacutinga* para novas aldeias indígenas nos municípios de São Miguel do Iguaçu, Diamante d'Oeste, dentre outros municípios do Estado do Paraná, e ainda o deslocamento de famílias indígenas para aldeias da fronteira, na Argentina e no Paraguai. Assim, a língua de um povo indígena não é estagnada, uma vez que o contato com outras línguas e outras culturas gera mudanças praticamente compartilhadas.

O reconhecimento da história dos Guarani no Estado do Paraná, especificamente na região Oeste, e na fronteira do Brasil, Argentina e Paraguai, acena para questões de ordem política, e não se pode abster de considerar que a fronteira favorece as variações linguísticas entre as línguas e a manifestação de fenômenos como o *code mixing* e *code switching*. Essa região de fronteira é um cenário de pluralidade de culturas, em que se reúnem várias etnias, formando uma identidade cultural que abarca as comunidades indígenas. Nesse contexto, as diferenças culturais, sociais e políticas se refletem na complexidade das relações cotidianas, que geram impacto não só nas ações da comunidade, mas também na política do Estado e na busca permanente do indígena por um território.

A análise comparativa das respostas das mulheres e dos homens mostra que há uma preocupação com relação ao futuro da língua e da cultura indígena. Porém, prevalece o prestígio do guarani com língua materna e conseqüente identidade étnica. É perceptível nas respostas, a respeito da avaliação das línguas, que o guarani é a língua de supremacia. As Informantes mulheres explicam que ensinam o PB para as crianças como algo necessário, principalmente para se defenderem no futuro – e isso diz respeito ao que a cultura do branco impõe. Constatase que as pressões externas da sociedade e as pressões internas da comunidade constituem duas forças que atuam nas atitudes e usos linguísticos do guarani e PB na comunidade de fala.

Os resultados da análise dos cinco blocos de perguntas mostraram que as Informantes mulheres, de modo geral, tendem a reagir afetivamente frente à língua materna falada com sua família e na aldeia. Os Informantes, tanto mulheres como homens, expressaram a vontade de que sua família continue falando o guarani, que a escola ensine em duas línguas (guarani e PB) e manifestaram o prestígio do guarani para a valorização da língua, da cultura e identidade étnica.

A língua guarani tem sua importância sócio-histórica na aldeia sob estudo, o que acena para a sobrevivência linguística nas futuras gerações indígenas no município de Diamante d'Oeste. Vale destacar que essa realidade se insere na mobilidade de uma tríplice fronteira e nos costumes da tradição Guarani de moradia temporária na casa de parentes de outras aldeias.

As respostas dos Informantes revelam que, em relação à situação linguística do guarani na fronteira do Brasil com o Paraguai e Argentina, há diversidade linguística e os Informantes demonstram que têm consciência da variação linguística do guarani falado na aldeia, no Paraguai e na Argentina. Observou-se que o posicionamento que se manifesta está relacionado ao nível de conhecimento e à percepção de cada Informante em relação à fala de outro.

Nos depoimentos, fica clara a convivência com os falantes do PB e, sendo assim, os perfis diferenciados entre os falantes bilíngues da localidade indígena *Tekoha Añetete*, no município de Diamante d'Oeste, podem revelar diferenças e semelhanças com relação ao modo como os falantes avaliam a língua materna e as demais línguas percebe-se a consciência da necessidade de aprender o português, mas também a expressa necessidade de reafirmar a valorização do guarani. O PB é visto como uma espécie de passaporte, o que fica bem evidente na fala dos Informantes mulheres e homens mais velhos: “precisam escrever o nome para receberem o benefício da aposentadoria e para facilitar a vida cotidiana quando saem da aldeia para fazer compras de alimentos, vender artesanatos, usar o transporte de ônibus e outros serviços”. Os Informantes mais jovens estudam PB para que possam ter acesso a um curso superior e a oportunidades de trabalho fora e dentro da aldeia – na escola, no posto de saúde e em outras funções, como em projetos de assistência técnica agropecuária e saneamento básico. Retomemos Labov (2008, p. 236), ao apontar que “quanto mais se conhece uma língua, mais se pode descobrir sobre ela”. Não se pode pensar, portanto, na língua desvinculada de seu contexto social, principalmente na sua condição de aspecto constituidor da identidade de determinado grupo étnico, conforme apontam os estudos de Aguilera (2009).

A análise dos dados revelou que, apesar dos aspectos externos que pressionam os falantes a optarem pelo uso do PB, a língua guarani é predominante entre os doze Informantes. Uma situação a favor da língua guarani está no respeito aos pais e aos mais velhos, de forma que a transmissão da língua dos pais para os filhos é uma norma de sobrevivência. A análise dos componentes cognoscitivo, afetivo e conativo acionados pelos Informantes demonstrou que a consciência do domínio do guarani está vinculada a uma prática linguística e cultural entre as diferentes faixas etárias e necessidade de manter a língua de identidade étnica dentro da família. Pode-se inferir que as mulheres acabam sendo o reforço da manutenção da língua guarani, porque têm menos contato com pessoas do contexto fora da aldeia, e, por isso, sofrem menos pressão externa dos elementos linguísticos e extralinguísticos em comparação com os homens na localidade pesquisada.

O resultado da análise aponta para um fenômeno diferente em comparação às localidades brasileiras pesquisadas por meio do projeto CAL. De acordo com Corbari (2013, p.

214) os “estudos sobre diversidade dialetal em regiões de colonização alóctone no Sul do Brasil revelam que as línguas minoritárias ou minorizadas estão sendo relegadas em favor da língua portuguesa, especialmente entre pessoas mais jovens”.

As conclusões desta pesquisa apontam duas principais motivações que levam Informantes a aprenderem o PB. A primeira, em que a aprendizagem é motivada somente pelo caráter de utilidade da língua, considerada apenas um instrumento para que se alcancem objetivos, como estudar, trabalhar fora da aldeia, comprar produtos de consumo, receber proventos, entre outros. A segunda é motivada com a finalidade comunicativa, na qual o indivíduo pretende dominar a cultura dos falantes do PB e a integração não é tida como aculturação. Ou seja, a língua é aprendida somente porque ela é necessária, muitas vezes, para a própria sobrevivência do falante.

Entre os Informantes desta pesquisa, o valor utilitário assumido pelo PB, algo justificado pelos próprios Informantes, demonstra que a essa língua não se atribui uma avaliação negativa; trata-se somente da consciência da necessidade de interação que o contato com a sociedade não-indígena impõe. A pesquisa revelou também que ao PB são atribuídas funções comunicativas mais formais, como o ensino na escola, o atendimento médico e odontológico no serviço de saúde, no trabalho fora da aldeia e ao guarani são atribuídas funções comunicativas de informalidade com a família e com os falantes Guarani da aldeia e de outras aldeias que falam o mesmo dialeto ou variação deste.

No que tange às atitudes, a pesquisa revelou que os Informantes demonstram sentimentos de lealdade linguística e identitária com a língua e a cultura Guarani, e que sua língua e cultura devem ser preservados nas futuras gerações. Contudo, reconhecem a dificuldade das famílias com relação à manutenção dos costumes e tradições, porque cada vez mais são impactados por conteúdos em PB na televisão, rádio, internet e em dispositivos móveis no celular.

O PB é reflexo das pressões sociais com as instituições da administração pública (municipal, estadual e federal) e nas ações de regulação e recebimento de proventos, principalmente na modalidade escrita. A língua guarani está relacionada aos valores internos da comunidade: a lealdade para com a língua, a cultura, a identidade étnica e direitos sociais garantidos pela Constituição, principalmente à terra e à possibilidade de demarcação de novas terras aos descendentes.

Em relação à escola, constatou-se que a percepção do comportamento linguístico dos falantes é semelhante entre os Informantes mulheres e homens. A escola possui uma política de educação bilíngue, tendo as línguas guarani e PB como línguas de ensino, de acordo com o que

consta no artigo 210 da Constituição Federal, promulgada em 1988, e a Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional (Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996), que fixou as diretrizes e bases para a educação nacional e estabeleceu regras especiais para a educação escolar indígena. O Artigo 210 desta Constituição garante aos povos indígenas, “o uso de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem”. As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Indígena foram aprovadas em 14 de setembro de 1999, por meio do Parecer nº 14/ 99 da Câmara Básica do Conselho Nacional de Educação. O Parecer n.º14/99 garante o quadro próprio do professor indígena; a Deliberação n.º 09/02, a Portaria Interministerial MJ e MEC n.º559/91 de 16 de Abril de 1991, sobre a educação dos povos indígenas, apresenta o artigo 3º, em que consta: “garantir o ensino bilíngue nas línguas materna e oficial do País atendendo os interesses de cada povo indígena em particular e a Lei 11.645/08”.

A Constituição Federal Brasileira de 1988 é uma importante conquista política para os povos indígenas porque reconhece a cultura própria e o direito ao território tradicional. A partir dessa Constituição, as diferenças culturais e linguísticas dentro do território brasileiro passaram a ter sua existência garantida por lei. Levar em conta os Direitos Linguísticos das crianças, jovens e adultos indígenas significa conhecer a realidade sociolinguística da comunidade de fala e discutir essa realidade na escola, fortalecendo e valorizando a língua indígena em seu uso como língua de instrução, de comunicação.

Assim, esperamos que esta tese possa proporcionar a reflexão sobre o bilinguismo e/ou plurilinguismo praticado nas comunidades de fala indígena, ampliar o olhar para a fronteira trinacional como um todo, e contribuir para uma política linguística, além de ações de integração fronteiriça, que atendam ao interesse público e com uma formação qualificada, incluindo a realidade dos falantes. Isso requer um esforço de vários sujeitos – a própria comunidade, governo, pesquisadores, instituições de fomento à pesquisa, por exemplo – envolvidas em um projeto de valorização das línguas indígenas, e com procedimentos adequados ao sistema de valores e cultura dos indivíduos impactados de modo a fortalecer a vitalidade da língua materna indígena.

REFERÊNCIAS

- ABREU, R. L. **Parana MesoMicroMunicip.svg, own work**. 2006. Disponível em: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/12/ParanaMunicipDiamanteDOeste.svg>. Acesso em: 10 out. 2018.
- AGUILERA, V. A. Crenças e atitudes lingüísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 105-112, mai./ago. 2008.
- AGUILERA, V. A. **Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato**. 2009. [Projeto desenvolvido pela autora. Digitado].
- AGUILERA, V. A.; SILVA, H. C. O poder de uma diferença, um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas. **Alfa**, Revista de Linguística, São José do Rio Preto, v. 58, n. 3, p. 703-723, 2014.
- ALMEIDA, R. F. T. **Estudo Antropológico sobre a situação dos Avá-guarani e Guarani-Mbya relacionados ao Jakutinga/Ocoy e dos Ñandeva de Guaira: extremo oeste do Paraná**. Rio de Janeiro: ABA, 2006.
- ALTINO, F. C. **Atlas Linguístico do Paraná – ALPR II**. 2007. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.
- AZEVEDO, A. Aldeias e Aldeamentos de Índios. **Boletim Paulista de Geografia**. n. 33, p. 23-40, out. 1959.
- BLANCO CANALES, A. **Estudio sociolingüístico de Alcalá de Henares**. Alcalá de Henares, Madrid: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá, 2004.
- BORTOLINI, J. C. **O sujeito guarani: o discurso da sustentabilidade nas comunidades indígenas (2003/2013)**. 2014. 146 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Oeste do Paraná, Cascavel, 2014.
- BORTOLUZZI, E. A. **Entrevista oral sobre a comunidade indígena de São Miguel do Iguauçu**. [Entrevista cedida a] Sonia Cristina Poltronieri Mendonça, dez. 2015.
- BOTASSINI, J. O. M. **Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica no Norte do Paraná**. 2013. 219 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.
- BOTASSINI, J. O. M. A Importância dos Estudos de Crenças e Atitudes para a Sociolingüística. **SIGNUM: Estud. Ling.**, Londrina, v. 18, n. 1, p. 102-131, jun. 2015.
- BUSSE, S. **Um estudo geossociolingüístico da fala do Oeste do Paraná**. 2010. 287 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.
- BUSSE, S.; SELLA, A. F. Uma análise das crenças e atitudes linguísticas dos falantes do Oeste do Paraná. **Signum: Estud. Ling.**, Londrina, v. 15, n. 1, p. 77-93, jun. 2012.

CALVET, L. J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução: Marcos Marciolino. São Paulo: Parábola, 2002.

CARVALHO, M. L. B. **Das Terras dos Índios a Índios Sem Terras**. O Estado e os Guarani do Oco'y: Violência, Silêncio e Luta. 2013. 834 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2013.

CARDOSO, D. P. **Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros**. São Paulo: Blucher, 2015.

CONFORTÍN, H. Atitudes linguísticas de falantes bilíngües. **Revista Letras**, Campinas, v. 20, n. 1/2, p. 123-135, dez. 2001.

CORBARI, C. C. **Atitudes linguísticas: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antonio do Sudoeste**. 2013. 259 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, 2013.

CTI. Centro de Trabalho Indigenista. **Atlas das Terras Guarani no Sul e Sudeste do Brasil - 2015**. Brasília: CTI, 2015.

EMGC. Equipe Mapa Guarani Continental. **Caderno Mapa Guarani Continental: povos Guarani na Argentina, Bolívia, Brasil e Paraguai**. / Equipe Mapa Guarani Continental - EMGC. Campo Grande, MS. Cimi, 2016.

D'ANGELIS, W. **Guarani**. Campinas: Laboratório de Estudos Linguísticos. Portal Labeurb. Disponível em: <http://www.labeurb.unicamp.br/elb2/pages/artigos/lerNoticia.lab?id=252>. Acesso em: 10 out. 2015.

DIETRICH, W. O tronco Tupi e as suas famílias de línguas. Classificação e esboço tipológico. In: NOLL, V. R.; DIETRICH, W. **O português e o tupi no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2010. Disponível em: <http://www.martinsfontespaulista.com.br/anexos/produtos/capitulos/637194.pdf>. Acesso em: 20 out. 2019.

DIA A DIA EDUCAÇÃO. **Terras indígenas do Paraná**. 2018. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/portal/estaticas/alunos/indios_terras.ph. Acesso em: 18 abr. 2018.

FENNER, A. L. **Crenças e atitudes linguísticas: um estudo comparativo de línguas em contato em duas comunidades do Oeste Paranaense**. 2013. 266 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

FISHMAN, J. A. Sociolinguistics. In: FISHMAN, J. A. (Ed.). **Handbook of language and ethnic identity**. New York: Oxford University Press, 1999. p. 152-163.

FISHMAN, J. A. **Sociología del Lenguaje**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1988.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução: Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FLAMINGUI, A.H.R. Multilinguismo e preconceito na fronteira Porã: um estudo sobre atitudes e crenças linguísticas. 2018. 297 f. Tese (Doutorado). São José do Rio Preto: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2017

FUNAI. **O Brasil Indígena**. Brasília: FUNAI, 2013. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/arquivos/conteudo/ascom/2013/img/12-Dez/pdf-brasil-ind.pdf>. Acesso em: 20 set. 2015.

FRAGA, L. **Os holandeses de Carambeí**: estudo sociolingüístico. 2008. 221 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

GÓMEZ MOLINA, J. R. Actitudes lingüísticas en Valencia y su área metropolitana: evaluación de cuatro variedades dialectales. *In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE LA AMÉRICA LATINA – ALFAL*, 11., 1996, Las Palmas de Gran Canaria. Actas... Las Palmas de Gran Canaria: Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, 1996. v. 2, p. 1027-1042.

GONZALES, L. F. **Aspectos sintáticos e semânticos da intensificação de grau no Guarani Paraguaio**. 2016. 352 f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

GUEROLA, C. M. **“Se nós não fosse guerreiro nós não existia mais aqui”**. 2017. 442 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

GUMPERZ, J. J. **Language in social groups**. Stanford: Stanford University Press, 1971.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiculturalidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HAMEL, R. E.; MUÑOZ CRUZ, H. 1988. Desplazamiento y resistencia de la lengua otomí: el conflicto lingüístico en las prácticas discursivas y la reflexividad. *In: Sociolingüística Latinoamericana*. X Congreso Mundial de Sociología, México, 1982. HAMEL, R. E.; LASTRA, Y.; MUÑOZ CRUZ, H. (eds.). México: Universidad Nacional Autónoma de México. p. 101-146.

HORII, A. K. D. Território Guarani na Tríplice Fronteira: fragmentos que resistem no Espaço-Tempo. **Faz Ciência**, v. 16, n. 24, p. 96-111, jul./dez. 2014.

IBGE. **Censo Demográfico 2010 – Terras Indígenas**. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/terrasindigenas/>. Acesso em: 26 jul. 2016.

IPARDES. Paraná - **Projeção das Populações Municipais (2016-2030)**.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Povos Indígenas no Brasil**. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/O_trabalho_dos_linguistas. Acesso em: 20 abr. 2018.

LABOV, W. **Padrões sociolingüísticos**. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. **Psicologia social**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

LISS, M. **Diversidade Cultural, Bilinguismo e Política Linguística em discursos escolares indígenas do Estado do Paraná: a identidade em governabilidade.** 2011. 168 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011.

LÓPEZ MORALES, H. Creencia y actitudes el cambio lingüístico. *In: LÓPEZ MORALES, H. Sociolingüística.* Madrid: Credos, 1993. p. 231-257.

LUCIANO, G. S. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje.** Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. LACED/Museu Nacional, 2006. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001545/154565por.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2017.

MELIÀ, B. **Pasado, presente e futuro en la lengua guarani.** Asunción: CEADUC, 2010.

MENDONÇA, S. C. P. **A construção do discurso da imprensa nas eleições 2004 de Foz do Iguaçu.** 2006. 214 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2006.

MORELLO, R.; SEIFFERT, A. P. (Org.). **Inventário da Língua Guarani Mbya - Inventário Nacional da Diversidade Linguística.** Florianópolis: IPOL: Editora Garapuvu, 2011.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje.** Barcelona: Ariel, 1998.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **Sociolingüística Cognitiva: Proposiciones, escolios y debates.** Madrid: Iberoamericana, 2012.

NIMUENDAJÚ, C.; IPHAN. **Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes** [recurso eletrônico] / Curt Nimuendajú; Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2. ed. – Dados eletrônicos (1 arquivo PDF: 16 megabytes). – Brasília, DF: IPHAN, IBGE, 2017. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/mapaetnohistorico2ed2017.pdf>. Acesso em: 26 dez. 2017.

PARANÁ. **Boletim Resultados do Censo Escolar Curitiba, n.8, out. 2014, p. 11 - Educação Indígena no Paraná – 2013.** Curitiba, Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Ensino Fundamental. Coordenação da Educação Escolar. Disponível em: http://www.educacao.pr.gov.br/arquivos/File/Censo/boletim_censo_escolar_ed8.pdf. Acesso em: 20 set. 2015.

PASTORELLI, D. S. **Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Capanema: um estudo da relação do português com línguas em contato.** 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

PRETI, D. (Org.). **Estudos de língua falada: variações e confrontos.** São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999.

PROGDOC, Programa de Documentação de Línguas e Culturas Indígenas. **Museu do Índio**. Disponível em: <http://prodoc.museudoindio.gov.br/projetos>. Acesso em: 20 abr. 2018.

RAFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RIBEIRO-BERGER, I. **Atitudes linguísticas e aprendizagem de línguas: um estudo de caso em Foz do Iguaçu**. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2007.

RIBEIRO-BERGER, I. O ensino de língua estrangeira em Foz do Iguaçu: por uma política sensível à tríplice fronteira. **Ideação**, Foz do Iguaçu, v. 12, n. 2, p. 117-130, 2. sem. 2010.

RIBEIRO-BERGER, I. Por políticas linguístico-educacionais sensíveis ao contexto da Tríplice Fronteira Argentina-Brasil-Paraguai. **Ideação**, Foz do Iguaçu, v. 13, n. 2, p. 33-44, 2. sem. 2011.

RIBEIRO, S. I. G. T. **O horizonte é a terra: manipulação da identidade e construção do ser entre os guarani no oeste do Paraná (1977-1997)**. 2002. Tese (Doutorado em Filosofia) – PUCRS, Fac. de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre, 2002.

RIBEIRO, S. I. G. T. Fronteira e Espacialidade: o caso dos Guarani no Oeste do Paraná. **Revista Varia Scientia**, v. 6, n. 12, p. 171-192, dez. 2007.

RODRIGUES, A. D. **Argumento e predicado em Tupínambá**. Boletim da ABRALIN, n.19. 1996. p. 57-66. Disponível em http://biblio.wdfiles.com/local--files/rodrigues-1996-argumento/rodrigues_1996_argumento.pdf. Acesso em 30 nov 2018.

RODRIGUES, A. D. **Línguas brasileiras**. São Paulo: Loyola, 1986.

RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Orgs.). **Português brasileiro II: contato lingüístico, heterogeneidade e história**. Niterói: Editora Federal Fluminense, 2008. p. 311-333.

ROSSLER, E. M. **Syntactic effects of inflectional morphology restructuring in Aché: on language change and language contact in Tupí-Guaraní subgroup 1**. 2018. 252 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

SANTANA, V. R. **Crenças e atitudes linguísticas de falantes de Foz do Iguaçu**. 2012. 283 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2012.

SANTANA, V. R. **O papel dos operadores argumentativos na demarcação de crenças e atitudes em Foz do Iguaçu**. 2016. 121 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2016.

SANTOS, S. R. P. **O Radicci no contato italiano-português da região de Caxias do Sul: identidades, atitudes lingüísticas e manutenção do bilingüismo**. 2001. 208 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

SAQUET, M. A. O território diferentes interpretações na literatura italiana. *In*: RIBAS, A. D.; SPOSITO, E. S.; SAQUET, M. A. (Orgs.). **Território e desenvolvimento**: diferentes abordagens. Francisco Beltrão: Unioeste, 2004.

SCHADEN, E. Convenção para a Grafia dos Nomes Tribais. **Revista de Antropologia**. São Paulo, n. 2, 1954. Disponível em:
<http://www.portalkaingang.org/Conven%C3%A7%C3%A3o%20Grafia%20Nomes%20Tribais%201953%20%20A.pdf>. Acesso em: 10 out. 2015.

SCHALLENBERGER, E. **Identidades na Fronteira**: território, cultura e história. São Leopoldo: Oikos, 2011.

SCHALLENBERGER, E.; SANTOS, J. G. Em nome da terra: um estudo sobre os sentidos da terra para os Guarani Nhandéva. **Tempo da Ciência**, [S.l.], v. 21, n. 41, p. 45-68, nov. 2014.

SELLA, A. F.; BUSSE, S. Projeto Crenças e Atitudes Linguísticas: línguas, falares em contato em áreas de fronteira do Oeste e Sudoeste do Paraná. *In*: ALTINO, F. A. (Org.). **Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística**: uma homenagem à Vanderci de Andrade Aquilera. Londrina: Midiograf, 2012. p. 366-390.

SILVA, E. M. **Folhas ao Vento**: a micromobilidade de grupos Mbya e Nhandeva (Guarani) na Tríplice Fronteira. Cascavel: Edunioeste, 2010.

SILVA, J. I. **Entre conflitos e resistências**: usos e atitudes linguísticas de jovens indígenas Akwe-Xerente. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

SILVA-PORELI, G. A. **Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Pranchita – PR**: um estudo das relações do português com línguas em contato. 2010. 114 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

SILVESTRIN, M. L. **Entendendo as culturas indígenas**: o conhecimento como estratégia de empatia para uma atuação qualificada. Curitiba: Coordenação técnica local da FUNAI, 2019. Disponível em:
http://www.emater.pr.gov.br/arquivos/File/Biblioteca_Virtual/Ater_Indigena/Apresentacao_Cultura.pdf. Acesso em: 10 out. 2019.

TAVARES, M. **Um estudo das etnias Guarani Kaiowá e Guarani Nhandeva a partir de suas impressões sobre as línguas e de um recorte do léxico em uso**. 2015. 326 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

TOMMASINO, K. Relatório de Identificação e Delimitação da Terra Indígena. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 277-556, jul./dez. 2013.

VON BORSTEL, Clarice. **A linguagem sociocultural do Brasildeutsch**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO COM OS INFORMANTES

1. Qual o seu nome completo?
- Qual o seu nome em Guarani? Qual o significado do seu nome?
2. Qual a sua Idade?
3. Onde você nasceu?
4. Há quanto tempo você mora aqui na aldeia?
5. Quem veio junto com você? Quantas pessoas vieram com você?
6. Você morou na antiga aldeia de Jacutinga?
7. Quantos anos você morou na Jacutinga?
8. Que idade você tinha quando saiu da Jacutinga?
9. Você é casado(a)? Como é o casamento na sua cultura?
10. Você tem filhos? Qual a idade dos seus filhos?
11. Que língua(s) você fala?
12. Com quem você aprendeu a falar essa língua? Por que você decidiu aprender essa língua?
13. Quando você era criança, em que língua seus pais falavam com você?
14. Quando você era criança, em que língua seus avós falavam com você?
15. Qual língua você usa para conversar com esposo/esposa e filhos?
16. Alguém fala uma língua diferente do Guarani? Qual? Por quê?
17. Você gostaria que sua família continuasse falando a língua Guarani? Por quê?
18. O que/como você faz para preservar a língua Guarani? O que as famílias fazem para a língua Guarani não morrer? O que as lideranças da aldeia pensam e fazem para preservar a língua Guarani? A escola pode contribuir para preservar a língua Guarani? O que ela pode fazer? Você lembra de alguma história que seus pais ou avós contava para você?
19. Aqui na aldeia, há pessoas que falam diferente de você? Em que lugar você ouve as pessoas falarem diferente?
20. Você frequentou ou frequenta a escola? Por quê?
21. a) A escola ajudou você a falar melhor o português? b) E mudou alguma coisa na sua vida?
22. a) Na escola da aldeia, quais são as línguas faladas? Na escola você precisa(va) falar em português? b) Como você se sente(ia) quando precisa(va) usar o português na escola?
23. a) Quais são as línguas faladas no posto de saúde da aldeia? No posto de saúde você precisa(va) falar em português? b) Como você se senti(a) quando precisa(va) usar o português?

24. E no município de Diamante D'Oeste há pessoas que falam diferente de você? Você consegue entender? Pode me explicar como você se sente?
25. Em que lugares da cidade você ouve essa(s) língua(s) ou modo(s) de falar diferente(s)?
26. Você poderia dar um exemplo de uma palavra nessa língua diferente?
27. Você gostaria de falar uma língua diferente do guarani?
28. Aqui na aldeia, em que situações e lugares você fala o guarani? E em que situações e lugares você fala o português?
29. Em Diamante D'Oeste, quando você se aproxima dos brasileiros, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam? Como você se sente(ia)? Pode me contar uma situação alegre ou triste que tenha acontecido com você ou sua família?
30. A escola deveria ensinar quais línguas? Por quê? A escola contribui para manter e preservar a língua Guarani? Por quê?
31. Você gostaria que pessoas de Diamante D'Oeste falassem Guarani com você? Por quê?
32. Se você tivesse que escolher entre falar apenas a língua Guarani e apenas o português, qual você escolheria? Em que situação? Por quê?
33. Você tem amigos de outras etnias indígenas? De quais etnias? Que língua vocês usam para conversar? Como você se sente(ia) quando precisa(va) usar essa língua?
34. Você tem amigos não-índios argentinos, paraguaios e brasileiros? Que língua vocês usam para conversar?
35. Com qual dos amigos você sente que a amizade é mais sincera? Por quê? Você poderia contar-me uma situação que aconteceu com você? Como você se sentiu?
36. Com qual deles você sente que a amizade é falsa e interesseira? Por quê? Você pode me contar uma situação que aconteceu com você? Como você se sentiu?
37. Você já teve algum desentendimento com algum deles? Você pode me contar o que aconteceu?
38. Comparando a língua indígena, que você fala, o Guarani, com o português, quem fala melhor? Por quê?
39. Comparando a língua Guarani, que você fala, com o Guarani paraguaio, o Guarani argentino, quem fala melhor? Por quê?
40. Quais as diferenças entre o Guarani que você fala com o Guarani paraguaio e o Guarani argentino?
41. E quem fala pior? Por quê?
42. As línguas Guarani, português, espanhol são feias ou bonitas?
43. Qual é a língua mais bonita? Por quê?

44. Qual é a língua mais feia? Por quê?
45. Você moraria em outro lugar, onde só houvessem brasileiros/argentinos/paraguaios?
46. Se você precisasse de um médico ou dentista, procuraria um brasileiro, argentino ou paraguaio? Por quê? Como é são os remédios e as receitas indígenas?
47. Se você precisasse trabalhar fora da aldeia, procuraria patrão brasileiro, argentino ou paraguaio? Por quê?
48. Você poderia falar algo em Guarani que represente um sentimento, uma emoção?
49. Você poderia falar mais sobre a sua aldeia, a sua cultura, a culinária, o plantio do milho e outras sementes aqui na aldeia?
50. Você permite que eu use esta entrevista em meu trabalho acadêmico?

Muito obrigado!